



**UNIVERSIDADE CATÓLICA DO SALVADOR
SUPERINTENDÊNCIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FAMÍLIA NA SOCIEDADE
CONTEMPORÂNEA**

ANA BARREIROS DE CARVALHO

**O PAPEL DO PAI NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA:
CONCEPÇÕES DE PAIS, FUNCIONÁRIOS DE UMA EMPRESA ESTATAL DA
BAHIA**

**Salvador
2013**

ANA BARREIROS DE CARVALHO

**O PAPEL DO PAI NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA:
CONCEPÇÕES DE PAIS, FUNCIONÁRIOS DE UMA EMPRESA ESTATAL DA
BAHIA**

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Família na Sociedade Contemporânea, Universidade Católica do Salvador, como requisito parcial para obtenção do grau de Doutora em Família na Sociedade Contemporânea.

Orientadora: Prof^a. Dra. Lúcia Vaz de Campos Moreira

Apoio: CAPES

**Salvador
2013**

C331 Carvalho, Ana Barreiros de.
O papel do pai na sociedade contemporânea: concepções de pais,
funcionários de uma Empresa Estatal da Bahia/ Ana Barreiros de Carvalho
. – Salvador, 2013.
201 f.

Tese (Doutorado) - Universidade Católica do Salvador.
Superintendência de Pesquisa e Pós-Graduação. Mestrado em
Família na Sociedade Contemporânea.

Orientação: Profa. Dra. Lúcia Vaz de Campos Moreira.

1. Paternidade 2. Envolvimento 3. Cuidado 4. Políticas
5. Desenvolvimento sustentável I. Título.

CDU 316.356.2-055.1

TERMO DE APROVAÇÃO

ANA BARREIROS DE CARVALHO

**O papel do pai na sociedade contemporânea: concepções de pais,
funcionários de uma empresa estatal da Bahia.**


Tese aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor em Família na
Sociedade Contemporânea da Universidade Católica do Salvador.

Salvador, 26 de fevereiro de 2013.


Banca Examinadora:




Dr(a). Lúcia Vaz de Campos Moreira
Orientador(a)




Dr(a). Jaan Valsiner
(Clark University - USA)



Dr(a). Giuseppina Marsico
(Universidade de Salerno - Itália)



Dr. (a) Jorge Lyra
(Universidade Federal de Pernambuco)



Dr. (a) Mirja Alves Ramos de Alcântara
(UCSal)

Ao Pai da humanidade, Senhor Deus do universo, dedico esse trabalho. Dedico também ao meu filho, Alexandre, que é minha fonte de vida, inspiração e coragem. Ao meu pai Walter, que hoje não mais se encontra entre nós, mas que me deu a régua e o compasso da vida.

AGRADECIMENTOS

Agradecer é um ato de retribuir a generosidade e de compartilhar a alegria da vitória de uma etapa vencida. Tal tarefa parece simples, entretanto, agradecer torna-se difícil, não por ser o momento em que se reconhece que nosso trabalho torna-se impossível sem o auxílio e a orientação de outras pessoas, mas sim porque sinto o peso da responsabilidade de não agradecer à altura.

Essa investigação só se tornou realidade porque pessoas e instituições apoiaram-na, viabilizando de diferentes formas, sua concretização. Assim, agradeço à Universidade Estadual de Feira de Santana, por ter possibilitado meu aperfeiçoamento.

A CAPES, pela bolsa recebida através do Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior que viabilizou meu estágio de doutoramento nos Estados Unidos.

A Clark University, pela acolhida e disponibilidade de recursos necessários ao meu desenvolvimento.

De modo especial agradeço à empresa na qual foi realizado o estudo e aos pais que participaram da coleta de dados.

Ao meu filho, Alexandre, companheiro de jornada e grande amor da minha vida, pelo incentivo constante.

Às amigas Ilza e Sônia pelo apoio nas horas difíceis e a aos meus irmãos que são verdadeiras centelhas vivas do amor dos nossos falecidos pais Walter e Waldeth.

À Lúcia Moreira, orientadora paciente, perseverante e dedicada que me inspirou a querer superar-me. Minha eterna gratidão e amizade.

Ao Jaan Valsiner, pelo seu exemplo de coragem, determinação e amor pelo trabalho e aos alunos e pela competente coorientação no período de estágio na Clark University.

Ao professor Jorge Lyra pelas grandes contribuições para a construção dessa tese agregando a esse trabalho a sua vasta e rica experiência sobre o tema.

À Giuseppina Marsico e Miriã Alcântara, pelo carinho, amizade e competente colaboração.

À professora Elaine Rabinovich que sempre me incentivou e confiou no meu trabalho, a Ana Cecília por partilhar o tesouro do seu ciclo de amizades.

E ao estatístico Edson José Rodrigues pelas orientações recebidas.

Sem vocês eu não teria conseguido.

“Amor, trabalho e sabedoria são
as fontes da nossa vida.
Deviam também governá-la”.

(Wilhelm Reich)

RESUMO

Como resultado das mudanças sociais, tais como o crescente número de divórcios e o ingresso da mulher no mercado de trabalho, o papel do pai vem mudando rapidamente bem como o respectivo número de pesquisa a esse respeito. Como a paternidade é um conceito que se encontra em um processo de importantes alterações, esta tese tem como objetivo compreender e discutir o papel do pai na sociedade contemporânea, a partir das concepções de pais, de diferentes níveis socioeconômicos do Estado da Bahia. Para atingir tal propósito foi realizado um estudo de caso em uma grande empresa do Estado da Bahia/Brasil onde foram entrevistados 30 pais, sendo considerados os que recebiam maiores e menores salários. O instrumento de pesquisa foi elaborado com base nos fatores que definem a paternidade, conforme Lamb (2004) e Palkovitz (1997). O estudo foi direcionado pelas teorias do Psicodrama, Sociodrama e a Teoria Relacional pois, elas utilizam o conceito de papel como estruturante dos indivíduos e da sociedade e o consideram importante na construção de capital social. Como principais resultados obteve-se que, para os participantes com menores salários, o papel do pai consiste em ensinar, estar disponível para a criança e ser afetuoso. Por outro lado, para os entrevistados com maiores salários, o pai é aquele que ensina, está disponível e compartilha atividades. Os pais dos dois grupos afirmaram que o principal fator de aproximação deles com seus filhos é o compartilhamento de atividades. Entretanto, a maioria dos pais de menores salários informou que o trabalho era o maior dificultador da aproximação deles com seus filhos(as), seguindo-se da separação conjugal. Já os pais de maiores salários mencionaram como principal dificultador o trabalho, seguindo-se de pouco tempo disponível para o(a) filho(a). Notou-se que nos itens responsabilidade e disponibilidade, os pais de maiores salários apresentaram um nível de envolvimento maior que os de menores salários. Identificou-se, também, que os pais de salários mais baixos encontraram-se mais envolvidos que os de maiores salários nas atividades referentes à afetividade (como sorrir para a criança), enquanto que o inverso ocorreu com relação às atividades relacionadas à cognição (como ensinar). Como a grande maioria dos entrevistados respondeu que as instituições e o governo não dão suporte para que eles possam desempenhar o papel de pai, verifica-se a necessidade de um maior envolvimento dos elaboradores de políticas públicas e institucionais com esse tema para que possam incluir a paternidade nos contextos escolares, empresariais e de instituições de saúde e de cuidados com a criança e a família. Verificou-se que são necessárias mudanças inclusive nas políticas referentes às pesquisas, pois, as investigações sobre o tema são insuficientes e, quando existentes, em sua maioria, apresentam uma visão conformista sobre o panorama da paternidade. Tais dados levaram à conclusão de que a paternidade é contingente ao ambiente em que está inserida, à complexidade do contexto socioeconômico, cultural, histórico e às características familiares e pessoais. Essencialmente, a paternidade não é importante apenas para o desenvolvimento da criança, mas também para os próprios pais e para a sociedade uma vez que, os entrevistados afirmaram que após terem se tornado pais, ficaram mais responsáveis e maduros. Dessa forma, percebe-se que eles poderão ajudar na promoção da equidade de gênero, redução da pobreza, criminalidade e na construção de uma sociedade mais justa e melhor.

PALAVRAS-CHAVE: Paternidade; envolvimento; cuidado; políticas; desenvolvimento sustentável.

ABSTRACT

As a result of many social changes like the increasing number of divorce, women's joining into the labor's market, the father's role is changing very fast and, as a result, the increasing number of research is visible too. As fatherhood is a concept in a deep changing process, this dissertation aims to understand Bahia's father's role in contemporary society from the point of view of father's of different socio-economical contexts. To reach this objective, a case study was realized and 30 fathers were interviewed, and who worked in a big company in Bahia/Brazil, they were divided into two groups that earned lower and higher salaries. A questioner was elaborated based in Lamb (2004) and Palkovitz (1997) concepts about fatherhood. Psicodrama, Sociodrama and Relational Theory conducted the study once; they explain that individual and social construction is based in personal and social roles that allow the emergence of social capital. As a result, It was noted that father of lower socio-economic income the father's role is to teach, to be available and affectionate to the child. Therefore, for the higher income group, "father" is the person that teaches, is available and share activities with the child. Both interviewed groups affirmed that principal factor that makes them closer to the child is to share activities. Lower salary fathers affirmed that "work" is the factor that difficult them to be closer to their child and that, the second factor is "divorce" once, higher income fathers affirmed that "work" is the principal factor that makes them more distant from their child, and in sequence, the little amount of time. It was noted that regard to "responsibility" and "availability" factors, fathers of higher income were more involved than lower income. It was noted too, that lower income fathers were more involved than higher income salary in activities related to affection (smile to the child), meanwhile, the inverse occurs to activities related with cognition (like to teach). As greater majority of respondents affirmed that institutions and government does not give support for them performing fatherhood, it was noticed that is necessary more involvement of public and institutional policies makers to include fatherhood in the context of schools, health, and the caring of children and families. It was observed that changes are is necessary not only in institutional and public policies, but even in research policies too once, fatherhood's investigations are insufficient and when they exist, in majority, show a conformist point of view about fatherhood reality. These data conducted a conclusion that fatherhood is contingent on context in regards to the complexity of socioeconomic, cultural, and historical aspects and family's characteristics. Essentially, it is important not only to children development but, also for men themselves, and for society, as, after becoming father, they grow in responsibility and maturity, and in this way can help promoting gender equality, detachment from poverty, crime and constructing a society as a better place to live.

KEY WORDS: Fatherhood; involvement; care; policies; sustainable development

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 REVISÃO DE LITERATURA	14
2.1 ELEMENTOS INDIVIDUAIS E COLETIVOS QUE CARACTERIZAM O PAPEL DO PAI	14
2.1.1. O papel do pai: aspectos históricos e culturais	15
2.1.2. Mudanças na paternidade e o envolvimento paterno	20
2.1.3. A autoridade paterna e a dinâmica do poder na sociedade	32
2.1.4. Políticas voltadas à paternidade	42
2.2 O PAPEL DO PAI, A CONSTRUÇÃO DO CAPITAL HUMANO E SOCIAL E O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL	51
2.2.1 A definição de papel e a construção de capital humano e social humano e social	51
2.2.2 O Sociodrama e a Teoria Relacional	54
2.2.3 A aprendizagem de papéis, a paternidade e o desenvolvimento sustentável	58
2.3 O ESTUDO	62
3 MÉTODO	63
3.1 DELINEAMENTO	63
3.2 LOCAL E PARTICIPANTES	63
3.3 INSTRUMENTO	67
3.4 PROCEDIMENTOS	67
3.5 ANÁLISE DOS DADOS	68
4 RESULTADOS	69
4.1 FAMÍLIA, TRABALHO DOS PAIS E COLABORADORES NAS TAREFAS DOMÉSTICAS	70
4.1.1 Dinâmica e caracterização familiar dos participantes	70
4.1.2 Dados sobre o filho de referencia para o estudo e sua rotina	74
4.1.3 Dados sobre ocupação profissional dos pais	79
4.1.4 Colaboradores das famílias nas tarefas domésticas	79
4.2 DEFINIÇÃO DE PATERNIDADE E SUA ANÁLISE SEGUNDO PALKOVITZ (1997)	82

4.2.1 Definição de paternidade	82
4.2.2 Comunicação entre pai e filho(a)	89
4.2.3 Ensino e compartilhamento de interesses entre o pai e a criança	97
4.2.4 Processos de pensamento	106
4.2.5 Cuidados com a criança e com seu ambiente	109
4.2.6 Proteção do pai para com o(a) filho(a)	115
4.2.7 Disponibilidade do pai para com a criança	117
4.2.8 Processo de planejamento	119
4.2.9 Compartilhamento de atividades entre o pai e sua criança	122
4.2.10 Provimento	127
4.2.11 Afetividade do pai com relação à sua criança	132
4.2.12 Suporte emocional	137
4.3 PATERNIDADE SEGUNDO A DEFINIÇÃO DE LAMB (2004)	139
4.3.1 Responsabilidade	139
4.3.2 Engajamento	141
4.3.3 Disponibilidade	142
4.3.4 Autoridade	144
4.4 PATERNIDADE E POLÍTICAS PÚBLICAS	147
5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS	152
5.1 CARACTERIZAÇÃO DOS PARTICIPANTES E SUA DINÂMICA FAMILIAR	152
5.2 PATERNIDADE	155
5.2.1 Paternidade segundo a definição de Palkovitz (1997)	157
5.2.2 Paternidade segundo a definição de Lamb (2004)	165
5.3 POLÍTICAS E PATERNIDADE	168
5.3.1 Políticas de apoio à paternidade	168
5.3.2 Políticas de pesquisa e paternidade	169
5.4 REINVENTANDO O PAI E COMPARTILHANDO O CUIDADO	171
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	173
REFERÊNCIAS	176
APÊNDICES	186
ANEXO	203

1 INTRODUÇÃO

A sociedade contemporânea tem passado por mudanças sociais e tecnológicas que afetam a família tanto nas suas relações internas, quanto na sua interação com o ambiente externo. No que diz respeito à interação da família com a sociedade, fatores como o fenômeno da urbanização, da industrialização, da inserção da mulher no mercado de trabalho e do compartilhamento da educação e do cuidado dos filhos com instituições de educação trouxeram mudanças para o contexto familiar.

Assim, as relações internas também se alteraram, tanto com relação ao poder, que antes era centrado no pai e agora é mais distribuído entre os diversos membros, quanto ao que diz respeito aos afazeres domésticos e às responsabilidades com relação aos cuidados e educação dos filhos. Apesar de a mulher estar assumindo atividades fora do lar, as relativas ao funcionamento da casa e as voltadas para os filhos ainda permanecem muito mais a seu cargo.

Em decorrência das constantes mudanças no contexto familiar na contemporaneidade, um número crescente de pesquisas tentam responder a questão sobre o que é a paternidade nos dias atuais. As respostas a essa questão, em sua maioria, trazem a visão das mulheres sobre esse assunto (HENNIGEN; GUARESCHI, 2002; OLIVEIRA, 2007), ou tratam de respondê-la na perspectiva da importância do papel do pai para o desenvolvimento da criança. Assim, a presente pesquisa de doutorado tem como objetivo compreender e discutir o papel do pai na sociedade contemporânea, a partir das concepções de pais de diferentes níveis socioeconômicos do Estado da Bahia.

O interesse por tal estudo se deu ao ingressar no Programa de Pós-graduação em Família na Sociedade Contemporânea da Universidade Católica do Salvador, no ano de 2009, e entrei em contato com o estudo “Gênero e família em mudança: participação dos pais no cuidado cotidiano de filhos pequenos”¹ através da participação nos grupos de pesquisa “Família em Mudança” e “Família e Desenvolvimento Humano”. Com tal contato, aspirei a

¹ O projeto foi aprovado pelo CNPq no final de 2008, contando com financiamento dessa instituição. O texto original teve a colaboração de: Mary Garcia Castro e Ana M. A. Carvalho (co-coordenadoras); Anamélia L.S. Franco; Elaine Pedreira Rabinovich; Giancarlo Petrini; José E. X. Menezes; Lívia A. Fialho da Costa; Lúcia V. C. Moreira e Vanessa R. S. Cavalcanti, todos professores/pesquisadores da UCSal – Programa de Pós-graduação em Família na Sociedade Contemporânea, que desenvolveram estudos no âmbito do projeto.

aprofundar a temática do pai e quis dedicar-me a ela no meu estudo.

Como partes do presente texto, tem-se: Introdução, Revisão de Literatura, Método, Resultados, Análise e Discussão dos Dados e as Considerações Finais.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 ELEMENTOS COLETIVOS E INDIVIDUAIS QUE CARACTERIZAM O PAPEL DO PAI

Nesta seção iniciaremos o entendimento do papel do pai, os elementos individuais e coletivos determinantes de sua constituição, tratando-se de entender as mudanças ocorridas na paternidade, numa visão crítica e histórica, ressaltando-se a importância do compartilhar as atividades referentes às dimensões humanas do cuidar e trabalhar. Buscou-se revelar a identidade do pai contemporâneo e as novas formas de se reinventar a paternidade.



Fonte: Oersted Park, Copenhagen. Foto gentilmente cedida por Jaan Valsiner, nov. 2012.

2.1.1 O papel do pai: aspectos históricos e culturais

Analisando-se a evolução histórica da paternidade, segundo Cabrera, Tamis-LeMonda, Bradley e Lamb (2000), constata-se uma evolução do conceito de pai ideal que percorreu as seguintes fases: pai colonial, provedor, moderno envolvido e, atualmente, colaborador e parceiro.

A revolução industrial criou uma nova forma de organização do trabalho que migrou das manufaturas residenciais para as fábricas e estabeleceu a divisão social das tarefas entre homens e mulheres e, a partir daí, a família vem sofrendo mudanças constantes em sua estrutura e definição de seus papéis. Para Olavarría (2001) foi a partir dessa época que o trabalho urbano se consolidou e produziu a separação entre casa e trabalho, público e privado, atuação de mulheres e homens e do poder e do afeto. Para ele, paralelamente começou a consolidar-se um tipo particular de família, que respondeu às necessidades da economia: a família nuclear, com pai/patriarca como chefe de família e a mãe doméstica e cuidadora dos filhos.

Em decorrência dessas mudanças sociais, a imagem da paternidade moderna consolidou-se com a família nuclear burguesa, caracterizada por uma rígida divisão de papéis sexuais e pelo distanciamento entre o lar e o espaço de trabalho. Para Fursman e Calliter (2009), entretanto, o modelo ideal de pai tem sofrido muitas mudanças passando de pai como modelo de educação moral e disciplinar para ser o provedor, seguindo-se do modelo de amigo e, finalmente, mudando para ser o modelo de nutridor e colaborador. Para os autores, pesquisas indicam mudanças no significado de ser um bom pai.

O papel de provedor exercido pelo homem é necessário, porém insuficiente, dado que existem outras tarefas consideradas próprias de pai: educar, ajudar nas tarefas escolares, brincar, etc. Dessa forma, o pai ideal, além de responsável, deve ser carinhoso, compreensivo e ter proximidade com o filho.

Assim, as mudanças no decorrer da história da sociedade contemporânea vêm imprimindo um novo conceito de paternidade. Segundo Cabrera, Tamis-LeMonda, Bradley e Lamb (2000), o século XX foi caracterizado por quatro importantes tendências que mudaram fundamentalmente o contexto sociocultural que são: (a) a crescente participação da mulher no mercado de trabalho; (b) a ausência do pai na vida dos filhos; (c) o envolvimento do pai nos cuidados dos filhos pequenos; e (d) a crescente diversidade cultural. Apesar dos aspectos b e c, mencionados anteriormente, parecerem contraditórios, observa-se paralelamente que

determinados pais estão mais ausentes da convivência quotidiana com seus filhos em decorrência de diversos fatores, tais como: o aumento de separações e divórcios, aumento do número de famílias monoparentais, entre outros. Por outro lado, existe também uma parcela significativa de pais que se encontram mais envolvidos com sua prole, tanto afetivamente quanto na realização de atividades conjuntas como passeios, brincadeiras, etc.

Na época da industrialização o papel do pai era o de fornecer suporte econômico à família. Então, como resultado da Grande Depressão, que deixou muitos homens desempregados e incapazes como provedores, os cientistas sociais começaram a descrever a imagem do pai como modelos de masculinidade. Segundo Lamb (2010), durante todo o século XX os pais foram requisitados ao envolvimento com seus filhos e, com as críticas feministas e dos pesquisadores sobre masculinidade e feminilidade, emergiu, no final dos anos 70, a preocupação com o “pai nutridor” que exercia o papel mais ativo na vida das crianças.

Contudo, segundo Silva e Piccinini (2007), a falta de uma definição clara do conceito de paternidade tem se constituído um grande obstáculo para o estudo do papel do pai. Em decorrência dos diferentes níveis e tipos de envolvimento dos pais com suas famílias observa-se uma variedade de papéis assumidos por eles. Assim, para Huttunen (2006), existem os seguintes tipos de paternidade no mundo contemporâneo: (a) o pai biológico, (b) o pai judicialmente responsável, (c) o pai social e (d) o pai psicológico. O pai biológico refere-se à origem biológica da criança: o homem cujo esperma fertilizou o óvulo. O pai jurídico é o homem que estabeleceu a paternidade legal, que implica em certos direitos e deveres legais dados a ele. O pai social é o homem que divide seus dias com a criança, morando junto com ela e respondendo pelas necessidades diárias da mesma, entretanto não é o pai biológico, porém, a mãe biológica da(s) criança(s) está presente, mas o pai não é biológico e nem juridicamente responsável por ela. O pai psicológico é o homem que estabeleceu um relacionamento próximo e recíproco com a criança, morando ou não com a mesma, mas, em todos os eventos ela se refere a ele como pai. Assim, o termo psicológico refere-se ao relacionamento ou ao vínculo entre a criança e o homem, e a partir daí este tipo de pai ou paternidade poderá ser acessado com sentido de pai.

O pai social é definido mais amplamente por Cabrera et al. (1999, p.12):

O pai social é o homem que demonstra características paternas, mas o faz ‘como pai’, ele assume as expectativas e obrigações que a sociedade impõe para o pai, sendo relacionado biologicamente (ex: avô, tio), unido à criança por laços conjugais (padrasto) ou socialmente relacionado com a mãe (ex: coabitação ou amigo).

Para Cabrera et al. (1999), o conceito de pai social traduz a idéia do pai psicológico de Huttunen (2006), sendo o primeiro autor de origem americana e o segundo, australiano, o que talvez justifique a visão da influência da cultura na referida conceituação, uma vez que, Huttunen (2006) afirma que as mudanças sociais, advindas da cultura capitalista ocidental, trazem novos modelos diversos de família e paternidade tais como: o modelo de pai na família nuclear, na nova família social, pais não residentes e o pai solteiro. Para ele, existem culturas que pregam a diminuição da paternidade e as que pregam a intensificação. As culturas que pregam a diminuição da paternidade o fazem através do discurso da crescente demanda do mercado de trabalho, das práticas familiares dos pais ausentes, ou pais que exercem a paternidade como uma obrigação jurídica. As culturas que pregam a intensificação da paternidade o fazem através do discurso da nova paternidade como o modelo de pais colaboradores, responsáveis que exercem seu papel compartilhando com o trabalho através de arranjos flexíveis e com um maior envolvimento com os filhos.

Assim, para Huttunen (2006), existem dois tipos de paternidade: a positiva, que engloba os modelos provedor e cuidador, e a negativa, que engloba os modelos irresponsável, individualista e livre. Para estes pais a paternidade encontra-se fora de moda. O autor levanta a hipótese de que talvez a paternidade no futuro vá aumentar em qualidade e reduzir-se em quantidade.

Conforme Lamb (2004), os pais desempenham diferentes papéis em diferentes subculturas e contextos e os diversos grupos trazem contradições sobre o que significa ser um bom pai. O autor exemplifica com a noção de que o provedor pode ser de grande importância em certos contextos (quando a criança foi concebida em um relacionamento não duradouro) enquanto orientação moral pode ser de menor importância relativa. Para outras comunidades, o suporte financeiro pode ser de menor relevância, sendo cruciais os cuidados diretos, supervisão e suporte emocional. Souza e Benetti (2007) complementam alegando que o conceito de paternidade tem-se modificado ao longo das épocas, refletindo as alterações no contexto socioeconômico e cultural das sociedades.

A observação do conceito da paternidade, sob o enfoque histórico, demonstra que as características dos papéis e interações familiares sofreram transformações na sociedade ocidental, desde o modelo patriarcal, entendido como modelo de organização familiar centrado na figura masculina, até a multifacetada sociedade pós-moderna quando surgem novas formas de família. Sendo que o papel que o pai exerce hoje, particularmente nas sociedades ocidentais, é único na história da humanidade.

Analistas da contemporaneidade (BAUMAN, 2004; CASTELLS, 2010) têm mostrado a fragilidade dos laços entre os indivíduos, a transitoriedade das posições identitárias e as profundas mudanças ocorridas nas instituições sociais. Como pensar os papéis de pai e de mãe neste cenário? Indicadores demográficos² revelam a crescente diversidade dos arranjos familiares, mas esses dados, tomados isoladamente, não ajudam a entender como estão se constituindo os lugares sociais de pai, mãe, filhos/as; demonstram, sim, a pluralização das relações familiares. Portanto, há que se buscar a forma como elas estão sendo significadas/vivenciadas.

Segundo Hennigen e Guareschi (2002, p.9):

Ser pai era considerado, até pouco tempo, algo da ordem do natural e a ciência, assim como a crença popular, afirmava a importância do pai para o desenvolvimento da criança; em função dessa naturalização, estudos mais aprofundados a respeito da relação pai-filhos/as e sobre os caminhos da paternidade para o homem não eram empreendidos. [...] Entretanto, só a partir dos estudos sobre a mulher, impulsionados pelo feminismo, que pesquisadores/as vão buscar compreender melhor a masculinidade e a paternidade, que passam a ser vistas sob outro prisma, como construções sociais. As mudanças sócio-econômicas e culturais que foram se consolidando na segunda metade do século XX provocaram alterações nas condições femininas e masculinas, desencadeando a necessidade de se buscar diferentes compreensões sobre as relações pessoais e sobre os laços e novas configurações familiares.

Segundo Bauman (2004), as afiliações – mais ou menos herdadas – que são tradicionalmente atribuídas aos indivíduos como definição de identidade: raça, gênero, país ou local de nascimento, família e classe social, agora estão se tornando menos importantes, diluídas e alteradas nos países mais avançados do ponto de vista tecnológico e econômico. Ao mesmo tempo, há a ânsia e as tentativas de encontrar ou criar novos grupos com os quais se vivencie o pertencimento e que possam facilitar a construção da identidade. Segue-se a isso um crescente sentimento de insegurança. A maioria das pessoas, na maior parte do tempo, tem uma opinião ambígua sobre essa novidade que é “viver livre de vínculos” – de relacionamentos “sem compromisso”. Conforme o autor, há uma insegurança quanto a como construir os relacionamentos desejados pelas pessoas. Pior ainda, há insegurança quanto ao tipo de relacionamento desejado. Desta forma, a paternidade, assim como os demais papéis

²IBGE. Síntese de Indicadores Sociais. Uma análise das condições de vida da população brasileira 2010,

Disponível em: http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/condicaodevida/indicadoresminimos/sinteseindicossociais2010/SIS_2010.pdf. Acesso em: 26 jan. 2011.

sociais geradores de vínculos entre as pessoas, passa por uma reorganização no seu conteúdo, o que implica a necessidade de uma maior atenção e estudo.

O homem procura por espaços de solidariedade e intimidade que preencham as suas necessidades e segundo Morin (2007, p.174): “nunca o casal foi tão frágil e, contudo, nunca a necessidade do casamento foi tão forte; é que, diante de um mundo anônimo, de uma sociedade atomizada, em que o cálculo e o interesse predominam, o casamento significa intimidade, solidariedade”. Para ele, a família está em crise, o casal está em crise, mas o casal e a família são respostas a essa crise.

Apesar do recente interesse de diversos pesquisadores pelas mudanças de expectativas em relação ao papel paterno, pouco se sabe sobre como os pais estão vivenciando tais mudanças, como se avaliam nesse papel e que sentimentos nutrem a respeito da paternidade. Os resultados de algumas pesquisas, como a de Silva e Piccinini (2007), apontam para o papel do pai ainda como provedor. No estudo os referidos autores, mencionam que pais cujos filhos estavam no período pré-escolar relutavam em tomar contato com o corpo das crianças, não realizando atividades de higiene e outros cuidados, especialmente com as meninas. Porém, isso não correspondia à totalidade dos casos, havendo pais que assumiam essas tarefas de cuidado dos filhos. Outro dado destacado pelos autores foi que o papel de provedor era visto pelos pais como o mais importante componente da paternidade.

Outro estudo de Krob, Piccinini e Silva (2009), realizado em Porto Alegre, constatou uma realidade um pouco distinta, embora, nesse caso, os participantes fossem pais de crianças mais velhas, em idade escolar, e formassem famílias de classe média. Investigando 100 famílias, os autores verificaram que a maioria dos pais assumia, de forma conjunta com as mães, o exercício da disciplina, a educação básica em termos de higiene, o compromisso com a escola e o sustento econômico da família. As funções de nutrição e de acompanhamento das tarefas escolares dos filhos, no entanto, permaneciam sendo considerados trabalhos femininos.

De qualquer forma, o papel que o pai exerce hoje, particularmente nas sociedades ocidentais, é único na história da humanidade. Desse modo, embora o envolvimento paterno, por vezes, ainda não apresente um grande crescimento quantitativo, atualmente existe um maior desejo de participação, por parte dos pais, na criação de seus filhos, acompanhado de uma nova capacidade de paternagem, cujas características estão mais associadas à figura materna. É pertinente comentar o estudo de Trindade, Andrade e Souza (1997 apud HENNIGEN; GUARESCHI, 2002) que revela diferenças nas representações sociais da paternidade de duas gerações: pais da década de 80, principalmente os de nível de

escolaridade superior, enfatizam os aspectos afetivos da relação pai-filho/a; já a categoria provedor é mais referida pelos pais dos anos 60.

Para o grupo de pesquisadores americanos Cabrera, Tamis-Lemonda, Bradley, Hofferth e Lamb (2000), o significado da paternidade e o envolvimento efetivo com os/as filhos/as relaciona-se à identidade de gênero e às experiências dos homens com seus próprios pais e parentes. Contudo, afirmam que há uma diversidade muito grande por conta das variações culturais e étnicas e que não existe uma definição simples de paternidade de sucesso que possa reivindicar aceitação universal. Ao contrário, eles propõem que expectativas paternas, práticas realizadas e seus efeitos sobre as crianças precisam ser vistos dentro do contexto da família, comunidade, cultura e história.

Assim, a compreensão da paternidade perpassa pelo entendimento da sociedade e vice-versa, uma vez que estamos diante de uma nova sociedade e um novo modelo de pai, impregnados de diversidade, em função de um modelo econômico globalizado que imprime características de novas estruturas políticas de dominação (implicando a participação, o diálogo e o envolvimento), de desenvolvimento econômico sustentável e de um novo modelo não hierárquico de relações.

2.1.2 Mudanças na paternidade e o envolvimento paterno

O estudo do papel do pai com os cuidados dos filhos depara-se com uma diversidade de definições da palavra envolvimento, sendo muitas vezes referida na bibliografia como sinônimo de cuidar. Para Lamb (2004), cuidar é uma subcategoria da palavra envolvimento. Nota-se que ambos os termos, cuidar e envolver tratam da noção de responsabilidade para com alguém ou algo. A palavra envolver significa comprometer, participar, tratando-se, assim, das responsabilidades do pai para com seus filhos no contexto contemporâneo. Segundo Boff, (2005, p.31),

Cuidar das coisas implica ter intimidade com elas, senti-las dentro, acolhê-las, respeitá-las, dar-lhe sossego e repouso. Cuidar é entrar em sintonia com as coisas. Auscultar-lhe o ritmo e afinar-se com ele. Cuidar é estabelecer comunhão. Não é a razão analítica-instrumental que é chamada a funcionar. Mas a razão cordial, o espírito de finesse (o espírito de delicadeza), o sentimento profundo. Mais que o logos (razão), é *opathos* (sentimento), que ocupa aqui a centralidade.

Para Boff, (2005), nós não temos apenas cuidado. Nós somos cuidado. Isto significa que cuidado possui uma dimensão ontológica*³, quer dizer, entra na constituição do ser humano. É um modo de ser singular do homem e da mulher. Sem cuidado, deixamos de ser humanos. Somente a partir da estrutura do cuidado, elas se exercem como dimensões do humano. Cuidado, pois, por sua própria natureza, inclui duas significações básicas, intimamente ligadas entre si. A primeira designa a atitude de desvelo, de solicitude e atenção para com o outro. A segunda nasce desta primeira: a preocupação e a inquietação pelo outro, porque nos sentimos envolvidos e afetivamente ligados ao outro.

Segundo Parke (1996), o conceito de envolvimento paterno tem sido utilizado por alguns autores simplesmente como um sinônimo de participação do pai na família, enquanto outros o entendem como um constructo que engloba aspectos como: (a) comportamento do pai, (b) interação com a criança, cuidados, recreação, apoio à esposa, sentimentos do pai – a satisfação com a paternidade, (c) a qualidade da relação pai-criança. Contudo, para esse autor, a falta de uma definição clara e consistente desse conceito tem-se constituído um grande obstáculo para a compreensão do papel do pai.

Em suas primeiras formulações o conceito de envolvimento paterno enfoca principalmente a quantidade de envolvimento, sem atentar para seu conteúdo e qualidade. Pleck (2004), sugeriu que essa ênfase quantitativa refletia a preocupação dos primeiros pesquisadores que estudaram o pai, os quais, tendo em vista o grande aumento dos índices de divórcios e filhos fora das relações conjugais, buscavam verificar o quanto esses pais ausentes” reduzem sua participação na vida de seus filhos. Quando os pesquisadores começaram a se interessar por algo além de uma caracterização global do pai como ausente versus presente, a qualidade do envolvimento passou também a ser foco de estudos, iniciando o olhar para os pais e não apenas para os componentes paternos.

Uma tipologia do conceito dos cuidados é fornecida por Brandt e Kvande (2008) apud Fursman e Callister (2009), que descrevem dois tipos de cuidados dos pais relacionados com a vida familiar. Um é “estar sozinho em casa” e outro é “estar em casa, mas não sozinho”. Os pais que não estão sozinhos em casa geralmente assumem papéis de apoio em relação aos responsáveis pelos cuidados com a criança. Os pais que estão sozinhos em casa e passam longos períodos com suas crianças não assumem tanto as atividades de lazer (talvez um

³Quando diz “constituição ontológica”, significa: entra na definição essencial do ser humano e determina a estrutura de sua prática.

componente de qualidade do tempo), mas estão envolvidos com atividades de cuidados e não cuidados, incluindo outras atividades de trabalho doméstico.

Segundo Boff (2005), os dois significados básicos que colhemos da filologia de cuidado nos confirmam que ele é mais que um ato singular ou uma virtude ao lado de outras. É um “modo-de-ser”, isto é, a forma como a pessoa humana se estrutura e se realiza nomeado junto com os outros. Melhor ainda: é uma “forma-de-ser” no mundo e, a partir daí, de relacionar-se com as demais coisas. Para esse autor, “Ser-no-mundo” significa uma forma de estar presente, de navegar pela realidade e de relacionar-se com todas as coisas no mundo. Nessa navegação e nesse jogo de relações, o humano vai construindo o próprio ser, a autoconsciência e a própria identidade. Para ele, há dois modos básicos de “ser-no-mundo”: o trabalho e o cuidado. Considerando cada um deles e suas mútuas implicações, daí emerge o processo de construção da realidade humana.

Ainda com relação à definição de envolvimento e cuidado, para Furman et al. (2009, p.13), o cuidado não remunerado “é tipicamente empreendido na família ou com a família estendida ou com amigos”. Segundo Pieiller (2010), os dicionários traduzem o termo cuidado como preocupação ou atenção. Segundo a autora, o conceito foi desenvolvido pelas feministas ao longo dos últimos trinta anos, porém sua definição não é clara, pelo menos para os cartesianos, visto que aí se sobrepõem e se confundem prática e prática. Primeiramente, cuidado designa os cuidados com a pessoa para mostrar tanto a necessidade imperativa quanto a paradoxal desvalorização, confirmadas e reforçadas pelo fato de serem exercidas pelas categorias “dominadas”: as mulheres, os estrangeiros, os pobres.

Entretanto, para Boff (2005), o cuidado somente surge quando a existência de alguém tem importância para mim. Passo então a dedicar-me a ele; disponho-me a participar de seu destino, de suas buscas, de seus sofrimentos e de suas conquistas, enfim, de sua vida.

Cuidado significa, então, desvelo, solicitude, diligência, zelo, atenção, bom trato. Trata-se, como se depreende, de uma atitude fundamental. Cuidado implica um “modo-de-ser” mediante o qual a pessoa sai de si e se centra no outro com desvelo e solicitude. A atitude de cuidado por uma pessoa pode provocar preocupação, inquietação e sentido de responsabilidade por ela.

A definição de envolvimento paterno que encontra o maior número de adeptos no meio dos pesquisadores internacionais é a proposta por Lamb (2004), que o classifica em três dimensões: (a) engajamento, (b) acessibilidade/disponibilidade e (c) responsabilidade. Para o autor, o pai começa a desempenhar numerosas atividades de cuidados, tais como preparar a comida; alimentar os filhos; colocar as crianças na cama para dormir; brincar e muitas outras.

Segundo ele, as mães descrevem o envolvimento paterno nas seguintes atividades: (a) provocam sempre as crianças para fazê-las sorrir, (b) trocam fraldas, (c) dançam com as crianças, (d) brincam com os filhos. A paternidade, assim, deixou de incluir somente o papel limitado à figura de provedor para abarcar atitudes de maior envolvimento com os filhos.

Entretanto, a concepção de envolvimento paterno está mais presente no discurso dos estudiosos e da sociedade em geral do que inserida como prática permanente dos pais, o que se constata nos relatórios internacionais e censos dos países (Howes e Start, 2009; Relatório da Organização Internacional do Trabalho – OIT, 2009; OECD Family data base, 2009; dentre outros). Sobre o tempo gasto pelo homem e pela mulher com cuidados com os filhos, Craig (2006 apud FURSMAN; CALLITER, 2009), notou um significativo número de estudos que mostram que a mulher assume uma proporção maior de tempo com as atividades de cuidados dos filhos que os homens, enquanto os pais engajam-se mais facilmente com brincadeiras, conversas e atividades de educação e recreação. No entanto, são inegáveis as transformações do papel masculino na família e o maior envolvimento masculino no cuidado e a responsabilidade para com os filhos foi uma das grandes mudanças ocorridas nas sociedades ocidentais no Século XX.

São vários os fatores que influenciam o envolvimento do pai com os cuidados da criança. Barker e Verani (2008) relacionam os seguintes: (a) nível educacional e rendimentos; (b) qualidade do trabalho do pai; (c) relacionamento do pai com a mãe; (d) idade da criança; (e) idade e estágio de desenvolvimento do pai; (f) relacionamento que os pais tiveram com seus próprios pais; (g) políticas de apoio à paternidade e a cultura dos locais de residência e de trabalho, etc.

Park (2000, apud ALLEN; DALY, 2007) argumenta que a natureza do envolvimento paterno muda com o passar do tempo, em função dos estágios de desenvolvimento da criança e do pai. Além disso, existem outros fatores decorrentes da experiência do pai relacionados à etnia, cultura, estrutura familiar, classe social e orientação sexual que também influenciam tal envolvimento.

Segundo Green, (2007), pesquisadores do Departamento de Educação dos Estados Unidos analisaram dados sobre o envolvimento paterno na instrução das crianças numa pesquisa survey nacional de educadores domésticos. Estas pesquisas descobriram que quando os pais (homens) estão ativamente envolvidos na educação de suas crianças, as mesmas são mais propensas a receberem notas máximas, de gostarem da escola e participarem de atividades extracurriculares. As mesmas crianças estão menos propensas a abandonarem a escola se seus pais estão envolvidos com elas.

Para Barker e Verani (2008) um estudo realizado no Chile comprova que o pai de baixa renda dedica menos tempo aos filhos que os de classe média. Segundo eles, na América Latina e Caribe existem poucos profissionais do sexo masculino inseridos na área de cuidados/educação de crianças pequenas, trabalhando, por exemplo, em escolas primárias e creches. Os autores informam, ainda, que um estudo no Caribe comprova uma forte crença que os homens não sabem cuidar de crianças, ou que se os homens tiverem maior contato com as crianças, existirá um grande risco de abusos físicos ou sexuais.

Com relação ao trabalho doméstico, um estudo realizado na Nicarágua sugere que 90% do trabalho doméstico é realizado por mulheres. No Brasil, segundo o IBGE (2007), 91% das mulheres realizam trabalho doméstico enquanto apenas 51% dos homens realizam esse tipo de trabalho.

Como informado anteriormente, o foco das pesquisas sobre envolvimento paterno nos anos 80 era a quantidade de cuidado, hoje, tanto os aspectos qualitativos, quanto quantitativos são estudados. Hofferth (1999 apud CABRERA, 2004), criou a teoria que define o envolvimento segundo quatro fatores: (a) tempo gasto; (b) monitoramento e controle; (c) aconchego e afeto e (d) responsabilidade. Lamb (2004) traduz o envolvimento como função da aproximação do pai com a criança. Coleman (1988) associa o envolvimento com a teoria do capital social e descreve três tipos de capital baseado na família: (a) capital financeiro, (b) capital social da família (ou a preparação da criança) e (c) capital comunitário que é aquele que está enraizado na família e se refere à promoção da ligação com o mundo mais amplo: (1) servindo de defensores das crianças na escola e em outros locais; (2) compartilhando suas próprias redes com suas crianças ou integrando o adolescente ao mercado de trabalho; (3) compartilhando seu conhecimento de como negociar a entrada da criança no mundo adulto, por exemplo, sabendo como agir em uma entrevista de emprego.

Segundo Cabrera et al. (2010), pesquisas sobre a definição de “bom pai” têm-se proliferado durante os últimos dez anos, porém as pesquisas sobre questões metodológicas e da medição sobre como recrutar e entrevistar o pai têm progredido pouco. Para eles, algumas limitações das antigas abordagens tais como a utilização das mães como as mais próximas aos pais, a abordagem do pai genérico em lugar do pai especificado pela criança, generalização das pesquisas apenas na classe média, a validação dos dados autodeclarados pelo pai e a definição dicotômica do pai ausente versus presente têm dificultado esta medição. Cabe destacar que muitas investigações a respeito das mudanças relativas à paternidade, bem como seus efeitos sobre os filhos, foram realizadas pela observação dos comportamentos dos pais com suas crianças.

Ainda segundo os autores, o governo Clinton (1992-2000) solicitou à Agência Federal de Estatísticas sobre Criança e Família a promoção do envolvimento do pai nos programas e políticas para fortalecer e realçar a importância dele na vida das crianças, como também solicitou a promoção da coleta de informações sobre o mesmo. Com base nessas solicitações, foi criado o Programa de Pesquisas Nacionais sobre o Pai (DADS) que englobava dois projetos: (a) Tornar-se Pai e (b) Sendo Pai. O projeto “Tornar-se Pai” englobou três *surveys*: (a) *Survey* Nacional Longitudinal sobre Juventude; (b) *Survey* Nacional sobre Crescimento da Família e (c) *Survey* sobre Saúde do Adolescente. Em todas essas pesquisas foi abordada a temática tornar-se pai. No segundo projeto denominado “Sendo Pai”, foram realizadas também três pesquisas: (a) *Survey* Nacional sobre Crianças Pequenas e Paternidade; (b) *Survey* Nacional sobre Crescimento da Família e (c) Estudo Longitudinal sobre Criança, sendo que em todas estas pesquisas foi abordada a temática “Sendo Pai”. Após a realização dessas pesquisas, foi estabelecido o “Fórum Federal de Interagência de Estatísticas sobre Criança e Família” (1998) com os seguintes objetivos: (a) construir metodologia científica e teoria unificada sobre paternidade; (b) criar itens de medição sobre envolvimento paterno e (c) validar estas medições. Como metas foram alcançadas a publicação de um relatório sobre estas pesquisas; publicação de indicadores de paternidade; inclusão, nas pesquisas nacionais e na coleta de dados de rotina, das medidas sobre quando os pais moram com os filhos e sobre a interação pai-criança; inclusão dos dados sobre pai residente e não residente e a influência da interação pai-filho no desempenho escolar da criança nas pesquisas nacionais.

Atualmente, encontra-se nos Estados Unidos uma Campanha Nacional orquestrada pelo Presidente Obama e disponível no site da Câmara Nacional para a Paternidade Responsável e no site www.fatherhood.gov, que traz a seguinte mensagem:

A ausência do pai é uma crescente crise na América, constituindo-se em um dos mais importantes desafios que as famílias enfrentam. Quando os pais não estão por perto, os jovens são mais propensos a abandonar a escola, a usar de drogas, a estarem envolvidos no sistema de justiça criminal, e a se tornarem pais precocemente. O Presidente Obama cresceu sem seu pai, e disse que ser pai é o trabalho mais importante que ele tem. É por isso que o presidente está se juntando a pais de todo o país em uma promessa de paternidade - um compromisso de fazer tudo o que é possível no presente pelas crianças e jovens americanos cujos pais não estão por perto. Quando você se engajar na campanha do presidente sobre Paternidade, você receberá atualizações, dicas e recursos de organizações proeminentes sobre paternidade, e formas de apoio à paternidade responsável em toda nação americana.

Para Allen e Daly (2007), capturar e medir a natureza multidimensional do envolvimento paterno é um desafio significativo que deve ser estruturado a partir da relação

pai-mãe-criança ou numa visão sistêmica, em lugar de apenas focalizar-se a díade relacional pai-criança uma vez que, muitas vezes o pai funciona como fonte de apoio emocional e prático para as mães, melhorando a qualidade do relacionamento mãe-criança e facilitando o desenvolvimento infantil, adicionalmente, o pai influencia indiretamente a criança através de seu capital social acumulado, permitindo-lhe acesso a privilégios, renda e rede social.

Teorias sobre envolvimento são trazidas por Pleck (2010), a exemplo dos estudos sobre a investigação do estilo parental; a teoria que estuda o calor da reciprocidade; o conceito de envolvimento a partir dos processos proximais de Bronfenbrenner, que faz uma analogia do processo proximal com um jogo de pingue-pongue entre a criança e sua parceira do microsistema, mas onde o movimento de volta da bola fica crescentemente mais complexo, e no qual o parceiro do microsistema mais maduro gradualmente introduz movimentos mais complexos e recíprocos, sendo a dimensão afetiva um componente da responsividade. Várias outras teorias são apresentadas por Cabrera et al (1999), a exemplo de Volin e Belski (1991), que traduz o envolvimento como função da interação das respostas entre pai e filho; Snarey (1993), que estabelece o conceito de envolvimento como função do desenvolvimento intelectual da criança, do seu desenvolvimento social e físico; Palkovitz (1997) que estuda o envolvimento através de três dimensões: cognitiva, afetiva e comportamental.

Com relação à afetividade, Christiansen e Stueve, (2007), afirmam que nas Ciências Sociais não existe uma definição clara sobre o que é amor, esse conceito tem sido discutido por filósofos, líderes religiosos e cientistas e ainda nenhuma definição concreta emergiu dessa discussão. O amor deve incluir (a) escolhas ativas que fazemos; (b) o esforço que colocamos expandindo-nos, (c) o cuidar de si mesmo e do outro e (d) o propósito do crescimento. Encontramos uma definição comum no dicionário Webster online: “a preocupação altruísta, leal e benevolente pelo bem do outro.” O amor envolve sacrifício próprio pelo bem da criança. Outro aspecto crítico do envolvimento amoroso no crescimento do filho é o cuidar, que pode ser o abraçar a criança, expressões verbais de afeição pela criança, dar o devido suporte e o reconhecimento do sucesso da criança.

Segundo Christiansen e Stueve (2007), Erik Erikson criou o conceito de "generatividade" definido como interesse e cuidado pelas próximas gerações. Erikson argumentou que ser pai é a primeira oportunidade para desenvolver esse senso de cuidado e respeito pela nova geração.

Conforme Palkovitz (1997), o conceito de envolvimento paterno é definido e medido de variadas formas. Para ele, a minoria dos modelos deficientes de paternidade advém de uma visão limitada, estreita e míope do conceito de envolvimento e existe a necessidade de se

expandir e reconstruir o entendimento do conceito de paternidade. Segundo o autor, antes de 1986 o conceito de paternidade era unidimensional, limitava-se a definir a presença ou ausência do pai. A partir de 1986, com a tipologia tripartite de Lamb, a paternidade foi definida segundo os critérios de interação, acessibilidade e responsabilidade.

Palkovitz (1997) refere que a visão distorcida da paternidade advém de crenças equivocadas como: (a) Quanto mais envolvimento, melhor (alguns pais podem preferir compartilhar com seus filhos atividades que podem não parecer envolvimento, a exemplo de uma pescaria); (b) Envolvimento requer aproximação (o pai pode estar ausente, porém fazendo muitos planos para o futuro da criança); (c) O envolvimento pode ser observado e medido (às vezes o aumento do envolvimento pode ser demonstrado com a diminuição da presença a exemplo de quando se dá liberdade à criança para realizar algumas tarefas); (d) O nível de envolvimento é estático, simultâneo e previsível (muitas vezes o pai pode ter horários de trabalhos variados de acordo com a escala estabelecida pela empresa); (e) Padrões de envolvimento podem ser iguais em diferentes culturas; (f) As mulheres são mais envolvidas que os homens (às vezes os homens gastam mais tempo brincando com as crianças que as mulheres cuidando dos mesmos).

Conforme Allen e Daly (2007), o envolvimento paterno passou a ser um constructo multidimensional, complexo, dinâmico, direto e indireto. Assim, Palkovitz (1997) apresenta o conceito expandido de paternidade segundo 15 fatores, classificados em três categorias que são: cognição, afeição e comportamento. Os 15 fatores de envolvimento paterno incluem: (a) comunicar (ouvir, falar, demonstrar amor); (b) ensinar (modelar o papel, encorajar, mostrar interesse, participar de atividades); (c) monitorar (amigos e tarefas escolares); (d) processos cognitivos (preocupar, orar); (e) cuidar (alimentar, dar banho); (f) compartilhar interesses (ler junto); (g) estar disponível; (h) planejar (atividades, aniversários); (i) compartilhar atividades (comprar, brincar); (j) prover (alimentos, roupas); (k) dar afeto; (l) proteger; (m) dar suporte emocional (encorajar a criança); (n) manter e (o) acompanhar.

Ainda segundo Allen e Daly (2007), existe um paradoxo entre as exigências feitas e as possibilidades oferecidas aos pais. Quando o pai insiste em tornar-se participante, surge a falta de reconhecimento pelo seu engajamento nesse cuidado. Não apenas a mãe, mas a sociedade como um todo, costuma não valorizá-lo. Esta prática de exclusão legitima as representações que o pai é incapaz de cuidar ou tratar das questões inerentes ao filho, colocando-se como apoio à mãe e provedor. Apesar das dificuldades, segundo Barker e Verani (2008), pesquisas na América Latina confirmam que os pais estão mais envolvidos com a recreação e brincadeiras do que com os cuidados das crianças. Para os autores, algumas pesquisas têm

sugerido que na Europa e nos Estados Unidos o número de horas que os homens estão dedicando aos cuidados de suas crianças está aumentando.

No Brasil, conforme Cerveny e Chaves (2008), pesquisas relativas à dinâmica da família apontam que ainda prevalece a imagem do pai como provedor financeiro da família e a mãe como provedora emocional, mesmo que pai e mãe sejam profissionais com idênticas jornadas de trabalho. Por outro lado, estudo com crianças em dois contextos brasileiros (os Estados de São Paulo e Bahia), desenvolvido por Carvalho, Rabinovich e Moreira (2010) revela que o pai tem sido identificado como alguém que brinca e transmite afeto, porém, na população de baixa renda ainda predomina o papel tradicional de provedor.

Parece que o cuidado das crianças se transformou num divisor de águas que distingue os pais. O pai “de verdade” está disponível, participa. A partir dessas considerações é muito fácil se estabelecer uma nova dicotomia – hierarquizada, restritiva e artificial: pai tradicional versus novo pai (e adicionalmente, ligar o novo pai a um hipotético novo homem).

Para Oliveira (2007, p.233), no que se refere às atividades domésticas, “ainda que arranjos formais igualitários sejam ensaiados quando do início da coabitação, as mulheres acabam assumindo mais intensamente as tarefas domésticas que são acrescidas pela presença do bebê”. Para a autora, a experiência masculina revela dificuldades em encontrar um *script* de gênero que se acomode às demandas sobre o tempo masculino, ainda comandado pelos projetos de sucesso profissional dos homens.

As pessoas estão inseridas numa cultura que modela suas atitudes e crenças e suas percepções sobre ambos o que é possível e o que é apropriado. Existem problemas significativos em separar os efeitos da cultura e da prática. Um exemplo óbvio é quando nos referimos ao ambiente organizacional que prioriza a mulher como cuidadora. (FURSMAN; CALLISTER, 2009, p.14)

Assim, para Lipovetsky (2007) as mulheres mantêm relações privilegiadas com a ordem doméstica, sentimental ou estética porque essas relações se ordenam de tal maneira que funcionam como vetores de identidade, de sentido e de poder privados.

Para Hennigen e Guareschi (2002), a apregoada divisão de tarefas domésticas surge no contexto do movimento feminista e é respaldada por teorias que encontram nas práticas domésticas não só a explicação para as diferenças de gênero, mas também a possibilidade do estabelecimento de um novo modelo de relação, baseado na colaboração e complementação entre parceiros, à medida que homens e mulheres compartilhem, igualmente cuidados e responsabilidades aos filhos.

As mulheres têm forte influência sobre o tempo que o homem gasta com cuidados de suas crianças, porque elas são parceiras e muitas vezes facilitadoras no relacionamento pai-criança, Fursman e Callister (2009). Para os autores existe a necessidade de um suporte maior para a participação dos homens nos cuidados dos filhos, e citam o exemplo dos países nórdicos que possuem políticas generosas nesta área. Uma análise dessas políticas nacionais e de outros países europeus tem mostrado uma correlação positiva entre as políticas favoráveis à licença paternidade e à quantidade de tempo que o pai passa com suas crianças. Adicionalmente, numerosos estudos têm demonstrado que o homem que tem licença paternidade é mais preparado para integrar-se com os cuidados das crianças, após tal período, do que os homens que não tiveram esse benefício.

Segundo Pieller (2010, p.33):

De modo mais amplo, as teorias do cuidado questionam o conceito de “dependência” e postulam que os doentes, crianças, idosos e deficientes não são os únicos a entrar na categoria de pessoas que não são autossuficientes. A dependência seria, na realidade, própria do ser humano que precisa do outro física, social e espiritualmente para se tornar e permanecer humano. A criança depende da mãe, o assalariado de seu empregador, a própria identidade se elabora no contexto das relações interpessoais, que são, essencialmente, relações de dependência.

Assim, nota-se no interior da família contemporânea o confronto de duas forças antagônicas e complementares que permeiam o processo de desenvolvimento capitalista que são o individualismo e a colaboração. Promover a igualdade dos sexos requer engajamento do homem nas necessidades e cuidados dos outros. Mas o homem pode e deve ter interesse próprio na mudança. O engajamento positivo como pais e cuidadores é um poderoso fator de motivação, frequentemente esquecido, para que os homens tornem-se mais envolvidos, de forma positiva, na vida de suas famílias e na sociedade.

Conforme Pieller (2010), uma “sociedade do cuidado” destinada a eliminar as desigualdades, superar as situações de dominação, passa da dependência imposta para a interdependência assumida e valorizada. A dependência não poderia ser mais considerada como patologia ou um sintoma de fracasso: ela cristaliza, questiona a interdependência generalizada dos humanos, cuja natureza implica vulnerabilidade e necessidade. Segundo a autora, o que se insinua é uma ruptura. Com essa “atenção aos outros”, apresentada como valor central da sociedade e do indivíduo, de agora em diante a comunidade tem dever de ajudar, ouvir e entender, caso contrário, a sociedade pratica não somente a injustiça, mas até mesmo a exclusão.

Para Bradford (2002), o envolvimento paterno é um constructo multidimensional que inclui afeto, cognição e componentes éticos, tanto quanto componentes observáveis do comportamento, e que inclui também formas indiretas de envolvimento (ex: prover, ajudar a mãe). Brotherson, (2007) questiona sobre o que o pai deve fazer para gerar um relacionamento forte e próximo entre ele e a criança e responde que o pai deve: (a) compartilhar atividades; (b) participar de atividades de recreação com a criança; (c) ensinar brincando; (d) trabalhar junto com a criança; (d) participar de eventos da criança; (e) atender às necessidades da criança; (f) propiciar à criança experiências inesquecíveis que a ajudarão a crescer e se tornar madura; (g) realizar atividades espirituais com a criança; (h) expressar amor; (i) compartilhar tradições familiares consistentes e agradáveis e (j) compartilhar histórias e memórias.

Green (2007) descreve a importância do envolvimento paterno no desenvolvimento da habilidade de alfabetização da criança, segundo ele pesquisas recentes, nos Estados Unidos, têm comprovado que as crianças desenvolvem suas habilidades de leitura durante os primeiros estágios da infância e que a prática da leitura interativa e em voz alta para a criança, é a estratégia mais eficaz para promover o aprendizado da linguagem e de habilidades literárias da criança do nascimento até a idade de cinco anos. Para Green, (2007, p.136) “estudos realizados com crianças no início de suas vidas concluíram que desde as seis primeiras semanas de vida elas se interessam pela leitura com os pais e, quando os pais engajam-se com seus filhos nessa tarefa, eles promovem o desenvolvimento prematuro dessa habilidade”.

Segundo esse autor, para se estabelecer o hábito da leitura deve-se: (a) marcar uma hora especialmente para essa atividade todos os dias com a criança; (b) ler livros que focam nos três R's: ritmo, rima e repetição; (c) ler e reler uma variedade de livros (livros de história, livros de informações, livros de alfabetização); (d) ajudar a criança a identificar letras do alfabeto e seus sons correspondentes; (e) mostrar a diferença entre letras maiúsculas e minúsculas; (f) ensinar à criança que a escrita é realizada de cima para baixo e da esquerda para a direita; (g) ensinar à criança vários detalhes do livro (título, autor, ilustrações, capa da frente e de trás); (h) ensinar a criança sobre a distinção das cores, formas e tamanhos dos objetos que se encontram no livro; (h) fazer perguntas analíticas (ex.: o que a criança está fazendo nesta página?); (i) ler e a criança ajudar a passar a página; (j) perguntar à criança o que vai acontecer na história; (l) parar no meio da sentença e pedir que a criança continue.

Os pais que enfrentam circunstâncias de distanciamento involuntário tais como viagens constantes a trabalho, pais encarcerados ou separados podem: (a) ler livros e outros

materiais impressos por telefone; (b) gravar sua voz lendo em um áudio ou vídeo cassete e enviar a fita para a criança; (c) designar um dia especial da semana como a "noite da leitura" com o papai e (d) escrever histórias para ou com crianças que podem ser lidas à distância por correio ou e-mail. Os pais que se esforçam para passar um tempo junto com suas crianças em atividades de leitura, mesmo à distância, irão aprender mais sobre seus filhos e fortalecerão a qualidade de seus relacionamentos.

Green (2007, p.139) sugere que para incentivar a comunicação do pai com a criança através da leitura ele pode: (a) discutir os tópicos de interesse da criança e selecionar livros para a leitura que sejam educativos e interessantes; (b) fazer uma excursão a livrarias ou bibliotecas ou fazer uma biblioteca em casa para disponibilizar bons livros para a leitura; (c) discutir o significado de certos eventos tanto quanto as diferentes características do protagonista e do antagonista; (d) fazer perguntas à criança que a façam refletir sobre o significado da história que foi lida e como isso pode ser aplicado em sua vida; (e) fazer e responder perguntas de natureza ética e moral durante ou após a leitura ex.: como você acha que o garoto se sentiu quando o seu irmão o humilhou? E como ele poderia ter respondido de forma diferente?

Compartilhar a experiência de ler um livro com a criança dá ao pai a oportunidade de interagir com a criança em múltiplos domínios do desenvolvimento: físico, intelectual, social e emocional. Pais podem interagir com suas crianças: (a) Deixando as crianças pequenas passarem as páginas do livro e deixando-as sentar em seu colo; (b) estabelecendo uma rotina diária de leitura logo antes dela ir para a cama; (c) selecionando livros de humor que permitam ao pai e a criança a chance de sorrirem juntos; (d) compartilhando pensamentos e sentimentos sobre o livro à medida que se processa a leitura (GREEN, 2007, p.139).

Dessa forma, nota-se que as mudanças ocorridas na sociedade tornam o pai mais próximo e amigo do seu filhos. O papel do pai, que foi milenarmente estabelecido como provedor e disciplinador, agora torna-se um novo papel de nutridor e cuidador. Estas mudanças tornam-no único na história da humanidade. Não existe um ponto de chegada singular para a competência dos homens na paternidade e, para Cabrera (2000) o envolvimento paterno representa um capital social e humano que determinará a capacidade de absorção da economia no futuro e minimizará a atual dificuldade dos homens tornarem-se provedores, e, para tal, é importante a integração de esforços entre pesquisadores, políticos e profissionais no sentido de auxiliarem as famílias a ajudarem a si mesmas.

2.1.3 A autoridade paterna e a dinâmica do poder na sociedade

Milenarmente a sociedade vinha sendo estruturada com base no poder centralizado e bem definido, com estruturas que estabeleciam claramente o respeito à figura paterna e focalizava-se a autoridade, com sua respectiva responsabilidade pelo desenvolvimento das instituições e sociedade.

Estamos passando por um período de mudança no modelo de autoridade, em que o novo modelo se torna mais fluido, indefinido e gerenciado através de redes de forças que se utilizam, cada vez mais, de sistemas refinados e complexos de controle da sociedade. A família, como célula e instituição social, sofre também este processo e demonstra sinais de mudanças tanto em sua estrutura quanto em sua dinâmica de poder. Assim sendo, o presente item analisa as mudanças no modelo de autoridade paterna e suas relações com a evolução do poder na sociedade.

As alterações no modelo de autoridade paterna decorrem das mudanças dos regimes de regulação que hoje se tornam mais fluidos e impessoais, trazendo métodos refinados de controle, inclusive o da sexualidade humana e a sua pseudoliberalidade de expressão.

Cabe inicialmente definir autoridade que, segundo o dicionário online Michaelis (2009), é o direito ou poder de mandar, é a forma de controle baseado no poder atribuído a determinadas posições ou cargos, é a capacidade, poder, aptidão ou pessoa que tem reputação de grande conhecimento em determinado assunto, influência intelectual, prestígio, crédito, renome. Para Horkheimer (2008, p.216):

Se alguém tem a autoridade de dizer-lo diz a uma pessoa: vá!, e se alguém não tem autoridade diz vá!, então a declaração (vá) e seu conteúdo são idênticos, igualmente bem dito; mas a autoridade faz a diferença. Se a autoridade não é o outro; se ela de alguma forma, deve indicar apenas uma potenciação dentro da identidade, então não existe autoridade. Se Cristo diz 'há uma vida eterna', e se o estagiário de teologia diz 'há uma vida eterna', então ambos dizem a mesma coisa; na primeira afirmação não há mais sedução, evolução, profundidade, plenitude de ideias que na última, ambas as afirmações, esteticamente falando, são igualmente boas. E mesmo assim, existe aí, certamente, uma diferença qualitativa eterna! Cristo como Deus homem, está de posse da qualidade específica da autoridade que nenhuma eternidade pode mediar, tão pouco quanto ela pode colocar Cristo no mesmo nível da igualdade humana essencial.

Segundo Zoja (2001), na antiguidade, o pai romano tinha o direito da vida ou da morte do seu filho por toda a sua vida. A paternidade não consistia em ter concebido uma criança com uma mulher, mas sinalizava o desejo de ser pai: ele levantava publicamente o seu filho no ar, simbolizando o seu desejo de elevá-lo na sociedade (com a filha ele simplesmente

ordenava que ela fosse alimentada). Toda ascensão social e movimento do cidadão romano dentro de uma sociedade eram necessariamente subordinados ao pai de família, que decidia se o filho ia casar, ter filhos, viver ou morrer.

No período da colonização, os imigrantes europeus, tanto na América do Norte como na do Sul tentavam, de várias formas diferentes, monopolizar o sistema da família patriarcal para reforçar sua dominação sobre os outros dois principais grupos étnicos. Os corpos dos homens, especialmente os negros, deviam estar preparados para o trabalho; os corpos das mulheres tinham que estar preparados não apenas para o trabalho como também para o sexo. As mulheres índias eram indispensáveis ao homem branco; elas preparavam a comida além de lhes dar crianças. Como concubinas dispostas, negras e nativas alcançavam um grau de poder que os colonizadores negavam ao homem nativo e ao negro. A posse da figura paterna era uma pré-condição de ascensão social reservada à elite europeia, pois índios e negros não tinham necessidade de pais, Zoya, (2011).

Na Idade Moderna, o iluminismo não combatia a afirmação de Deus, mas do seu reconhecimento como base de mera autoridade. “A revelação deve ser julgada pela razão, diz Locke, o mestre filósofo do Iluminismo. A razão deve ser nosso supremo juiz e condutor de todas as coisas. A fé não é nenhuma prova da revelação” (HORKHEIMER, 2008, p.195). Em última instância o homem deve usar suas próprias faculdades intelectuais e não depender de autoridades, o princípio de prestígio que dominava neste mundo em decadência originava-se da simples tradição, ou seja, do nascimento, do costume e da antiguidade; mas foi negada pelo princípio burguês em ascensão e, em contrapartida, a realização individual no trabalho prático e teórico foi elevado a critério social. Enquanto no apogeu do período burguês havia uma fecunda interação entre família e sociedade no sentido de que a autoridade do pai era fundamentada pelo seu papel na sociedade, bem como a sociedade renovada com o auxílio da educação patriarcal para a autoridade, a família naturalmente imprescindível torna-se, então, um problema de mera técnica governamental.

A Idade Média relacionava a ordem terrena com o juízo divino e, dessa forma, via sentido nela. No novo tempo, todas as circunstâncias da realidade aparecem como simples fatos que não cumprem nenhum fim, mas têm que ser aceitos. Torna-se evidente que as diferenças de classes não emanam de Deus, contudo, ainda não se percebeu que elas resultam do processo de trabalho humano.(HORKHEIMER, 2008).

Observando-se a evolução da autoridade da Idade Antiga à Idade Moderna, desde a Roma Antiga à Revolução Francesa, a paternidade evoluiu de detentora de autoridade para nutridor (mantenedor). Durante a escravidão, as regras foram trocadas: uniões com escravas

eram simplesmente de fato, sem regulações, e não proporcionavam o reconhecimento da formação das famílias, o que provocou que a responsabilidade paterna de nutrição não fosse mais ensinada. O escravo pai não necessariamente pertencia ao mesmo dono que a mãe, e em qualquer caso ele seria vendido e separado de seu filho e da mulher. Tais condições existiram por séculos e também modificaram e enfraqueceram a identidade do pai contemporâneo.

Além do sistema de escravidão, o sistema educacional foi um importante fator responsável por esta desconstrução. Segundo Freire (2004) o pátrio poder no Brasil foi gradualmente perdendo sua importância, na medida em que os jesuítas com as propostas dos colégios em regime de internato, receberam as crianças e os curumins para serem educados.

Os jesuítas deram no século XVI valor exagerado ao menor inteligente, com queda para as letras, tornando-o mesmo criaturas um tanto sagradas aos olhos dos adultos, que se admiravam de ver os filhos tão brilhantes, tão retóricos, tão adiantados a eles em conhecimentos. Mas essa valorização era conseguida, sacrificando-se na criança sua meninice, abafando-se sua espontaneidade, secando-se antes de tudo sua ternura de criança. E por meio de castigos e privações é que, mais tarde, os outros padres, também mestres de meninos, tornaram seus colégios ainda mais sombrios que os da S.J. Os jesuítas em parte falharam na sua brava oposição ao sistema patriarcal das casas-grandes: aos seus excessos de absorção do filho pelo pai, do indivíduo pela família. Mas esses outros colégios vieram no momento certo de concorrerem para o declínio do pátrio poder no Brasil. (FREIRE, 2004, p.184-185)

Assim, no decorrer da história das estruturas sociais de trabalho, verifica-se uma sucessão de fatos que levaram ao esvaziamento do poder paterno na sociedade, desde o sistema escravocrata, para o sistema industrial de produção. Hoje, com a revolução do conhecimento e a evolução da tecnologia da informação, o contexto contemporâneo nos apresenta uma nova forma de poder que se instalou na sociedade capitalista globalizada. Tal sociedade definida por Foucault (2006) como uma verdadeira “tecnologia do sexo”, muito mais complexa, e, sobretudo, mais positiva do que o efeito excludente de uma proibição. Para ele, não existe uma oposição binária e global entre os dominadores e dominados, deve-se, ao contrário, supor que as correlações de forças múltiplas que se formam e atuam nos aparelhos de produção, nas famílias, nos grupos restritos e instituições, servem de suporte e de amplos efeitos de clivagem que atravessam o conjunto do corpo social. As grandes dominações são efeitos hegemônicos continuamente sustentados pela intensidade de todos estes afrontamentos.

Da mesma forma que as redes de relações de poder acabam formando um tecido espesso que atravessa os aparelhos e as instituições, sem se localizar exatamente neles, também a pulverização dos pontos de resistência atravessa as estratificações e as unidades individuais. (FOUCAULT, 2006, p.107).

Assim, para Foucault (2006), o pai não é mais o “representante” na família, do soberano ou do Estado; e os dois últimos não são projeções do pai em outra escala. Sob o regime econômico atual, o processo de produção influencia os indivíduos não só de maneira direta e atual, tal como eles experimentam em seu próprio trabalho, mas também da forma como eles se situam dentro das instituições relativamente fixas, ou seja, daquelas que só lentamente se transformam, como a família, a escola, a igreja, as instituições de arte e semelhantes. Segundo Horkheimer (2008, p.191):

Fortalecer no íntimo dos próprios dominados o necessário domínio dos homens pelos homens que determina a forma da história até agora, foi uma das funções de todo mecanismo cultural de diversas épocas; o resultado é que a fé na autoridade, como condição sempre renovada desse mecanismo, constitui na história um motor humano, em parte produtivo, em parte obstrutivo.

No regime capitalista contemporâneo, o trabalhador é pobre e tem contra si toda concorrência de sua própria classe, nas escalas nacional e internacional. Seu parceiro de contrato, ao contrário, dispõe não só de meios de produção, de visão, de influência sobre o governo e de todas as possibilidades da propaganda, mas também de crédito. Esta diferença entre rico e pobre é condicionada socialmente, imposta e mantida pelos homens e mesmo assim apresenta-se como se fosse necessária por natureza, como se os indivíduos em nada pudessem modificá-la. Na verdade, a submissão à vontade alheia não mais resulta da simples aceitação da tradição, mas de aparentes percepções de fatos eternos. O fato de as pessoas aprenderem a se sujeitar à hierarquia foi uma das condições para o fabuloso impulso que a produtividade do trabalho tomou desde então, e mais ainda para o desenvolvimento da consciência individual. Por isso, esta autoridade disfarçada e mediada foi, durante longo tempo, impiedosa, porém historicamente racional.

Em todas as sociedades que se desenvolveram a partir das indiferenciadas comunidades primitivas do passado, ou poucas pessoas governaram, como em situações relativamente primitivas e simples, ou como nas formas mais evoluídas de sociedade, grupos de pessoas governam o resto da população, isto é, todas essas formas se caracterizam pela dominação ou subordinação de classes. A maioria dos homens sempre trabalhou sob a direção e o comando da minoria e essa dependência sempre se expressou numa piora da existência material. Não era apenas a coação imediata que mantinha essas ordens, mas os próprios homens aprenderam a acatá-las.

De qualquer modo, o fortalecimento ou enfraquecimento de autoridades apresenta um daqueles traços da cultura pelos quais ela mesma se torna um elemento da dinâmica do evento histórico. Segundo Horkheimer (2008, p.194), “o afrouxamento das relações de dependência que se acham arraigadas na vida inconsciente da massa se inclui entre os maiores perigos para uma estrutura social e revela a sua fragilidade”.

O indivíduo tem de atuar por conta própria. Passando por cima de sua dependência das reais condições existenciais da sociedade, ele já é considerado soberano no absolutismo e mais ainda após a sua queda. Já que o indivíduo, dessa forma, foi considerado meramente isolado e perfeito em si, podia parecer que a necessária abolição das antigas autoridades lhe bastasse, porquanto ele seria capaz de tudo por seus próprios meios. A “libertação”, para a maioria dos atingidos, significava em seu lugar que eles foram abandonados ao terrível mecanismo de exploração das manufaturas.

Atualmente, o indivíduo é menos seu próprio senhor do que pode parecer de início. A consciência da própria independência e o correspondente respeito pela liberdade e dignidade do próximo são, apesar de toda sinceridade, abstratos e ingênuos. A venda de sua força de trabalho “por livre e espontânea vontade” resulta no contínuo aumento do poder dos dominantes; a diferença entre ganho e fortuna das duas classes chega às raias do fantástico.

Para Foucault (2006, p. 149),

A situação atômica se encontra no ponto de chegada do processo de dominação: o poder de expor uma população à morte geral é o inverso de garantir a outra sua permanência em vida. O princípio: poder matar para poder sobreviver, que sustenta as táticas dos combates, tornou-se princípio de estratégia entre Estados, mas a existência em questão não é mais aquela – jurídica – da soberania, mas de distribuir os vivos em um domínio de valor e utilidade. Um poder dessa natureza tem que qualificar, medir, avaliar, hierarquizar, mas do que se manifestar em seu fausto mortífero; não tem que traçar uma linha que separa súditos obedientes dos inimigos do soberano, opera distribuições em torno da norma. Assim, a instituição jurídica se integra cada vez mais num contínuo de aparelhos (médicos, administrativos, etc) cujas funções são sobretudo reguladoras. Uma sociedade normalizadora é o efeito histórico de uma tecnologia de poder centrada na vida.

Antes da Revolução Francesa, o pai era um fato espiritual e metafísico; hoje é apenas um fato material que oferece apenas cuidado material: isso é verdadeiro para o provedor que supre suas crianças e adolescentes com dinheiro, e não é verdade para o “novo pai” que se concentra nas necessidades corporais da primeira fase da vida das crianças. Para Zoja (2001), não é mais necessário o papel do pai na elevação social de seus filhos e na elaboração do seu projeto de vida uma vez que é necessário que os mesmos se tornem mais vulneráveis às forças

da sociedade de consumo capitalista. Os valores que eles representam não são mais “transcendentes”, mas econômicos. A emergência da política de Reagan e Thatcher e o colapso do Comunismo como resultado da conversão da Europa aos princípios da competição da economia de mercado são eventos tão psicológicos como políticos: ratificação global de que a missão do pai na terra reside no papel de provedor.

O Século XX consolidou a imagem do provedor, tanto na Europa como nos EUA parecia ser o modelo de pai que agora prevalece no ocidente, que também foi exportado para os países em desenvolvimento. Sem o benefício das imagens arquetípicas, a única forma de as crianças avaliá-lo reside na racionalidade – o gráfico abstrato de quanto ele trouxe ou vendeu – e as crianças não experienciam a emoção do retorno do pai como nas histórias de Ulysses ou Rei Artur. A identidade do pai está, cada vez mais, dependente do seu sucesso no mercado de trabalho. A passagem do professor para o provedor não é apenas uma questão de mudança de função, mas uma necessidade da sociedade de consumo que incentiva a individualidade, a concorrência e a necessária fragilização do indivíduo para a exposição a esse processo.

Nesse sentido, pode-se afirmar que a procura pelo pai é mais que uma necessidade material, é também uma necessidade psicológica universal. Todas as sociedades criaram figuras metafóricas de heróis que refletiam os valores nos quais elas acreditavam. Essa busca, tanto por parte do pai quanto do filho, é essencial para a identidade de ambos.

Notam-se, na sociedade contemporânea, sinais de afrouxamento da dependência consciente à autoridade paterna, comprovados em pesquisa recente de Georgas, Berry, Vijver, Kagitçibasi e Poortinga (2006) que investigaram a família em trinta países. Para os autores, a redução do modelo autocrático do pai na família, e do concomitante aumento do poder da mãe tem sido frequentemente mencionada nos relatos das famílias pesquisadas, com os pais perdendo muito do seu poder de decisão dentro da família e, em nenhum dos relatos da pesquisa mencionam-se mudanças na direção do fortalecimento da autoridade do pai (ou do sexo masculino). Nessa mesma linha, segundo Fursman e Calliter (2009), um estudo organizado pelo Ministério do Trabalho da Nova Zelândia, verificou que no México, 45% dos pais entrevistados consideraram a si mesmos como menos autoritários e mais próximos aos filhos que seus pais eram com eles.

Também nos meios de comunicação de massa, como os programas de TV e histórias em quadrinhos, verifica-se a mesma tendência à redução da autoridade paterna. Segundo Brito (2005, p.6):

Constata-se que as imagens e os sons transmitidos nos programas infanto-juvenis das últimas décadas vêm progressivamente retratando uma

desvalorização dos responsáveis por crianças e adolescentes, não fornecendo um suporte social necessário ao sustento e à manutenção da autoridade de tais adultos. ... Tal fato pode ser interpretado como uma estratégia, insistentemente difundida, que contribui para uma mudança de comportamentos, quando apresenta, inicialmente, homens desqualificados na sua função de transmissão, meros espectadores do crescente poder feminino e, depois, crianças transformadas em figuras de autoridade.

Atualmente, os pais fornecem dinheiro, porém, dedicam muito menos tempo para seus filhos. Segundo Zoja (2001), a participação do pai norte americano no crescimento de suas crianças é drasticamente menor do que a da mãe. Lamb (1987 apud JABLONSKI, 1999, p.63) confirma tal tendência afirmando que “para cada hora de envolvimento ativo gasto do pai com o filho, correspondem três a cinco a cargo da mãe”.

Segundo Zoja (2001), a única coisa observada com certeza nos Estados Unidos é a direta correlação entre dois aspectos: a frequência com que um grupo carece de seu pai é correspondente com o grau de marginalização do mesmo. Verifica-se atualmente que 85% da população carcerária dos EUA é de pais enquanto no Brasil⁴ nota-se que, segundo os dados do Sistema de Informação Penitenciária de 2007, a população prisional é composta de 95,5% de homens, o que se presume é que, apesar da falta de dados a esse respeito, boa parcela desses homens sejam pais e encontram-se privados do exercício da paternidade.

Além disso, para Barros (2001), o pai já não é mais escutado, assistimos a uma paulatina e indubitável passagem do centro à margem e essa mudança repercute nas formas de dominação, que se tornam cada vez menos presentes e mutantes. Atualmente a lei é questionada a todo instante. Recursos, contestações em nome da inconstitucionalidade, trocam as leis a cada dia, os legisladores reinventam a cada movimento político e partidário uma nova lei com a duração de seus interesses privados e inconfessáveis.

Através da repetição do simbolismo do gesto do pai romano da Antiguidade, que quer “elevantar” sua criança para a sociedade e fazer tudo o que pode para guiá-la a uma posição mais confortável que a sua. Em lugar de investir na vida dos filhos com símbolos, hoje, ele investe seu dinheiro e fundos para ajudá-lo a ascender socialmente. Atualmente a juventude tem recebido mais em termos materiais. O dinheiro que lhes proporciona os benefícios foi o substituto da elevação, benefícios e iniciação. O mundo dos símbolos, o verdadeiro espírito, e a continuidade de uma para a outra geração são coisas que o pai deve dar através do ritual; dinheiro, mesmo que este venha dele, pode ser retirado do banco com um pedaço de papel. A imagem da bênção do pai – além das outras duas figurações que acompanham a criança, que

⁴ Segundo o Relatório da ONG Promundo e Fundo das Nações Unidas (2009).

são a elevação e a iniciação – oferece termos simbólicos que podem nos ajudar a superar o vazio interior vivido pelos adolescentes atuais em decorrência da ausência paterna, Zoya (2001).

Para Rise (2009), o pai moderno ocidental, pós Revoluções Burguesa e Industrial – nem é mais guardião familiar por conta da ordem natural e simbólica divina – nem representante social da lei do pai, ele passou de pai provedor, gerador de renda, ao modelo de “intimidade doméstica”.

O pai está ausente, como uma imagem, até mais que como indivíduo; a ausência do pai é ela mesma a imagem do pai atual. O filho percebe sua ausência e o pai que não é mais um patriarca sendo visto como uma figura antiga e castradora da autoridade, sem a característica de uma boa autoridade, pai e filho entram num círculo vicioso cheio de desprezo e falta de respeito.

A novidade que poderia ser ainda mais grave que a ausência do pai seria a ausência da procura pelo pai. Nos dias atuais do mundo ocidental, o espírito despreocupado de um adolescente é mais dominante que a noção paternal da persecução de projetos. A erosão da tradicional função psicológica é agora acompanhada pelo desaparecimento físico. Parece que o pai deixou de existir, sua tarefa material agora é desempenhada pela mãe ou instituições. No Brasil, a gravidade do problema do desaparecimento dos pais é clara e inquestionável, mas é difícil de se determinar a extensão.

Para Zoja (2001, p.230):

Nas famílias negras pobres, as crianças que moram com seus pais têm maior frequência na escola, e aquelas que os pais estão ausentes frequentam mais o trabalho. O nordeste do Brasil pode de alguma forma dizer que fez a passagem da sociedade colonial para as favelas atuais sem nunca ter entrado na era moderna. Na parte pobre de Recife, a mais frequente forma de família pode ser descrita como matrifocal. A matrifocalidade refere-se às circunstâncias familiares nas quais os pais não são necessariamente ausentes, mas, de qualquer modo, não representam um fator decisivo. O relacionamento entre a marginalização e a ausência do pai pode aqui ser visto sob uma nova ótica. Alguns vêm a ausência do pai como causada pela pobreza.

A relação entre a pobreza e a ausência do pai é uma evidência trágica. Não é apenas uma herança da escravidão e não está limitada a guetos. Apenas no México, existem 2,8 milhões de famílias que são lideradas por mulheres, que representa 17,1% do total da população. Mas o fato mais impressionante é que o rendimento médio das famílias lideradas por mulheres é apenas um terço daquelas lideradas por homens.

Num mapeamento realizado pela Promundo (2009), com o apoio do Fundo de População das Nações Unidas – UNFPA, que é parte de um estudo multicêntrico denominado

“Homens, equidade de gênero e políticas públicas”, coordenado pelo *International Center for Research on Women* (ICRW) e envolvendo atividades em sete países além do Brasil: África do Sul, Camboja, Chile, Croácia, México, Índia e Tanzânia, constata que em contextos de crescentes separações, de aumento do número de famílias chefiadas por mulheres e de níveis de desemprego crescentes, faz-se necessário um amplo debate em torno da paternidade para além da figura do homem provedor.

O Brasil é o país que apresenta o maior percentual de casas chefiadas por mulheres da América Latina (33,81%) conforme dados da Sociometro (s/d), o que faz com que o apoio para a criação e educação dos filhos e filhas seja um tema importante nas políticas públicas. (PROMUNDO, 2009, p.5)

Esse debate não deve ficar restrito ao espaço doméstico, mas deve articular-se aos setores da saúde, educação e segurança pública, bem como nas instituições vinculadas a esses setores, com vistas à produção de novas formas de engajamento dos homens no exercício da paternidade. Para Castells (2010) a taxa de crescimento da participação das mulheres no mercado de trabalho brasileiro, no período de 1979 a 1990, foi de 113% o que reforça a necessidade de estudos sobre a ausência dos pais e o cuidado dos filhos.

Começa-se com o sentimento de que não apenas o presente, mas também a história do pai tem sido abandonada a uma trágica obscuridade, deixando nas crianças a sensação de que são órfãs e não sabem definir desde quando assim estão. O retrato do pai foi rendido pela morte dos ritos e mitos. Não existe nada a ser feito pelo patriarcalismo ou matriarcalismo, mas apenas com a modernização. Hoje a batalha tem sido ganha pelo consumismo e pela vida vivida no dia a dia, a noção de projeto e da persistência no tempo tem sido quase derrotada.

Para Petrini (2003), mais do que confiar no poder de outras superpotências que limitem e corrijam desvios e abusos do império do momento, é importante recriar espaços de vida cotidiana subtraídos à colonização do mercado, numa rede de comunidades que promova a consciência do significado e do destino da existência humana, na qual as experiências da gratuidade e da vida fraterna constituam alternativa à lógica do mercado. Lá onde a experiência da beleza, a experiência do significado da vida despertem um fascínio mais atraente do que as ofertas do mercado, um fascínio não efêmero, capaz de responder realmente às exigências originárias do homem, estão postas as condições para uma liberdade maior que a força homologante de qualquer império. A memória nos diz que a história e as continuidades são paternais. Não a podemos jogar fora, e precisamente pela razão de não mais confiar-se ao mundo do consumismo de objetos, que é o mundo do eterno presente.

A forma como o poder que vem sendo exercido na sociedade, e em especial, na família, tem evoluído para refinados sistemas de controle onde a sexualidade torna-se parte central deste processo. A forma de poder na sociedade vem sendo exercida através da sexualidade.

O sexo é acesso, ao mesmo tempo, à vida do corpo e à vida da espécie. Servimo-nos dele como matriz das disciplinas e como princípio de regulações. Mas vemos-lo também se tornar tema de operações políticas, de intervenções econômicas (por meio de incitações ou freios à procriação), de campanhas ideológicas e moralização ou de responsabilização: é empregado como índice de força de uma sociedade, revelando também sua energia política como seu vigor biológico. (FOUCAULT, 2006, p.157).

Segundo Foucault (2006), nossa tarefa é compreender a sexualidade. No caminho do entendimento desta sexualidade, e embora os homens tenham, socialmente, privilégios maiores, sua situação pessoal é mais complicada. Com o declínio de seu poder de barganha econômico, já não consegue impor disciplina à família, recusando-se a fornecer recursos financeiros. A não ser que os homens se empenhem em assumir os seus papéis em igualdade de condições, não poderão deixar de procurar as mulheres como objeto de seu amor, não só erótico como emocional, assim como seu salva-vidas e, não devemos esquecer, como uma útil empregada doméstica.

Para Castells (2010), a primeira opção é a separação, “a fuga do compromisso”, e realmente constatamos essa tendência nas estatísticas. Para ele, o narcisismo consumista pode ajudar, principalmente quando se é mais jovem. Homens, porém, não se dão bem em formação de redes, solidariedade e aptidões relacionais. Verifica-se também que é fato comprovado que na maioria das sociedades, homens solteiros que vivem sós têm menos saúde e vida mais curta, além de verificarem-se entre eles maiores taxas de suicídio e depressão. Com as mulheres que se divorciam ou se separam acontece exatamente o contrário. A segunda opção é tornar-se gay. Parece que o homossexualismo está se expandindo entre os homens cuja predisposição biológica permite as duas formas de expressão sexual, mas que, pelos privilégios do patriarcalismo, tenham evitado o estigma do homossexualismo.

Segundo Castells (2010), para a maioria dos homens, no entanto, a melhor solução e a mais estável em longo prazo é a renegociação do contrato da família heterossexual, isso porque inclui compartilhar o trabalho doméstico, parceria econômica e sexual e, acima de tudo, responsabilidade pelos filhos totalmente compartilhada. Sendo assim, nota-se que, segundo o autor, a principal habilidade necessária para corresponder como indivíduos às mudanças que estão ocorrendo na sociedade é a de dedicar-se à “definição de um papel”, que é como um processo vital da sociedade pós-industrial.

Assim, além da negociação individual na família reformada, a possibilidade de reconstruírem-se famílias heterossexuais viáveis no futuro está na subversão do gênero pela revolução na paternidade. Embora grandes progressos tenham sido conquistados nesse sentido, a paternidade e a maternidade em termos iguais ainda têm longo caminho a percorrer e seu ritmo é mais lento do que o crescimento do separatismo, tanto para homens como para mulheres.

A mudança do comportamento no nível do homem individual é importante, no entanto, a mudança cultural no nível da sociedade deve também ser um objetivo de estudo. Segundo o Relatório *Families First Northern Sydney* (2006), essa mudança cultural deve abordar e alterar a dominância de determinados modelos fixos de masculinidade e de determinadas expectativas em relação ao comportamento masculino. Isso inclui um foco na identidade e como a sociedade constrói identidades masculina e feminina. Dessa forma, verifica-se a forte influência das mudanças no sistema de dominação características da “evolução” da sociedade capitalista, como fatores determinantes na autoridade deste “novo pai”, entretanto, este é um tema que requer debates e pesquisas para o aprofundamento das discussões que permeiam a família, a violência social e a busca por uma sociedade melhor.

2.1.4 Políticas públicas nacionais e internacionais voltadas à paternidade

O presente tópico tem como objetivo identificar as políticas públicas nacionais e internacionais voltadas à paternidade. Para tanto, realizou-se um estudo dos acordos internacionais, legislações e programas específicos voltados à temática em questão, assim como revisão de textos que tratam desse assunto.

A família é o local onde as pessoas preparam-se para viver em sociedade, sendo o ambiente onde os sentimentos de segurança, apoio, solidariedade e amor costumam ser experimentados e servem como a base para o desenvolvimento e para o enfrentamento dos seus problemas na vida cotidiana. Segundo o Relatório da Promundo e do Fundo das Nações Unidas (UNFPA, 2009), intitulado “Homens, masculinidade e políticas públicas”, o apoio para a criação dos filhos e filhas é um tema importante na formulação de políticas públicas, uma vez que, como mencionado anteriormente, o Brasil é o país que apresenta maior percentual de casas chefiadas por mulheres na América Latina (33,8%).

Nota-se que, segundo Cabrera (2010, p.218), “uma das mais consistentes correlações com a miséria infantil é a ausência de um pai residente”. A pobreza infantil é uma grande preocupação social e política, e está ligada, entre outros fatores, à ausência do pai. Crianças crescendo na pobreza estão mais próximas a relações com comunidades caracterizadas por altos índices de desemprego, crime, famílias monoparentais, baixos índices de escolaridade e de cuidados com a saúde. As políticas públicas devem ter como objetivo reduzir a pobreza infantil, e aumentar o envolvimento paterno e o decréscimo da fertilidade não responsável.

Verifica-se a perda do poder paterno através da legislação, das mudanças sociais e econômicas ocorridas em nossa sociedade contemporânea. Isso pode ser constatado no relato de Singly (2007, p.70-71), quando afirma que:

Depois da segunda metade do século XIX, o Estado controla as condições do exercício da paternidade; em 1841 a lei sobre o trabalho da criança e o enfraquecimento do poder do pai; em 1889 a lei sobre interdição parental em proveito da Assistência Pública.

Notam-se poucas referências à paternidade expressas nas políticas públicas através dos acordos internacionais, um exemplo é o Programa de Ação da Conferência Internacional sobre População e Desenvolvimento, de 1994 no Cairo. Nele encontram-se princípios norteadores que direcionam ações que afetaram, direta ou indiretamente, a paternidade, como o Princípio 4 do Relatório do Fundo das Nações Unidas Cairo (1994, p.12) que focaliza apenas a participação da mulher no desenvolvimento do Programa:

Promoção da igualdade e equidade de gênero, o empoderamento das mulheres e a eliminação de todos os tipos de violência contra as mulheres, e assegurar a capacidade das mulheres de controlar sua própria fecundidade, são pedras angulares da população e desenvolvimento relacionados com os programas. Os direitos humanos das mulheres e das meninas são partes inalienáveis, integrais e indivisíveis dos direitos humanos universais. A participação plena e igualitária da mulher na vida civil, cultural, econômica, política e social, em nível nacional, regional e internacional, e a erradicação de todas as formas de discriminação em razão do sexo, são objetivos prioritários da comunidade internacional.

A Conferência Internacional sobre População e Desenvolvimento (1994) destacou importantes atividades internacionais, porém, em apenas uma delas é abordado o tema família, e nenhuma teve por foco a questão da paternidade.

(a) A Conferência Mundial das Nações Unidas para a Mulher, de Revisão e Avaliação das Realizações da Década: Igualdade, Desenvolvimento e Paz, realizada em Nairobi, em 1985; (b) A Cúpula Mundial para Crianças, realizada em Nova Iorque em 1990; (c) A Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento realizado no Rio de Janeiro em 1992; (d) A Conferência Internacional sobre Nutrição, realizada em Roma em 1992; (e) A Conferência Mundial sobre Direitos Humanos, realizada em

Viena em 1993; (f) O Ano Internacional dos Povos Indígenas do Mundo, 1993, o que levaria à Década Internacional dos Povos Indígenas do Mundo; (g) A Conferência Mundial sobre o Desenvolvimento Sustentável dos Pequenos Estados Insulares em Desenvolvimento, realizada em Barbados em 1994; (h) O Ano Internacional da Família, 1994. (CONFERÊNCIA INTERNACIONAL SOBRE POPULAÇÃO E DESENVOLVIMENTO, 1994, p.11).

No Relatório do Fundo das Nações Unidas (2009) pergunta-se: “Qual é o Consenso do Cairo e por que ele ainda é importante?”. A essa pergunta argumenta-se que, em 1994, as nações do mundo forjaram um plano visionário, no Cairo, Egito, para promover o desenvolvimento econômico e reduzir a pobreza, com foco na promoção dos direitos humanos, empoderamento das mulheres e superação das desigualdades dentro das sociedades. O acordo resultante da Conferência Internacional, de 1994, sobre População e Desenvolvimento no Cairo, representou um novo consenso global para integrar totalmente a dinâmica das populações nas estratégias de desenvolvimento. Foi fornecido um plano de ação para 20 anos onde foram exigidas ações e compromissos dos países ricos e pobres. Nota-se que também nesse acordo houve destaque à mulher, ficando a participação do homem despercebida.

Verifica-se, ainda, que recentemente a Organização Internacional do Trabalho – OIT publicou o Relatório Trabalho e Família (2009), instituindo recomendações para a elaboração de políticas públicas de proteção para as pessoas envolvidas com os cuidados com a família. A Recomendação nº 165 da Organização Internacional do Trabalho, citada no relatório “Trabalho e família: rumo a novas formas de conciliação com corresponsabilidade social” (2009), especifica medidas de apoio para garantir o acesso, permanência e reintegração ao trabalho para homens e mulheres com responsabilidades familiares. Reúne medidas destinadas ao melhoramento das condições de trabalho e da qualidade de vida, bem como de redução e flexibilidade da jornada de trabalho. Propõe medidas que propiciem horários de trabalho em tempo parcial, temporários e trabalhadores em domicílio.

Ainda com relação no referido Relatório, nele assume-se que tanto os homens como as mulheres são responsáveis por seus/suas filhos/as e, em função disso, propõe-se que ambos possam fazer uso de uma licença parental posterior à licença maternidade. Estabelece-se que homens e mulheres deveriam poder obter uma licença em caso de enfermidade do/a filho/a ou de outro membro de sua família direta e recomenda aos governos assegurar, por meio de leis, incentivos, estímulos e oportunidades a mulheres e homens de obterem licenças e benefícios referentes à maternidade ou paternidade; promovendo a distribuição das responsabilidades

familiares igualmente entre homens e mulheres e promover medidas que facilitem a amamentação às mães trabalhadoras.

Se antes a família devia ser o suporte do sistema produtivo mediante a divisão de papéis e funções, hoje essa divisão representa um obstáculo e uma carga às exigências de produção individual para o mercado. Isto produz uma tensão entre vida familiar e vida laboral. As soluções privadas para essa questão têm gerado novos problemas relacionados com o custo e qualidade dos cuidados não parentais e dos filhos pequenos, um mau desempenho na função parental, uma tensão psicológica, ansiedade, irritação frequente, depressão e estresse laboral. A dificuldade de desempenhar múltiplos papéis afeta as pessoas e as organizações, pois eleva os níveis de absenteísmo e rotatividade. Sendo assim, são necessárias políticas para aumentar o tempo disponível para a família tais como: (a) Redução da jornada de trabalho; (b) Melhor distribuição do trabalho doméstico em termos de gênero; (c) Licença para nascimento do filho.

Segundo Sunkel (2008), a variação das políticas de licença paternidade deve apontar para a igualdade de gênero com políticas que estimulem os homens com incentivos para que tomem a licença a que têm direito. Os resultados de pesquisas sobre políticas de permissão familiares mais generosas apontam para os países sociais democratas (Dinamarca, Suécia, Noruega e Finlândia). Para esse autor, os países Holanda, França, Alemanha e Bélgica oferecem benefícios muito menos generosos às mães (entre 12 a 16 semanas pagas) e provisões e incentivos relativamente baixos para os pais. Os países liberais (Inglaterra e Estados Unidos) são os únicos dos 10 países considerados no estudo do referido autor que têm uma política nacional de apoio para as famílias.

O estímulo para igualdade de gêneros é débil. Se as licenças maternidade são comparáveis, isso não ocorre com o pai. Se a participação do pai no cuidado infantil está presente na legislação através da licença paternidade, não se reconhece ao homem o direito de usar tempo de seu trabalho para destinar aos cuidados familiares, então as licenças familiares na América Latina, apontam para a desigualdade de gênero. As políticas de definição da jornada de trabalho na América Latina não são amistosas com a família e a mulher, pois as mesmas são excessivamente extensas e não deixam tempo para os cuidados familiares e, porque as licenças familiares têm um viés de gênero que não incorpora o homem na participação com os cuidados familiares, são necessárias também políticas referentes à economia do cuidado, sendo que o cuidado se refere aos bens e atividades que permitem as pessoas se alimentarem, educarem-se, estarem sãs e viverem em um local propício. Abarca

tanto o cuidado material, que implica um trabalho, o cuidado econômico que implica o custo e o cuidado psicológico que implica o vínculo afetivo, inclui o trabalho remunerado que realizam principalmente as mulheres, cuidados intergeracionais, cuidado infantil, e dos adultos maiores.

Segundo Sunkel (2008), no Relatório da Comissão de Estudos Econômicos para a América Latina – CEPAL, o papel da família na proteção social na América Latina vem sofrendo profundas mudanças à medida que grandes transformações em sua estrutura e comportamento vêm ocorrendo com o aumento do número de divórcios, separações, nascimentos de mais filhos fora do casamento, redução do número de filhos que provoca uma crise no modelo tradicional de família e fazem com que a família nuclear com modelo homem/ provedor e mulher/cuidadora não seja mais o modelo clássico encontrado. Conforme o autor, para enfrentar essas mudanças na esfera mundial, os Estados vêm estruturando-se em regimes de Estado de bem estar social tais como: Liberal, Social-democrata e conservador.

O regime do bem estar *social-democrata* tem sua presença nos países escandinavos (Suécia, Noruega, Dinamarca e Finlândia) que consideram que o regime privado de bem-estar social se caracteriza por sua desigualdade e inadequação, buscam substituí-lo por um regime de proteção pública integral que dê cobertura universal dos cuidados e uma ampla provisão de serviços sociais com níveis generosos de benefícios.

No regime do bem estar social-democrata, a promoção do bem-estar é a base da cidadania e, em vez de demonstração de necessidades ou de dependência na relação laboral, incentiva a desfamiliarização e as políticas que minimizam a dependência do indivíduo (em particular a mulher) da família e maximizam o controle do indivíduo sobre os recursos econômicos, independentemente das reciprocidades familiares. O Estado do bem estar é amistoso com a mulher. Já no regime do bem-estar *conservador* presente nos países da Europa Ocidental (Alemanha, Holanda, Áustria, França, Itália e Espanha), conforme Sunkel (2008) verifica a existência do Estadismo, corporativismo e catolicismo que visam a proteger individualmente os trabalhadores, assegurando-lhes a ocupação, mediante estritas normas de contratação e dispensa. O sistema de seguridade é vinculado ao emprego, a família depende do homem como seu principal provedor e os planos de seguro são escassos. A Alemanha é uma exceção à medida que uma grande proporção dos serviços de saúde está nas mãos de associações sem fins lucrativos e combina o familismo e a rede de proteção social com o homem provedor.

O regime do bem-estar *liberal* agrupa os países anglo-saxônicos (EUA, Reino Unido, Nova Zelândia e Austrália) que se caracterizam por um estado residual, a individualização dos riscos e a promoção de soluções do mercado. É residual, pois tem uma definição estreita de quem tem direito aos benefícios sociais e está muito em sintonia com a visão do século XIX de “dar alívio aos pobres”. Tem um enfoque de assistência social baseada em necessidades e, em consequência, um viés em direção a um foco. Promove o mercado como o pilar central, com a adoção de um componente de tributação negativa que oferece um piso mínimo de ingresso aos pobres e trabalhadores de baixos salários e o aumento de incentivos aos setores de maior ingresso para que contratem mais serviços pagos.

Sunkel (2008, p.22-23) pergunta-se: “como se distribuem as responsabilidades entre o Estado, o mercado e a família no regime de bem-estar na América Latina?” Segundo ele é através de critérios de universalidade, solidariedade, integralidade e de sistemas de seguridade que têm ênfase redistributiva e função compensatória das desigualdades sociais através de três tipos de programas:

- A) Os seguros sociais: pensões por aposentadoria e invalidez, seguro desemprego, saúde, acidente, maternidade, etc.,
- B) A assistência social: para superar a pobreza, programas de pleno emprego, saúde, alimentação-nutrição.
- C) As subvenções sociais: subsídios às famílias funcionam como direitos concedidos de maneira individual, o Estado se transformou em um provedor de serviços sociais.

Os princípios que construíram o sistema de seguridade social agora são substituídos por uma visão eminentemente técnica que se apóia no conceito de eficiência financeira. (SUNKEL, 2008, p.22-23).

Para Sunkel (2008, p.23) é necessário que as “Novas Políticas Sociais”:

Superem os modelos de família que tradicionalmente vêm existindo na América Latina; se adequem às mudanças na estrutura familiar e à diversidade crescente de arranjos familiares; tenham orientação amistosa com a família e com a mulher; busquem apoiar as famílias nos seus intentos precários por enfrentarem um aumento crescente de conflitos e demandas sociais; considerem a desfamiliarização, aqueles sistemas de proteção que incentivam a independência econômica da mulher, liberando-as das responsabilidades familiares que restringem sua participação no mercado de trabalho, incorporando a igualdade de gênero.

Para Cabrera (2010), nos EUA, 35,7% dos nascimentos ocorre fora do casamento, este índice é ainda maior entre os americanos de origem africana, com taxa de 70%. Para ele, estimativas recentes sugerem que, em comparação com o pai casado, quase metade dos solteiros irá se tornar não-residente pelo terceiro aniversário de seu filho e que

este índice é ainda mais desproporcional no caso de famílias de baixa renda. O que sugere que políticas públicas de apoio ao casamento devam ser mais praticadas pelos governos.

As “políticas familiares”, segundo Petrini (2007, p.226)

Indicam um campo de atuação transversal a qualquer sistema de ação pública, privada ou mista. Elas podem interessar não apenas as instituições da administração pública, mas a diferentes sujeitos sociais, públicos e privados, que desenvolvam interesses com relação à família. Elas constituem um campo de atuação com uma pluralidade de atores: o Estado, o mercado, as associações (o privado e social) e o sistema das famílias.

A administração pública, quando realiza políticas familiares, não se move no horizonte do Estado assistencial, mas no subsidiário, que considera as famílias como atores responsáveis no plano público. Que o Estado seja subsidiário significa que tem o dever de intervir para fortalecer a família (especialmente em suas relações), mas precisa, simultaneamente, valorizá-la e promovê-la, para que seja protagonista de sua vida, nunca a substituindo em suas tarefas e responsabilidades.

Para Cabrera (2010, p. 518) “o meado dos anos 90, nos EUA, representou um ponto importante de mudança nas pesquisas e políticas sobre o pai porque a Administração do Presidente Clinton (1992-2000) trouxe o alarme da ‘América sem Pai’”. Nesse governo iniciaram, então, pesquisa sobre a paternidade, que resultou num imprevisto surgimento de interesses sobre políticas e pesquisas sobre o tema. Esse período também contribuiu com a próxima Administração (Presidente G. W. Bush, 2000-2008), que acompanhou as mudanças nas políticas públicas para a família. Nos Estados Unidos, o período de tempo desde os anos 90 até hoje é marcado por políticas públicas direcionadas à pobreza infantil, mudanças demográficas da família, uma mudança cultural na nossa forma de ver o pai e as iniciativas de casamento sadio.

Para Barker e Verani (2008, p.51-55), no Brasil poucas iniciativas apoiadas pela UNICEF e outras organizações, envolvem os pais sobre a questão dos direitos da infância e a redução da violência contra crianças. A partir de tal constatação, os autores promovem discussões sobre o papel do pai nesse contexto e recomendam:

Rever as políticas vigentes e suas influências na participação dos homens como pais; rever as políticas nacionais, incluindo a saúde da mãe e da criança (particularmente o envolvimento do pai no nascimento da criança) para considerar o envolvimento do homem; revisar as políticas nacionais de trabalho para estudar formas de um maior engajamento do pai, dando a clara conexão entre emprego do homem e sua participação como pai; estudar maneiras de desenvolver políticas alternativas ainda na infância para um maior envolvimento do pai; dar suporte a paternidades alternativas, inclusive reconhecendo e apoiando os direitos dos casais homossexuais de formar uniões civis ou casamentos, de adotarem crianças e ou de terem suas próprias crianças através de reprodução assistida; realizar mais pesquisas (inclusive as longitudinais); incorporar perguntas sobre o papel do homem

como pai na vida das crianças nos censos nacionais já existentes; o papel do homem na família como pais continua confundido por ideias normativas do que o homem deveria fazer.

Verificou-se nos relatórios as visões de outros (mulheres, crianças, provedores de serviços) sobre o homem em lugar da sua própria visão; adicionalmente, o papel do homem na família tem sido constantemente visto como instrumental, ou para servir as necessidades de outros, em lugar de entender como os homens definem suas próprias necessidades; promover a igualdade dos sexos, naturalmente, requer o engajamento do homem nas necessidades e cuidados dos outros. Mas o homem pode e deve ter interesse próprio na mudança.

O engajamento positivo como pais e cuidadores é um poderoso e frequentemente esquecido fator de motivação para os homens tornarem-se mais envolvidos em formas positivas na vida de suas famílias.

As novas políticas deveriam partir de uma concepção ampla de família, considerando: (a) a emergência dos novos arranjos familiares, que destaca a coabitação como alternativa ao matrimônio; (b) a redefinição de cuidados e proteção intergeracional; (c) uma maior conciliação entre trabalho e reprodução doméstica que considere o avanço tecnológico e, ao mesmo tempo, represente uma nova articulação entre o trabalho e o mercado, o trabalho doméstico e a provisão do bem estar por parte do Estado.

Para Sunkel (2008), na América Latina, podemos dizer que existe uma ausência absoluta de política pública de cuidado que alimenta o círculo vicioso, os lugares que podem enfrentar o custo de contratar os serviços privados de cuidado têm mais possibilidades de eleger a combinação entre trabalho e responsabilidades entre seus membros. Este mesmo círculo vicioso se repete com relação aos cuidados dos idosos. A ausência dessas políticas revela um grau quase nulo de desfamiliarização dos regimes latino-americanos e revela também a concepção predominante e definitiva, que as famílias podem se encarregar da maioria das funções relacionadas ao bem estar.

Segundo Lyra (2008), no Brasil, o Ministério da Saúde tenta cumprir seu papel ao apresentar um projeto de formulação da Política que deve nortear as ações de atenção integral à saúde do homem, visando estimular o autocuidado e, sobretudo, o reconhecimento de que a saúde é um direito social básico e de cidadania de todos os homens brasileiros. Em maio de 2009, o documento foi apresentado à Comissão Intergestores Tripartite (CIT) com as contribuições do Grupo de Trabalho de Atenção à Saúde. A Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do Homem deve considerar a heterogeneidade das possibilidades de ser homem.

Com a Lei de Acompanhamento no Parto (LEI Nº 11.108, DE 7 DE ABRIL DE 2005), verificamos uma conquista na área de políticas públicas no Brasil, com a proposta que alterou a Lei no 8.080, de 19 de setembro de 1990, que garantiu às parturientes o direito à presença de acompanhante durante o trabalho de parto, e pós-parto imediato, no âmbito do Sistema Único de Saúde - SUS.

É interessante observar que não há nenhum órgão que proteja, exclusivamente, os direitos do pai, do homem e sua carência de representação no Estado moderno é flagrante.

O princípio da igualdade que norteia a Constituição de 1988 promoveu a isonomia de direitos, o que produziu uma revolução no direito de família, pois atribuiu à mãe direitos iguais aos do pai na administração da família, guarda e manutenção da estrutura familiar e extinguiu qualquer ação discriminatória no que diz respeito aos filhos.

Notamos na publicação do Relatório da Promundo e do Fundo de População das Nações Unidas (UNFPA, 2009), intitulado “Homens, masculinidade políticas públicas”, uma tendência a um início de mudança na perspectiva e abordagem das políticas públicas com relação à paternidade. O relatório tem como objetivo:

Fornecer estratégias sobre como alcançar um impacto positivo na mudança de atitudes e comportamentos de homens jovens e adultos, em relação à saúde sexual e reprodutiva, a prevenção do HIV, a violência de gênero e ao exercício da paternidade (UNFPA, 2009 p.2).

Segundo esse relatório, o apoio para a criação dos filhos e filhas é um tema importante na formulação de políticas públicas, uma vez que, como visto anteriormente, o Brasil é o país que apresenta maior percentual de casas chefiadas por mulheres na América Latina (33,81%). Nas políticas de transferência de renda é fundamental incluir questões sobre maternidade e paternidade uma vez que as atuais políticas colocam os homens numa posição de “provedores” e não cuidadores (o que ficaria à cargo das mulheres). Com relação às políticas de saúde destaca-se que os serviços de saúde ainda operam numa “lógica materno-infantil”, necessitando de um maior engajamento do homem e pai nesse espaço.

Em relação à população prisional, argumenta-se que no Brasil tal população é de 95,5% de homens e que desde 2003 o País conta com uma Política Nacional de Saúde no Sistema Penitenciário, existindo o Programa Nacional de Segurança Pública com Cidadania (PRONASCI), porém suas ações são recentes e carecem de sistematização e avaliação, no entanto, parece necessário aprofundar o recorte de gênero nessas ações, pois “corre-se o risco de reforçar o papel de cuidadora das mulheres, enquanto os homens continuam a serem vistos como naturalmente violentos e ausentes desses processos” (PROMUNDO, 2009 p. 29).

Diante de tudo que foi apresentado no presente tópico, percebe-se a necessidade de uma revisão nas políticas atuais no sentido de promover a participação de homens como pais e criação de mecanismos de apoio à paternidade.

2.2 O PAPEL, A CONSTRUÇÃO DO CAPITAL HUMANO E SOCIAL E O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

2.2.1 A definição de papel e a construção de capital humano e social

O papel do pai será estudado neste trabalho, numa perspectiva de sua relação com o meio ambiente interno à família bem como, com relação ao meio ambiente externo a esta, que é a sociedade. Buscando-se entender a sua importância para a formação de capital humano e social, se tomou por base as teorias psicológicas e sociológicas de Moreno (1954; 1973), Coleman (1988) e Bustos (1979). Para tanto, necessário se faz o entendimento dos conceitos que nortearão as análises que serão conduzidas nesse processo, tratando-se de definir os elementos básicos que constituem o papel e a construção de capital humano e social.

No Psicodrama “papel consiste nas formas mais reais que o eu adota e possui elementos coletivos e individuais que o caracterizam e o diferenciam. Os aspectos capitais daquilo que chamamos “eu” aparecem nos papéis em que atuamos.

O papel aparece antes que surja o “eu”. Não são os papéis que emergem do eu, mas sim, o “eu” que emerge dos papéis, como por exemplo: uma pessoa pode desempenhar vários papéis sociais. Estes papéis são a forma como o eu se apresenta socialmente. (MORENO, 1973, p. 209).

Na teoria de papéis de Moreno (1954), estes são hierarquizados a partir da sua escala evolutiva, em três níveis, a saber: (a) os papéis psicossomáticos que são aqueles relacionados às funções fisiológicas, indispensáveis e relacionados com o meio: comer, dormir, defecar, etc. Eles estabelecem um eixo entre o ambiente e o indivíduo, constituem os tutores sobre os quais se vai desenvolver o eu; (b) os papéis sociais, que correspondem às funções públicas assumidas pelo indivíduo, são adquiridos na matriz de identidade dos grupos aos quais se vai pertencendo, logo, seu número e características dependerão da referida matriz e (c) os papéis psicodramáticos, que expressam a dimensão do eu, são todos aqueles que surgem da atividade criadora do indivíduo. Envolvem os papéis preexistentes como os da fantasia, já que aquilo que os caracteriza é a matriz criativa e não o seu caráter em si.

Sendo assim, nota-se que o papel do pai é um papel social e, como tal, desenvolve-se a partir da sua matriz de identidade, ou seja, os grupos a que pertence ou pertenceu como a família e as organizações sociais.

No presente estudo adotou-se a definição de papel como sendo “uma unidade de experiência sintética em que se fundiram elementos privados, sociais e culturais” (MORENO, 1993, p. 238), é a forma de funcionamento que o indivíduo assume no momento específico em que reage a uma situação específica, na qual outras pessoas ou objetos estão envolvidos. O papel é o conjunto de atividades de um indivíduo que ocupa determinada posição em uma sociedade. Os requisitos para exercê-lo podem ser óbvios para o indivíduo, em virtude de seu conhecimento do processo técnico, da tarefa e do contexto em que está inserido, ou podem ser-lhe comunicados pelos outros membros da sociedade que solicitam ou dependem de seu comportamento de papel para que possam atender às expectativas de seus próprios desempenhos.

A sociedade, assim, pode ser considerada como um conjunto de papéis ou de grupos que se superpõem, cada qual formado de pessoas que têm tais expectativas quanto a determinado indivíduo. Sendo assim, a sociedade é uma estrutura de papéis, pois, segundo os fundamentos da sociometria de Moreno (1954, p.61), “os indivíduos e suas interações devem ser tratados como a estrutura nuclear de cada situação social”.

Segundo Coleman (1988), a sociedade também pode ser vista como composta por atores sociais que tanto são governados por normas, quanto pelo auto-direcionamento e, segundo este autor, essas relações geram capital social que pode ser entendido como um recurso para as organizações (atores corporativos), quanto para as pessoas e gera efeitos na geração de capital humano para as próximas gerações. Para ele, ambos o capital social na família e na comunidade, desempenham papéis na geração de capital humano para as próximas gerações.

O capital social é definido pela sua função, não é um simples conceito mas uma variedade de diferentes conceitos com dois elementos em comum: todos se constituem de algum aspecto da estrutura social e facilitam certas ações dos atores (pessoas ou atores corporativos) dentro da estrutura. Como outras formas de capital, o capital social é produtivo, tornando possível atingir alguns fins que na sua ausência seria impossível. Como o capital físico e o capital humano, o capital social não é completamente tangível, mas é específico para certas atividades. Uma certa forma de capital social que pode ser útil e de grande valor de facilitação para alguns atores pode ser inútil ou ruim para outros. (COLEMAN, 1988, p.98).

Assim, a sociedade é composta de papéis inseridos em redes de relações que promovem a geração de capital social. Se observarmos a estrutura detalhada de uma coletividade,

verificaremos a posição concreta que o indivíduo ocupa nessa estrutura e veremos o núcleo de relações que foi constituído ao redor de cada indivíduo: mais rico ao redor de alguns, mais pobre ao redor de outros. Esses núcleo de relações constitui o que Moreno (1988) chamou de estrutura social, ou o “átomo social”, e este átomo social é um eixo que assume uma função importante na formação da sociedade humana. Certas partes desses átomos sociais parecem limitar-se aos indivíduos que participam dos elos, outras partes se relacionam com partes de outros átomos sociais e estes últimos, por sua vez, com outros, formando, assim, cadeias complexas de inter-relações que, segundo Moreno (1954), são chamadas redes sociométricas.

Quanto mais antiga a rede, mais eixos se estendem e mais importante parece a contribuição do indivíduo em sua constituição. Desse ponto de vista, essas redes têm por função formar a tradição social e a opinião pública. Deste modo, um átomo social (a pessoa, o pai) está composto por um grande número de estruturas que, por sua vez, formam parte de uma configuração mais ampla – as redes sociais – que unem e separam grandes grupos de indivíduos segundo suas relações. As mesmas redes sociais formam parte de uma unidade mais considerável: a geografia social de uma coletividade. Por fim, a coletividade é parte integrante de uma configuração mais ampla: a totalidade social ou a sociedade humana, (MORENO,1954).

Enriquecendo o conceito de papel e a sua interação com a sociedade, Coleman (1988) apresenta uma teoria sociológica baseada na junção de duas correntes teóricas diversas, sendo que uma vê o ator como sociável e governado por normas, regras e obrigações sociais e sua ação é constantemente redirecionada pelo contexto social; e outra que vê o ator como autor de seus objetivos e metas e que age de forma independente e totalmente autodirecionado, visando a maximização de utilidade. Ele propõe uma teoria sociológica relacional que inclui comportamentos de ambas as correntes, transformando-as em uma única teoria. Segundo essa proposta, o ator tem controle sobre seus recursos e interesses diversos. O comportamento, para Coleman (1988), é função das relações estabelecidas pelo ator no seu meio ambiente, sendo que essas relações se constituem em recursos para o ator e geram o capital social.

Quando, neste trabalho, mencionar-se o conceito do papel do pai na sociedade contemporânea, tentar-se-á integrar a definição de papel na abordagem sociodramática e relacional, pois, o papel será estudado como um átomo social que responde pela sua interconexão com os demais elos das redes sociais diversas e, desta forma, estará contribuindo para a formação de capital humano e social.

2.2.2 O Sociodrama e a Teoria Relacional

O Sociodrama pode ser definido como “socius” (que significa sócio), o outro indivíduo e drama, que significa ação. Logo, Sociodrama significa ação em benefício de outro indivíduo, de outra pessoa. Pode-se estabelecer um paralelo entre Psicodrama e Sociodrama, sendo que o Psicodrama é um modelo de ação profunda, lidando com relações interpessoais e ideologias particulares, enquanto o Sociodrama é um método também de ação profunda, mas que trata das relações intergrupais e das ideologias coletivas. A abordagem psicodramática está dirigida para problemas pessoais e tem como objetivo a catarse pessoal. O enfoque sociodramático trata de problemas sociais e tenta obter a catarse social. Tal enfoque baseia-se no princípio de que o homem tem papéis a desempenhar e que cada indivíduo se caracteriza por uma variedade de papéis que regem o seu comportamento.

Segundo Moreno (1954), o verdadeiro sujeito do Sociodrama é o grupo e esse não está limitado a um número especial de indivíduos, pode consistir de tantas pessoas quanto seres humanos que vivam em qualquer lugar, ou pelo menos, pertençam à mesma cultura. É o grupo que tem que ser analisado para resolver os seus problemas, porque o grupo corresponde ao indivíduo no Psicodrama. Sendo assim, o Sociodrama é um instrumento de ação profunda que desenvolve métodos baseados numa dada cultura e não nos indivíduos privados. Da mesma forma, o papel do pai pode ser abordado como um papel social, desenvolvido por um grupo de pessoas que enfrentam problemas comuns, podendo ser tratados também de forma coletiva.

O Sociodrama induz uma abordagem dos problemas antropológicos e culturais, é um método de verificação experimental, que tem por base o pressuposto de que o homem é um interprete de papéis e se caracteriza por um certo repertório dominante e dominado do seu comportamento ou seja, ora é protagonista de suas ações, ora é mero cumpridor de normas sociais que lhes são determinadas e ainda, que qualquer cultura é caracterizada por um certo conjunto de papéis por ela impostos, com variável grau de êxito de seus membros nos seus desempenhos, Moreno (1954). Assim, necessária se faz a análise do papel do pai tanto em nível individual, do sujeito, quanto coletivo, do grupo de homens que possuem filhos.

Os elementos essenciais para o trabalho sociodramático estão na compreensão do homem a partir de uma estrutura de vínculos. Segundo Bustos (1979), existem dois tipos de vínculos: os vínculos simétricos que têm nomes próprios, e os vínculos assimétricos que devem ser nomeados pelos próprios papéis de integração. Assim, por exemplo, esposas, amantes, irmãos, companheiros, amigos, são todos vínculos simétricos, com responsabilidades equivalentes. De outro lado, existem vínculos assimétricos tais como:

professor-aluno, pai-mãe-filho, patrão-empregado, etc. Esses vínculos não possuem nomes específicos e devem ser nomeados pelos dois papéis que os compõem. As regras do jogo são, por definição, as mesmas para ambos, o que condiciona uma variedade de encontros que escapam a certa idealização. É no encontro entre os papéis, através das complementaridades de suas diferenças, que se processa o vínculo e se estabelecem as redes de relações sociais, ou seja, é no encontro entre o papel do pai e do filho; do pai e da esposa e do pai-filho-esposa, que se constitui a rede familiar, é através da negociação ou da partilha entre as diferenças individuais que se produz a complementaridade e se estabelecem os vínculos e redes mais ou menos sólidas.

O vínculo é sempre um vínculo social, mesmo que com uma só pessoa. Através da relação com essa pessoa, repete-se uma história de vínculos determinados em tempo e espaço específicos. Apesar de o vínculo ser uma entidade dinâmica, em movimento contínuo, podemos compreender, em sua estrutura, vários aspectos que ampliam o conceito, e para melhor compreender este conceito, o Sociodrama nos traz a necessidade de desenvolvimento da espontaneidade como forma de tornar os vínculos mais autênticos trazendo criatividade e liberdade de ação para os sujeitos. A teoria sociodramática tem como pedra angular o desenvolvimento da espontaneidade no treinamento de papéis, buscando a complementaridade, que resulta no encontro e em uma nova ordem social.

A importância do vínculo ou envolvimento entre pais e filhos como fator para o desenvolvimento escolar das crianças e como forma de geração de capital social, foi estudado por Coleman (1988), através de uma pesquisa envolvendo 50.000 crianças nos E.U.A. A Tabela 01, a seguir, apresenta as relações entre as taxas de abandono escolar da criança e a presença dos seus pais, o número de irmãos e expectativa da mãe sobre a educação dos filhos encontradas no referido estudo.

Tabela 1 - Taxas de abandono escolar para estudantes de famílias que diferem em capital social, controlando o capital humano e financeiro

	Percentual de Abandono	Diferenças Percentuais
<i>1. Presença dos pais:</i>		
<i>Pai e mãe</i>	13,1	6,0
<i>Apenas um dos pais</i>	19,1	
<i>2. Crianças adicionais</i>		
<i>Um irmão</i>	10,8	
<i>Quatro irmãos</i>	17,2	6,4
<i>3. Pais e crianças</i>		
<i>Dois pais, um filho</i>	10,1	
<i>Um dos pais, quatro filhos</i>	22,6	12,5
<i>4. Expectativa da mãe sobre a educação dos filhos</i>		
<i>Expectativa sobre o colégio</i>	11,6	
<i>Nenhuma expectativa sobre o colégio</i>	20,2	8,6
<i>5. Três fatores juntos</i>		
<i>Dois pais, um filho, expectativas da mãe sobre o colégio.</i>	8,1	22,5
<i>Um dos pais, quatro filhos, nenhuma expectativa sobre o colégio.</i>	30,6	

Fonte: COLEMAN, James, Social Capital in the Creation of Human Capital. The American Journal of Sociology, Vol. 94, Supplement: Organizations and Institutions: Sociological and Economic Approaches to the Analysis of Social Structure, 1988, p. S95-S120.

Verifica-se, no referido estudo, que a ausência física (ou a falta de vínculos/envolvimento) é considerada carência, pois as famílias monoparentais ou famílias nucleares onde os dois pais trabalham, apresentam crianças com taxas de abandono escolar maiores que as famílias nucleares onde os pais se preocupam com o desempenho escolar de seus filhos, o que determina que deve existir uma forte relação entre a criança e os pais na construção das gerações futuras. O capital social dentro da família requer a presença física (ou vínculo/envolvimento) dos adultos, como também a atenção dada pelos adultos à criança. O autor conclui, em sua pesquisa, que a frequência das conversas com pais sobre as experiências pessoais não apresentam necessariamente relação com o indicador de abandono escolar. Por outro lado, tomados juntos (a ausência dos pais, um número maior de filhos e a falta de expectativa dos pais sobre o desempenho dos filhos no colégio) os dados indicam que o capital social, advindo dos vínculos e envolvimento entre pais e filhos na família é um recurso para a educação da criança, como também o capital financeiro e humano.

Analisando-se o sistema educacional brasileiro, nota-se a necessidade de se repensar essa realidade, pois o Brasil possui as mais altas taxas de abandono no ensino, em relação aos países do Mercosul, bem como a taxa de escolarização líquida do adolescente na Região Nordeste é uma das mais baixas do Brasil, aliado ao fato de que essa Região apresenta uma proporção de pessoas com renda inferior a um quarto do salário mínimo, cinco vezes maior que na região Sudeste (PNAD, 2007). Esses dados nos mostram a necessidade de serem buscadas novas formas de pensar o desenvolvimento pois, a nova realidade que está emergindo é impregnada de complexidade, de paradoxos e de incerteza organizacional e social. Desta forma, o Sociodrama, aliado à Teoria Relacional e ao conceito de capital social, envolvendo o desenvolvimento dos papéis sociais na família e nas organizações, podem ser vistos como instrumentos que buscam desenvolver a criatividade e a geração de capital humano e social e que poderão contribuir no processo de desenvolvimento social sustentável.

2.2.3 Aprendizagem de papéis, a paternidade e o desenvolvimento sustentável.



Fonte: Oersted Park, Copenhagen. Foto gentilmente cedida por Jaan Valsiner, nov. 2012.

Segundo a teoria sociométrica, (BUSTOS, 1979), os papéis podem apresentar algumas discrepâncias em seu desempenho, tais como: (a) discrepância de expectativa; (b) discrepância de papel e (c) discrepância de desempenho. O Sociodrama atua de forma a facilitar o processo de flexibilidade pessoal para corrigir as discrepâncias, permitindo aos sujeitos, através da dramatização, superarem a rotina da vida do grupo através de situações experimentais, que lhes permitem testar toda uma variedade de funções e de papéis. As situações formam o indivíduo de tal maneira que ele chega a adaptar-se perfeitamente ao papel. Deste modo, a aprendizagem da espontaneidade, como método de desenvolvimento, é superior à aprendizagem proporcionada pela própria vida.

A aprendizagem, com vistas à conduta flexível com relação às pessoas e aos papéis diferentes, prepara o homem para enfrentar a instabilidade do ambiente externo com maior probabilidade de êxito. O problema da aprendizagem não consiste em provocar nem manter hábitos, mas sim, em formar a espontaneidade, desenvolvendo no homem o hábito de praticá-

la. Esta metodologia consiste em elaborar uma série de situações nas quais podem ser encaradas certas atitudes específicas.

Os papéis são unidades culturais e, portanto, possuem características e peculiaridades próprias da conduta em que se estruturam. O processo de aprendizagem de um papel chama-se “jogar o papel” (*role playing*) ou desempenhá-lo, “tomar o papel” (*role taking*) e “enriquecer o papel” (*role creating*). No caso do papel de médico, a aprendizagem universitária corresponde a jogar o papel, o exercício da profissão, uma vez graduado, tomar o papel, e o transformar o exercício da profissão na arte de curar, criar o papel. Desempenhar um papel é receber um papel, desempenhar um papel é assumir um papel, são processos que se complementam nas primeiras fases da aprendizagem. São inseparáveis. Nesse contexto, em decorrência de que o papel do pai vem sofrendo uma reestruturação em função das mudanças sociais que lhe imprimem uma nova forma de desempenho, nota-se a necessidade de um esforço integrado entre governantes, pesquisadores e a sociedade como um todo, no sentido de garantir apoio às novas formas emergentes de paternidade, para que esse novo papel possa ser desempenhado adequadamente pelo homem.

Conforme Fursman e Calliter (2009), os pais necessitam ser inseridos nas comunidades de cuidados como as creches, famílias, escolas, unidades de saúde, etc. Necessária se faz a conscientização dos atores sociais sobre a necessidade do papel do pai na sociedade, visando um maior apoio aos filhos no sentido de afastá-los da criminalidade e no desenvolvimento de pessoas saudáveis e responsáveis socialmente, gerando, assim, um capital humano e social para as novas gerações e propiciando o desenvolvimento sustentável.

segundo Andrade, Tachizawa e Carvalho (2000, p.6),

Os termos desenvolvimento e crescimento econômico eram usados de forma indistinta. Não obstante, o avanço do debate na sociedade trouxe como corolário a necessidade de distinguir os termos e hoje, crescimento econômico é entendido como crescimento contínuo do produto nacional em termos globais ao longo do tempo, enquanto desenvolvimento econômico representa não apenas o crescimento da produção nacional, mas também a forma como esta é distribuída social e setorialmente.

Assim, o desenvolvimento do papel de pai, trará uma contribuição social, pois este está inserido em redes de relações e vínculos sociais, que possibilitarão uma maior inserção social da criança e, como consequência, o desenvolvimento de capital humano e uma melhor distribuição da riqueza na sociedade.

Neste sentido, a “reconstrução do papel do pai” na sociedade brasileira é de crucial importância e, por esta razão, pretende-se, através desta pesquisa, discutir a concepção dos

pais sobre o seu papel, tendo como norteadores os quinze fatores determinantes da paternidade de Palkovitz (1997) e os três fatores de Michael Lamb (2004; 2010).

Consequentemente, necessário se faz, que os políticos e líderes sociais tracem novas formas de engajar o pai nas redes que auxiliam o desenvolvimento infantil e social, com vistas a um desenvolvimento sustentável. Segundo Dowbor (1999, p.8):

A área social, hoje, é o negócio. A transformação é profunda. No decorrer de meio século, passamos de uma visão filantrópica, de generosidade assistencial, de caridade, de um tipo de bálsamo tranquilizador para as consciências capitalistas, para a compreensão de que a área social se tornou essencial para as próprias atividades econômicas. Esta mudança profunda de enfoque foi positiva. Em outros termos, o enfoque correto não é que devemos melhorar a educação porque as empresas irão funcionar melhor: a educação, o lazer, a saúde, constituem os objetivos últimos da sociedade, e não um mero instrumento de desenvolvimento empresarial. A atividade econômica é um meio, o bem-estar social é o fim.

Segundo as Políticas para Crescimento Equilibrado e Inclusivo do Relatório da Conferência das Nações Unidas para o Comércio e o Desenvolvimento Sustentável (UNCTAD, 2012), uma reorientação fundamental da política é necessária, reconhecendo que o saudável e inclusivo crescimento exigirá uma expansão estável de consumo e de investimento em capacidade produtiva com base em expectativas favoráveis de renda da população trabalhadora e das expectativas positivas da demanda pelos empresários. Isso requer um repensar dos princípios subjacentes ao projeto de economia nacional política de apoio e arranjos institucionais internacionais.

Ainda segundo as Políticas para Crescimento Equilibrado e Inclusivo do Relatório da Conferência das Nações Unidas para o Comércio e Desenvolvimento (UNCTAD, 2012, p1),

Reaprender algumas velhas lições de justiça e participação é a única maneira de enfrentarmos a crise e alcançarmos um desenvolvimento econômico sustentável. Uma política monetária baseada em princípios e incluindo salário mínimo legal e uma sólida rede de segurança social para famílias pobres, não irá prejudicar as estratégias econômicas de sucesso baseadas no dinâmico investimento e estabilidade monetária. Pelo contrário, irá ajudar a estabilizar as expectativas de resultados das famílias e seus consumos, juntando o determinante mais importante da demanda efetiva na maioria das economias à expansão do potencial de produção. Além do mais, irá possibilitar a política monetária a estar mais próxima do estímulo ao investimento e crescimento. Finalmente, irá prover a flexibilidade para lidar com choques de queda na demanda sem grandes rupturas, e irá ajudar a prevenir ajustes na queda da demanda que é o resultado de políticas monetárias restritivas.

Dessa forma, nota-se a importância da família e da inserção do papel do pai nas “redes de segurança social” e de cuidados com a criança e com o lar, uma vez que o pai constitui-se em um rico recurso ainda não potencialmente aproveitado.

Voltando nosso foco para o Brasil, em termos de recursos, é importante lembrar que ele não é um país que gasta pouco com o social. Essencialmente, gasta mal. O apoio aos flagelados do Nordeste se transformou em indústria da seca, o complemento alimentar nas escolas em indústria da merenda, a saúde na indústria da doença, a educação está rapidamente caminhando para se tornar um tipo de indústria do diploma. A área social precisa hoje muito mais de uma reformulação político-administrativa do que propriamente de mais dinheiro. Ainda referindo-se ao Brasil, Segundo Dowbor (1999, p.9):

Não há fórmula universal na área social. Como demonstra a riqueza do projeto médico de família, por exemplo, a dimensão diferenciada de relações humanas é fundamental nas políticas sociais. Uma das mais significativas riquezas do desenvolvimento local resulta justamente do fato de se poder adequar as ações às condições extremamente diferenciadas que as populações enfrentam. Isto não implica, naturalmente, que as políticas sociais possam se resumir à ação local, às parcerias com o setor privado, e à dinâmica do terceiro setor. A reformulação atinge diretamente a forma como está concebida a política nacional nas diversas áreas de gestão social, colocando em questão a presente hierarquização das esferas de governo, e nos obriga a repensar o processo de domínio das macroestruturas privadas que dominam a indústria da saúde, os meios de informação, os instrumentos de cultura.

Nota-se, também, que as tendências recentes da gestão social nos obrigam a repensar formas de organização social, a redefinir a relação entre o político, o econômico e o social, a desenvolver pesquisas cruzando as diversas disciplinas, a escutar de forma sistemática os atores estatais, empresariais e comunitários. Segundo De Paula (2005, p. 46), “Trata-se de lidar com uma complexidade que requer uma visão mais estratégica, participativa e solidária”, de um universo em construção onde se procurará uma maior interação entre o trabalho e o cuidar, buscando-se uma sociedade mais justa onde o desenvolvimento das habilidades do ser humano e suas relações sociais, sejam encarados como uma forma de propiciar o verdadeiro desenvolvimento sustentável.

2.3 O ESTUDO

Assim, a presente pesquisa de doutorado tem como objetivo geral compreender e discutir o papel do pai na sociedade contemporânea, a partir das concepções de pais de diferentes níveis socioeconômicos do Estado da Bahia.

Os objetivos específicos são:

1. Compreender o papel do pai a partir do envolvimento dos participantes seguindo as quinze categorias estabelecidas por Palkovitz⁵ (1997) e as três categorias de Lamb (2004, 2010);⁶
2. Identificar que fatores influenciam o grau de envolvimento do pai com a criança;
3. Identificar as diferenças entre o envolvimento paterno dos participantes de níveis socioeconômicos diversos.

5 As 15 categorias estabelecidas por Palkovitz (2011): planejar, prover, proteger, dar suporte emocional, comunicar, ensinar, monitorar, preocupar, acompanhar, estar disponível, ser afetuoso, cuidar, manter, dividir atividades, dividir interesses.

6 As três categorias estabelecidas por Lamb (2004): (a) engajamento, (b) acessibilidade /disponibilidade e (c) responsabilidade.

3 MÉTODO

A metodologia de pesquisa utilizada foi qualitativa, tendo sido efetuado um estudo de caso dos pais que eram funcionários de uma grande empresa estatal da Bahia. Realizou-se um levantamento exploratório a partir da aplicação de entrevistas, direcionadas por um questionário de pesquisa.

3.1 DELINEAMENTO

Para alcançar o objetivo geral de compreender e discutir o papel do pai na sociedade baiana contemporânea, a partir das concepções de pais, de diferentes níveis socioeconômicos, realizou-se um estudo descritivo exploratório.

Conforme Trívino (1987), o método descritivo permite correlacionar as variáveis envolvidas, implicando na identificação de fatores que podem estar relacionados a um fenômeno em particular.

Para Cervo e Bervian (2002), o estudo descritivo visa a pesquisar as características, propriedades ou relações na realidade em que os dados são obtidos.

O estilo da escrita será a narração reflexiva que, segundo Colombo (2005) é o estilo que se caracteriza principalmente por empenho ético: responsabilidade de um discurso sobre o social na consciência do caráter inevitavelmente construído e posicionado por tal discurso. Assim, abre espaço a problematizações, convida o leitor a comparar com outras narrações e a pensar explicações a partir de olhares diversos. Abandona possibilidades de fórmulas impessoais determinísticas e busca avançar em generalizações evidenciando diversas teorias e atividades. Assim, tem como fim não apenas chegar a uma conclusão.

3.2 LOCAL E PARTICIPANTES

Os dados foram coletados em uma empresa estatal de grande porte localizada no Estado da Bahia (Ba), na qual foram selecionados 30 trabalhadores⁷ que eram pais de crianças com idades entre dois e nove anos.

A empresa foi criada em 1971 e as localidades atendidas por ela estão situadas em 358 dos 417 municípios baianos. Tal instituição, no ano de 2012, tinha um total de 4.499 funcionários, sendo 3.288 do sexo masculino e 1.211 do sexo feminino. Ela foi escolhida justamente por conter um número elevado de homens (73%), o que facilitou encontrar participantes com o perfil desejado, ou seja, pais com filhos com idades entre dois e nove anos.

A pedido da doutoranda, a empresa cedeu uma relação contendo os nomes, rendimento dos funcionários que são pais e idades dos(as) filhos(as)⁸. Os funcionários/pais foram agrupados, pela própria instituição, conforme rendimento mensal, em cinco faixas salariais. Tais dados podem ser observados na Tabela 2, a seguir:

Tabela 2 – Distribuição dos funcionários/pais conforme faixas salariais. Bahia, 2012

<i>Faixa salarial*</i>	<i>Quantidade de funcionários/pais</i>
Até R\$ 1.006,20	23
De R\$ 1.006,21 a R\$ 1.888,00	97
De R\$ 1.888,01 a R\$ 2.832,00	49
De R\$ 2.832,01 a R\$ 3.776,00	07
A partir de R\$ 3.776,01	52
Total	228

* O salário mínimo da época da coleta de dados correspondia ao valor de R\$ 545,00.

Foram selecionados 40% (quarenta por cento) dos pais com maior salário, correspondendo a 21 participantes, e 40% dos pais com menor salário, atingindo nove participantes. Assim, obteve-se um total de 30 pais. Para efeito de análise dos dados, foi

⁷ Ob.: Dentre os participantes, 27 trabalham e residem em Salvador (Ba), dois trabalham em Candeias (Ba), sendo que um deles reside nessa cidade, finalmente, um participante reside e trabalha em Camaçari (Ba).

⁸ Só foram incluídos em tal lista pais que tinham filhos com idades de dois a nove anos.

considerado o grupo de 30 pais que foi subdividido em dois subgrupos: um com maior e outro com menor salário.

Para a escolha dos participantes foi efetuado um sorteio, com base na tabela de números aleatórios, para selecionar a amostra de 30 participantes, logo, constituiu-se uma amostra representativa do universo pesquisado.

Os critérios de inclusão foram: estar vinculado à instituição estudada, ser pai de crianças na faixa-etária de dois a nove anos e assinar o termo de consentimento livre e esclarecido.

Tabela 3 – Distribuição dos participantes conforme faixas-etárias. Bahia, 2012

Faixas-etárias (em anos)	Total		Pais com menores salários		Pais com maiores salários	
	Frequência	%	Frequência	%	Frequência	%
De 20 a 29	4	13,3	3	10,0	1	3,3
De 30 a 39	17	56,7	6	20,0	11	36,7
De 40 a 49	7	23,3	-		7	23,3
De 50 a 59	1	3,3	-		1	3,3
De 60 a 69	1	3,3	-		1	3,3
Total	30	100,0	9	30,0	21	70,0

Obs.: Dados obtidos a partir das respostas à questão 1 do roteiro de entrevista.

Verifica-se a maior concentração na faixa-etária de 30 a 39 anos em ambos os grupos de pais. Assim, confirma-se que a paternidade está sendo deixada para mais tarde.

A escolaridade dos entrevistados consta na Tabela 04, a seguir.

Tabela 4 – Distribuição dos participantes conforme escolaridade. Bahia, 2012

Escolaridade	Total		Pais com menores salários		Pais com maiores salários	
	Frequência	%	Frequência	%	Frequência	%
Ensino médio (completo)	3	10,0	3	10,0	-	-
Ensino superi- or (incomple- to)	1	3,3	1	3,3	-	-
Ensino superi- or (completo)	15	50,0	5	16,7	10	33,3

Pós-graduação (incompleta)	1	3,3	-	-	1	3,3
Pós-graduação (completa)	10	33,3	-	-	10	33,3
Total	30	100,0	9	30,0	21	70,0

Obs.: Dados obtidos a partir das respostas à questão 2 do roteiro de entrevista.

Metade dos participantes concluiu o Ensino Superior, sendo que o Ensino Médio e o Ensino Superior incompleto foram encontrados apenas no subgrupo de pais com menores salários. Por outro lado, apenas os pais com maiores salários cursaram Pós-graduação (completa ou incompleta), atingindo 36,6% dos pais.

A etnia ou cor atribuída dos entrevistados são encontradas a seguir.

Tabela 5 – Distribuição dos participantes conforme etnia ou cor atribuída. Bahia, 2012

Etnia ou cor atribuída	Total		Pais com menores salários		Pais com maiores salários	
	Frequência	%	Frequência	%	Frequência	%
Branca	6	20,0	1	3,3	5	16,7
Negra	5	16,7	1	3,3	4	13,3
Parda	18	60,0	7	23,3	11	36,7
Amarela	1	3,3	-	-	1	3,3
Total	30	100,0	9	30,0	21	70,0

Obs.: Dados obtidos a partir das respostas à questão 7 do roteiro de entrevista.

A maioria dos participantes, tanto no grupo de pais de menores salários (23,3%), quanto no grupo de pais de maiores salários (36,7%), atribuiu a si mesmo a cor parda.

As religiões dos entrevistados estão expostas na tabela abaixo

Tabela 6 – Distribuição dos participantes conforme religião. Bahia, 2012

Religião	Total		Pais com menores salários		Pais com maiores salários	
	Frequência	%	Frequência	%	Frequência	%
Católica	10	33,3	-	-	10	33,3
Espírita	6	20,0	1	3,3	5	16,7
Protestante	4	13,3	4	13,3	-	-
Nenhuma	10	33,3	4	13,3	6	20,0
Total	30	100,0	9	30,0	21	70,0

Obs.: Dados obtidos a partir das respostas à questão 8 do roteiro de entrevista.

As percentagens maiores encontradas, tanto para os pais de menores quanto maiores salários, foram na religião católica (33,0%), como também para aqueles que afirmaram não possuírem nenhuma religião (33,0%). A religião católica foi mencionada apenas por pais com maiores salários e a protestante somente por aqueles com menores salários.

Nota-se o elevado percentual de pais que se declararam sem religião (33,3%) equiparando-se ao percentual de respondentes que seguem a religião católica (33,3%), o que seguiu uma tendência nacional verificada no Censo 2010, pois, segundo o IBGE (2010), “com proporções de 65,5% para homens e 63,8% para mulheres, os católicos são, junto com os sem religião (9,7% para homens e 6,4% para mulheres), os que apresentaram mais declarantes do sexo masculino”.

3.3 INSTRUMENTO

Para a coleta de dados foi construído um roteiro de entrevista semiestruturado (Apêndice A) que, segundo Guther (2010) é um conjunto de perguntas sobre um determinado tópico que não testa a habilidade do respondente, mas mede sua opinião, seus interesses, aspectos de personalidade e informação biográfica.

Tal roteiro foi construído utilizando-se como base o referencial teórico sobre o envolvimento paterno dos autores Lamb (2004, 2010) e Palkovitz (1997). Utilizou-se, também, como base para elaboração do instrumento, o roteiro de entrevista da pesquisa Família: Recurso da Pessoa e da Sociedade, desenvolvido pelo Grupo de Pesquisa Família em Mudança do Programa de Pós-graduação em Família na Sociedade Contemporânea da Universidade Católica do Salvador. Foram ainda acrescentadas novas questões que visaram a atender as especificidades do tema estudado, como autoridade e políticas públicas relacionadas ao pai.

O instrumento contém questões abertas e fechadas e é composto dos seguintes itens: (a) dados de identificação do participante; (b) dados sobre a família; (c) rotina do filho de referência; (d) questões sobre a paternidade e (e) questões sobre o grau de envolvimento do pai, autoridade e políticas públicas relacionadas à paternidade.

3.4 PROCEDIMENTOS

Inicialmente procedeu-se a realização de uma revisão da literatura, buscando-se verificar o ponto ao qual chegou o conhecimento sobre paternidade tanto no âmbito nacional quanto internacional. O estudo norteou-se por uma busca de artigos científicos sobre paternidade publicados no SCIELO, Periódicos da CAPES, Sibi (USP), IBICT, Web of Science, livros de diferentes temas, Google Acadêmico, sites de governos nacionais e internacionais e pelos estudos das teorias do Psicodrama, Sociodrama e Teoria Relacional. Nessa incursão foi encontrada pesquisa realizada pela organização não governamental (ONG) Promundo-RJ, que desenvolveu um Relatório sobre a Paternidade na América Latina e Caribe. A partir desse instrumento teve-se acesso aos principais autores do referencial teórico da presente tese de doutorado que são Michael Lamb (2004, 2010), e Palkovitz (1997), também foram estudados diversos Relatórios Governamentais e de ONGS reconhecidas nos países como a Suécia, a Austrália, Nova Zelândia, Países Nórdicos, Inglaterra e Estado Unidos, Europa, Chile e México, no sentido de buscar as tendências e realidade das pesquisas e práticas nesses países. Utilizou-se também de conhecimentos advindos da Filosofia com base nos pensamentos de Foucault (2006), Horkheimer (2008), bem como da sociologia: Castells (2010), entre outros.

Com base em tal revisão, foi construída a metodologia e o roteiro de entrevista. Feito isso, foi solicitada a autorização para a realização do estudo na instituição escolhida para a pesquisa.

O projeto de pesquisa foi encaminhado para análise do Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Tecnologia e Ciências, tendo sido aprovado por esse comitê, e, em seguida, foram agendadas e realizadas as entrevistas em local acordado com cada participante. Tal local garantiu a privacidade necessária para a condução da entrevista sem interrupção e com sigilo. Todos os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (APÊNDICE B). Terminada a coleta de dados deu-se a análise dos mesmos.

3.5 ANÁLISE DOS DADOS

Após a coleta, as entrevistas foram transcritas. As respostas às questões fechadas foram analisadas calculando-se as frequências e percentagens das respostas e obtidos gráficos e tabelas resultantes dessa análise. Foi utilizado o software Predictive Statistical Analysis Software (SPSS) que fornece preditores estatísticos para auxiliarem na análise dos dados.

Para as questões abertas foram estabelecidas categorias a partir das respostas obtidas, realizando-se análise de conteúdo. Segundo Marconi e Lakatos (2002), a técnica de análise de conteúdo vem-se desenvolvendo nestes últimos anos com a finalidade de descrever, sistematicamente, o conteúdo das comunicações.

4 RESULTADOS

A seguir serão apresentados os resultados obtidos a partir das entrevistas realizadas com 30 funcionários de uma empresa estatal da Bahia que são pais de crianças com idades entre dois a nove anos. Nas tabelas e figuras constará o total de respostas desse grupo de 30 pais e os resultados dos dois subgrupos: pais com menores e com maiores salários.

O presente capítulo está subdividido nos seguintes itens: Família, trabalho dos pais e colaboradores nas atividades domésticas; Definição de paternidade e sua análise segundo Palkovitz (1997); Paternidade segundo a definição de Lamb (2004); Paternidade e Políticas Públicas.

4.1 FAMÍLIAS, TRABALHO DOS PAIS E COLABORADORES NAS TAREFAS DOMÉSTICAS.

Iniciaremos a análise dos dados abordando os dados gerais para que se possa construir uma caracterização dos entrevistados, de forma a entender o ambiente em que eles estavam inseridos.

4.1.1 Dinâmica e caracterização familiar dos participantes

Inicialmente apresenta-se o estado civil dos participantes na Tabela 7, a seguir.

Tabela 7 – Distribuição dos participantes conforme estado civil. Bahia, 2012

Estado civil dos participantes	Total		Pais com menores salários		Pais com maiores salários	
	Frequência	%	Frequência	%	Frequência	%
Solteiro	3	10,0	2	6,7	1	3,3
Casado pela primeira vez	19	63,3	5	16,7	14	46,7
Casado pela segunda vez ou mais	5	10,0	-	-	5	16,7
Separado e vive sozinho	1	3,3	1	3,3	-	-
Separado e vive com outro cônjuge	1	3,3	1	3,3	-	-
União estável	1	10,0	-	-	1	3,3

Total	30	100,0	9	30,0	21	70,0
--------------	----	-------	---	------	----	------

Obs.: Dados obtidos a partir das respostas à questão 2 do roteiro de entrevista.

Observou-se que a maioria dos entrevistados, tanto no grupo de pais de menores salários (16,7%), quanto no grupo de pais de maiores salários (46,7%), eram casados pela primeira vez.

Ao serem indagados sobre a família de origem, especialmente sobre o estado civil dos pais quando os entrevistados eram crianças, um dos participantes não respondeu à questão. As respostas foram subdivididas em três categorias: (a) os pais dos participantes eram casados; (b) ele foi criado por apenas um genitor e (c) outros (um foi criado pela avó e pela tia; outro foi criado no regime de guarda compartilhada). Tais dados encontram-se na Tabela 8, a seguir.

Tabela 8 – Distribuição dos participantes conforme estado civil dos pais dos entrevistados, quando os mesmos eram crianças. Bahia, 2012

Estado civil dos pais dos participantes	Total		Pais com menores salários		Pais com maiores salários	
	Frequência	%	Frequência	%	Frequência	%
Eram casados	24	80	7	23,3	17	56,7
Foi criado por um apenas um genitor	3	10	2	6,7	1	3,3
Outros	2	6,7	-	-	2	6,7
	1	3,3	-	-	1	3,3
Total	30	100,0	9	30,0	21	70,0

Obs.: Dados obtidos a partir das respostas à questão 10 do roteiro de entrevista.

Constata-se que dos entrevistados, a maioria, tanto no grupo de pais de menores salários (23,3%), quanto no grupo de pais de maiores salários (56,7%), tinham pais casados quando esses eram crianças.

A quantidade de filhos dos entrevistados encontra-se na Tabela 9

Tabela 9 – Distribuição dos participantes conforme quantidade de filhos. Bahia, 2012

Quantidade de filhos	Total		Pais com menores salários		Pais com maiores salários	
	Frequência	%	Frequência	%	Frequência	%
1	18	60,0	7	23,3	11	36,7
2	10	33,3	1	3,3	9	30,0

3	1	3,3	1	3,3	-	-
4	-	-	-	-	-	-
5	1	3,3	-	-	1	3,3
Total	30	100,0	9	30,0	21	70,0

Obs.: Dados obtidos a partir das respostas à questão 14 do roteiro de entrevista.

Verifica-se que a maioria dos pais dos dois subgrupos analisados, pais de menores salários (23,3%) e pais de maiores salários (36,7%) têm apenas um filho, seguindo-se de dois filhos com 3,3% para os participantes de menores salários e 30% para os pais de maiores salários.

Cabe destacar que um participante do subgrupo de pais com maiores salários tem cinco filhos e informou ter-se casado quatro vezes.

Os participantes foram indagados sobre quais pessoas moravam com eles. A partir das respostas encontradas foram estabelecidas quatro categorias: (a) nuclear: residem pai, mãe e filho(s); (b) casal: na casa residem o participante e sua esposa ou companheira; (c) família de origem: na casa moram o participante com seus pais e irmãos; (d) residência unipessoal: o participante mora sozinho. Tais dados são apresentados na Tabela 10 que segue.

Tabela 10 – Distribuição das respostas dos participantes sobre a questão "Quais pessoas moram com você?". Bahia, 2012

Categorias	Total		Pais com menores salários		Pais com maiores salários	
	Frequência	%	Frequência	%	Frequência	%
Nuclear	25	83,3	7	23,3	18	60,0
Família de origem	2	6,7	-	-	2	6,7
Casal	2	6,7	1	3,3	1	3,3
Residência unipessoal	1	3,3	1	3,3	-	-
Total	30	100,0	9	30,0	21	70,0

Obs.: Dados obtidos a partir das respostas à questão 13 do roteiro de entrevista.

Constata-se que a maioria dos entrevistados, 83,3% residia com a família nuclear. Tanto no grupo de pais de menores salários (23,3%), quanto no grupo de pais de maiores salários (60%), os participantes em geral residiam com a esposa e filho(s), constituindo uma família nuclear. Nos demais casos, o pai não residia com a criança.

Os pais foram indagados sobre quem fazia parte da família deles. A partir das respostas obtidas foram estabelecidas cinco categorias: (a) nuclear: é a família composta por pai, mãe e

filho(s); (b) extensa: formada pela família nuclear mais avós, tios, bisavós, etc; (c) extensa mais amigos: composta pela família extensa acrescida dos amigos; (d) ampliada: formada pela família nuclear e mais apenas um outro parente; (e) monoparental: composta pelo participante (pai) e seu(s) filho(s). Observar os resultados na Tabela 11.

Tabela 11 – Distribuição das respostas dos participantes sobre a questão "Quem faz parte da sua família?". Bahia, 2012

Categorias	Total		Pais com menores salários		Pais com maiores salários	
	Frequência	%	Frequência	%	Frequência	%
Extensa	14	46,7	4	13,3	10	33,3
Nuclear	9	30,0	2	6,7	7	23,3
Extensa mais amigos	3	10,0	1	3,3	2	6,7
Monoparental	2	6,7	2	6,7	-	-
Ampliada	2	6,7	-	-	2	6,7
Total	30	100,0	9	30,0	21	70,0

Obs.: Dados obtidos a partir das respostas à questão 12 do roteiro de entrevista.

A família extensa apresentou a maior percentagem de respostas (46,7%), seguindo-se da família nuclear (30,0%).

Em continuação, perguntou-se aos participantes o que era família para eles, sendo obtidas 38 respostas que foram subdivididas em cinco categorias: (a) base: a família enquanto alicerce/embasamento da pessoa e/ou da sociedade. Exemplos: “é a base da sociedade, do ser, do indivíduo [...]”; “é a base de tudo, dá a estrutura na formação do cidadão”; “família é a base para a formação do indivíduo, onde ele consegue se identificar, apoiar (emocionalmente, na formação de seu caráter)”; (b) sentido da vida: a família é concebida como sendo a razão pela qual a pessoa vive, sendo o mais importante para ela. Exemplos: “família é tudo, é minha realização”; “[...] satisfação pessoal, é minha vida”; (c) apoio incondicional: a família é composta por pessoas com as quais você pode recorrer a qualquer momento ou circunstância da vida. Exemplo: “[...] é onde você pode recorrer nas necessidades”; (d) transmissão de

valores: é na família que se comunicam e/ou se transferem valores morais e éticos. Exemplo: “[...] é da família que são retirados os princípios como respeito, humildade e amor”; (e) definição legal: composição da família ou oficialização do vínculo conjugal. Exemplos: “união conjugal acordada entre os cônjuges”; “é o núcleo: esposa, filho, irmãos, pai, mãe e sogros”.

Esses dados são apresentados na Tabela 12 a seguir.

Tabela 12 – Distribuição das respostas dos participantes sobre a questão "O que é família para você?". Bahia, 2012 *

Categorias	Total		Pais com menores salários		Pais com maiores salários	
	Frequência	%	Frequência	%	Frequência	%
Base	18	47,4	6	15,8	12	31,6
Sentido da vida	9	23,7	2	5,3	7	18,4
Apoio incondicional	5	13,2	-	-	5	13,2
Transmissão de valores	4	10,5	1	2,6	3	7,9
Definição legal	2	5,3	1	2,6	1	2,6
Total	38	100,0	10	26,3	28	73,7

Obs.: Dados obtidos a partir das respostas à questão 11 do roteiro de entrevista.

*Permite respostas múltiplas.

Constata-se que a maioria dos entrevistados, tanto no grupo de pais de menores salários (15,8%) quanto no grupo de pais de maiores salários (31,6%), definiu família como a base, na sequência aparece a visão de família enquanto sentido da vida. A categoria apoio emocional” foi encontrada apenas nas respostas dos pais com maiores salários.

4.1.2 Dados sobre o filho de referência para o estudo e sua rotina

Com relação às idades das crianças de referência para estudo⁹, as respostas dos entrevistados foram apresentadas na Tabela que se segue:

Tabela 13 – Distribuição dos filhos de referência, conforme as idades. Bahia, 2012

Idade do(a) filho(a) em anos	Total		Pais com menores salários		Pais com maiores salários	
	Frequência	%	Frequência	%	Frequência	%
Dois	2	6,7	1	3,3	1	3,3
Três	5	16,7	2	6,7	3	10,0
Quatro	6	20,0	2	6,7	4	13,3
Cinco	4	13,3	1	3,3	3	10,0
Seis	5	16,7	2	6,7	3	10,0
Sete	4	13,3	-	-	4	13,3
Oito	2	6,7	-	-	2	6,7
Nove	2	6,7	1	3,3	1	3,3
Total	30	100,0	8	30,0	21	70,0

Obs.: Dados obtidos a partir das respostas à questão 17 do roteiro de entrevista.

As idades dos filhos de referência variam de dois a nove anos sendo que, a maior frequência das respostas encontra-se na idade de quatro anos com 20% do total, seguindo-se de três e seis anos, com 16,7% da frequência total.

Com relação ao sexo do filho(a), as respostas dos entrevistados estão apresentadas na Tabela 16, a seguir.

Tabela 14 – Distribuição do filho(a) de referência, conforme o sexo. Bahia, 2012

Sexo	Total		Pais com menores salários		Pais com maiores salários	
	Frequência	%	Frequência	%	Frequência	%

⁹ * Para haver uma precisão maior foi solicitado que cada participante falasse especificamente sobre um filho que se enquadrasse na idade determinada pelo estudo (de dois a nove anos).

Masculino	12	40,0	1	3,3	8	26,7
Feminino	18	60,0	8	26,7	13	43,3
Total	30	100,0	9	30,0	21	70,0

Questão 18 do roteiro de entrevista

Quanto ao sexo das crianças de referência para o estudo, notou-se que a maioria, tanto no grupo de menores salários (26,7%) quanto no grupo de pais de maiores salários (43,3%), eram do sexo feminino.

Questionando-se com relação a quem era a pessoa responsável pela criança, os entrevistados responderam conforme a Tabela 17, a seguir.

Tabela 15 – Distribuição dos principais responsáveis pela criança. Bahia, 2012

Responsáveis	Total		Pais com menores salários		Pais com maiores salários	
	Frequência	%	Frequência	%	Frequência	%
Ambos os pais	27	90,0	8	26,7	19	63,3
A mãe	3	10,0	1	3,3	2	6,7
O pai	-	-	-	-	-	-
Total	30	100,0	9	30,0	21	70,0

Obs.: Dados obtidos a partir das respostas à questão 27 do roteiro de entrevista.

Tratando-se dos principais responsáveis pela criança de referência, verificou-se que a maioria, nos dois grupos de pais, concentra-se na afirmativa de que ambos os pais são responsáveis, com 26,7% e 63,3% para os pais de menores e maiores salários respectivamente, seguindo-se da mãe, como principal responsável. O pai isoladamente não apresentou nenhuma referência.

Com relação à matrícula da criança na educação infantil, os resultados são disponibilizados como se verifica a seguir:

Tabela 16 – Distribuição das respostas dos participantes sobre a questão: A criança de referência está matriculada em instituição de educação infantil, ou escola? Bahia, 2012.

Respostas	Total		Pais com		Pais com	
			Menores salários		Maiores salários	
	Frequência	%	Frequência	%	Frequência	%

Sim	28	93,3	8	26,7	20	66,7
Não	2	6,6	1	3,3	1	3,3
Total	30	100,0	9	30,0	21	70,0

Obs.: Dados obtidos a partir das respostas à questão 19 do roteiro de entrevista.

A maioria das crianças dos dois grupos encontrava-se matriculada em instituição de ensino e apenas uma pequena minoria (3,3%) de cada grupo, não se encontrava matriculada.

Com relação às respostas à pergunta sobre quem ficava com a criança nos diferentes períodos do dia, estas foram apresentadas na tabela a seguir:

Tabela 17 – Distribuição das respostas dos participantes sobre a rotina do filho de referência. Bahia, 2012

Período	Total geral						Pais com menores salários						Pais com maiores salários					
	Durante a semana		Finais de semana		Durante a semana	Freq.	%	Finais de semana	Freq.	%	Durante a semana	Freq.	%	Finais de semana	Freq.	%		
	Freq.	%	Freq.	%														
Manhã	Professor(a)	17	56,7	-	-	Professor(a)	4	13,3	Pai e mãe	6	20	Professor(a)	13	43,3	Pai e mãe	16	53	
	Pai e mãe	1	3,3	22	73,3	Pai e mãe	1	3,3	Pai, mãe e avós	2	6,7	Mãe	3	10	Pai, mãe e avós	2	6,7	
	Mãe	4	13,3	2	6,7	Mãe	1	3,3	Mãe	1	3,3	Babá	4	13,3	Mãe	1	3,3	
	Babá	4	13,3	-	-	Avós	2	6,7	-	-	-	Avó	1	3,3	Pai	1	3,3	
	Avós	3	10	1	3,3	Mãe e avó	1	3,3	-	-	-	-	-	-	Avó	1	3,3	
Tarde	Mãe e avó	1	3,3	-	-													
	Pai, mãe, avó	-	-	4	13,3													
	Pai	-	-	1	3,3													
	Avó	-	-	1	3,3													
Total	30	100	30	100	9	30	9	30	21	70	21	70	21	70	21	70		
Noite	Professor(a)	16	53,3	-	-	Professor(a)	4	13,3	Pai e mãe	6	20	Professor(a)	12	40	Pai e mãe	16	53,3	
	Pai e mãe	-	-	22	73,3	Pai e mãe	-	-	Pai, mãe e avós	2	6,7	Mãe	3	10	Pai, mãe e avós	2	6,7	
	Mãe	7	23,3	2	6,7	Mãe	4	13,3	Mãe	1	3,3	Babá	3	10	Mãe	1	3,3	
	Babá	4	13,3	-	-	Avós	-	-	Mãe e babá	-	-	Mãe e babá	1	3,3	Pai	1	3,3	
	Mãe e babá	1	3,3	-	-	Mãe e avó	-	-	Mãe e avó	-	-	Mãe e avó	1	3,3	Avó	1	3,3	
Total	Mãe e avó	1	3,3	-	-	Babá	1	3,3	-	-	-	Avó e babá	1	3,3	-	-	-	
	Avós e babá	1	3,3	-	-													
	Pai, mãe, avó	-	-	4	13,3													
	Pai	-	-	1	3,3													
Total	Avó	-	-	1	3,3													
	Pai e mãe	21	70	22	73,3	Professor(a)	-	-	Pai e mãe	6	20	Professor(a)	16	53,3	Pai e mãe	16	53,3	
	Mãe	6	20	1	3,3	Pai e mãe	5	16,7	Pai, mãe e avós	2	6,7	mãe	3	10	Pai, mãe e avós	2	6,7	
	Pai	1	3,3	1	3,3	Mãe	3	10	Mãe e avó	1	3,3	mãe e babá	1	3,3	Mãe	1	3,3	
Total	Mãe e babá	1	3,3	-	-	Avós	-	-	-	-	-	Pai	1	3,3	Pai	1	3,3	
	Mãe e avó	1	3,3	1	3,3	Mãe e avó	1	3,3	-	-	-	-	-	Avó	1	3,3		
	Pai, mãe, avó	-	-	4	13,3													
	Avó	-	-	1	3,3													
Total	30	100	30	100	9	30	9	30	21	70	21	70	21	70	21	70		

Observou-se que durante a semana nos turnos da manhã e da tarde a criança permanecia com a professora e que no turno da noite ela permanecia com ambos os pais.

4.1.3 Dados sobre ocupação profissional dos pais

Foram entrevistados pais que exerciam diferentes cargos e funções na empresa que não foram detalhados para se evitar a identificação da instituição pesquisada e dos respectivos participantes, pois, dentre os funcionários que possuíam maior rendimento, alguns apresentavam cargos exercidos por apenas uma pessoa.

Prosseguindo, questionou-se sobre a carga horária semanal de trabalho dos entrevistados. Os resultados encontram-se na Tabela 18.

Tabela 18 – Distribuição dos participantes conforme carga horária semanal de trabalho. Bahia, 2012.

Carga horária semanal de trabalho	Total		Pais com menores salários		Pais com maiores salários	
	Frequência	%	Frequência	%	Frequência	%
40 horas semanais	19	63,3	7	23,3	12	40,0
Mais de 40 horas semanais	11	36,7	2	6,7	9	30,0
Total	30	100,0	9	30,0	21	70,0

Obs.: Dados obtidos a partir das respostas à questão 5 do roteiro de entrevista.

Verificou-se que a maioria dos pais, tanto de menores salários quanto de maiores salários, tinham uma carga horária semanal de 40 horas e nenhum deles tinha carga horária inferior a isso. No entanto, é importante destacar que, dentre os que trabalhavam mais de 40 horas semanais, proporcionalmente há mais casos de pais com maiores salários do que com menores.

Do total de participantes, 33,3% realizava outro trabalho fora da empresa. No que diz respeito aos pais com menores salários, 22,2% deles desempenhavam atividades fora da empresa (*personal trainer* e técnico de telefonia), por outro lado, 38,1% dos que possuíam maiores salários atuam fora da empresa executando outras atividades (professor, consultor, pesquisador, projetista, empresário).

Quando se perguntou sobre a ocupação da esposa, um participante não respondeu a questão. Os resultados constam na Tabela 14.

Tabela 19 – Distribuição das respostas dos participantes sobre a questão: “A sua esposa trabalha?”. Bahia, 2012.

Respostas	Total		Pais com menores salários		Pais com maiores salários	
	Frequência	%	Frequência	%	Frequência	%
Sim	22	73,3	7	23,3	15	50,0
Não	7	23,3	2	6,7	5	16,7
N/R	1	3,3	-	-	1	3,3
Total	29	100,0	9	30,0	21	70,0

Obs.: Dados obtidos a partir das respostas à questão 6 do roteiro de entrevista.

Constata-se que 73,3% do total dos respondentes afirmaram que as esposas trabalhavam fora de casa, sendo que nos dois grupos estudados a maioria das mulheres trabalha.

4.1.4 Colaboradores das famílias nas tarefas domésticas

Dentre os participantes, 56,7% contam com ajuda de funcionárias domésticas. Dos 17 participantes que têm funcionária, 13 têm apenas uma e quatro têm duas. Tais funcionárias realizavam serviços como: limpar a casa, cozinhar e cuidar da roupa (lavar e passar), também são desenvolvidos serviços de cuidados com as crianças (baba).

Os participantes foram indagados com relação ao tipo de ajuda que os entrevistados recebiam dos familiares, sendo os resultados apresentados a seguir, no Quadro 1.

Quadro 1 - Distribuição da forma de ajuda dos familiares. Bahia, 2012.

Grau de Parentesco	Pais com menores salários	Pais com maiores salários
	Forma de ajuda	
Ambos avós maternas	Substituem (n =1)	Substituem (n =1)
Avô materno	Financeira (n =1)	
Avó materna		Cuida das crianças (n = 4)
		Trabalho doméstico (n = 1)
Ambos avós paternos	Substituem (n = 2)	Substituem (n = 1)
Avô paterno		Manutenção da casa (n = 1)
		Serviços bancários (n = 1)
		Financeira (n = 1)
Avó paterna	Substitui (n = 1)	Trabalhos doméstico (n = 3)
		Financeira (n = 1)
		Cuida das crianças (n = 4)
Tia		Trabalhos domésticos (n = 1)
		Cuida das crianças (n = 1)
Prima da criança		Trabalhos domésticos (n = 1)

Obs.: Dados obtidos a partir das respostas à questão 15.2 do roteiro de entrevista.

Entre os pais com menores salários, a colaboração é no sentido de substituir os pais quando estavam ausentes (Ex.: viagens, etc.), função exercida por ambos os avós e por uma avó paterna. Um avô paterno colabora financeiramente.

Com relação aos pais com maiores salários, há uma maior variedade de colaboração (trabalho doméstico, cuidado da criança, substituição dos pais), no entanto, o foco permanece na ajuda dos avós, havendo também a citação de tia e prima da criança.

4.2 DEFINIÇÃO DE PATERNIDADE E SUA ANÁLISE SEGUNDO PALKOVITZ (1997)

Neste tópico foram utilizadas as categorias elaboradas por Palkovitz (1997) sobre as formas de envolvimento do pai com seus filhos. Quando as respostas obtidas no presente estudo requeriam, foram incorporadas novas categorias.

4.2.1 Definição de paternidade

Na questão a seguir, perguntou-se aos entrevistados como eles definiam “pai” e tratou-se de tabular as respostas enquadrando-as nas categorias explicitadas por Palkovitz (1997), conforme a tabela a seguir. Cabe informar que foi acrescentada a categoria “responsabilidade” para contemplar melhor as respostas emitidas pelos participantes e também foram computadas as respostas valorativas positivas.

**Tabela 20 - Distribuição das respostas dos participantes sobre a questão:
Como você define pai? Bahia, 2012*.**

Categorias de Envolvimento*	Total		Pais com Menores Salários		Pais com Maiores Salários	
	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
Prover	1	1,5	-	-	1	1,5
Proteger	1	1,5	-	-	1	1,5
Dar suporte Emocional	1	1,5	-	-	1	1,5
Comunicar	4	5,9	-	-	4	5,9
Ensinar	22	32,4	5	7,4	17	25
Acompanhar	2	2,9	1	1,5	1	1,5
Estar disponível	10	14,7	2	2,9	8	11,8
Ser afetuoso	8	11,8	2	2,9	6	8,8
Cuidar	2	2,9	1	1,5	1	1,5
Responsabilidade					8	
Manter	5	7,4	1	1,5	4	5,9
Compartilhar atividades	6	8,8	-	-	6	8,8
Resposta valorativa positiva	6	8,8	2	2,9	4	5,9
Total	68	100,0	14	20,6	62	79,6

*Permite respostas múltiplas.

Obs.: Dados obtidos a partir das respostas à questão 22 do roteiro de entrevista.

Embora as respostas tenham sido distribuídas entre as diversas categorias, “ensinar” foi a principal definição de pai, ou seja, pai é aquele que ensina com 7,4% da frequência das respostas do grupo de pais de menores salários e 25,0 % da frequência das respostas do grupo de pais de maiores salários; em seguida, os dois grupos de pais apresentaram como maior frequência a definição de pai como “aquele que está disponível para a criança”, com 2,9% da frequência das respostas dos pais de menores salários e 11,8% da frequência total das respostas do grupo de pais de maiores salários e, em sequência definição de pai como aquele que é afetuoso, com 11,8% da frequência total das respostas. Compartilhar atividades, responsabilidade e comunicar foram sinalizados apenas pelos pais com maiores salários.

Quando se perguntou aos entrevistados sobre qual é o papel do pai na sociedade atual, várias respostas foram concedidas, conforme a Tabela 21 à seguir:

Tabela 21 – Distribuição das respostas dos participantes sobre a questão: "Qual é o papel do pai na sociedade atual?" Bahia, 2012*.

Respostas	Total		Pais com Menores salários		Pais com Menores salários	
	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
Educar	22	44,0	6	12,0	16	32,0
Dar exemplo de princípios morais e éticos	15	30,0	5	10,0	10	20,0
Compartilhar responsabilidades esposa	6	12,0	3	6,0	3	6,0
Sustentar	4	8,0	1	2,0	3	6,0
Ser amigo	2	4,0	1	2,0	1	2,0
Proteger	1	2,0	1	2,0	-	-
Total	50	100,0	17	34,0	33	66,0

*Perm*Permite respostas múltiplas

Obs.: Dados obtidos a partir das respostas à questão 23a do roteiro de entrevista.

Sobre o papel do pai na sociedade contemporânea, os pais de ambos os grupos acreditavam, em primeiro lugar, ser o papel de educador, seguindo-se de dar exemplo de princípios morais e éticos, em terceiro lugar, compartilhar responsabilidades com a esposa.

Com relação à questão sobre o papel do pai no desenvolvimento do filho, o questionamento obteve uma série de respostas, demonstradas na Tabela 22 abaixo que utilizou as categorias explicitadas por Palkovitz (1997).

Tabela 22 – Distribuição das respostas dos participantes sobre a questão: Qual é o seu papel para o desenvolvimento do/a seu/sua filho/a? Bahia, 2012*.

Respostas	Total		Pais com Menores salários		Pais com Maiores salários	
	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
Prover	2	4,3	-	-	2	4,3
Proteger	1	2,2	1	2,2	-	-
Dar suporte Emocional	3	6,5	-	-	3	6,5
Ensinar	24	52,2	7	15,2	17	37
Preocupar	1	2,2	-	-	1	2,2
Acompanhar	5	10,9	1	2,2	4	8,7
Estar disponível	1	2,2	1	2,2	-	-
Ser afetuoso	4	8,7	1	2,2	3	6,5
Cuidar	1	2,2	-	-	1	2,2
Manter	4	8,7	1	2,2	3	6,5
Total	46	100,0	12	26,1	34	73,9

Obs.: Dados obtidos a partir das respostas à questão 23b do roteiro de entrevista.

*Permite respostas múltiplas.

Notou-se que o papel do pai como educador prevaleceu também nas respostas dos entrevistados dos dois grupos de pais com 15,2% e 37,0% das respostas para os grupos de pais de menores e maiores salários respectivamente. A categoria “acompanhar”, apresentou a segunda maior frequência das respostas no grupo de pais de maiores salários, enquanto que para o grupo de pais de menores salários as categorias: proteger, acompanhar, estar disponível, ser afetuoso e cuidar, demonstrou a mesma frequência de respostas (2,2%).

Ainda com relação ao papel do pai, os entrevistados foram questionados sobre como é o pai ideal, sendo apresentadas as respostas na Tabela 16, a seguir. Também aqui foram utilizadas as categorias apresentadas por Palkovitz (1997)

Tabela 23 - Distribuição das respostas dos participantes sobre a questão: "Como é o pai ideal?". Bahia, 2012*

Categorias de Envolvimento	Total		Pais com Menores Salários		Pais com Maiores Salários	
	Freq	%	Freq	%	Freq.	%
Planejar	1	1,7	-	-	1	1,7
Prover	2	3,4	-	-	2	3,4
Dar suporte Emocional	1	1,7	-	-	1	1,7
Ensinar	14	24	4	6,9	10	17,2
Preocupar	2	3,4	2	3,4	-	-
Acompanhar	13	22	-	-	13	22,4
Estar disponível	11	19	2	3,4	9	15,5
Ser afetuoso	7	12	3	5,2	4	6,9
Cuidar	2	3,4	-	-	2	3,4
Manter	1	1,7	-	-	1	1,7
Compartilhar atividades	4	6,9	3	5,2	1	1,7
Total	58	100,0	14	24,1	44	75,9

Categorias de envolvimento segundo Palkovitz (1997).

Obs.: Dados obtidos a partir das respostas à questão 24 do roteiro de entrevista.

*Permite respostas múltiplas

Nota-se que para o grupo de pais de menores salários o pai ideal é aquele que ensina (6,9%) é afetuoso (5,2%) e compartilha atividades (5,2%). Enquanto que para os pais de maiores salários, o pai ideal é aquele que acompanha (22,4%), ensina (17,2%) e está disponível (15,5%).

Quando os entrevistados foram inquiridos sobre como eles se avaliavam como pai esses responderam conforme tabela a seguir. Foram utilizadas as categorias de Palkovitz (1997) e acrescentadas outras para contemplar melhor as respostas dos participantes.

Tabela 24 - Distribuição das respostas dos participantes sobre a questão: Como você se avalia como pai? Bahia, 2012.**

Categorias	Total		Pais com Menores Salários		Pais com Maiores Salários	
	Freq	%	Freq	%	Freq.	%
Prover*	4	5,3	1	1,33	3	4,0
Ensinar*	6	8,0	2	2,67	4	5,3
Preocupar*	14	18,7	6	8,0	8	10,7
Acompanhar*	9	12,0	2	2,67	7	9,3
Estar disponível*	6	8,0	2	2,67	4	5,3
Ser afetuoso*	2	2,7	-	-	2	2,7
Cuidar*	1	1,3	-	-	1	1,3
Manter*	3	4,0	-	-	3	4,0
Compartilhar atividade*	4	5,3	-	-	4	5,3
Resposta valorativa positiva	17	22,7	7	9,33	10	13,3
Respeitar liberdade/caract.do filho	2	2,7	-	-	2	2,7
Resposta Valorativa negativa	1	1,3	1	1,33	-	-
Responsabilidade	2	2,7	-	-	2	2,7
Mimar o filho	2	2,7	1	1,33	1	1,3
Estar pouco presente	2	2,7	1	1,33	1	1,3
Total	75	100,0	23	30,7	48	69,3

*Categorias de envolvimento segundo Palkovitz (1997).

**Permite respostas múltiplas.

Constatou-se que os entrevistados avaliaram-se de forma positiva (22,7%), seguindo-se da autoavaliação de que são pais preocupados com seus filhos (18,7%) e companheiros deles (12%).

Perguntando-se aos entrevistados se eles perceberam alguma mudança em si mesmos após ter se tornado pai, 100% deles afirmaram que sim e complementaram as suas respostas com os comentários conforme a tabela à seguir:

Tabela 25 – Distribuição das respostas dos participantes sobre a questão: "Você percebeu alguma mudança em si mesmo após ter se tornado pai?" Bahia, 2012*.

Respostas	Total		Pais com Menores Salários		Pais com Maiores Salários	
	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
Ficou mais caseiro/tranquilo	5	7,7	1	1,5	4	6,2
Ficou mais responsável	19	29,2	7	10,8	12	18,5
Ficou mais dedicado ao trabalho	2	3,1	1	1,5	1	1,5
Revisou sua vida	13	20	3	4,6	10	15,4
Revisou seu caráter	1	1,5	1	1,5	-	-
Valorizou os próprios pais	2	3,1	1	1,5	1	1,5
Dedicou-se mais família	11	16,9	2	3,1	9	13,8
Amadureceu	3	4,6	2	3,1	1	1,5
Teve mais sentido de vida	1	1,5	1	1,5	-	-
Ficou com preocupações	7	10,8	-	-	7	10,8
Ficou mais amoroso	1	1,5	-	-	1	1,5
Total	65	100,0	19	29,2	46	70,8

Obs.: Dados obtidos a partir das respostas à questão 26 do roteiro de entrevista.

*Permite respostas múltiplas.

Os entrevistados de ambos os grupos de menores e maiores salários, afirmaram que perceberam terem ficado mais responsáveis após terem se tornado pais, com 10,8% e 18,5% respectivamente, bem como, com segundo maior percentual de frequência, informaram que fizeram uma revisão de vida (4,6%) e (15,4%), respectivamente. Além disso, dedicaram-se mais à família e ficaram com maiores preocupações.

Perguntou-se aos participantes sobre qual o tipo de paternidade exerciam sobre a criança e as respostas apresentam-se na tabela seguinte.

Tabela 26 – Distribuição das respostas dos participantes sobre a questão: “Da criança referência para este estudo você é pai.” Bahia, 2012.

Respostas	Total		Pais com Menores Salários		Pais com Maiores Salários	
	Frequência	%	Frequência	%	Frequência	%
Biológico e residente na mesma casa	26	86,7	7	23,3	19	63,3
Biológico e não residente na mesma casa	4	13,3	2	6,7	2	6,7
Total	30	100,0	9	30,0	21	70,0

Obs.: Dados obtidos a partir das respostas à questão 34 do roteiro de entrevista.

Conclui-se que dos pais de ambos os grupos entrevistados a maioria era de pais biológicos que moravam na mesma casa que a criança.

4.2.2 Análise Conforme os fatores de Palkovitz: Comunicação entre pai e filho(a)

Neste tópico foi utilizado o conceito expandido de paternidade proposto por Palkovitz (2011), segundo 15 fatores, classificados em três categorias que são: cognição, afeição e comportamento. Os 15 fatores de envolvimento paterno incluem: (a) comunicar (ouvir, falar, demonstrar amor); (b) ensinar (modelar o papel, encorajar, mostrar interesse, participar de atividades); (c) monitorar (amizades e ajudar nas tarefas escolares); (d) processos cognitivos (preocupar, orar); (e) cuidar (alimentar, dar banho); (f) compartilhar interesses (ler junto); (g) estar disponível; (h) planejar (atividades, aniversários); (i) compartilhar atividades (comprar, brincar); (j) prover (alimentos, roupas); (k) dar afeto; (l) proteger; (m) dar suporte emocional (encorajar a criança), (n) manter e (o) acompanhar.

Questionou-se aos entrevistados sobre como se dava a comunicação entre eles e o filho de referência para o estudo, os dados constam na tabela a seguir.

Tabela 27 – Distribuição das respostas dos participantes sobre a questão: “Com relação à comunicação, vocês utilizam encontros pessoais?” Bahia, 2012.

Respostas	Total		Pais com Menores Salários		Pais com Maiores Salários	
	Frequência	%	Frequência	%	Frequência	%
Baixo	1	3,3	-	-	1	3,3
Moderado	1	3,3	1	3,3	-	-
Alto	28	93,3	8	26,7	20	66,7
Total	30	100,0	9	30,0	21	70,0

Obs.: Dados obtidos a partir das respostas à questão 36.1 do roteiro de entrevista.

Com relação à comunicação entre a criança e o pai, as respostas de maior frequência entre os dois grupos de pais indicaram que eles considerem como alta a utilização de encontros pessoais.

Os entrevistados foram questionados sobre a frequência da comunicação entre eles e a criança, utilizando-se o telefone. As respostas estão apresentadas na tabela seguinte.

Tabela 28 – Distribuição das respostas dos participantes sobre a questão: “Com relação à comunicação, vocês utilizam o telefone?” Bahia, 2012.

Respostas	Total		Pais com Menores Salários		Pais com Maiores Salários	
	Frequência	%	Frequência	%	Frequência	%
Nenhum	5	16,7	2	6,7	3	10,0
Baixo	13	43,3	3	10,0	10	33,3
Moderado	7	23,3	2	6,7	5	16,7
Alto	5	16,7	2	6,7	3	10,0
Total	30	100,0	9	30,0	21	70,0

Obs.: Dados obtidos a partir das respostas à questão 36.2 do roteiro de entrevista.

Os entrevistados, de ambos os grupos, responderam que a utilização do telefone como recurso de comunicação é baixa.

Perguntou-se sobre a frequência da comunicação, através de bilhetes e as respostas encontram-se na tabela a seguir:

Tabela 29 – Distribuição das respostas dos participantes sobre a questão: “Com relação à comunicação, vocês utilizam bilhetes?” Bahia, 2012.

Respostas	Total		Pais com menores salários		Pais com maiores salários	
	Frequência	%	Frequência	%	Frequência	%
Nenhum	20	66,7	7	23,3	13	43,3
Baixo	6	20,0	1	3,3	5	16,7
Moderado	2	6,7	-	-	2	6,7
Alto	2	6,7	1	3,3	1	3,3
Total	30	100,0	9	30,0	21	70,0

Obs.: Dados obtidos a partir das respostas à questão 36.3 do roteiro de entrevista.

Com relação à utilização de bilhetes como recurso de comunicação, a maioria de ambos os grupos de entrevistados respondeu que não os utilizava.

Com relação à comunicação entre o pai e a criança, através de cartões, as respostas encontram-se relacionadas abaixo:

Tabela 30 - Distribuição das respostas dos participantes sobre a questão: “Com relação à comunicação, vocês utilizam cartões?” Bahia, 2012.

Respostas	Total		Pais com Menores Salários		Pais com Maiores Salários	
	Frequência	%	Frequência	%	Frequência	%
Nenhum	15	50,0	5	16,6	11	36,6
Baixo	9	30,0	2	6,6	6	20,0
Moderado	1	3,3	-	-	1	3,3
Alto	4	13,3	2	6,6	2	6,6
N/R	1	3,3	-	-	1	3,3
Total	30	100,0	9	30,0	20	70,0

Obs.: Dados obtidos a partir das respostas à questão 36.4 do roteiro de entrevista.

A utilização de cartões como recurso de comunicação foi mencionada, por metade dos entrevistados de ambos os grupos, como um recurso não utilizado.

A frequência da comunicação entre o entrevistado e a criança, através de e-mail, foi questionada e as respostas encontram-se a seguir.

Tabela 31 – Distribuição das respostas dos participantes sobre a questão: “Com relação à comunicação, vocês utilizam mensagens por e-mail?” Bahia, 2012.

Respostas	Total		Pais com Menores salários		Pais com Maiores Salários	
	Frequência	%	Frequência	%	Frequência	%
Nenhum	25	83,3	8	26,7	17	56,7
Baixo	4	13,3	1	3,3	3	10,0
Moderado	-	-	-	-	1	3,3
Alto	1	3,3	-	-	-	-
Total	30	100,0	9	30,0	21	70,0

Obs.: Dados obtidos a partir das respostas à questão 36.5 do roteiro de entrevista.

As mensagens por e-mails foram mencionadas, pelos respondentes de ambos os grupos de entrevistados, como não utilizadas.

Quando se perguntou sobre o costume de fotografar seu/sua filho(a), os entrevistados responderam conforme dados a seguir:

Tabela 32 – Distribuição das respostas dos participantes sobre a questão: “Você costuma ou não fotografar seu(ua) filho(a)? Bahia, 2012”.

Respostas	Total		Pais com Menores Salários		Pais com Maiores Salários	
	Frequência	%	Frequência	%	Frequência	%
Nenhum	2	6,7	-	-	2	6,7
Baixo	4	13,3	1	3,3	3	10,0
Moderado	7	23,3	4	13,3	3	10,0
Alto	17	56,7	4	13,3	13	43,3
Total	30	100,0	9	30,0	21	70,0

Obs.: Dados obtidos a partir das respostas à questão 37.1 do roteiro de entrevista.

Verifica-se que a maioria do grupo de pais de maiores salários 43,3% afirmou que tem costume de fotografar com alta frequência, enquanto o grupo de pais de menores salários afirmou que tem costume de fotografar com frequência moderada 13,3% ou alta 13,3%.

Perguntou-se aos entrevistados sobre a frequência da prática de montar álbum de fotografia, sendo as respostas disponibilizadas a seguir:

Tabela 33 – Distribuição das respostas dos participantes sobre a questão: “Você costuma montar álbum de fotografia?” Bahia, 2012.

Respostas	Total		Pais com Menores Salários		Pais com Maiores Salários	
	Frequência	%	Frequência	%	Frequência	%
Nenhum	5	16,7	1	3,3	4	13,3
Baixo	6	20,0	2	6,7	4	13,3
Moderado	9	30,0	4	13,3	5	16,7
Alto	10	33,3	2	6,7	8	26,7
Total	30	100,0	9	30,0	21	70,0

Obs.: Dados obtidos a partir das respostas à questão 37.2 do roteiro de entrevista.

Os entrevistados do grupo de pais de maiores salários apresentaram costume de montar álbum de fotografias com frequência alta (26,7%), enquanto que o grupo de pais de menores salários costumavam montar álbum de fotografias com frequência moderada (13,3%).

Os entrevistados foram arguidos sobre a frequência do costume de fazer registros sobre fatos importantes e as respostas estão disponibilizadas a seguir.

Tabela 34– Distribuição das respostas dos participantes sobre a questão: “Você costuma fazer registros sobre fatos importantes?” Bahia, 2012.

Respostas	Total		Pais com Menores salários		Pais com Maiores Salários	
	Frequência	%	Frequência	%	Frequência	%
Nenhum	4	13,3	2	6,7	2	6,7
Baixo	3	10,0	1	3,3	2	6,7
Moderado	8	26,7	3	10,0	5	16,7
Alto	15	50,0	3	10,0	12	40,0
Total	30,0	100,0	9	30,0	21	70,0

Obs.: Dados obtidos a partir das respostas à questão 37.3 do roteiro de entrevista.

No grupo de pais de maiores salários entrevistado, a maioria 40% afirma que possui costume de fazer registros sobre fatos importantes com frequência alta, enquanto que o grupo de pais de menores salários apresentou costume de fazer registros sobre tais fatos com frequência moderada (10%) e alta (10%) respectivamente.

Perguntados sobre a presença de amor/afeto nas conversas entre os entrevistados e a criança tais dados podem ser constatados na tabela abaixo:

Tabela 35 – Distribuição das respostas dos participantes sobre a questão: “Nas conversas de vocês costuma estar presente amor/afeto?” Bahia, 2012.

Respostas	Total		Pais com Menores Salários		Pais com Maiores Salários	
	Frequência	%	Frequência	%	Frequência	%
Baixo	1	3,3	1	3,3	-	-
Moderado	1	3,3	1	3,3	-	-
Alto	28	93,3	7	23,3	21	70,0
Total	30	100,0	9	30,0	21	70,0

Obs.: Dados obtidos a partir das respostas à questão 38.1 do roteiro de entrevista.

As respostas obtidas em ambos os grupos indicam que as conversas costumavam estar permeadas de amor/afeto. Vale ressaltar que, no grupo de pais de maiores salários, este percentual representa a totalidade das respostas dos entrevistados.

Com relação à frequência da valorização nas conversas entre o pai e a criança, os entrevistados responderam conforme tabela abaixo: .

Tabela 36 – Distribuição das respostas dos participantes sobre a questão: “Nas conversas de vocês costuma estar presente valorização?” Bahia, 2012.

Respostas	Total		Pais com Menores Salários		Pais com Maiores Salários	
	Frequência	%	Frequência	%	Frequência	%
Nenhum	-	-	-	-	-	-
Baixo	1	3,3	1	3,3	-	-
Moderado	2	6,7	1	3,3	1	3,3
Alto	27	90,0	7	23,3	20	66,7
Total	30	100,0	9	30,0	21	70,0

Obs.: Dados obtidos a partir das respostas à questão 38.2 do roteiro de entrevista.

A valorização costumava estar presente, com frequência alta, nas conversas entre pais e filhos(as) de ambos os grupos de entrevistados, com 23% das respostas do grupo de pais de menores salários e 66,6% das respostas do grupo de pais de maiores salários.

Perguntou-se aos entrevistados qual a frequência em que o perdão estava presente nas conversas entre o pai e criança e as respostas encontram-se relacionadas conforme tabela a seguir:

Tabela 37 – Distribuição das respostas dos participantes sobre a questão: “Nas conversas de vocês costuma estar presente o perdão?” Bahia, 2012

Respostas	Total		Pais com Menores Salários		Pais com Maiores Salários	
	Frequência	%	Frequência	%	Frequência	%
Nenhum	2	6,7	1	3,3	1	3,3
Baixo	2	6,7	1	3,3	1	3,3
Moderado	10	33,3	2	6,7	8	26,7
Alto	16	53,3	5	16,7	11	36,7
Total	30	100,0	9	30,0	21	70,0

Obs.: Dados obtidos a partir das respostas à questão 38.13 do roteiro de entrevista.

Com relação à frequência da presença do perdão nas conversas entre o pai e a criança, a maioria dos pais entrevistados, em ambos os grupos, indicaram que existe uma alta frequência de perdão nas conversas entre eles,

Perguntou-se aos entrevistados com que frequência, nas conversas entre eles e as crianças, a preocupação com as amigas delas estava presente e relacionaram-se abaixo os resultados:

Tabela 38 – Distribuição das respostas dos participantes sobre a questão: “Nas conversas de vocês costumam estar presente a preocupação com amigas do/a filho(a)?” Bahia, 2012.

Respostas	Total		Pais com Menores Salários		Pais com Maiores Salários	
	Frequência	%	Frequência	%	Frequência	%
Nenhum	2	6,7	2	6,7	2	6,7
Baixo	1	3,3	7	23,3	1	3,3
Moderado	7	23,3	-	-	5	16,7
Alto	20	66,7	-	-	13	43,3
Total	30	100,0	9	30,0	21	70,0

Obs.: Dados obtidos a partir das respostas à questão 38.4 do roteiro de entrevista.

A preocupação com as amigas da criança apareceu como uma constante entre os pais do grupo de maiores salários, tendo a frequência alta alcançado 43,9% das respostas, seguindo-se de uma preocupação moderada 16,7%. Verificou-se que, entre os pais do grupo de menores salários, a preocupação com as amigas do filhos(a) costumava estar presente com baixa ou nenhuma frequência, 23,3% e 6,7%, respectivamente.

Com relação à frequência da raiva nas conversas entre pai e criança, os entrevistados responderam segundo a tabela abaixo.

Tabela 39 – Distribuição das respostas dos participantes sobre a questão “Nas conversas de vocês costuma estar presente a raiva?” Bahia, 2012.

Respostas	Total		Pais com Menores Salários		Pais com Maiores Salários	
	Frequência	%	Frequência	%	Frequência	%
Nenhum	17	56,7	4	13,3	13	43,3
Baixo	9	30,0	3	10	6	20,0
Moderado	3	10,0	1	3,3	2	6,7
Alto	1	3,3	1	3,3	-	-
Total	30	100,0	9	30,0	21	70,0

Obs.: Dados obtidos a partir das respostas à questão 38.5 do roteiro de entrevista.

A raiva não costumava estar presente nas conversas entre os pais e as crianças, fato evidenciado através de 56,7% das respostas, seguindo-se de uma frequência baixa 30%.

Perguntou-se aos entrevistados qual a frequência dos pensamentos nas conversas entre pais e crianças e as respostas encontram-se disponibilizadas na tabela seguinte.

Tabela 40 – Distribuição das respostas dos participantes sobre a questão: “Nas conversas de vocês costumam estar presente os pensamentos ou preocupações?” Bahia, 2012.

Respostas	Total		Pais com Menores Salários		Pais com Maiores Salários	
	Frequência	%	Frequência	%	Frequência	%
Nenhum	2	6,7	-	-	2	6,7
Baixo	2	6,7	1	3,3	1	3,3
Moderado	12	40,0	2	6,7	10	33,3
Alto	14	46,7	6	20,0	8	26,7
Total	30	100,0	9	30,0	21	70,0

Obs.: Dados obtidos a partir das respostas à questão 38.6 do roteiro de entrevista.

Os pensamentos, ou preocupações, estavam mais presentes nas conversas entre pais do grupo de menores salários, com a maioria das respostas indicando que a frequência alta possui maior percentual das respostas, enquanto que para o grupo de pais de maiores salários as conversas sobre os pensamentos de ambos costumavam estar presentes de maneira moderada.

Ao questionar-se sobre a frequência das aspirações/desejos, nas conversas entre o entrevistado e a criança, as respostas foram tabuladas e apresentadas na tabela a seguir:

Tabela 41 – Distribuição das respostas dos participantes sobre a questão: “Nas conversas de vocês costumam estar presentes aspirações/desejos?” Bahia, 2012.

Respostas	Total		Pais com Menores Salários		Pais com Maiores Salários	
	Frequência	%	Frequência	%	Frequência	%
Nenhum	1	3,3	-	-	1	3,3
Baixo	2	6,7	1	3,3	1	3,3
Moderado	12	40,0	1	3,3	11	36,7
Alto	15	50,0	7	23,3	8	26,7
Total	30	100,0	9	30,0	21	70,0

Obs.: Dados obtidos a partir das respostas à questão 38.7 do roteiro de entrevista.

As aspirações estavam mais presentes nas conversas entre os pais de menores salários e seus filhos, com 23,3% do percentual para frequência alta, enquanto que para o grupo de pais de maiores salários, o maior percentual de respostas incidiu na frequência moderada, com 36,7% das respostas.

Cabe informar que apenas um pai com menor rendimento acrescentou tristeza como sendo um sentimento que costuma estar presente com alta frequência nas conversas entre ele e sua criança.

4.2.3 Ensino e compartilhamento de interesses entre o pai e a criança

Perguntando-se com relação ao ensino, qual a frequência em que o entrevistado costumava advertir o filho(a), obtiveram-se variadas respostas que se apresentam na tabela seguinte.

Tabela 42 – Distribuição das respostas dos participantes sobre a questão: “Em relação ao ensino, você costuma advertir seu/sua filho (a)?” Bahia, 2012.

Respostas	Total		Pais com Menores Salários		Pais com Maiores Salários	
	Frequência	%	Frequência	%	Frequência	%
Nenhuma	-	-	-	-	-	-
Baixo	-	-	-	-	-	-
Moderado	5	16,7	2	6,7	3	10,0
Alto	25	83,3	7	23,3	18	60,0
Total	30	100,0	9	30,0	21	70,0

Obs.: Dados obtidos a partir das respostas à questão 39.1 do roteiro de entrevista.

Em ambos os grupos de pais, de menores e maiores salários, a frequência com que os mesmos advertiam seus filhos é alta, com (23,3%) e (60%), respectivamente.

Os entrevistados, ao serem questionados se, com relação ao ensino, eles costumam dar exemplo, constataram-se as respostas apresentadas na tabela a seguir.

Tabela 43 – Distribuição das respostas dos participantes sobre a questão: “Com relação ao ensino, você costuma dar exemplo?” Bahia, 2012.

Respostas	Total		Pais com Menores Salários		Pais com Maiores Salários	
	Frequência	%	Frequência	%	Frequência	%
Nenhum	-	-	-	-	-	-
Baixo	-	-	-	-	-	-
Moderado	6	20,0	2	6,7	4	13,3
Alto	24	80,0	7	23,3	17	56,7
Total	30	100,0	9	30,0	21	70,0

Obs.: Dados obtidos a partir das respostas à questão 39.2 do roteiro de entrevista.

Ambos os grupos de pais costumavam dar exemplo ao ensinarem seus filhos. Com relação ao questionamento sobre se os entrevistados costumavam ajudar as crianças a solucionar problemas, as respostas estão dispostas na tabela a seguir.

Tabela 44 – Distribuição das respostas dos participantes sobre a questão: Com relação ao ensino, você costuma ajudá-lo(a) a solucionar problemas? Bahia, 2012

Respostas	Total		Pais com Menores Salários		Pais com Maiores Salários	
	Frequência	%	Frequência	%	Frequência	%
Nenhum	-	-	-	-	-	-
Baixo	-	-	-	-	-	-
Moderado	5	16,7	2	6,7	3	10,0
Alto	25	83,3	7	23,3	18	60,0
Total	30	100,0	9	30,0	21	70,0

Obs.: Dados obtidos a partir das respostas à questão 39.3 do roteiro de entrevista.

Com relação ao ensino, os entrevistados de ambos os grupos afirmaram que ajudam, com frequência alta, as crianças a resolverem problemas.

Questionados sobre o costume de disciplinar a criança, os pais responderam conforme tabela a seguir:

Tabela 45 – Distribuição das respostas dos participantes sobre a questão: “Com relação ao ensino, você costuma discipliná-lo(a)?” Bahia, 2012.

Respostas	Total		Pais com Menores Salários		Pais com Maiores Salários	
	Frequência	%	Frequência	%	Frequência	%
Nenhum	1	3,3	-	-	1	3,3
Baixo	-	-	-	-	-	-
Moderado	6	20,0	1	3,3	5	16,7
Alto	23	76,7	8	26,7	15	50,0
Total	30	100,0	9	30,0	21	70,0

Obs.: Dados obtidos a partir das respostas à questão 39.4 do roteiro de entrevista.

Os entrevistados de ambos os grupos, de menor e maior rendimento, afirmaram que costumam disciplinar seus filhos com uma frequência alta 26,7% e 50%, respectivamente.

Questionados com relação ao costume de comentar sobre o progresso da criança, os entrevistados responderam conforme a tabela que se segue.

Tabela 46 – Distribuição das respostas dos participantes sobre a questão: “Com relação ao ensino, você costuma comentar sobre o progresso da criança?” Bahia, 2012.

Respostas	Total		Pais com Menores Salários		Pais com Maiores Salários	
	Frequência	%	Frequência	%	Frequência	%
Nenhum	3	10,0	-	-	3	10,0
Baixo	7	23,3	-	-	7	23,3
Moderado	7	23,3	1	3,3	6	20,0
Alto	13	43,3	8	26,6	5	16,7
Total	30	100,0	9	30,0	21	70,0

Obs.: Dados obtidos a partir das respostas à questão 39.5 do roteiro de entrevista.

A maioria dos pais do grupo de pais de menores salários costumava comentar sobre o progresso da criança com relação ao estudo numa frequência alta 26,6%, enquanto os pais do grupo de maiores salários apresentavam, 23,3% um costume de comentar sobre o progresso da criança, com frequência baixa (23,3%) ou moderada (20,0%).

Com relação à frequência do costume de ensinar o desenvolvimento espiritual ou rezar junto, os entrevistados responderam conforme tabela a seguir.

Tabela 47– Distribuição das respostas dos participantes sobre a questão: “Com relação ao ensino, você costuma ensinar o desenvolvimento espiritual? Rezar junto?” Bahia, 2012

Respostas	Total		Pais com Menores Salários		Pais com Maiores Salários	
	Frequência	%	Frequência	%	Frequência	%
Nenhum	4	13,3	1	3,3	3	10,0
Baixo	6	20,0	1	3,3	5	16,7
Moderado	10	33,3	1	3,3	9	30,0
Alto	10	33,3	6	20,0	4	13,3
Total	30	100,0	9	30,0	21	70,0

Obs.: Dados obtidos a partir das respostas à questão 39.7 do roteiro de entrevista.

Tratando-se do desenvolvimento espiritual, os pais de menores salários referiram alta frequência no ensinar a rezar junto. Por outro lado, os pais com maiores salários afirmaram apresentar uma frequência moderada em tal ensino.

Ao serem indagados sobre qual a frequência do costume de prover perspectivas de longo prazo para o ensino, os entrevistados responderam conforme tabela abaixo:

Tabela 48 – Distribuição das respostas dos participantes sobre a questão: “Com relação ao ensino, você costuma prover perspectivas de longo prazo?” Bahia, 2012.

Respostas	Total		Pais com Menores Salários		Pais com Maiores Salários	
	Frequência	%	Frequência	%	Frequência	%
Nenhum	4	13,3	1	3,3	3	10,0
Baixo	6	20,0	1	3,3	5	16,7
Moderado	10	33,3	1	3,3	9	30,0
Alto	10	33,3	6	20,0	4	13,3
Total	30	100,0	9	30,0	21	70,0

Obs.: Dados obtidos a partir das respostas à questão 39.8 do roteiro de entrevista.

Com relação ao ensino, os entrevistados do grupo de maiores salários afirmaram prover perspectivas de longo prazo de forma moderada ou baixa, enquanto os entrevistados do grupo de pais com salários menores apresentaram como resposta a frequência alta (20%) do costume de prover tais perspectivas.

Os entrevistados foram questionados sobre qual a frequência do costume de ensinar as crianças a manter o equilíbrio financeiro e as respostas encontram-se a seguir.

Tabela 49 - Distribuição das respostas dos participantes sobre a questão: “Com relação ao ensino, você costuma ensiná-lo(a) a como manter o equilíbrio financeiro?” Bahia, 2012.

Respostas	Total		Pais com Menores Salários		Pais com Maiores Salários	
	Frequência	%	Frequência	%	Frequência	%
Nenhum	-	-	-	-	-	-
Baixo	-	-	-	-	-	-
Moderado	3	10,0	1	3,3	2	6,7
Alto	27	90,0	8	26,7	19	63,3
Total	30	100,0	9	30,0	21	70,0

Obs.: Dados obtidos a partir das respostas à questão 39.9 do roteiro de entrevista.

Quando os entrevistados foram questionados sobre a frequência do costume de ensinar a criança como manter o equilíbrio financeiro a maioria, de ambos os grupos de pais de menores e maiores salários, respondeu que ensinam com uma frequência alta, com (26,7%) e 63,3%), respectivamente.

Tratando-se de questionar sobre a frequência da repreensão quando necessária, as respostas a essa questão foram tabuladas e encontram-se a seguir:

Tabela 50 – Distribuição das respostas dos participantes sobre a questão: “Com relação ao ensino, você costuma repreendê-lo(a) quando necessário?” Bahia, 2012.

Respostas	Total		Pais com Menores Salários		Pais com Maiores Salários	
	Frequência	%	Frequência	%	Frequência	%
Nenhum	2	6,7	1	3,3	1	3,3
Baixo	4	13,3	1	3,3	3	10,0
Moderado	17	56,7	3	10,0	14	46,7
Alto	7	23,3	4	13,3	3	10,0
Total	30	100,0	9	30,0	21	70,0

Obs.: Dados obtidos a partir das respostas à questão 39.10 do roteiro de entrevista.

Quase metade dos pais do grupo de menores salários afirmou que costuma repreender os seus filhos quando necessário, com frequência alta (13,3%) enquanto que a maioria dos entrevistados do grupo de pais de maiores salários afirmou que tem costume de repreender os seus filhos quando necessário, com frequência moderada.

Sendo indagados sobre a frequência do costume de delegar tarefas e responsabilidade, os entrevistados apresentaram respostas que foram disponibilizadas a seguir:

Tabela 51 – Distribuição das respostas dos participantes sobre a questão: “Com relação ao ensino, você costuma delegar tarefas e responsabilidades?” Bahia, 2012.

Respostas	Total		Pais com Menores Salários		Pais com Maiores Salários	
	Frequência	%	Frequência	%	Frequência	%
Nenhum	2	6,7	1	3,3	1	3,3
Baixo	2	6,7	-	-	2	6,7
Moderado	12	40,0	4	13,3	8	26,7
Alto	14	46,7	4	13,3	10	33,3
Total	30	100,0	9	30,0	21	70,0

Obs.: Dados obtidos a partir das respostas à questão 39.11 do roteiro de entrevista.

Quanto à delegação de tarefas e responsabilidade, a maioria (33,3%) das respostas dos pais do grupo de maiores salários, foi que costumavam delegar tarefas e responsabilidades com frequência alta, enquanto que os entrevistados do grupo de pais de menores salários apresentaram a maioria das respostas para as frequências moderadas e alta (13,3%) das respostas, respectivamente, para o costume de delegar tarefas e responsabilidades.

Sendo indagados sobre a frequência do costume de ensinar normas culturais de sua e de outras culturas, os entrevistados apresentaram respostas que foram disponibilizadas a seguir.

Tabela 52 – Distribuição das respostas dos participantes sobre a questão: Com relação ao ensino, você costuma ensinar normas culturais de sua e de outras culturas?” Bahia, 2012.

Respostas	Total		Pais com Menores Salários		Pais com Maiores Salários	
	Frequência	%	Frequência	%	Frequência	%
Nenhum	2	6,7	1	3,3	1	3,3
Baixo	2	6,7	-	-	2	6,7
Moderado	12	40,0	4	13,3	8	26,7
Alto	14	46,7	4	13,3	10	33,3
Total	30	100,0	9	30,0	21	70,0

Obs.: Dados obtidos a partir das respostas à questão 39.12 do roteiro de entrevista.

Tanto os pais com menores quanto os com maiores salários afirmaram ensinar normas culturais com frequência alta ou moderada.

Questionando-se os entrevistados sobre qual a frequência do costume de fazerem perguntas à criança, eles responderam conforme dados apresentados na tabela a seguir:

Tabela 53 – Distribuição das respostas dos participantes sobre a questão: “Com relação ao ensino, você costuma fazer perguntas?” Bahia, 2012.

Respostas	Total		Pais com Menores Salários		Pais com Maiores Salários	
	Frequência	%	Frequência	%	Frequência	%
Nenhum	-	-	-	-	-	-
Baixo	-	-	-	-	-	-
Moderado	6	20,0	1	3,3	5	16,7
Alto	24	80,0	8	26,7	16	53,3
Total	30	100,0	9	30,0	21,0	70,0

Obs.: Dados obtidos a partir das respostas à questão 39.13 do roteiro de entrevista.

A maioria dos pais de ambos os grupos de entrevistados, afirmou fazer perguntas à criança com uma alta frequência.

Ainda com relação ao ensino, questionou-se aos participantes sobre a frequência do costume de encorajar a criança a ter interesse por hobbies (lazer) e eles responderam conforme dados apresentados na tabela a seguir:

Tabela 54 – Distribuição das respostas dos participantes sobre a questão: “Com relação ao ensino, você costuma encorajar o interesse por hobbies (lazer)?”. Bahia, 2012.

Respostas	Total		Pais com Menores Salários		Pais com Maiores Salários	
	Frequência	%	Frequência	%	Frequência	%
Nenhum	-	-	-	-	-	-
Baixo	2	6,6	1	3,3	1	3,3
Moderado	9	30,0	2	6,7	6	20,0
Alto	18	60,0	6	20,0	13	43,3
Não Respondeu	1	3,3	-	-	1	3,3
Total	30	100,0	9	30,0	21	70,0

Obs.: Dados obtidos a partir das respostas à questão 39.14 do roteiro de entrevista.

Os pais de ambos os grupos de entrevistados costumavam encorajar o interesse da criança por hobbies (lazer) com uma frequência alta, 20% das respostas para os pais de menores salários e 43,3% das respostas para os pais de maiores salários.

Quando indagados se possuíam costume de ensinar a criança a pagar impostos e obrigações, os pais responderam conforme dados apresentados a seguir:

Tabela 55 – Distribuição das respostas dos participantes sobre a questão: Com relação ao ensino, você costuma ensiná-lo(a) a pagar impostos e obrigações? Bahia, 2012.

Respostas	Total		Pais com Menores Salários		Pais com Maiores Salários	
	Frequência	%	Frequência	%	Frequência	%
Nenhum	23	76,7	8	26,7	15	50,0
Baixo	4	13,3	-	-	4	13,3
Moderado	3	10	1	3,3	2	6,7
Alto	-	-	-	-	-	-
Total	30	100,0	9	30,0	21	70,0

Obs.: Dados obtidos a partir das respostas à questão 39.15 do roteiro de entrevista.

A maioria dos pais de ambos os grupos de menores e maiores salários respondeu que não costuma ensinar a pagar impostos e obrigações com 26,7% e 50,0% das respostas, respectivamente.

Referindo-se à frequência do costume de desenvolver as habilidades da criança, os entrevistados responderam conforme dados apresentados na tabela a seguir.

Tabela 56 – Distribuição das respostas dos participantes sobre a questão: Com relação ao compartilhamento de interesses, você costuma ajudar no desenvolvimento de habilidades? Bahia, 2012.

Respostas	Total		Pais com Menores Salários		Pais com Maiores Salários	
	Frequência	%	Frequência	%	Frequência	%
Nenhum	-	-	-	-	-	-
Baixo	-	-	-	-	-	-
Moderado	5	16,7	1	3,3	4	13,3
Alto	24	80,0	7	23,3	17	56,7
Não Respondeu	1	3,3	1	3,3	-	-
Total	30	100,0	9	30,0	21	70,0

Obs.: Dados obtidos a partir das respostas à questão 43.1 do roteiro de entrevista.

A maioria dos pais de ambos os grupos de entrevistados, com menores e maiores salários, afirmou que dá uma ênfase alta à tarefa de ajudar o filho no desenvolvimento de habilidades, com 23,3% e 56,7% das respostas respectivamente.

Tratando-se de perguntar aos entrevistados sobre a frequência do costume de prover instrução, os pais responderam conforme dados apresentados na tabela a seguir.

Tabela 57 – Distribuição das respostas dos participantes sobre a questão: “Com relação ao compartilhamento de interesses, você costuma prover instrução?” Bahia, 2012.

Respostas	Total		Pais com Menores Salários		Pais com Maiores Salários	
	Frequência	%	Frequência	%	Frequência	%
Nenhum	-	-	-	-	-	-
Baixo	-	-	-	-	-	-
Moderado	7	23,3	2	6,7	5	16,7
Alto	22	73,3	6	20,0	16	53,3
Não Respondeu	1	3,3	1	3,3	-	-
Total	30	100,0	9	30,0	21	70,0

Obs.: Dados obtidos a partir das respostas à questão 43.2 do roteiro de entrevista.

A maioria dos entrevistados de ambos os grupos de menores e maiores salários, afirmou prover instrução para seus filhos com frequência alta, com 20,0% e 53,3% das respostas, respectivamente.

Questionando-se sobre a frequência do costume de ler junto com a criança, os entrevistados apresentaram as respostas disponíveis na tabela a seguir.

Tabela 58 – Distribuição das respostas dos participantes sobre a questão: Com relação ao compartilhamento de interesses, você costuma ler junto? Bahia, 2012.

Respostas	Total		Pais com Menores Salários		Pais com Maiores Salários	
	Frequência	%	Frequência	%	Frequência	%
Nenhum	3	10,0	2	6,7	1	3,3
Baixo	2	6,7	1	3,3	1	3,3
Moderado	6	20,0	-	-	6	20,0
Alto	18	60,0	5	16,7	13	43,3
Não Respondeu	1	3,3	1	3,3	-	-
Total	30	100,0	9	30,0	21	70,0

Obs.: Dados obtidos a partir das respostas à questão 43.3 do roteiro de entrevista.

Os pais de ambos os grupos de entrevistados afirmaram que costumam dar ênfase alta à tarefa de ler junto com seus filhos 16,7% para os pais de menores salários e 43,3% dos pais de maiores salários.

4.2.4 Processos de pensamento

Referindo-se ao processo de pensamento (maneira ou método de reflexão, ou intenção cognitiva do pai com relação ao filho), perguntou-se com que frequência que os entrevistados costumavam preocupar-se com a criança e as respostas foram dispostas na tabela a seguir.

Tabela 59 – Distribuição das respostas dos participantes sobre a questão: “Com relação ao processo de pensamento, você costuma preocupar-se com o seu/sua filho(a)?” Bahia, 2012.

Respostas	Total		Pais com Menores Salários		Pais com Maiores Salários	
	Frequência	%	Frequência	%	Frequência	%
Nenhum	-	-	-	-	-	-
Baixo	1	3,3	-	-	1	3,3
Moderado	1	3,3	1	3,3	-	-
Alto	28	93,3	8	26,7	20	66,7
Total	30	100,0	9	30,0	21	70,0

Obs.: Dados obtidos a partir das respostas à questão 40.1 do roteiro de entrevista.

A maioria dos dois grupos de pais entrevistados de menores e maiores salários, 26,7% e 66,7% respectivamente, afirmou que se preocupa com a criança com uma ênfase alta.

Referindo-se ainda ao processo de pensamento, perguntou-se aos entrevistados sobre a frequência do costume de planejar o futuro da criança e as respostas foram apresentadas na tabela a seguir:

**Tabela 60 – Distribuição das respostas dos participantes sobre a questão:
“Com relação ao processo de pensamento, você costuma planejar o futuro dele(a)?”
Bahia, 2012.**

Respostas	Total		Pais com Menores Salários		Pais com Maiores Salários	
	Frequência	%	Frequência	%	Frequência	%
Nenhum	-	-	-	-	-	-
Baixo	-	-	-	-	-	-
Moderado	7	23,3	1	3,3	6	20,0
Alto	23	76,7	8	26,7	15	50,0
Total	30	100,0	9	30,0	21	70,0

Obs.: Dados obtidos a partir das respostas à questão 40.2 do roteiro de entrevista.

Os pais de ambos os grupos de entrevistados, tanto de menores salários (26,7%) quanto de maiores salários (50,0%) afirmaram preocupar-se com o futuro da criança com uma ênfase alta, seguindo-se de uma ênfase moderada, com 3,3% e 20,0% respectivamente.

Com relação à frequência do costume de sonhar com a criança, os pais responderam conforme dados apresentados à seguir:

**Tabela 61 – Distribuição das respostas dos participantes sobre a questão:
“Com relação ao processo de pensamento, você costuma sonhar com o seu filho(a)?”
Bahia, 2012.**

Respostas	Total		Pais com Menores Salários		Pais com Maiores Salários	
	Frequência	%	Frequência	%	Frequência	%
Nenhum	2	6,7	-	-	2	6,7
Baixo	-	-	-	-	-	-
Moderado	7	23,3	1	3,3	6	20,0
Alto	21	70,0	8	26,7	13	43,3
Total	30	100,0	9	30,0	21	70,0

Obs.: Dados obtidos a partir das respostas à questão 40.3 do roteiro de entrevista.

Referindo-se ao processo de pensamento, os pais de ambos os grupos costumavam sonhar com o seu filho numa ênfase alta, com 26,7% das respostas dos pais de menores salários e 43,3% das respostas dos pais de maiores salários.

Questionando-se sobre a frequência do costume de ajudar a criança no seu processo de pensamento, os pais responderam conforme tabela a seguir:

Tabela 62 – Distribuição das respostas dos participantes sobre a questão: “Com relação ao processo de pensamento, você costuma ajudá-lo(a) a pensar?” Bahia, 2012.

Respostas	Total		Pais com Menores Salários		Pais com Maiores Salários	
	Frequência	%	Frequência	%	Frequência	%
Nenhum	-	-	-	-	-	-
Baixo	1	3,3	1	3,3	-	-
Moderado	1	3,3	-	-	1	3,3
Alto	28	93,3	8	26,7	20	66,7
Total	30	100,0	9	30,0	21	70,0

Obs.: Dados obtidos a partir das respostas à questão 40.4 do roteiro de entrevista.

A maioria dos pais, de ambos os grupos pesquisados, costumavam ajudar a criança com relação ao processo de pensamento, numa ênfase alta, 26,7% das respostas dos pais de menores salários e 66,7% das respostas dos pais de maiores salários.

Perguntando-se sobre a frequência do costume de avaliar o processo de pensamento da criança, os respondentes apresentaram os dados conforme tabela a seguir:

Tabela 63 – Distribuição das respostas dos participantes sobre a questão: “Com relação ao processo de pensamento, você costuma avaliá-lo(a)?” Bahia, 2012.

Respostas	Total		Pais com Menores Salários		Pais com Maiores Salários	
	Frequência	%	Frequência	%	Frequência	%
Nenhum	-	-	-	-	-	-
Baixo	1	3,3	-	-	1	3,3
Moderado	9	30,0	3	10,0	6	20,0
Alto	20	66,7	6	20,0	14	46,7
Total	30	100,0	9	30,0	21	70,0

Obs.: Dados obtidos a partir das respostas à questão 40.5 do roteiro de entrevista.

As crianças costumavam ser avaliadas pelos pais de ambos os grupos pesquisados numa ênfase alta, pois, 20% das respostas dos pais de menores salários afirmam dar ênfase alta a essa questão, enquanto 46,7% dos pais de salários mais altos também o fazem.

Perguntando-se aos entrevistados sobre a frequência do costume de rezar pela criança, os mesmos responderam conforme dados apresentados na tabela a seguir:

**Tabela 64 – Distribuição das respostas dos participantes sobre a questão:
“Com relação ao processo de pensamento, você costuma rezar pelo seu filho(a)?”.
Bahia, 2012.**

Respostas	Total		Pais com Menores Salários		Pais com Maiores Salários	
	Frequência	%	Frequência	%	Frequência	%
Nenhum	5	16,7	2	6,7	3	10,0
Baixo	2	6,7	-	-	2	6,7
Moderado	7	23,3	3	10,0	4	13,3
Alto	16	53,3	4	13,3	12	40,0
Total	30	100,0	9	30,0	21	70,0

Obs.: Dados obtidos a partir das respostas à questão 40.6 do roteiro de entrevista.

Tanto os pais do grupo de menores salários (13,3%) quanto os de maiores salários (40,0%), costumavam rezar pelas suas crianças numa ênfase alta..

Sobre a questão de sentirem-se presentes na vida dos filhos,, os pais apresentaram as respostas que constam na tabela a seguir:

**Tabela 65 – Distribuição das respostas dos participantes sobre a questão:
“Com relação ao processo de pensamento, você costuma sentir-se presente?”
Bahia, 2012**

Respostas	Total		Pais com Menores Salários		Pais com Maiores Salários	
	Frequência	%	Frequência	%	Frequência	%
Nenhum	-	-	-	-	-	-
Baixo	-	-	-	-	-	-
Moderado	6	20,0	2	6,7	4	13,3
Alto	24	80,0	7	23,3	17	56,7
Total	30	100,0	9	30,0	21	70,0

Obs.: Dados obtidos a partir das respostas à questão 40.7 do roteiro de entrevista.

A maioria dos respondentes de ambos os grupos de pais afirmaram sentir-se presentes, numa ênfase alta com 23,3% das respostas dos pais de menores salários e 56,7% das respostas dos pais de maiores salários.

4.2.5 Cuidados com a criança e com seu ambiente

No presente tópico serão apresentadas as respostas sobre os cuidados diretos que os pais têm com relação à criança (alimentação, higiene, etc.) e aos relativos à manutenção do

ambiente que a circunda no âmbito doméstico (cuidados com a roupa, preparação de alimentos, etc.).

Sendo questionados sobre a frequência do costume de alimentar a criança. Os respondentes disponibilizaram as respostas apresentadas na tabela a seguir:

Tabela 66 – Distribuição das respostas dos participantes sobre a questão: “Com relação aos cuidados, você costuma alimentar seu/sua filho(a)?” Bahia, 2012.

Respostas	Total		Pais com Menores Salários		Pais com Maiores Salários	
	Frequência	%	Frequência	%	Frequência	%
Nenhum	3	10,0	-	-	3	10,0
Baixo	6	20,0	2	6,7	4	13,3
Moderado	13	43,3	5	16,7	8	26,7
Alto	8	26,7	2	6,7	6	20,0
Total	30	100,0	9	30,0	21	70,0

Obs.: Dados obtidos a partir das respostas à questão 41.1 do roteiro de entrevista.

Com relação à tarefa de alimentar a criança, os pais de ambos os grupos pesquisados, costumam dar uma ênfase moderada a essa tarefa, 16,7% das respostas dos pais de menores salários e 26,7% das respostas dos pais de maiores salários.

Perguntando-se sobre a frequência do costume de dar banho na criança, os pais apresentaram as respostas relacionadas a seguir:

Tabela 67 – Distribuição das respostas dos participantes sobre a questão: “Com relação aos cuidados, você costuma dar banho?” Bahia, 2012.

Respostas	Total		Pais com Menores Salários		Pais com Maiores Salários	
	Frequência	%	Frequência	%	Frequência	%
Nenhum	7	23,3	2	6,7	5	16,7
Baixo	7	23,3	1	3,3	6	20,0
Moderado	6	20,0	3	10,0	3	10,0
Alto	10	33,3	3	10,0	7	23,3
Total	30	100,0	9	30,0	21	70,0

Obs.: Dados obtidos a partir das respostas à questão 41.2 do roteiro de entrevista.

A maioria das respostas dos pais de maiores salários incidiu sobre o costume de dar banho nas suas crianças com uma frequência alta (23,3%), enquanto que a maioria dos pais de menores salários afirmou que dava ênfase moderada ou alta a essa tarefa com 10% das respostas em cada uma dessas duas alternativas.

Quando questionados sobre a frequência do costume de vestir a criança, os pais responderam conforme dados apresentados na tabela a seguir.

Tabela 68– Distribuição das respostas dos participantes sobre a questão: “Com relação aos cuidados, você costuma vesti-lo (a)?” Bahia, 2012.

Respostas	Total		Pais com Menores Salários		Pais com Maiores Salários	
	Frequência	%	Frequência	%	Frequência	%
Nenhum	6	20,0	2	6,7	4	13,3
Baixo	5	16,7	1	3,3	4	13,3
Moderado	8	26,7	3	10,0	5	16,7
Alto	11	36,7	3	10,0	8	26,7
Total	30	100,0	9	30,0	21	70,0

Obs.: Dados obtidos a partir das respostas à questão 41.3 do roteiro de entrevista.

Os pais do grupo de maiores salários costumavam vestir suas crianças numa ênfase alta, com 26,7% do total das respostas, enquanto que os pais de menores salários responderam que realizavam essa tarefa com frequências moderada (10%) ou alta.

Perguntando-se sobre a frequência do costume de cuidar da criança quando ela está doente, os entrevistados responderam conforme dados apresentados na tabela a seguir:

Tabela 69 – Distribuição das respostas dos participantes sobre a questão: “Com relação aos cuidados, você costuma cuidar da criança quando doente”? Bahia, 2012.

Respostas	Total		Pais com Menores Salários		Pais com Maiores Salários	
	Frequência	%	Frequência	%	Frequência	%
Nenhum	1	3,3	-	-	1	3,3
Baixo	1	3,3	-	-	1	3,3
Moderado	10	33,3	4	13,3	6	20,0
Alto	18	60,0	5	16,7	13	43,3
Total	30	100,0	9	30,0	21	70,0

Obs.: Dados obtidos a partir das respostas à questão 41.4 do roteiro de entrevista.

A maioria dos pais de ambos os grupos pesquisados afirmou que tinha costume de tomar conta da criança, quando ela está doente, numa ênfase alta, com 16,7% das respostas dos pais de menores salários e 43,3% das respostas dos pais de maiores salários.

Quando questionados se costumavam levar suas crianças para a cama para dormir, os pais responderam conforme dados apresentados na tabela a seguir:

Tabela 70 – Distribuição das respostas dos participantes sobre a questão: “Com relação aos cuidados, você costuma levar para a cama?” Bahia, 2012.

Respostas	Total		Pais com Menores Salários		Pais com Maiores Salários	
	Frequência	%	Frequência	%	Frequência	%
Nenhum	4	13,3	2	6,7	2	6,7
Baixo	3	10,0	2	6,7	1	3,3
Moderado	9	30,0	2	6,7	7	23,3
Alto	14	46,7	3	10,0	11	36,7
Total	30	100,0	9	30,0	21	70,0

Obs.: Dados obtidos a partir das respostas à questão 41.5 do roteiro de entrevista.

Com relação ao costume de levar as crianças para a cama a fim de que durmam, a maioria dos entrevistados de ambos os grupos de pais afirmou que realizavam essa atividade com frequência alta.

Com relação aos reparos necessários no ambiente em que a criança está inserida, os pais disponibilizaram as respostas apresentadas na tabela a seguir.

Tabela 71 – Distribuição das respostas dos participantes sobre a questão: “Com relação à manutenção, você costuma efetuar reparos necessários no ambiente da criança?” Bahia, 2012.

Respostas	Total		Pais com Menores Salários		Pais com Maiores Salários	
	Frequência	%	Frequência	%	Frequência	%
Nenhum	10	33,3	2	6,7	8	26,7
Baixo	7	23,3	2	6,7	5	16,7
Moderado	8	26,7	2	6,7	6	20,0
Alto	5	16,7	3	10,0	2	6,7
Total	30	100,0	9	30,0	21	70,0

Obs.: Dados obtidos a partir das respostas à questão 42.1 do roteiro de entrevista.

Também aqui as respostas dos pais com menores salários foram distribuídas entre as alternativas, havendo ênfase um pouco maior na frequência alta do costume de efetuar reparos necessários no ambiente da criança. Por outro lado, os pais com maiores salários costumavam não efetuar reparos ou efetuar-los com frequência moderada ou baixa.

Referindo-se à limpeza do ambiente no qual a criança se encontra, os pais disponibilizaram as respostas apresentadas na tabela que segue.

Tabela 72 – Distribuição das respostas dos participantes sobre a questão: “Com relação à manutenção da criança, você costuma fazer limpeza?” Bahia, 2012.

Respostas	Total		Pais com Menores Salários		Pais com Maiores Salários	
	Frequência	%	Frequência	%	Frequência	%
Nenhum	11	36,7	4	13,3	7	23,3
Baixo	4	13,3	1	3,3	3	10,0
Moderado	9	30,0	2	6,7	7	23,3
Alto	6	20,0	2	6,7	4	13,3
Total	30	100,0	9	30,0	21	70,0

Obs.: Dados obtidos a partir das respostas à questão 42.2 do roteiro de entrevista.

Os entrevistados de ambos os grupos afirmaram que não costumavam fazer limpeza do ambiente no qual a criança se encontra, com 13,3% das respostas dos pais de menores salários e 23,3% das respostas dos pais de maiores salários. Sendo que o grupo de pais de maiores salários também afirmou que fazia limpeza na criança com frequência moderada.

Perguntando-se aos entrevistados sobre a frequência do costume de lavar as roupas de suas crianças, eles apresentaram as respostas disponibilizadas na tabela a seguir:

Tabela 73 – Distribuição das respostas dos participantes sobre a questão: “Com relação à manutenção da criança, você costuma lavar roupas?” Bahia, 2012.

Respostas	Total		Pais com Menores Salários		Pais com Maiores Salários	
	Frequência	%	Frequência	%	Frequência	%
Nenhum	21	70,0	8	26,7	13	43,3
Baixo	6	20,0	1	3,3	5	16,7
Moderado	2	6,7	-	-	2	6,7
Alto	1	3,3	-	-	1	3,3
Total	30	100,0	9	30,0	21	70,0

Obs.: Dados obtidos a partir das respostas à questão 42.3 do roteiro de entrevista.

A maioria dos pais de ambos os grupos de entrevistados não costumava lavar as roupas de suas crianças, com 26,7% das respostas dos pais de menores salários e 43,3% das respostas dos pais de maiores salários.

Referindo-se à tarefa de passar as roupas de suas crianças, os pais disponibilizaram as respostas apresentadas na tabela a seguir.

Tabela 74 – Distribuição das respostas dos participantes sobre a questão: “Com relação à manutenção da criança, você costuma passar roupas?” Bahia, 2012.

Respostas	Total		Pais com Menores Salários		Pais com Maiores Salários	
	Frequência	%	Frequência	%	Frequência	%
Nenhum	23	76,7	7	23,3	16	53,3
Baixo	3	10,0	1	3,3	3	10,0
Moderado	2	6,7	1	3,3	1	3,3
Alto	2	6,7	-	-	1	3,3
Total	30	100,0	9	30,0	21	70,0

Obs.: Dados obtidos a partir das respostas à questão 42.4 do roteiro de entrevista.

A maioria dos participantes de ambos os grupos de pais pesquisados respondeu que não tem costume de passar roupas, com 23,3% das respostas dos pais de menores salários e 53,3% das respostas dos pais de maiores salários.

Com relação à frequência do costume de cozinhar para suas crianças os entrevistados apresentaram as respostas que seguem na próxima tabela.

Tabela 75 – Distribuição das respostas dos participantes sobre a questão: “Com relação à manutenção da criança, você costuma cozinhar?” Bahia, 2012.

Respostas	Total		Pais com Menores Salários		Pais com Maiores Salários	
	Frequência	%	Frequência	%	Frequência	%
Nenhum	18	60,0	6	20,0	12	40,0
Baixo	8	26,7	2	6,7	6	20,0
Moderado	4	13,3	1	3,3	3	10,0
Alto	-	-	-	-	-	-
Total	30	100,0	9	30,0	21	70,0

Obs.: Dados obtidos a partir das respostas à questão 42.5 do roteiro de entrevista.

A maioria dos pais de ambos os grupos pesquisados respondeu que não costumava cozinhar, com 20,0% das respostas dos pais de menores salários e 40,0% das respostas dos pais de maiores salários.

Referindo-se aos cuidados dos animais de estimação, os entrevistados apresentaram as respostas a seguir:

Tabela 76 – Distribuição das respostas dos participantes sobre a questão: “Com relação à manutenção da criança, você costuma cuidar de animais de estimação?” Bahia, 2012.

Respostas	Total		Pais com Menores Salários		Pais com Maiores Salários	
	Frequência	%	Frequência	%	Frequência	%
Nenhum	20	66,7	4	13,3	16	53,3
Baixo	2	6,7	4	13,3	2	6,7
Moderado	5	16,7	1	3,3	1	3,3
Alto	3	10,0	-	-	2	6,7
Total	30	100,0	9	30,0	21	70,0

Obs.: Dados obtidos a partir das respostas à questão 42.6 do roteiro de entrevista.

A maioria dos pais do grupo de maiores salários afirmou que não cuidava dos animais, 53,3% do total das respostas, enquanto os pais de menores salários afirmaram que costumava cuidar de animais de estimação numa frequência baixa 13,3% ou nenhuma 13,3%.

Perguntou-se sobre a frequência do costume de criar locais próprios para a criança e as respostas dos entrevistados foram disponibilizadas na tabela a seguir:

Tabela 77 – Distribuição das respostas dos participantes sobre a questão: “Com relação à manutenção da criança, você costuma criar locais próprios para a criança?” Bahia, 2012.

Respostas	Total		Pais com Menores Salários		Pais com Maiores Salários	
	Frequência	%	Frequência	%	Frequência	%
Nenhum	6	20,0	1	3,3	5	16,7
Baixo	3	10,0	1	3,3	2	6,7
Moderado	7	23,3	2	6,7	5	16,7
Alto	14	46,7	5	16,7	9	30,0
Total	30	100,0	9	30,0	21	70,0

Obs.: Dados obtidos a partir das respostas à questão 42.7 do roteiro de entrevista.

Os pais de ambos os grupos pesquisados afirmaram que costumavam criar locais próprios para a criança com uma frequência alta (16,7%) ou moderada.

4.2.6 Proteção do pai para com o(a) filho(a)

Ao perguntar-se aos entrevistados sobre a frequência do costume de arrumar o ambiente para que seja seguro para as suas crianças, eles responderam conforme os dados apresentados na tabela seguinte.

Tabela 78 - Distribuição das respostas dos participantes sobre a questão: “Com relação à proteção, você costuma arrumar o ambiente?” Bahia, 2012.

Respostas	Total		Pais com Menores Salários		Pais com Maiores Salários	
	Frequência	%	Frequência	%	Frequência	%
Nenhum	4	13,3	3	10,0	1	3,3
Baixo	3	10,0	2	6,7	1	3,3
Moderado	6	20,0	-	-	6	20,0
Alto	17	56,7	4	13,3	13	43,3
Total	30	100,0	9	30,0	21	70,0

Obs.: Dados obtidos a partir das respostas à questão 49.1 do roteiro de entrevista.

Com relação à arrumação do ambiente para que seja seguro para as suas crianças, a maioria dos entrevistados de ambos os grupos afirmou dar uma ênfase alta a essa tarefa com 13,3% e 43,3% das respostas dos pais de menores e maiores salários respectivamente,

Os entrevistados, ao serem questionados sobre a ênfase dada ao costume de monitorar a segurança, responderam segundo os dados disponíveis na tabela a seguir.

Tabela 79 - Distribuição das respostas dos participantes sobre a questão: “Com relação à proteção, você costuma monitorar a segurança?” Bahia, 2012.

Respostas	Total		Pais com Menores Salários		Pais com Maiores Salários	
	Frequência	%	Frequência	%	Frequência	%
Nenhum	-	-	-	-	-	-
Baixo	-	-	-	-	-	-
Moderado	4	13,3	1	3,3	3	10,0
Alto	26	86,7	8	26,7	18	60,0
Total	30	100,0	9	30,0	21	70,0

Obs.: Dados obtidos a partir das respostas à questão 49.2 do roteiro de entrevista.

A maioria dos entrevistados de ambos os grupos pesquisados afirmou dar alta ênfase ao monitoramento da segurança das suas crianças.

Com relação à questão da frequência do costume de prover equipamentos de segurança, os entrevistados responderam conforme dados disponíveis na tabela seguinte.

Tabela 80 - Distribuição das respostas dos participantes sobre a questão: "Com relação à proteção, você costuma prover equipamentos de segurança?" Bahia, 2012.

Respostas	Total		Pais com Menores Salários		Pais com Maiores Salários	
	Frequência	%	Frequência	%	Frequência	%
Nenhum	4	13,3	1	3,3	3	10,0
Baixo	2	6,7	2	6,7	-	-
Moderado	5	16,7	1	3,3	4	13,3
Alto	19	63,3	5	16,7	14	46,7
Total	30	100,0	9	30,0	21	70,0

Obs.: Dados obtidos a partir das respostas à questão 49.3 do roteiro de entrevista.

Os pais de ambos os grupos pesquisados demonstraram em suas respostas que, na sua maioria, costumavam dar uma ênfase alta ao provimento de equipamentos de segurança.

4.2.7 Disponibilidade do pai para com a criança

Com relação à frequência do costume de passear junto com a criança, os entrevistados responderam conforme dados apresentados na tabela a seguir.

Tabela 81 – Distribuição das respostas dos participantes sobre a questão: "Com relação à disponibilidade, você costuma passear junto com seu/sua filho(a)?" Bahia, 2012.

Respostas	Total		Pais com Menores Salários		Pais com Maiores Salários	
	Frequência	%	Frequência	%	Frequência	%
Nenhum	-	-	-	-	-	-
Baixo	1	3,3	-	-	1	3,3
Moderado	7	23,3	2	6,7	5	16,7
Alto	21	70,0	6	20,0	15	50,0
Não Respondeu	1	3,3	1	3,3	-	-
Total	30	100,0	9	30,0	21	70,0

Obs.: Dados obtidos a partir das respostas à questão 44.1 do roteiro de entrevista.

Os pais de ambos os grupos pesquisados responderam que costumavam passear junto com as suas crianças numa ênfase alta.

Sobre a frequência do costume de levar a criança a eventos, os entrevistados responderam conforme dados apresentados na tabela a seguir.

Tabela 82 – Distribuição das respostas dos participantes sobre a questão: “Com relação ao compartilhamento de interesses, você costuma levar seu/sua filho (a) a eventos?” Bahia, 2012.

Respostas	Total		Pais com Menores Salários		Pais com Maiores Salários	
	Frequência	%	Frequência	%	Frequência	%
Nenhum	-	-	-	-	-	-
Baixo	3	10,3	2	6,7	1	3,3
Moderado	8	27,6	1	3,3	7	23,3
Alto	18	62,1	5	16,7	13	43,3
Não Respondeu	1	3,3	1	3,3	-	-
Total	30	100,0	9	30,0	21	70,0

Obs.: Dados obtidos a partir das respostas à questão 44.2 do roteiro de entrevista.

A maioria dos pais de menores e maiores salários com 16,7% e 43,3% das respostas, respectivamente, costumavam dar uma ênfase alta à tarefa de levar sua criança para eventos.

Com relação à frequência do costume de ficar com a criança quando ela não quer ficar sozinha, as respostas dos entrevistados foram disponibilizadas a seguir:

Tabela 83 – Distribuição das respostas dos participantes sobre a questão: “Com relação ao compartilhamento de interesses, você costuma ficar com a criança quando ela não quer ficar sozinha?” Bahia, 2012.

Respostas	Total		Pais com Menores Salários		Pais com Maiores Salários	
	Frequência	%	Frequência	%	Frequência	%
Nenhum	4	13,3	-	-	4	13,3
Baixo	19	63,3	2	6,7	17	56,7
Moderado	1	3,3	1	3,3	-	-
Alto	5	16,7	5	16,7	-	-
N/R	1	3,3	1	3,3		
Total	30	100,0	9	30,0	21	70,0

Obs.: Dados obtidos a partir das respostas à questão 44.3 do roteiro de entrevista.

A maioria dos inquiridos do grupo de maiores salários respondeu que costumava dar uma ênfase baixa à tarefa de ficar com a criança quando ela não quer ficar sozinha (56,7%), enquanto a maioria dos pais de menores salários afirmou que dava ênfase alta a essa tarefa (16,7% do total de respostas).

Com relação à pergunta “você costuma fazer bolos/doces para as atividades das crianças?” as respostas foram apresentadas na tabela a seguir.

Tabela 84 – Distribuição das respostas dos participantes sobre a questão: “Com relação ao compartilhamento de interesses, você costuma fazer bolos/doces para as atividades das crianças?” Bahia, 2012.

Respostas	Total		Pais com Menores Salários		Pais com Maiores Salários	
	Frequência	%	Frequência	%	Frequência	%
Nenhum	25	83,3	7	23,3	18	60,0
Baixo	1	3,3	1	3,3	1	3,3
Moderado	2	6,7	-	-	2	6,7
Alto	1	3,3	-	-	-	-
N/R	1	3,3	1	3,3		-
Total	30	100,0	9	30,0	21	70,0

Obs.: Dados obtidos a partir das respostas à questão 44.4 do roteiro de entrevista.

A maioria dos entrevistados, de ambos os grupos de pais, afirmou não ter costume de fazer bolos e doces para as atividades da criança, dando nenhuma ênfase a essa tarefa, com 23,3% do total de respostas para os pais de menores salários e 60% para os pais de maiores salários.

4.2.8 Processo de planejamento

Tratando-se de questionar sobre a frequência do costume de planejar as comemorações de aniversários da criança, os entrevistados responderam conforme tabela a seguir.

Tabela 85 – Distribuição das respostas dos participantes sobre a questão: “Com relação ao planejamento, você costuma planejar as comemorações de aniversários da criança?” Bahia, 2012.

Respostas	Total		Pais com Menores Salários		Pais com Maiores Salários	
	Frequência	%	Frequência	%	Frequência	%
Nenhum	5	16,7	2	6,7	3	10,0
Baixo	4	13,3	2	6,7	2	6,7
Moderado	8	26,7	3	10,0	5	16,7
Alto	13	43,3	2	6,7	11	36,7
Total	30	100,0	9	30,0	21	70,0

Obs.: Dados obtidos a partir das respostas à questão 45.1 do roteiro de entrevista.

As respostas dos pais com menores salários foram distribuídas entre as alternativas, havendo ênfase um pouco maior na frequência moderada do costume de planejar as comemorações de aniversários da criança. No entanto, os pais com maiores salários costumavam realizar tal planejamento com frequência alta ou moderada.

Com relação à pergunta: “Você costuma planejar as férias?” As respostas dos entrevistados foram apresentadas na tabela a seguir.

Tabela 86 – Distribuição das respostas dos participantes sobre a questão: “Com relação ao planejamento, você costuma planejar as férias?” Bahia, 2012.

Respostas	Total		Pais com Menores Salários		Pais com Maiores Salários	
	Frequência	%	Frequência	%	Frequência	%
Nenhum	6	20,0	4	13,3	2	6,7
Baixo	1	3,3	1	3,3	7	23,3
Moderado	8	26,7	1	3,3	12	40,0
Alto	15	50,0	3	10,0	-	-
Total	30	100,0	9	30,0	21	70,0

Obs.: Dados obtidos a partir das respostas à questão 45.2 do roteiro de entrevista.

O grupo de pais de menores salários, em sua maioria (13,3%), respondeu que não costumava planejar as férias enquanto que o grupo de pais de maiores salários costuma dar uma ênfase moderada a tal planejamento (40%).

Com relação ao costume de planejar viagens, os entrevistados responderam conforme dados apresentados na tabela a seguir.

Tabela 87 – Distribuição das respostas dos participantes sobre a questão: “Com relação ao planejamento, você costuma planejar viagens?” Bahia, 2012.

Respostas	Total		Pais com Menores Salários		Pais com Maiores Salários	
	Frequência	%	Frequência	%	Frequência	%
Nenhum	3	10,0	2	6,7	1	3,3
Baixo	2	6,7	1	3,3	1	3,3
Moderado	11	36,7	5	16,7	6	20,0
Alto	14	46,7	1	3,3	13	43,3
Total	30	100,0	9	30	21	70,0

Obs.: Dados obtidos a partir das respostas à questão 45.3 do roteiro de entrevista.

As viagens costumavam ser planejadas pelos pais do grupo de menores salários com uma ênfase moderada (16,7%), enquanto que o grupo de pais de maiores salários costuma dar uma ênfase alta a essa tarefa com 43,3% das respostas.

Perguntando-se aos entrevistados com relação à frequência do costume de planejar os feriados, eles responderam conforme a tabela seguinte.

Tabela 88 – Distribuição das respostas dos participantes sobre a questão: “Com relação ao planejamento, você costuma planejar feriados?” Bahia, 2012.

Respostas	Total		Pais com Menores Salários		Pais com Maiores Salários	
	Frequência	%	Frequência	%	Frequência	%
Nenhum	2	6,7	1	3,3	1	3,3
Baixo	2	6,7	1	3,3	1	3,3
Moderado	8	26,7	4	13,3	4	13,3
Alto	18	60,0	3	10,0	15	50,0
Total	30	100,0	9	30,0	21	70,0

Obs.: Dados obtidos a partir das respostas à questão 45.4 do roteiro de entrevista.

Os entrevistados do grupo de menores salários, em sua maioria, afirmaram que costumam dar uma ênfase moderada ao planejamento dos feriados (13,3%), seguindo-se de uma ênfase alta (50,0%) por parte do grupo de pais de maiores salários.

Com relação à frequência do costume de planejar um futuro seguro para o(a) filho(a), as respostas dos entrevistados encontram-se na tabela a seguir.

Tabela 89 – Distribuição das respostas dos participantes sobre a questão: “Com relação ao planejamento, você costuma planejar um futuro seguro?” Bahia, 2012.

Respostas	Total		Pais com Menores Salários		Pais com Maiores Salários	
	Frequência	%	Frequência	%	Frequência	%
Nenhum	1	3,3	-	-	1	3,3
Baixo	3	10,0	-	-	3	10,0
Moderado	5	16,7	1	3,3	4	13,3
Alto	21	70,0	8	26,7	13	43,3
Total	30	100,0	9	30	21	70,0

Obs.: Dados obtidos a partir das respostas à questão 45.5 do roteiro de entrevista.

Com relação ao planejamento de um futuro seguro para sua criança, a maioria dos pais de ambos os grupos de entrevistados afirmaram que costumam dar uma ênfase alta a essa tarefa, pois o percentual dessa resposta para os pais de menores salários foi de 26,7% e de 43,3% para o grupo de pais de maiores salários.

Perguntando-se aos entrevistados sobre a frequência do costume de planejar o tempo com seus próprios amigos, as respostas a essa pergunta foram apresentadas na tabela a seguir.

Tabela 90 – Distribuição das respostas dos participantes sobre a questão: “Com relação ao planejamento, você costuma planejar a divisão do tempo com amigos?” Bahia, 2012.

Respostas	Total		Pais com Menores Salários		Pais com Maiores Salários	
	Frequência	%	Frequência	%	Frequência	%
Nenhum	6	20,0	2	6,7	4	13,3
Baixo	6	20,0	3	10,0	3	10,0
Moderado	9	30,0	4	13,3	9	30,0
Alto	9	30,0	-	-	5	16,7
Total	30	100,0	9	30,0	21	70,0

Obs.: Dados obtidos a partir das respostas à questão 45.6 do roteiro de entrevista.

O planejamento da divisão do tempo com amigos costumava acontecer de forma moderada para ambos os grupos de menores e maiores salários, com uma frequência de (13,3%) e (30%) do total das respostas, respectivamente.

4.2.9 Compartilhamento de atividades entre o pai e sua criança

As respostas apresentadas pelos entrevistados à pergunta “você costuma fazer compras com seu/sua filho (a)?” encontram-se na tabela abaixo.

Tabela 91 – Distribuição das respostas dos participantes sobre a questão: “Com relação às atividades compartilhadas, você costuma fazer compras com seu/sua filho (a)?” Bahia, 2012.

Respostas	Total		Pais com Menores Salários		Pais com Maiores Salários	
	Frequência	%	Frequência	%	Frequência	%
Nenhum	5	16,7	2	6,7	3	10,0
Baixo	4	13,3	2	6,7	2	6,7
Moderado	14	46,7	4	13,3	10	33,3
Alto	7	23,3	1	3,3	6	20,0
Total	30	100,0	9	30,0	21	70,0

Obs.: Dados obtidos a partir das respostas à questão 46.1 do roteiro de entrevista.

Segundo a maioria das respostas de ambos os grupos de entrevistados, pais de menores e maiores salários, os participantes costumavam com frequência moderada, 13,3% e 33,3% respectivamente, fazer compras com seu(ua) filho(a).

Quando se perguntou aos entrevistados se eles costumavam fazer exercícios físicos com seus filhos(as), foram disponibilizadas as respostas conforme tabela abaixo.

Tabela 92 – Distribuição das respostas dos participantes sobre a questão: “Com relação às atividades compartilhadas, você costuma fazer exercícios físicos com seu/sua filho (a)?” Bahia, 2012.

Respostas	Total		Pais com Menores Salários		Pais com Maiores Salários	
	Frequência	%	Frequência	%	Frequência	%
Nenhum	11	36,7	4	13,3	7	23,3
Baixo	4	13,3	-	-	4	13,3
Moderado	10	33,3	4	13,3	6	20,0
Alto	5	16,7	1	3,3	4	13,3
Total	30	100,0	9	30,0	21	70,0

Obs.: Dados obtidos a partir das respostas à questão 46.2 do roteiro de entrevista.

A maioria dos entrevistados de ambos os grupos de pais afirmou que não costumava fazer exercícios físicos com a criança ou o fazem com frequência moderada.

Perguntando-se sobre a frequência do costume de ir ao cinema com a criança, os entrevistados responderam conforme tabela a seguir.

Tabela 93 – Distribuição das respostas dos participantes sobre a questão: “Com relação às atividades compartilhadas, você costuma ir ao cinema com seu/sua filho(a)?” Bahia, 2012.

Respostas	Total		Pais com Menores Salários		Pais com Maiores Salários	
	Frequência	%	Frequência	%	Frequência	%
Nenhum	8	26,7	6	20,0	2	6,7
Baixo	6	20,0	1	3,3	5	16,7
Moderado	12	40,0	1	3,3	11	36,7
Alto	4	13,3	1	3,3	3	10,0
Total	30	100,0	9	30,0	21	70,0

Obs.: Dados obtidos a partir das respostas à questão 46.3 do roteiro de entrevista.

Dentre os pais do grupo com menores salários, a maioria informou que não costumava ir ao cinema com a criança (20,0%), enquanto que a maioria dos pais de maiores salários respondeu que costumava ir ao cinema com a criança com frequência moderada (36,7%).

Com relação à pergunta se os entrevistados costumam ir a parques com a criança, as respostas foram disponibilizadas a seguir.

Tabela 94 – Distribuição das respostas dos participantes sobre a questão: “Com relação às atividades compartilhadas, você costuma ir a parques com seu/sua filho(a)?” Bahia, 2012.

Respostas	Total		Pais com Menores Salários		Pais com Maiores Salários	
	Frequência	%	Frequência	%	Frequência	%
Nenhum	2	6,7	1	3,3	1	3,0
Baixo	3	10,0	2	6,7	1	3,3
Moderado	13	43,3	2	6,7	11	36,7
Alto	12	40,0	4	13,3	8	26,7
Total	30	100,0	9	30,0	21	70,0

Obs.: Dados obtidos a partir das respostas à questão 46.4 do roteiro de entrevista.

A maioria das respostas dos pais de menores salários indica que esses pais costumavam levar sua criança a parques com frequência alta, com 13,3% das respostas apresentadas, porém, a maioria dos pais de maiores salários respondeu dar uma ênfase moderada a essa tarefa 36,7% das respostas.

Referindo-se ao costume de fazer refeições com a criança, as respostas foram apresentadas na tabela a seguir.

Tabela 95 – Distribuição das respostas dos participantes sobre a questão: “Com relação às atividades compartilhadas, você costuma fazer refeições com seu/sua filho(a)?” Bahia, 2012.

Respostas	Total		Pais com Menores Salários		Pais com Maiores Salários	
	Frequência	%	Frequência	%	Frequência	%
Nenhum	-	-	-	-	-	-
Baixo	-	-	-	-	-	-
Moderado	11	36,7	3	10,0	8	26,7
Alto	19	63,3	6	20,0	13	43,3
Total	30	100,0	9	30,0	21	70,0

Obs.: Dados obtidos a partir das respostas à questão 46.5 do roteiro de entrevista.

Os pais dos dois grupos entrevistados afirmaram que dão uma ênfase alta ao costume de fazer refeições junto com a criança.

Com relação à frequência do costume de brincar com a criança, os resultados dos respondentes foram apresentados conforme a tabela seguinte.

Tabela 96 – Distribuição das respostas dos participantes sobre a questão: Com relação às atividades compartilhadas, você costuma brincar com seu/sua filho(a)? Bahia, 2012.

Respostas	Total		Pais com Menores Salários		Pais com Maiores Salários	
	Frequência	%	Frequência	%	Frequência	%
Nenhum	2	6,7	1	3,3	1	3,3
Baixo	-	-	-	-	-	-
Moderado	7	23,3	2	6,7	5	16,7
Alto	21	70,0	6	20,0	15	50,0
Total	30	100,0	9	30,0	21	70,0

Obs.: Dados obtidos a partir das respostas à questão 46.6 do roteiro de entrevista.

A maioria dos entrevistados, com 70,0% do total das respostas, afirmou que davam uma ênfase alta às brincadeiras junto com os(as) filhos (as).

Com relação à frequência do costume de fazer atividades de lazer com a criança, as respostas dos entrevistados foram apresentadas na tabela a seguir:

Tabela 97 – Distribuição das respostas dos participantes sobre a questão: “Com relação às atividades compartilhadas, você costuma fazer atividades de lazer com seu/sua filho(a)?” Bahia, 2012.

Respostas	Total		Pais com Menores Salários		Pais com Maiores Salários	
	Frequência	%	Frequência	%	Frequência	%
Nenhum	1	3,3	-	-	1	3,3
Baixo	-	-	-	-	-	-
Moderado	7	23,3	3	10,0	4	13,3
Alto	22	73,3	6	20,0	16	53,3
Total	30	100,0	9	30,0	21	70,0

Obs.: Dados obtidos a partir das respostas à questão 46.7 do roteiro de entrevista.

Houve uma frequência alta de costume de fazer atividades de lazer com o(a) filho(a) tanto nos pais com menores salários (20,0%), quanto nos de maiores salários (53,3% das respostas gerais).

Quando se tratou de perguntar sobre a frequência do costume de trabalhar com a criança, os entrevistados apresentaram as respostas que se encontram na tabela a seguir.

Tabela 98 – Distribuição das respostas dos participantes sobre a questão: “Com relação às atividades compartilhadas, você costuma trabalhar com seu/sua filho(a)?”. Bahia, 2012.

Respostas	Total		Pais com Menores Salários		Pais com Maiores Salários	
	Frequência	%	Frequência	%	Frequência	%
Nenhum	10	33,3	2	6,7	8	26,7
Baixo	8	26,7	1	3,3	7	23,3
Moderado	11	36,7	6	20,0	5	16,7
Alto	1	3,3	-	-	1	3,3
Total	30	100,0	9	30,0	21	70,0

Obs.: Dados obtidos a partir das respostas à questão 46.8 do roteiro de entrevista.

Dos entrevistados com menores salários, a maioria afirmou que costumava dar uma ênfase moderada à atividade de trabalhar com a criança (20,0%), enquanto que a maioria das respostas do grupo de maiores salários foi que não costumava trabalhar com sua criança (26,7%) ou faz isso com frequência baixa (23,3%).

Com relação à questão se os entrevistados costumavam dançar com a criança, as respostas encontram-se na tabela abaixo.

Tabela 99 – Distribuição das respostas dos participantes sobre a questão: “Com relação às atividades compartilhadas, você costuma dançar com seu/sua filho(a)?” Bahia, 2012.

Respostas	Total		Pais com Menores Salários		Pais com Maiores Salários	
	Frequência	%	Frequência	%	Frequência	%
Nenhum	4	13,3	2	6,7	2	6,7
Baixo	9	30,0	1	3,3	8	26,7
Moderado	10	33,3	2	6,7	8	26,7
Alto	7	23,3	4	13,3	3	10,0
Total	30	100,0	9	30,0	21	70,0

Obs.: Dados obtidos a partir das respostas à questão 46.9 do roteiro de entrevista.

Das respostas, encontrou-se que, dentre o grupo de entrevistados com menores salários, a maioria (13,3%) costumava dançar com sua criança com frequência alta, o grupo de pais de maiores salários costumava dançar com a criança com frequência baixa (26,7%) ou moderada (26,7%).

4.2.10 Provimento

Com relação à questão “Com relação ao provimento, você costuma prover financeiramente?” as respostas foram apresentadas na tabela a seguir.

Tabela 100 – Distribuição das respostas dos participantes sobre a questão: “Com relação ao provimento, você costuma prover financeiramente?” Bahia, 2012.

Respostas	Total		Pais com Menores Salários		Pais com Maiores Salários	
	Frequência	%	Frequência	%	Frequência	%
Nenhum	-	-	-	-	-	-
Baixo	-	-	-	-	-	-
Moderado	4	13,3	2	6,7	2	6,7
Alto	26	86,7	7	23,3	19	63,3
Total	30	100,0	9	30,0	21	70,0

Obs.: Dados obtidos a partir das respostas à questão 47.1 do roteiro de entrevista.

A maioria dos dois grupos de pais entrevistados afirmou que costumava dar uma alta ênfase à atividade de prover financeiramente a criança, com 23,3% das respostas dos pais de menores salários e 63,3% das respostas dos pais de maiores salários.

Com relação à atividade de prover habitação para a criança, as respostas encontram-se na tabela a seguir.

Tabela 101 – Distribuição das respostas dos participantes sobre a questão: “Com relação ao provimento, você costuma prover habitação?” Bahia, 2012.

Respostas	Total		Pais com Menores Salários		Pais com Maiores Salários	
	Frequência	%	Frequência	%	Frequência	%
Nenhum	4	13,3	3	10,0	1	3,3
Baixo	-	3,3	-	-	-	-
Moderado	1	83,3	-	-	1	3,3
Alto	25	-	6	20,0	19	63,3
Total	30	100,0	9	30,0	21	70,0

Obs.: Dados obtidos a partir das respostas à questão 47.2 do roteiro de entrevista.

A maioria dos entrevistados, de ambos os grupos de pais afirmaram dar uma ênfase moderada a tal atividade com (20%) das respostas do grupo de pais de menores salário e (63,3%) das respostas do grupo de pais de maiores salários.

Com relação à questão do provimento de roupas para a criança, as respostas dos entrevistados encontram-se na tabela abaixo:

Tabela 102 – Distribuição das respostas dos participantes sobre a questão: “Com relação ao provimento, você costuma prover roupas?” Bahia, 2012.

Respostas	Total		Pais com Menores Salários		Pais com Maiores Salários	
	Frequência	%	Frequência	%	Frequência	%
Nenhum	1	3,3	1	3,3	-	-
Baixo	2	6,7	1	3,3	1	3,3
Moderado	2	6,7	1	3,3	1	3,3
Alto	25	83,3	6	20,0	19	63,3
Total	30	100,0	9	30,0	21	70,0

Obs.: Dados obtidos a partir das respostas à questão 47.3 do roteiro de entrevista.

A atividade de prover roupas tem uma frequência alta na maioria das respostas dos entrevistados dos dois grupos de entrevistados, com 20% das respostas do grupo de pais com menores salários e 63,3% das respostas dos pais com maiores salários.

Referindo-se ao provimento de educação para a criança, as respostas dos entrevistados encontram-se na tabela a seguir.

Tabela 103 – Distribuição das respostas dos participantes sobre a questão: “Com relação ao provimento, você costuma prover educação?” Bahia, 2012.

Respostas	Total		Pais com Menores Salários		Pais com Maiores Salários	
	Frequência	%	Frequência	%	Frequência	%
Nenhum	1	3,3	1	3,3	-	-
Baixo	-	-	-	-	-	-
Moderado	1	3,3	-	-	1	3,3
Alto	28	93,3	8	26,7	20	66,7
Total	30	100,0	9	30,0	21	70,0

Obs.: Dados obtidos a partir das respostas à questão 47.4 do roteiro de entrevista.

Com relação à atividade de prover educação ao filho(a), a maioria das respostas dos pais de ambos os grupos de entrevistados afirmou que costumava dar uma ênfase alta a essa atividade, com 26,7% das respostas dos entrevistados do grupo de pais de menores salários e 66,7% das respostas do grupo de pais de maiores salários.

Referindo-se à atividade de prover transporte para a criança, os entrevistados responderam conforme dados apresentados na tabela a seguir.

Tabela 104– Distribuição das respostas dos participantes sobre a questão: “Com relação ao provimento, você costuma prover transporte?” Bahia, 2012.

Respostas	Total		Pais com Menores Salários		Pais com Maiores Salários	
	Frequência	%	Frequência	%	Frequência	%
Nenhum	2	6,7	2	6,7	-	-
Baixo	1	3,3	-	-	1	3,3
Moderado	3	10,0	1	3,3	2	6,7
Alto	24	80,0	6	20,0	18	60,0
Total	30	100,0	9	30,0	21	70,0

Obs.: Dados obtidos a partir das respostas à questão 47.5 do roteiro de entrevista.

Segundo a maioria dos respondentes de ambos os grupos de entrevistados, foi dada uma ênfase alta à questão do provimento de transporte, com 20,0% das respostas dos pais de menores salários e 60,0% das respostas dos pais de maiores salários. Cabe destacar que “nenhum provimento de transporte” foi encontrado apenas no primeiro grupo.

Com relação à frequência do costume de prover documentação para a criança, as resposta essa pergunta encontram-se disponibilizadas na tabela abaixo.

Tabela 105 – Distribuição das respostas dos participantes sobre a questão: “Com relação ao provimento, você costuma prover documentação?” Bahia, 2012.

Respostas	Total		Pais com Menores Salários		Pais com Maiores Salários	
	Frequência	%	Frequência	%	Frequência	%
Nenhum	2	6,7	2	6,7	-	-
Baixo	-	-	-	-	-	-
Moderado	4	13,3	1	3,3	3	10,0
Alto	24	80,0	6	20,0	18	60,0
Total	30	100,0	9	30,0	21	70,0

Obs.: Dados obtidos a partir das respostas à questão 47.6 do roteiro de entrevista.

Os pais afirmaram ter costume de dar alta ênfase à questão de prover documentação à criança, com 20,0% do total das respostas dos entrevistados de menores salários e 60,0% das respostas dos de maiores salários. O “não provimento de documentação” foi encontrado apenas no primeiro grupo.

Referindo-se à frequência do costume de prover brinquedos para a criança, os entrevistados responderam conforme tabela abaixo.

Tabela 106 – Distribuição das respostas dos participantes sobre a questão: “Com relação ao provimento, você costuma prover brinquedos?” Bahia, 2012.

Respostas	Total		Pais com Menores Salários		Pais com Maiores Salários	
	Frequência	%	Frequência	%	Frequência	%
Nenhum	-	-	-	-	-	-
Baixo	-	-	-	-	-	-
Moderado	6	20,0	4	13,3	2	6,7
Alto	24	80,0	5	16,7	19	63,3
Total	30	100,0	9	30,0	21	70,0

Obs.: Dados obtidos a partir das respostas à questão 47.7 do roteiro de entrevista.

O provimento de brinquedos por parte dos pais com menores salários é em parte alto (16,7%) e em parte moderado (13,3%). No entanto, no grupo de pais com maiores salários tal provimento é alto (63,3%).

Com relação ao provimento das atividades extracurriculares para suas crianças os entrevistados responderam conforme os dados disponíveis na tabela seguinte.

Tabela 107 – Distribuição das respostas dos participantes sobre a questão: “Com relação ao provimento, você costuma prover atividades extracurriculares?” Bahia, 2012.

Respostas	Total		Pais com Menores Salários		Pais com Maiores Salários	
	Frequência	%	Frequência	%	Frequência	%
Nenhum	3	10,0	3	10,0	-	-
Baixo	1	3,3	-	-	1	3,3
Moderado	5	16,7	4	13,3	1	3,3
Alto	21	70,0	2	6,7	19	63,3
Total	30	100,0	9	30,0	21	70,0

Obs.: Dados obtidos a partir das respostas à questão 47.8 do roteiro de entrevista.

Ao perguntar-se sobre a frequência do costume de prover atividades extracurriculares, a maioria dos entrevistados do grupo de menores salários afirmou que provê atividades extracurriculares com frequência moderada (13,3%), enquanto que os pais do grupo de maiores salários afirmou que provê atividades extracurriculares com frequência alta (63,3%). Cabe destacar que o não provimento de atividades extracurriculares foi encontrado apenas nos pais com menores salários.

Referindo-se à frequência do costume de prover alimentação para a criança, os entrevistados responderam conforme tabela abaixo.

Tabela 108 - Distribuição das respostas dos participantes sobre a questão: “Com relação ao provimento, você costuma prover alimentação?” Bahia, 2012.

Respostas	Total		Pais com menores salários		Pais com maiores salários	
	Frequência	%	Frequência	%	Frequência	%
Nenhum	-	-	-	-	-	-
Baixo	-	-	-	-	-	-
Moderado	4	13,3	3	10,0	1	3,3
Alto	26	86,7	6	20,0	20	66,7
Total	30	100,0	9	30,0	21	70,0

Obs.: Dados obtidos a partir das respostas à questão 47.9 do roteiro de entrevista.

A maioria dos entrevistados de ambos os grupos pesquisados responderam dar ênfase alta à tarefa de prover alimentos para a criança, com 20,0% e 66,7%, para os pais de maiores e menores salários respectivamente.

Referindo-se ao costume de prover cuidados médicos, os respondentes apresentaram as respostas disponíveis na tabela a seguir.

Tabela 109 - Distribuição das respostas dos participantes sobre a questão: “Com relação ao provimento, você costuma prover cuidados médicos?” Bahia, 2012.

Respostas	Total		Pais com Menores Salários		Pais com Maiores Salários	
	Frequência	%	Frequência	%	Frequência	%
Nenhum	-	-	-	-	-	-
Baixo	-	-	-	-	-	-
Moderado	3	10,0	1	3,3	2	6,7
Alto	27	90,0	8	26,7	19	63,3
Total	30	100,0	9	30,0	21	70,0

Obs.: Dados obtidos a partir das respostas à questão 47.10 do roteiro de entrevista.

Com relação à frequência do costume de prover cuidados médicos, a maioria dos entrevistados, de ambos os grupos, afirmou dar uma ênfase alta a essa questão, com 26,7% das respostas dos pais de menores salários e 63,3% das respostas dos pais de maiores salários.

.Quando questionados sobre a frequência do costume de prover mobiliário, os entrevistados responderam conforme os dados apresentados na tabela seguinte.

Tabela 110 - Distribuição das respostas dos participantes sobre a questão: “Com relação ao provimento, você costuma prover mobiliário?” Bahia, 2012.

Respostas	Total		Pais com Menores Salários		Pais com Maiores Salários	
	Frequência	%	Frequência	%	Frequência	%
Nenhum	2	6,7	2	6,7	-	-
Baixo	1	3,3	1	3,3	-	-
Moderado	2	6,7	1	3,3	1	3,3
Alto	25	83,3	5	16,7	20	66,7
Total	30	100,0	9	30,0	21	70,0

Obs.: Dados obtidos a partir das respostas à questão 47.11 do roteiro de entrevista.

Dentre os entrevistados, a maioria de ambos os grupos respondeu que costuma prover mobiliário com alta frequência, com 16,7% das respostas dos pais de menores salário e 66,7% das respostas dos pais de maiores salários. “Nenhum” ou “baixo” provimento foi encontrado apenas no grupo de pais com menores salários

Questionando-se os pais sobre a frequência do costume de prover seguro a seus filhos, eles responderam conforme os dados apresentados na tabela a seguir.

Tabela 111 - Distribuição das respostas dos participantes sobre a questão: “Com relação ao provimento, você costuma prover seguro?” Bahia, 2012.

Respostas	Total		Pais com Menores Salários		Pais com Maiores Salários	
	Frequência	%	Frequência	%	Frequência	%
Nenhum	3	10,0	1	3,3	2	6,7
Baixo	1	3,3	1	3,3	-	-
Moderado	2	6,7	-	-	2	6,7
Alto	24	80,0	7	23,3	17	56,7
Total	30	100,0	9	30,0	21	70,0

Obs.: Dados obtidos a partir das respostas à questão 47.12 do roteiro de entrevista.

O provimento de seguro constitui-se em uma atividade de ênfase alta entre os dois grupos pesquisados, com 23,3% das respostas dos pais de menores salários e 56,7% das respostas dos pais de maiores salários.

4.2.11 Afetividade do pai com relação à sua criança

Com relação à frequência do costume de abraçar a criança, os respondentes disponibilizaram as respostas que se encontram na tabela a seguir.

Tabela 112 - Distribuição das respostas dos participantes sobre a questão: “Com relação ao afeto, você costuma abraçar seu/sua filho(a)?” Bahia, 2012.

Respostas	Total		Pais com Menores Salários		Pais com Maiores Salários	
	Frequência	%	Frequência	%	Frequência	%
Nenhum	-	-	-	-	-	-
Baixo	-	-	-	-	-	-
Moderado	2	6,7	1	3,3	1	3,3
Alto	28	93,3	8	26,7	20	66,7
Total	30	100,0	9	30,0	21	70,0

Obs.: Dados obtidos a partir das respostas à questão 48.1 do roteiro de entrevista.

Os entrevistados, em sua maioria, em ambos os grupos pesquisados afirmaram dar uma alta ênfase ao costume de abraçar a criança, com 26,7% das respostas dos pais de menores salários e 66,7% das respostas dos pais de maiores salários.

Perguntando-se sobre a frequência do costume de fazer contato com o(a) filho(a) através dos olhos, os entrevistados responderam conforme os dados contidos na tabela a seguir:

Tabela 113 - Distribuição das respostas dos participantes sobre a questão: “Com relação ao afeto, você costuma fazer contato com os olhos?” Bahia, 2012.

Respostas	Total		Pais com Menores Salários		Pais com Maiores Salários	
	Frequência	%	Frequência	%	Frequência	%
Nenhum	-	-	-	-	-	-
Baixo	2	6,7	1	3,3	1	3,3
Moderado	2	6,7	1	3,3	1	3,3
Alto	26	86,6	7	23,3	19	63,3
Total	30	100,0	9	30,0	21	70,0

Obs.: Dados obtidos a partir das respostas à questão 48.2 do roteiro de entrevista.

Com relação frequência de se manter contato com a criança, através dos olhos, a maioria dos entrevistados, de ambos os grupos, afirmou dar ênfase alta a esse costume, com 23,3% das respostas dos pais de menores salários e 63,3% das respostas dos pais de maiores salários.

Perguntando-se sobre a frequência do costume de fazer cócegas na criança, os entrevistados responderam conforme dados apresentados na tabela a seguir.

Tabela 114 - Distribuição das respostas dos participantes sobre a questão: “Com relação ao afeto, você costuma fazer cócegas em seu/sua filho(a)?” Bahia, 2012.

Respostas	Total		Pais com Menores Salários		Pais com Maiores Salários	
	Frequência	%	Frequência	%	Frequência	%
Nenhum	3	10,0	-	-	3	10,0
Baixo	2	6,7	-	-	2	6,7
Moderado	6	20,0	2	6,7	4	13,3
Alto	19	63,3	7	23,3	12	40,0
Total	30	100,0	9	30,0	21	70,0

Obs.: Dados obtidos a partir das respostas à questão 48.3 do roteiro de entrevista.

A maioria dos entrevistados, de ambos os grupos, afirmou dar ênfase alta ao costume de fazer cócegas na criança, com 23,3% das respostas dos pais de menores salários e 40% das respostas do grupo de pais de maiores salários. Apenas neste último grupo foram encontradas “nenhuma” ou “baixa” frequência a tal costume.

Questionados sobre a ênfase dada ao costume de beijar a criança, os pais apresentaram as respostas contidas na tabela abaixo.

Tabela 115 - Distribuição das respostas dos participantes sobre a questão: “Com relação ao afeto, você costuma beijar seu/sua filho(a)?” Bahia, 2012.

Respostas	Total		Pais com Menores Salários		Pais com maiores salários	
	Frequência	%	Frequência	%	Frequência	%
Nenhum	-	-	-	-	-	-
Baixo	-	-	-	-	-	-
Moderado	2	6,7	1	3,3	1	3,3
Alto	28	93,3	8	26,7	20	66,7
Total	30	100,0	9	30,0	21	70,0

Obs.: Dados obtidos a partir das respostas à questão 48.4 do roteiro de entrevista.

A maioria dos pais, de ambos os grupos pesquisados, respondeu que costuma dar uma alta ênfase à prática de beijar suas crianças, com 26,7% das respostas do grupo de pais de menores salários e 66,7% das respostas dos grupos de pais de maiores salários.

Com relação à pergunta “você costuma sorrir para seu/sua filho(a)?” os entrevistados responderam conforme os dados apresentados na tabela a seguir.

Tabela 116 - Distribuição das respostas dos participantes sobre a questão: “Com relação ao afeto, você costuma sorrir para seu/sua filho(a)?” Bahia, 2012.

Respostas	Total		Pais com Menores Salários		Pais com Maiores Salários	
	Frequência	%	Frequência	%	Frequência	%
Nenhum	1	3,3	-	-	1	3,3
Baixo	20	66,7	-	-	20	66,7
Moderado	1	3,3	1	3,3	-	-
Alto	8	26,7	8	26,7	-	-
Total	30	100,0	9	30,0	21	70,0

Obs.: Dados obtidos a partir das respostas à questão 48.5 do roteiro de entrevista.

Dos entrevistados do grupo de pais de menores salários, 26,7% afirmaram que dão uma ênfase alta ao costume de sorrir para a criança, enquanto (66,7%) dos entrevistados do grupo de pais de maiores salários afirmaram dar ênfase baixa a essa questão.

Ao serem questionados sobre o costume de estabelecer uma genuína amizade com a criança, os entrevistados responderam conforme dados disponíveis na tabela a seguir.

Tabela 117 - Distribuição das respostas dos participantes sobre a questão: “Com relação ao afeto, você costuma estabelecer genuína amizade com o seu/sua filho(a)?” Bahia, 2012.

Respostas	Total		Pais com Menores Salários		Pais com Maiores Salários	
	Frequência	%	Frequência	%	Frequência	%
Nenhum	-	-	-	-	-	-
Baixo	-	-	-	-	-	-
Moderado	1	3,3	1	3,3	-	-
Alto	29	96,7	8	26,7	21	70,0
Total	30	100,0	9	30,0	21	70,0

Obs.: Dados obtidos a partir das respostas à questão 48.6 do roteiro de entrevista.

A maioria dos entrevistados, de ambos os grupos pesquisados, respondeu que costuma dar uma alta ênfase ao costume de estabelecer genuína amizade com a criança, com 26,7% das respostas do grupo de pais de menores salários e 70,0% das respostas dos pais de maiores salários.

Com relação à frequência do costume de demonstrar paciência com a criança, os entrevistados responderam conforme os dados disponíveis na tabela a seguir.

Tabela 118 - Distribuição das respostas dos participantes sobre a questão: “Com relação ao afeto, você costuma ter paciência com o(a) seu/sua filho(a)?” Bahia, 2012.

Respostas	Total		Pais com Menores Salários		Pais com Maiores Salários	
	Frequência	%	Frequência	%	Frequência	%
Nenhum	-	-	-	-	-	-
Baixo	1	3,3	1	3,3	-	-
Moderado	9	30,0	1	3,3	8	26,7
Alto	20	66,7	7	23,3	13	43,3
Total	30	100,0	9	30,0	21	70,0

Obs.: Dados obtidos a partir das respostas à questão 48.7 do roteiro de entrevista.

A maioria dos pais, de ambos os grupos pesquisados, afirmou que costuma dar ênfase alta ao costume de ter paciência com a criança, com 23,3% das respostas do grupo de pais de menores salários e 43,3% das respostas dos pais de maiores salários. Estes últimos referem paciência moderada em 26,7% das respostas.

Ao questionar-se sobre a frequência do costume de elogiar a criança, os entrevistados responderam conforme a tabela abaixo.

Tabela 119 - Distribuição das respostas dos participantes sobre a questão: “Com relação ao afeto, você costuma elogiar seu/sua filho(a)?” Bahia, 2012.

Respostas	Total		Pais com Menores Salários		Pais com maiores salários	
	Frequência	%	Frequência	%	Frequência	%
Nenhum	-	-	-	-	-	-
Baixo	-	-	-	-	-	-
Moderado	4	13,3	2	6,7	2	6,7
Alto	26	86,7	7	23,3	19	63,3
Total	30	100,0	9	30,0	21	70,0

Obs.: Dados obtidos a partir das respostas à questão 48.8 do roteiro de entrevista.

O costume de elogiar a criança foi mencionado, pela maioria dos entrevistados, de ambos os grupos, com alta ênfase, com 23,3% das respostas dos pais de menores salários e 63,3% das respostas dos pais de maiores salários.

4.2.12 Suporte emocional

Ao serem questionados sobre a ênfase dada ao costume de encorajar a criança os pais responderam conforme os dados contidos na tabela seguinte.

Tabela 120 - Distribuição das respostas dos participantes sobre a questão: “Com relação ao suporte emocional, você costuma encorajar seu/sua filho(a)?” Bahia, 2012.

Respostas	Total		Pais com Menores Salários		Pais com Maiores Salários	
	Frequência	%	Frequência	%	Frequência	%
Nenhum	-	-	-	-	-	-
Baixo	1	3,3	1	3,3	-	-
Moderado	-	-	-	-	-	-
Alto	29	96,7	8	26,7	21	70,0
Total	30	100,0	9	30,0	21	70,0

Obs.: Dados obtidos a partir das respostas à questão 50.1 do roteiro de entrevista.

Em sua maioria, em ambos os grupos pesquisados, os pais afirmaram que costumam dar uma alta ênfase ao costume de encorajar a criança, com 26,7% das respostas dos pais de menores salários e 70,0% das respostas dos pais de maiores salários.

Quando questionados sobre a frequência do costume de demonstrar interesse pela criança, os entrevistados responderam conforme os dados apresentados na tabela que se segue:

Tabela 121 - Distribuição das respostas dos participantes sobre a questão: “Com relação ao suporte emocional, você costuma demonstrar interesse pelo(a) seu/sua filho(a)?” Bahia, 2012.

Respostas	Total		Pais com Menores Salários		Pais com Maiores Salários	
	Frequência	%	Frequência	%	Frequência	%
Nenhum	-	-	-	-	-	-
Baixo	-	-	-	-	-	-
Moderado	2	6,7	1	3,3	1	3,3
Alto	28	93,3	8	26,7	20	66,7
Total	30	100,0	9	30,0	21	70,0

Obs.: Dados obtidos a partir das respostas à questão 50.2 do roteiro de entrevista.

Com relação ao costume de demonstrar interesse pela criança, a maioria dos entrevistados, (93,3%), respondeu que costuma demonstrar tal interesse com alta ênfase.

Questionados sobre os fatores que facilitam o relacionamento entre a criança e o pai, esses últimos responderam conforme a tabela seguinte.

Tabela 122 - Distribuição das respostas dos participantes sobre a questão: “Quais fatores facilitam o seu relacionamento com o seu filho?” Bahia, 2012*.

Categorias	Total		Pais com Menores Salários		Pais com Maiores Salários	
	Frequência	%	Frequência	%	Frequência	%
Projetar sonhos da própria infância	1	2,4	-	-	1	2,4
Mãe da criança como facilitadora	2	4,8	1	2,4	1	2,4
Relação de confiança	3	7,1	-	-	3	7,1
Afetividade	8	19,0	3	7,1	5	11,9
Responsabilidade pelo filho	1	2,4	-	-	1	2,4
Compartilhar atividades/proximidade	19	45,2	6	14,3	13	31,0
Cuidar	1	2,4	-	-	1	2,4
Personalidade do filho	4	9,5	1	2,4	3	7,1
Gênero	1	2,4	-	-	1	2,4
Flexibilidade do trabalho	2	4,8	2	4,8	-	-
Total	42	100	13	31	29	69

Obs.: Dados obtidos a partir das respostas à questão 51 do roteiro de entrevista.

*Permite respostas múltiplas

“Compartilhar atividades/proximidade” e a “afetividade” são os elementos que, conforme os pais de ambos os grupos, mais facilitam o relacionamento deles com suas crianças.

Quando questionados sobre quais fatores dificultam o relacionamento dos entrevistados com sua criança, as respostas foram disponibilizadas na tabela a seguir:

Tabela 123 - Distribuição das respostas dos participantes sobre a questão: “Quais fatores dificultam o seu relacionamento com o seu filho?” Bahia, 2012*.

Categorias	Total		Pais com Menores Salários		Pais com Maiores Salários	
	Frequência	%	Frequência	%	Frequência	%
O trabalho	9	31,0	4	13,8	5	17,2
Separação conjugal	3	10,3	2	6,9	1	3,4
Não morar junto/distância	2	6,9	1	3,4	1	3,4
Mãe da criança como dificultadora	2	6,9	1	3,4	1	3,4
Personalidade do filho	4	13,8	1	3,4	3	10,3
Pouco tempo	6	20,7	-	-	6	20,7
Personalidade do pai	3	10,3	-	-	3	10,3
Total	29	100,0	9	31,0	20	69,0

Obs.: Dados obtidos a partir das respostas à questão 50.1 do roteiro de entrevista.

*Permite respostas múltiplas

Percebe-se que para o grupo de pais de menores salários, o trabalho constitui-se no principal fator que dificulta o relacionamento com o seu filho, seguindo-se de pouco tempo, enquanto que para os pais de maiores salários o principal fator que dificulta o relacionamento entre eles e o filho é o pouco tempo, seguindo-se do trabalho.

É importante informar que um participante com menor salário não respondeu e seis com maiores salários consideram não haver fatores que dificultam o relacionamento com a criança.

4.3 PATERNIDADE SEGUNDO DEFINIÇÃO DE LAMB (2004)

A seguir será dado início a análise dos dados referentes aos fatores que definem a paternidade, segundo Lamb (2004) que são: responsabilidade, engajamento e acessibilidade/disponibilidade. Acrescentamos também a categoria autoridade, por entender que este fator é importante por vir sofrendo grandes mudanças nos anos recentes.

4.3.1 Responsabilidade

Quando foram indagados sobre quem eram os principais responsáveis pela criança, os entrevistados responderam conforme dados apresentados na tabela a seguir.

**Tabela 124– Distribuição dos principais responsáveis pela criança.
Bahia, 2012.**

Responsáveis	Total		Pais com Menores Salários		Pais com Maiores Salários	
	Frequência	%	Frequência	%	Frequência	%
Ambos os pais	27	90,0	8	26,7	19	63,3
A mãe	3	10,0	1	3,3	2	6,7
O pai	-	-	-	-	-	-
Total	30	100,0	9	30,0	21	70,0

Obs.: Dados obtidos a partir das respostas à questão 27 do roteiro de entrevista.

Os entrevistados, de ambos os grupos pesquisados, responderam que ambos os pais são responsáveis pela criança, o que demonstra uma mudança rumo a uma maior distribuição das responsabilidades na família. No entanto, cabe destacar que a mãe é citada por 10% dos casos e que o pai não é citado isoladamente por nenhum deles.

Com relação à questão do envolvimento com a criança, em termos de responsabilidade, os entrevistados responderam conforme os dados contidos na tabela a seguir.

Tabela 125 – Distribuição das respostas dos participantes sobre a questão: Como é o seu envolvimento com o seu filho em termos de responsabilidade? Bahia, 2012.

Respostas	Total		Pais com Menores Salários		Pais com Maiores Salários	
	Frequência	%	Frequência	%	Frequência	%
Moderado	2	6,7	8	26,7	1	3,3
Alto	28	93,3	1	3,3	20	66,7
Total	30	100	9	30	21	70

Obs.: Dados obtidos a partir das respostas à questão 32.1 do roteiro de entrevista.

A maioria dos respondentes do grupo de pais de menores salários considerou moderado o seu envolvimento com o seu filho(a), em termos de responsabilidade, enquanto que a maioria do grupo de pais de maiores salários o considerou alto.

Indagados sobre quando os entrevistados eram crianças, como era o envolvimento com o pai deles em termos de responsabilidade, os mesmos apresentaram as respostas que seguem na tabela abaixo.

Tabela 126 – Distribuição das respostas dos participantes sobre a questão: Quando você era criança como era o seu envolvimento com o seu pai em termos de responsabilidade? Bahia, 2012.

Respostas	Total		Pais com Menores Salários		Pais com Maiores Salários	
	Frequência	%	Frequência	%	Frequência	%
Nenhum	3	10,0	2	6,7	1	3,3
Baixo	5	16,7	1	3,3	4	13,3
Moderado	5	16,7	3	10,0	2	6,7
Alto	17	56,7	3	10,0	14	46,7
Total	30	100,0	9	30,0	21	70,0

Obs.: Dados obtidos a partir das respostas à questão 33.1 do roteiro de entrevista.

Em sua maioria, os pais do grupo de menores salários informou que o envolvimento do pai deles com eles, em termos de responsabilidade, era moderado ou alto, enquanto que os entrevistados do grupo de pais de maiores salários afirmaram que o envolvimento com o pai era alto em termos de responsabilidade.

4.3.2 Engajamento

Com relação à pergunta sobre quem é a pessoa mais engajada com a criança, os entrevistados responderam conforme dados apresentados a seguir:

Tabela 127 – Distribuição das pessoas mais engajadas com a criança. Bahia, 2012.

Pessoa Mais Engajada Com a Criança	Total		Pais com Menores Salários		Pais com Maiores Salários	
	Frequência	%	Frequência	%	Frequência	%
Ambos os pais	17	56,7	3	10,0	14	46,7
Mãe	7	23,3	3	10,0	4	13,3
O pai	1	3,3	1	3,3	-	-
Outros	5	16,7	2	6,7	3	10
Total	30	100,0	9	30,0	21	70,0

Obs.: Dados obtidos a partir das respostas à questão 28 do roteiro de entrevista.

Foi mencionado, pela maioria dos entrevistados do grupo de pais de menores salários, que as pessoas mais engajadas com a criança são ambos os pais ou a mãe, com 10% da frequência de resposta para cada um, enquanto que a maioria dos pais de maiores salários afirmou que ambos os pais são engajados com a criança (46,7% das respostas gerais).

Perguntando-se aos entrevistados sobre a intensidade do envolvimento com a criança, em termos de engajamento, eles responderam conforme a tabela seguinte.

Tabela 128 – Distribuição das respostas dos participantes sobre a questão: Como é o seu envolvimento com o seu filho em termos de engajamento? Bahia, 2012.

Respostas	Total		Pais com Menores Salários		Pais com Maiores Salários	
	Frequência	%	Frequência	%	Frequência	%
Baixo	1	3,3	1	3,3	-	-
Moderado	5	16,7	1	3,3	4	13,3
Alto	24	80,0	7	23,3	17	56,7
Total	30	100,0	9	30,0	21	70,0

Obs.: Dados obtidos a partir das respostas à questão 32.2 do roteiro de entrevista.

Com relação à intensidade do envolvimento no que se refere ao engajamento, a maioria de ambos os grupos dos entrevistados afirmou ser alto.

Com relação à questão de quando os entrevistados eram crianças como era o envolvimento dos pais deles com eles em termos de engajamento, eles apresentaram as respostas disponíveis na tabela a seguir.

Tabela 129 – Distribuição das respostas dos participantes sobre a questão: “Quando você era criança como era o seu envolvimento com o seu pai em termos de engajamento?” Bahia, 2012.

Respostas	Total		Pais com Menores Salários		Pais com Maiores Salários	
	Frequência	%	Frequência	%	Frequência	%
Nenhum	3	10,0	2	6,7	1	3,3
Baixo	6	20,0	3	10,0	3	10,0
Moderado	8	26,7	2	6,7	6	20,0
Alto	13	43,3	2	6,7	11	36,7
Total	30	100,0	9	30,0	21	70,0

Obs.: Dados obtidos a partir das respostas à questão 33.2 do roteiro de entrevista.

Houve uma distribuição das respostas dos participantes com menores salários entre os níveis de envolvimento dos pais deles com eles em termos de engajamento, havendo um pequeno destaque na categoria “baixo envolvimento”. Entretanto, os pais com maiores salários referiram “alto” ou “moderado” engajamento.

4.3.3 Disponibilidade

Com relação à disponibilidade para com a criança, os entrevistados mencionaram as respostas que se encontram na tabela a seguir.

Tabela 130 – Distribuição das pessoas mais disponíveis para com a criança. Bahia, 2012.

Pessoa Mais Disponível Com a Criança	Total		Pais com Menores Salários		Pais com Maiores Salários	
	Frequência	%	Frequência	%	Frequência	%
Ambos os pais	14	46,7	4	13,3	10	33,3
Mãe	14	46,7	4	13,3	10	33,3
O pai	-	-	-	-	-	-
Outros*	2	6,7	1	3,3	1	3,3
Total	30	100,0	9	30,0	21	70,0

Obs.: Dados obtidos a partir das respostas à questão 29 do roteiro de entrevista.

* “Outros” refere-se a pessoas como: avós, tios (as).

Constatou-se que tanto a mãe, quanto ambos os pais são as pessoas mais disponíveis para a criança, conforme a maioria das respostas dos entrevistados de ambos os grupos pesquisados. O pai isoladamente não foi mencionado em nenhum caso.

Ao serem questionados sobre como é o grau de envolvimento para com a criança em termos de disponibilidade, os entrevistados responderam conforme dados disponíveis na tabela a seguir.

Tabela 131 – Distribuição das respostas dos participantes sobre a questão: Como é o seu envolvimento com o seu filho em termos de disponibilidade? Bahia, 2012.

Respostas	Total		Pais com Menores Salários		Pais com Maiores Salários	
	Frequência	%	Frequência	%	Frequência	%
Nenhuma	-	-	-	-	-	-
Baixo	3	10,0	-	-	3	10,0
Moderado	17	56,7	8	26,7	9	30,0
Alto	10	33,3	1	3,3	9	30,0
Total	30	100,0	9	30,0	21	70,0

Obs.: Dados obtidos a partir das respostas à questão 32.3 do roteiro de entrevista.

A maioria dos respondentes do grupo de pais de menores salários afirmou que é moderado (26,7%) o seu grau de disponibilidade para com a criança, enquanto que os pais de maiores salários, em sua maioria, afirmaram que dão ênfase moderada (30%) e alta (30%) para tal disponibilidade.

Com relação à questão de que quando os entrevistados eram crianças como era o envolvimento do pai deles com eles em termos de disponibilidade, os mesmos apresentaram as respostas que constam na tabela seguinte.

Tabela 132 – Distribuição das respostas dos participantes sobre a questão: “Quando você era criança como era o seu envolvimento com o seu pai em termos de disponibilidade”? Bahia, 2012.

Respostas	Total		Pais com Menores Salários		Pais com Maiores Salários	
	Frequência	%	Frequência	%	Frequência	%
Nenhum	4	13,3	3	10,0	1	3,3
Baixo	7	23,3	2	6,7	5	16,7
Moderado	11	36,7	4	13,3	7	23,3
Alto	8	26,7	-	-	8	26,7
Total	30	100,0	9	30,0	21	70,0

Obs.: Dados obtidos a partir das respostas à questão 33.3 do roteiro de entrevista.

Os respondentes do grupo de pais de menores salários afirmaram que o envolvimento de seus pais com eles em termos de disponibilidade era moderado (13,3%) ou inexistente (10,0%), enquanto que a maioria das respostas dos pais de maiores salário vão na direção que o envolvimento de seus pais para com eles em termos de disponibilidade era alto (26,7%) ou moderado (23,3%).

4.3.4 Autoridade

Com relação as pergunta sobre quais pessoas possuem mais autoridade para com a criança, os entrevistados responderam conforme os dados contidos na tabela.

Tabela 133 – Distribuição das pessoas com mais autoridade para com a criança. Bahia, 2012.

Pessoa Com Mais Autoridade Para Com a Criança	Total		Pais com Menores Salários		Pais com Maiores Salários	
	Frequência	%	Frequência	%	Frequência	%
Ambos os pais	12	40,0	3	10,0	9	30,0
Mãe	5	16,7	2	6,7	3	10,0
O pai	13	43,3	4	13,3	9	30,0
Total	30	100,0	9	30,0	21	70,0

Obs.: Dados obtidos a partir das respostas à questão 30 do roteiro de entrevista.

Em ambos os grupos, as pessoas que apresentaram maior autoridade para com a criança, na perspectiva dos pais, são ambos os pais ou o pai.

Quando os entrevistados foram questionados sobre quem é a pessoa com mais autoridade na família, eles responderam conforme os dados disponíveis na tabela a seguir.

Tabela 134 – Distribuição das pessoas com mais autoridade na família. Bahia, 2012.

Pessoa Com Mais Autoridade na Família	Total		Pais com Menores Salários		Pais com Maiores Salários	
	Frequência	%	Frequência	%	Frequência	%
O pai	19	63,3	6	20,0	13	43,3
Ambos os pais	3	10,0	-	-	3	10,0
A mãe	2	6,7	1	3,3	1	3,3
A avó	2	6,7	1	3,3	2	6,7
Avô	3	10,0	-	-	2	6,7
Não existe	1	3,3	1	3,3	-	-
Total	30	100,0	9	30,0	21	70,0

Obs.: Dados obtidos a partir das respostas à questão 31 do roteiro de entrevista.

O pai foi mencionado como aquele que tem mais autoridade na família, com um percentual de frequência de respostas de (20,0%) e (43,0%) em ambos os grupos de pais de menores e maiores salários, respectivamente.

Quando questionados sobre como é o seu envolvimento com a criança em termos de autoridade, os entrevistados apresentaram as respostas contidas na tabela a seguir.

Tabela 135 – Distribuição das respostas dos participantes sobre a questão: Como é o seu envolvimento com o seu filho em termos de autoridade? Bahia, 2012.

Respostas	Total		Pais com Menores Salários		Pais com Maiores Salários	
	Frequência	%	Frequência	%	Frequência	%
Baixo	1	3,3	1	3,3	-	-
Moderado	5	16,7	1	3,3	4	13,3
Alto	24	80,0	7	23,3	17	56,7
Total	30	100,0	9	30,0	21	70,0

Obs.: Dados obtidos a partir das respostas à questão 32.4 do roteiro de entrevista.

A maioria dos respondentes, de ambos os grupos de menores e maiores salários, afirmou que o seu grau de envolvimento com a criança em termos de autoridade é alto, com 23,3% e 56,7% do total das respostas, respectivamente. Baixo envolvimento em termos de autoridade foi encontrado apenas em um pai do grupo dos menores salários.

Com relação à questão referente ao envolvimento dos entrevistados, quando crianças, com seus próprios pais, pois em termos de autoridade, responderam conforme os dados que se seguem.

Tabela 136 – Distribuição das respostas dos participantes sobre a questão: Quando você era criança, como era o seu envolvimento com o seu pai em termos de autoridade? Bahia, 2012.

Respostas	Total		Pais com Menores Salários		Pais com Maiores Salários	
	Frequência	%	Frequência	%	Frequência	%
Nenhum	3	10,0	2	6,7	1	3,3
Baixo	2	6,7	2	6,7	-	-
Moderado	2	6,7	1	3,3	1	3,3
Alto	23	76,7	4	13,3	19	63,3
Total	30	100,0	9	30,0	21	70,0

Obs.: Dados obtidos a partir das respostas à questão 33.4 do roteiro de entrevista.

A incidência maior de respostas, em ambos os grupos, foi no nível alto de envolvimento do pai do entrevistado com ele em termos de autoridade. No entanto, “nenhum” ou “baixo” envolvimento foi apresentado com maior intensidade nos pais de menores salários do que nos com maiores salários.

4.4 PATERNIDADE E POLÍTICAS PÚBLICAS

A seguir serão apresentadas as concordâncias dos participantes sobre a contribuição/incentivo do governo, sistema jurídico (poder familiar), legislação trabalhista, serviços de saúde e escolas para que o homem exerça o papel de pai.

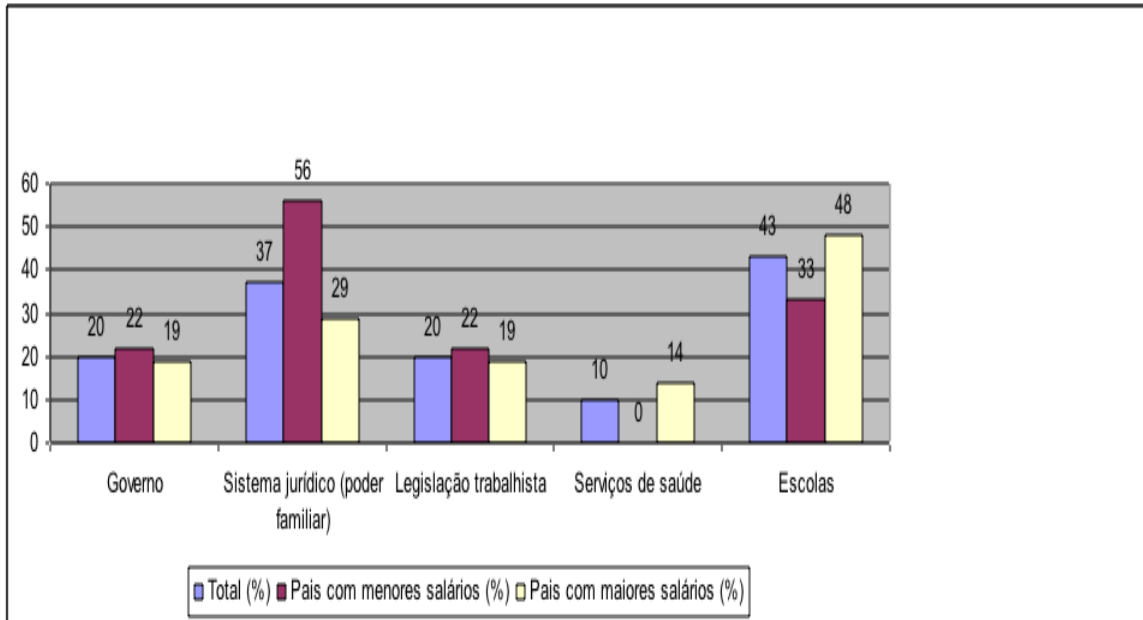


Figura 2. Distribuição percentual de concordância dos participantes sobre as instituições que contribuem/incentivam o homem a exercer o papel de pai. Bahia, 2012.

Obs.: Dados referentes às questões 53, 55, 56, 58 e 59 do roteiro de entrevista.

Dentre as instituições, a que é mais apontada como contribuindo/incentivando os homens a exercerem o papel de pai é: o sistema jurídico (havendo destaque para os pais com menores salários). Os serviços de saúde foram os menos apontados como contribuindo com o papel de pai.

Sobre o governo, as justificativas para a concordância de que ele contribui para favorecer o relacionamento do participante com seu/sua filho(a) foram: boa infraestrutura pública de lazer; benefícios trabalhistas; oportunidade de trabalho; benefícios sociais (bolsa família; promoção de segurança). Por outro lado, as justificativas para a discordância foram: infraestrutura de lazer deficiente; indiferença do governo à paternidade; falta de segurança pública; educação pública deficiente; saúde pública deficiente; jornada de trabalho longa; altos impostos; transporte público deficiente.

As explicações para a concordância de que o sistema jurídico (legislação sobre família) é adequado para que os homens se sintam apoiados a exercerem seu papel de pais foram: a obrigatoriedade da lei quanto à pensão alimentícia; o incentivo à guarda compartilhada e ao cuidado das crianças por parte do pai; o apoio aos pais separados. As

alegações para a discordância foram: o fato de a justiça privilegiar as mães; a ineficiência do sistema jurídico com cobranças exageradas; o pouco tempo de licença paternidade; a falta de flexibilidade de horário no trabalho; o fato de o pai ser focalizado apenas quando não há o pagamento da pensão alimentícia.

Os motivos que levaram os participantes a concordarem que a legislação trabalhista incentiva o exercício da paternidade foram: os benefícios trabalhistas (auxílio creche); a flexibilidade de horário e a promoção de eventos de integração entre pais e filhos pela empresa. As razões para a discordância foram: a necessidade de um maior tempo de licença paternidade; a insuficiência dos salários para as despesas familiares; a necessidade de uma maior flexibilidade de horário; a necessidade de uma redução de impostos e de uma educação profissionalizante.

Os fundamentos para a concordância de que os serviços de saúde incentivam os homens a exercerem o papel de pai foram: o incentivo dos profissionais de saúde e a obrigação de vacinar o filho. Por outro lado, os motivos para a discordância foram: o incentivo apenas à mulher para levar os filhos ao serviço de saúde; a precariedade da saúde pública; o pouco suporte e instrução sobre o papel do pai; o desamparo total em termos de serviço público de saúde, havendo necessidade de se ter plano de saúde particular; a não autorização para acompanhar o parto dos filhos.

As razões para a concordância de que as escolas incentivam os homens a exercerem o papel de pai foram: a realização de reuniões, festas e eventos; alguns materiais didáticos solicitam a opinião do pai em atividades da criança; as informações fornecidas através de registros diários feitos pela escola sobre a rotina do filho; a participação em conselho de escolas. No entanto, as alegações para a discordância foram: o incentivo da escola apenas para a participação da mãe; a falta de programa do governo incentivando a participação do pai nas escolas; a falta de tempo do pai para frequentar reuniões escolares.

Em resposta à pergunta sobre o que o governo deveria fazer para que os homens se sentissem mais estimulados a exercerem o papel de pais, os entrevistados apresentaram as respostas contidas na próxima tabela.

Tabela 137 - Distribuição das respostas dos participantes sobre a questão: O que o governo deveria fazer para que os homens se sentissem mais estimulados a exercerem o papel de pai? Bahia, 2012*.

Categorias	Total		Pais com Menores Salários		Pais com Maiores Salários	
	Frequência	%	Frequência	%	Frequência	%
Aumentar o salário	5	10,6	2	4,3	3	6,4
Fornecer auxílio de material escolar	1	2,1	-	-	1	2,1
Promover acesso à educação formal/profissionalizante	8	17,0	3	6,4	5	10,6
Investir mais em segurança	1	2,1	-	-	1	2,1
Realizar campanhas de valorização/conscientização dos pais	13	27,7	4	8,5	9	19,1
Realizar campanhas para estimular registro dos filhos	1	2,1	1	2,1	-	-
Criar espaços para convivência/integração entre pais e filhos	6	12,8	2	4,3	4	8,5
Diminuir a jornada de trabalho	3	6,4	2	4,3	1	2,1
Aumentar o número de empregos	1	2,1	1	2,1	-	-
Criar políticas habitacionais	1	2,1	-	-	1	2,1
Propiciar a guarda do filho	1	2,1	1	2,1	-	-
Criar Política de saúde	1	2,1	-	-	1	2,1
Acabar com a corrupção	2	4,3	-	-	2	4,3
Aumentar o tempo de licença paternidade	2	4,3	-	-	2	4,3
Garantir os direitos básicos para o pai poder se preocupar com o resto	1	2,1	-	-	1	2,1
Total	47	100,0	16	34,0	31	66,0

Obs.: Dados obtidos a partir das respostas à questão 54 do roteiro de entrevista.

*Permite respostas múltiplas

Em ambos os grupos de pais é apontado que o governo deveria principalmente: realizar campanhas de valorização/conscientização dos pais e promover acesso à educação formal/profissionalizante.

Tendo sido perguntado aos entrevistados se eles se sentiram apoiados a acompanharem a gestação e o parto da criança, os mesmos responderam conforme dados apresentados na tabela a seguir.

Tabela 138 - Distribuição das respostas dos participantes sobre a questão: Você se sentiu apoiado a acompanhar a gestação e o nascimento do seu filho (a)? Bahia, 2012.

Alternativas	Total		Pais com Menores Salários		Pais com Maiores Salários	
	Frequência	%	Frequência	%	Frequência	%
Sim	25	83,3	7	23,3	18	60,0
Não	5	16,7	2	6,7	3	10,0
Total	30	100,0	9	30,0	21	70,0

Obs.: Dados obtidos a partir das respostas à questão 57 do roteiro de entrevista.

A maioria dos entrevistados, em ambos os grupos pesquisados, respondeu que sim à pergunta: “você se sentiu apoiado a acompanhar a gestação e o nascimento do seu filho(a)?”.

Perguntando-se sobre quem apoiou o entrevistado a acompanhar a gestação e o parto da criança, os mesmos responderam conforme dados contidos na tabela a seguir.

Tabela 139 - Distribuição das respostas dos participantes sobre a questão: Quem o apoiou a acompanhar a gestação e o nascimento do seu filho(a)? Bahia, 2012*.

Quem Apoiou	Total		Pais com Menores Salários		Pais com Maiores Salários	
	Frequência	%	Frequência	%	Frequência	%
Família	11	34,4	2	6,3	9	28,1
Esposa	9	28,1	-	-	9	28,1
Interesse próprio	6	18,8	2	6,3	4	12,5
Plano de saúde particular favoreceu	2	6,3	2	6,3	-	-
Amigos	2	6,3	-	-	2	6,3
Médicos	1	3,1	-	-	1	3,1
Serviços de saúde pública	1	3,1	1	3,1	-	-
Total	32	100,0	7	21,9	25	78,1

Obs.: Dados obtidos a partir das respostas à questão 57 do roteiro de entrevista.

*Permite respostas múltiplas.

O grupo de pais com menores salários informou ter sido apoiado no acompanhamento da gestação do(a) filho(a) pelas famílias, por interesse próprio, o plano de saúde particular também favoreceu. Já o grupo de pais com maiores salários, foi apoiado principalmente pela família e pela esposa.

Os que não se sentiram apoiados a acompanhar a gestação e o nascimento do seu filho alegaram que o prejudicaram: o fato de trabalhar em outra cidade, não existir um curso específico para o pai e não ser casado com a mãe da criança na época do nascimento do(a) filho(a).

Com relação à questão sobre se os entrevistados gostariam de acrescentar algo sobre o que foi conversado à respeito de paternidade, os entrevistados responderam conforme dos dados disponíveis na tabela seguinte.

Tabela 140 - Distribuição das respostas dos participantes sobre a questão: Gostaria de acrescentar alguma coisa sobre o que conversamos a respeito de paternidade? Bahia, 2012*.

Respostas	Total		Pais com Menores Salários		Pais com Maiores Salários	
	Fre- quência	%	Fre- quência	%	Fre- quência	%
Sentiu curiosidade	1	3,1	1	3,1	-	-
Os pais são a estrutura do futuro da sociedade	1	3,1	1	3,1	-	-
A entrevista sensibilizou para o papel do pai	4	12,5	1	3,1	3	9,4
A irresponsabilidade da mãe incentiva a irresponsabilidade do pai	1	3,1	1	3,1	-	-
Vale à pena ser pai	1	3,1	1	3,1	-	-
Os pais devem ser mais presentes	2	6,25	1	3,1	1	3,1
Os dados desta pesquisa devem ser aproveitados pelos gestores públicos	3	9,4	-	-	3	9,4
Gostou de ter participado	4	12,5	-	-	4	12,5
Sugerem que se utilize o esporte para aproximar pais de filhos	12	37,5	-	-	12	37,5
Sugerem maior apoio das instituições com relação à participação dos pais	2	6,2	-	-	2	6,3
As políticas públicas já favorecem a família	1	3,1	-	-	1	3,1
Total	32	100,0	6	18,8	26	81,3

Obs.: Dados obtidos a partir das respostas à questão 60 do roteiro de entrevista.

*Permite respostas múltiplas.

Os entrevistados do grupo de menores salários afirmaram em igual proporção (3,1%), que sentiram curiosidade; os pais são a estrutura do futuro da sociedade; a entrevista os sensibilizou para o papel do pai; a irresponsabilidade da mãe incentiva à irresponsabilidade do pai; vale à pena ser pai e que os pais devem ser mais presentes. Com relação aos entrevistados do grupo de pais de maiores salários, a resposta mais frequente sugere que se utilize o esporte para aproximar pais de filhos (37,5%), seguindo-se de: gostou de ter participado (12,5%), os dados desta pesquisa devem ser aproveitados pelos gestores públicos (9,4%) e a entrevista me sensibilizou para o papel do pai.

5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

A seguir serão apresentadas as discussões sobre os resultados obtidos a partir das entrevistas realizadas com 30 funcionários de uma empresa estatal da Bahia que são pais de crianças com idades entre dois a nove anos, que foram divididos em dois grupos; os de maiores e os de menores salários. A presente análise está subdividida nos seguintes itens: 5.1 Caracterização dos participantes e sua dinâmica familiar; 5.2 Paternidade; 5.3 Políticas e paternidade; 5.4 Reinventando o pai e compartilhando o cuidado.

5.1 CARACTERIZAÇÃO DOS PARTICIPANTES E SUA DINÂMICA FAMILIAR

Com relação à caracterização dos participantes e a sua dinâmica familiar pôde-se constatar que os entrevistados, de ambos os grupos de pais de menores e maiores salários, apresentaram as seguintes características: a **idade** média dos pais de ambos os grupos é entre 30 a 39 anos, a maioria deles declara-se de cor parda. Com relação à escolaridade, 50,0% deles possuíam nível superior completo, porém verificou-se que a frequência de pais com ensino médio e superior incompleto foi encontrada, apenas, no grupo de menores salários. Notou-se também, que o nível de **escolaridade** correspondente à pós-graduação completa e incompleta foi encontrado apenas no grupo de pais de maiores salários, o que demonstrou um nível de escolaridade maior entre os pais do grupo de maiores salários, uma vez que 100% deles tem nível superior completo.

Com relação à **religião** dos entrevistados, verificou-se que a maior frequência para o grupo de pais de menores salários foi encontrada na religião protestante ou em nenhuma religião, enquanto que no grupo de pais de maiores salários a maior frequência foi encontrada na religião católica. O elevado percentual de pais sem religião nos dois grupos pesquisados confirmou uma tendência nacional verificada no Censo Nacional de 2010.

Prosseguindo, questionou-se sobre a **carga horária semanal de trabalho** dos entrevistados e verificou-se que a maioria dos pais, tanto de menores salários quanto de maiores salários, tinha uma carga horária semanal de 40 horas e nenhum deles tinha carga horária inferior a isso. Do total de participantes, 33,3% afirmou realizar outro trabalho fora da empresa, sendo que, no que diz respeito aos pais com menores salários, 22,2% deles desempenhavam atividades fora da empresa (personal trainer e técnico de telefonia), por outro

lado, 38,1% dos que possuíam maiores salários atuavam fora da empresa executando outras atividades (professor, consultor, pesquisador, projetista, empresário). Constatou-se que 75,9% do total dos respondentes afirmou que as esposas trabalhavam fora de casa, sendo que nos dois grupos de pais estudados a maioria das mulheres trabalhava. Entretanto, o Censo do IBGE (2007) demonstrou que 91,0% das mulheres no Brasil realizavam trabalho doméstico enquanto apenas 51,0% dos homens o faziam.

Segundo Bastos; Pinho e Costa (1995), o trabalho ocupa segundo lugar quando se trata de identificar a importância desse com relação às demais esferas da vida, sendo ele precedido apenas da esfera família como fator central na vida das pessoas. Dessa forma, nota-se a necessidade de que homens e mulheres compartilhem o cuidado no cotidiano do seus lares, uma vez que o trabalho remunerado está sendo compartilhado, com grande ênfase, na atualidade entre homens e mulheres.

Segundo Boff (2005, p. 32):

O grande desafio do ser humano é combinar trabalho com cuidado. Eles não se opõem, limitam-se mutuamente e, ao mesmo tempo, complementam-se. Juntos constituem a integralidade da experiência humana, por um lado ligada à objetividade e por outro à subjetividade. O equívoco consiste em opor uma dimensão à outra, e não vê-las como modo-de-ser do único e mesmo ser humano.

Ao serem indagados sobre a **família de origem**, os entrevistados, em sua maioria, tanto no grupo de menores, quanto maiores salários, declararam que eram casados pela primeira vez, o que também se verificou nos dados do IBGE (2010), “os registros de casamentos no Brasil vêm aumentando, passando de 748.981 em 2003 para 977.620 em 2010”. Com relação ao estado civil dos pais dos entrevistados quando estes eram crianças, constatou-se que tais pais, em sua maioria, em ambos os grupos pesquisados, eram casados.

Verificou-se, com relação à **quantidade de filhos** dos entrevistados, que a maioria dos pais dos dois subgrupos analisados tinha apenas um filho, seguindo-se de dois. Cabe destacar que um participante do subgrupo de pais com maiores salários tinha cinco filhos e informou ter-se casado quatro vezes.

Os participantes foram indagados sobre **quais pessoas moravam com eles** e constatou-se que a maioria dos entrevistados, em ambos os grupos pesquisados, residiam com a esposa e filho(s), constituindo uma família nuclear. Nos demais casos, o pai não residia com a criança. Os pais foram indagados sobre quem fazia parte da família deles e a família extensa apresentou a maior porcentagem de respostas, seguindo-se da família nuclear, o que coincidiu com as conclusões da pesquisa de Rabinovich, Franco e Moreira (2012, p.139), que observa-

ram, após a entrevista com 170 universitários baianos, que: “Os modos de vida familiar extenso atingem o total de 63,3% se considerarmos as categorias extensa mais amigos, ampliada e reconstruída extensa. Segundo as autoras, “estas respostas indicam, claramente, a riqueza das combinações do que se denomina família”. Notou-se também que, segundo o IBGE (2010), a tendência nacional nos últimos oito anos é de redução do número de casais com filhos (de 53,3% para 48,2%) e um aumento do número de casais sem filhos (de 13,8% para 17,7%) e de família unipessoal (de 9,2% para 11,6%).

Em continuação, perguntou-se aos participantes **o que era família para eles** sendo obtidas 38 respostas que foram subdivididas em cinco categorias, constatando-se que a maioria dos entrevistados, tanto no grupo de pais de menores salários quanto no grupo de pais de maiores salários, definiu família como a base, na sequência apareceu a visão de família enquanto sentido da vida. Tais dados se aproximaram dos obtidos por Moreira (2005) ao estudar famílias com nível superior de escolaridade em Salvador e em uma cidade do interior do Estado de São Paulo.

Analisando-se os **dados que dizem respeito ao filho de referência, as idades** dos mesmos variaram de dois a nove anos sendo que a maior frequência das respostas encontrava-se na idade de quatro anos, seguindo-se de três e seis anos. Quanto ao **sexo das crianças** de referência para o estudo, notou-se que a maioria, tanto no grupo de menores salários quanto no grupo de pais de maiores salários era do sexo feminino. Com relação a **quem era a pessoa responsável pela criança**, verificou-se que a maioria das respostas, nos dois grupos de pais, concentrava-se na afirmativa de que ambos os pais eram responsáveis, seguindo-se da mãe, como principal responsável. Notou-se também, que a maioria das crianças dos dois grupos encontrava-se matriculada em instituição de ensino e apenas uma pequena minoria (3,3%) nos dois grupos, não se encontrava matriculada.

Com relação às respostas à pergunta sobre **quem ficava com a criança nos diferentes períodos do dia**, verificou-se que durante a semana e nos períodos da manhã e tarde a principal pessoa que cuidava da criança era a professora porém, no turno da noite em geral, o pai e a mãe juntos, apresentaram a maior frequência de permanência com a criança porém, quando analisada separadamente, a frequência da presença da mãe era bem maior que a do pai, o que revela que a mãe permanecia mais tempo junto com a criança que o pai, o que vem a coincidir com a realidade da América Latina e Caribe descrita por Barker, e Verani, (2008, p.54):

As pesquisas qualitativas realizadas na América Latina e Caribe sugerem que o envolvimento dos homens nos cuidados com crianças (e outros) é limitado e

esse fato é justificado porque as sociedades (mãe, membro da família, instituições sociais, aqueles que fazem as políticas e outros) não esperam isso deles. Na grande maioria das culturas os pais são vistos como disciplinadores e desenvolvedores de habilidades das crianças, mas não como cuidador.

Com relação aos **colaboradores da família**, notou-se que dentre os participantes 56,7% contavam com ajuda de funcionário/a(s) doméstico/a(s). Dentre os 17 participantes, que tinham colaboradores, 76,0% tinha apenas um funcionário/a e 24% tinha duas. Tais empregados realizavam serviços como: limpar a casa, cozinhar e cuidar da roupa (lavar e passar), também foi relatado serviços de cuidados com as crianças (babá).

Referindo-se ao tipo de ajuda que os entrevistados recebiam dos familiares verificou-se os avós eram os principais colaboradores. Nota-se a coincidência dos resultados com os da pesquisa realizada por Moreira e Biasoli-Alves, (2007) quando os participantes foram perguntados se concordavam ou não que os avós, tios/tias, outros parentes, empregada/babá, amigos e vizinhos colaboravam com a educação e os cuidados ao filho e como resultado geral, os avós obtiveram o maior índice de concordância: 81,0%.

5.2 PATERNIDADE

Com relação à **definição** de paternidade, a maioria dos entrevistados do grupo de pais de menores salários, definiu pai como aquele que, em primeiro lugar, ensina e, em segundo lugar, é aquele que está disponível para a criança e é afetuoso. Para maioria do grupo de pais de maiores salários, pai é aquele que ensina, está disponível e compartilha atividades.

Questionou-se a **importância do papel do pai para a sociedade contemporânea** e o grupo de pais de menores salários afirmou que o pai é importante para ensinar e dar exemplo de princípios morais e éticos. Os pais do grupo de maiores salários afirmaram que o papel do pai na sociedade contemporânea é importante para ensinar, dar exemplo de princípios morais e éticos e para compartilhar responsabilidades com a esposa.

Com relação à questão sobre a **importância do papel do pai para o desenvolvimento do filho**, o questionamento obteve uma série de respostas, porém, notou-se que o papel do pai como educador prevaleceu nas respostas dos entrevistados dos dois grupos de pais. Em seguida, encontrou-se que a categoria “acompanhar”, apresenta a segunda maior frequência das respostas no grupo de pais de maiores salários, seguindo-se de dar suporte emocional e ser afetuoso, enquanto que no grupo de pais de menores salários as seguintes categorias apresentam maior frequência: proteger, acompanhar, estar disponível, ser afetuoso e cuidar.

Ainda com relação ao papel do pai, os entrevistados foram questionados sobre **como é o pai ideal** e notou-se que para o grupo de pais de menores salários o pai ideal é aquele que ensina, enquanto que para os pais de maiores salários, o pai ideal é aquele que acompanha. Observou-se que, em segundo lugar, o grupo de pais de menores salários, mencionou as seguintes categorias: ser afetuoso e compartilhar atividades e para o grupo de pais de maiores salários, em segundo lugar, apresentou-se a categoria estar disponível.

Os entrevistados foram inquiridos sobre **como eles se avaliavam como pais** e, em sua maioria, avaliaram-se de forma positiva e consideraram-se preocupados e companheiros. Afirmaram acreditar que mudaram após terem se tornado pais, pois, ficaram mais responsáveis e passaram por uma revisão de vida.

A seguir será apresentado o quadro contendo um resumo das respostas dos entrevistados sobre o papel do pai.

Quadro 2 – O PAPEL DO PAI
na perspectiva de pais com menores e maiores salários que são funcionários de uma empresa pública da Bahia, Bahia, 2012.

PAPEL DO PAI	Definição de pai	Definição de pai ideal	Importância para sociedade atual	Importância para o desenvolvimento do filho
Pais de Menores Salários	Ensinar	Ensinar	Ensinar	Ensinar
	Estar disponível para a criança	Ser afetuoso e compartilhar Atividades	Dar exemplo de princípios morais e éticos.	Proteger, acompanhar, estar disponível, ser afetuoso e cuidar
	Ser Afetuoso	-	-	-
	-	-	-	-
-	-	-	-	-
Pais de Maiores Salários	Ensinar e compartilhar atividades	Acompanhar	Ensinar	Ensinar
	Estar Disponível	Ensinar	Dar exemplo de princípios morais e éticos	Acompanhar o filho
	-	Estar disponível	Compartilhar responsabilidades com a esposa	Dar suporte emocional e ser afetuoso

Dados obtidos de entrevistas com 30 pais de diferentes níveis salariais

5.2.1 A paternidade segundo a definição de Palkovitz (1997)

Trataremos agora de fazer uma síntese das respostas dos entrevistados quanto ao envolvimento paterno, a partir das categorias estabelecidas por Palkovitz (2007).

Com relação à **comunicação** entre o pai e a criança, os entrevistados afirmaram que utilizavam, com maior frequência, a comunicação pessoal, não utilizavam o e-mail, bilhetes nem cartões e utilizavam o telefone com baixa frequência. Os pais de maiores salários costumavam fotografar seus filhos com uma frequência alta, enquanto os de menores salários, com uma frequência moderada. O mesmo acontecendo para o hábito de montar álbum de fotografias e de fazer registros de fatos importantes. Os pais, de ambos os grupos pesquisados, costumavam apresentar amor/afeto em suas conversas com seus filhos com frequência alta, valorizavam constantemente as crianças e costumavam ter o perdão em suas conversas com uma frequência alta. A raiva não costumava estar presente nas conversas entre o pai e a criança.

Em relação à **educação da criança**, os pais de ambos os grupos pesquisados informaram que costumavam advertir e disciplinar seus filhos com frequência alta como também ajudavam a criança a resolver problemas. Os pais de menores salários afirmaram que costumavam repreender seus filhos com frequência alta, enquanto os de salários mais altos costumavam fazê-lo com frequência moderada. O grupo de entrevistados com menores salários costumava comentar sobre o progresso da criança com frequência elevada, enquanto que o grupo de maiores salários costumava fazê-lo com frequência moderada. Os pais de menores salários costumavam ensinar o desenvolvimento espiritual para a criança com frequência alta, enquanto os pais de maiores salários o faziam com frequência moderada.

Ainda com relação à educação da criança, os entrevistados com menores salários costumavam prover perspectivas de longo prazo para a criança com frequência alta, enquanto que os de maiores salários o faziam com frequência moderada. Todos costumavam ensinar o equilíbrio financeiro com frequência alta. A maioria dos entrevistados, de ambos os grupos pesquisados, costumava, com frequência alta, delegar tarefas e responsabilidades à criança, prover instrução, ler junto, ensinar normas culturais de sua e de outras culturas, encorajar o interesse da criança por hobbies/lazer bem como, costumava fazer perguntas à criança. Constatou-se que os pais de ambos os grupos pesquisados não costumavam ensinar a criança a pagar impostos e obrigações.

A **preocupação com as amizades da criança** apareceu como uma constante entre o grupo de pais de maiores salários, tendo uma alta frequência de respostas, porém os pais de menores salários afirmaram não ter esse tipo de preocupação ou ter com baixa frequência. Os pais de menores salários relataram que costumam conversar sobre os pensamentos da criança, com uma frequência alta enquanto que no grupo de pais de menores salários, com uma frequência moderada. As aspirações e desejos da criança estavam presentes com frequência alta entre os pais de menores salários e com frequência moderada no grupo de pais de maiores salários.

Referindo-se agora ao processo de pensamento do pai com relação à sua criança, a maioria dos entrevistados, de ambos os grupos pesquisados, costumava, com frequência alta, se preocupar com a criança, planejar o seu futuro, sonhar com ela, ajudá-la no seu processo de pensamento, avaliar seu processo de pensamento, rezar por ela e sentir-se presente.

Verificou-se, com relação **à educação, a comunicação, e ao processo de pensamento**, que, com relação ao ensino, os pais de ambos os grupos pesquisados, realizavam essas atividades, em sua maioria, com frequência alta e preocupavam-se com a educação de seus filhos.

Analisando-se as atividades realizadas pelos pais referentes à educação dos filhos, com relação à leitura nota-se que, ler para e com a criança é uma poderosa atividade para enriquecer a qualidade do relacionamento entre o pai e filho (a). Segundo Green (2007), de acordo com a Associação Americana para a Educação de Jovens e Crianças dos Estados Unidos, um dos melhores indicadores do potencial de competência escolar da criança ao ser alfabetizada é o seu nível de evolução na leitura e na escrita. Mas, o que os parentes e adultos podem fazer para ajudarem as crianças a evoluírem nessas áreas tão críticas? Ainda segundo Green (2007) de acordo com muitos especialistas, a coisa mais simples e importante que os parentes e adultos podem fazer para ajudarem as crianças a adquirirem habilidades essenciais de alfabetização é ler para elas. Ler para as crianças é comprovadamente importante para melhorar as habilidades literárias da criança e desenvolver uma variedade de domínios como: aumentar do vocabulário, imprimir consciência, desenvolver habilidades de leitura e escrita.

O processo de pensamento envolve o rezar, o pensar na criança e desejar o seu bem, segundo Marks e Palkovitz, (2007), a espiritualidade não é apenas uma busca de sentido e um relacionamento com o divino, mas também envolve a aplicação pragmática: ser espiritualizado é tratar bem as pessoas. Para esses autores, a espiritualidade é essencial para o bom relacionamento entre as pessoas. Nota-se também a importância da espiritualidade como dimensão componente do papel do pai, pois, segundo Marks e Dollahite (2007, p.336), em

suas pesquisas recentes sobre paternidade e família, os resultados de entrevistas em profundidade com famílias de diversas etnias, condições econômicas e variadas religiões (cristãs, judias, adventistas do sétimo dia, muçulmanas e outras), indicam que todas as crenças religiosas promovem a paternidade responsável: “talvez as conclusões mais sensacionais foram as de que um estudo realizado nacionalmente nos EUA que comprova que as pessoas que trabalham prestando serviços religiosos mais que uma vez por semana, vivem 7,6 (sete vírgula seis) vezes mais que as que não o fazem”. Concluem os autores que se o envolvimento religioso afeta a saúde física e mental de forma positiva, não deve influenciar positivamente também a saúde dos relacionamentos?

Cuidar da criança é uma importante atividade que vem se tornando cada vez mais relevante para o pai e, como tal, tratar-se-á agora de relatar as atividades desempenhadas pelos entrevistados relacionadas com os cuidados dos (as) filhos (as).

Percebeu-se que os pais, de ambos os grupos pesquisados, costumavam com frequência alta, alimentar, dar banho, vestir, criar locais próprios para a criança, arrumar o ambiente para que seja seguro para ela, monitorar a segurança, prover equipamentos de segurança, ficar com ela quando está doente e levá-la para a cama. Com relação aos reparos necessários ao ambiente em que a criança está inserida, o grupo de pais de menores salários o fazia com frequência alta, enquanto o grupo de pais de maiores salários com frequência moderada. Os pais de ambos os grupos pesquisados não costumavam fazer pequenas limpezas na criança como limpar ouvidos ou cortar unhas, também não costumavam passar roupa, cozinhar, fazer bolos e doces para as atividades da criança. Com relação ao costume de cuidar de animais de estimação, os pais de menores salários afirmaram que cuidavam deles com frequência baixa ou nenhuma, enquanto que os pais de maiores salários afirmaram que não o faziam. Os pais de ambos os grupos costumavam, com frequência alta, passear junto com a criança. Com relação ao costume de ficar com a criança quando ela não queria ficar sozinha, a maioria dos pais de maiores salários costumava dar uma ênfase baixa a essa tarefa, enquanto que a maioria dos pais do grupo de menores salários dava uma ênfase alta a ela.

No geral, percebeu-se, com relação às atividades relacionadas ao cuidar, que os pais, de ambos os grupos, não costumavam realizar atividades relacionadas aos cuidados com a casa e com as atividades domésticas de limpeza, de preparar a alimentação e de cuidados com a roupa e com a casa, porém costumavam realizar algumas atividades de cuidado direto com a criança.

Considerando-se, agora, as atividades desempenhadas pelo pai e relacionadas com o **planejamento**, verificou-se que, com relação ao planejamento das comemorações de

aniversários da criança, a maioria dos pais de menores salários afirmou que o fazia com frequência moderada, enquanto que a maioria dos pais do grupo de maiores salários o fazia com frequência alta. Com relação ao planejamento das férias, o grupo de pais de maiores salários costumava fazê-lo com frequência moderada, enquanto que a maioria do grupo de pais de menores salários não costumava fazê-lo. Com relação ao planejamento de viagens, a maioria do grupo de pais de menores salários costumava fazê-lo com ênfase moderada, enquanto a maioria do grupo de pais de maiores salários costumava fazê-lo com frequência alta. Referindo-se ao costume de planejar os feriados, o grupo de pais de menores salários apresentou uma ênfase moderada enquanto o grupo de pais de maiores salários apresentou uma frequência alta. Com relação à frequência do planejamento de um futuro seguro para a criança, ambos os grupos apresentaram, na sua maioria, uma frequência alta. Referindo-se ao planejamento do tempo com amigos, ambos os grupos de pais, em sua maioria, apresentaram uma frequência moderada.

De acordo com os dados apresentados, pode-se, assim, verificar, que o grupo de pais de maiores salários costumava dar uma ênfase maior às atividades de planejamento que o grupo de pais de menores salários, pois, estes planejavam comemorações de aniversários viagens e feriados com frequência alta enquanto que os pais do grupo de menores salários o faziam com frequência moderada.

Analisando-se agora as atividades desempenhadas pelos entrevistados relacionadas ao **compartilhamento de atividades** com a criança, os pais de ambos os grupos afirmaram que costumavam fazer compras com seus filhos moderadamente, os pais de menores salários, em sua maioria, afirmaram que faziam exercícios físicos com sua criança de maneira moderada ou não o faziam, enquanto que os pais de maiores salários não o faziam. Com relação ao costume de ir ao cinema, a maioria dos pais de maiores salários o fazia com frequência moderada, enquanto os pais de menores salários não o faziam. Os pais de menores salários, em sua maioria, levavam as crianças a parques com frequência alta, enquanto que a maioria dos pais de maiores salários o fazia com uma frequência moderada. Os pais de ambos os grupos costumavam, com uma frequência alta, fazer refeições, realizar atividades de lazer e brincar com a criança. Com relação à frequência da atividade trabalhar com a criança, a maioria do grupo de pais com menores salários costumava fazê-lo de forma moderada, enquanto que a maioria dos pais de maiores salários não costumava fazê-lo. Os pais de menores salários, em sua maioria, costumavam dançar com a criança com frequência alta, enquanto que os de maiores salários não.

Compartilhar atividades é um componente importante do papel do pai, pois, denota a sua participação na vida da criança. Notou-se que o grupo de pais de menores salários demonstrou compartilhar atividades mais frequentemente que o grupo de pais de maiores salários, pois estes dançavam com a criança, trabalhavam junto e realizavam exercícios físicos junto com ela, com frequência maior que os pais de maiores salários.

Considerando o fator “atividades compartilhadas”, conclui-se que o pai pode estreitar o seu relacionamento com a criança se ele aprender a sua linguagem, e estiver disponível para o (a) filho (a), e a linguagem praticada no mundo da criança é a brincadeira. Segundo Williams (2007, p.120), “com a brincadeira, o pai ajuda a criança a desenvolver a cognição e as habilidades físicas, emocionais e sociais”, através do poder da brincadeira (ação), a criança adquire ou constrói conhecimento para: (a) comunicar seus pensamentos e sentimentos; (b) lidar com o estresse da vida e com o estresse emocional; (c) conectar-se com aqueles que estão ao seu redor na família e (d) compreender o mundo ao seu redor, através da imaginação, exploração e aprendizagem. Brincar com a criança é importante porque facilita muito a interação da criança com o mundo e com as pessoas à sua volta. O pai pode moldar esse mundo e lhe dar um significado maior à medida que brinca com a criança.

Tratando-se de verificar as atividades realizadas pelos entrevistados relacionadas com o **provimento**, verificou-se que com relação ao provimento financeiro, de habitação, de roupas, de educação, de transporte, de documentação, de brinquedos, de alimentação, de cuidados médicos, de mobiliário e de seguro, que a maioria dos entrevistados, de ambos os grupos, costumava dar uma alta ênfase a essas tarefas. Divergências foram encontradas, apenas, com relação ao provimento de atividades extracurriculares uma vez que o grupo de pais de menores salários, em sua maioria, apresentou uma frequência moderada, enquanto que a maioria dos pais de maiores salários apresentou frequência alta.

Analisando-se as atividades realizadas pelos entrevistados relacionadas à **afetividade** entre o pai e a criança, observou-se que a maioria dos entrevistados de ambos os grupos, afirmou dar uma ênfase alta ao costume de abraçar, manter contato com os olhos, estabelecer uma genuína amizade, ter paciência, elogiar, encorajar, fazer cócegas e beijar os seus filhos. Com relação ao costume de sorrir para a criança, o grupo de pais de maiores salários afirmou dar ênfase baixa a essa atividade enquanto o grupo de pais de menores salários afirmou dar alta ênfase a essa questão.

Quanto às atividades realizadas pelo pai referentes ao **suporte emocional da criança**, ao serem questionados sobre a ênfase dada ao costume de encorajar o (a) filho (a), os pais responderam, em sua maioria em ambos os grupos pesquisados, que costumavam dar uma alta

ênfase ao costume de encorajar a criança. Com relação ao costume de demonstrar interesse pela criança a maioria dos entrevistados, de ambos os grupos pesquisados, respondeu que costumava demonstrá-lo, dando uma alta ênfase a esse aspecto.

Constataram-se que as diferenças de atuação dos entrevistados referentes ao conjunto de atividades relacionadas com o provimento, compartilhamento de atividades e suporte emocional que o grupo de pais de maiores salários apresenta maior envolvimento com relação ao fator provimento de atividades extracurriculares, enquanto o grupo de pais de menores salários dá maior ênfase do que o outro grupo ao costume de sorrir para a criança.

Finalizou-se dessa forma a análise das atividades realizadas pelos entrevistados e perguntou-se aos mesmos sobre quais **fatores dificultam o relacionamento** entre o pai e a criança. A maioria dos pais de menores salários respondeu que o trabalho era o maior dificultador da aproximação entre pais e filhos (as), seguindo-se da separação conjugal. Entre os pais de maiores salários mencionou-se como principal dificultador o trabalho, seguindo-se de pouco tempo. Referindo-se aos fatores que **facilitam o relacionamento** entre a criança e o pai, em sua maioria, os pais dos dois grupos afirmaram que o principal fator de aproximação é o compartilhamento de atividades.

Verificou-se que os pais de ambos os grupos pesquisados encontravam-se envolvidos com as atividades de cuidado, afetividade, provimento e suporte emocional para com a criança, porém afirmaram a dificuldade de um maior envolvimento diante de pouco tempo disponível devido às exigências de trabalho e separação conjugal.

Segundo Boff (2005), importa colocar em tudo o cuidado, colocar o interesse coletivo da sociedade acima dos interesses particulares. Significa colocar-se junto e ao pé de cada coisa que queremos transformar para que ela não sofra, não seja desenraizada de seu habitat e possa manter as condições de se desenvolver e co-evoluir junto com seus ecossistemas e com a própria Terra.

Verificou-se que o papel do pai está em profunda reestruturação e, segundo Bastos, Pontes, Brasileiro e Serra (2012, p.244-5),

Os pais brasileiros estão mudando num contexto social e histórico, onde a coexistência de diferentes e diversas formas de famílias está sendo formadas e a mistura de tradição e modernidade é regra e não exceção. Os tradicionais papéis do homem na sociedade também estão mudando. Por exemplo, a mãe, em algumas famílias agora age como provedora em adição às suas tarefas de cuidado das crianças e da casa, enquanto o pai está subempregado ou desempregado. O novo pai que está emergindo na classe média brasileira não é tipicamente a maioria dos pais brasileiros, e não é tampouco parecido com os pais de classe média.

Assim, o novo papel do pai que está surgindo na atualidade necessita de novas formas de apoio e educação, pois, a paternidade aqui estudada à luz das categorias estudadas por Palkovitz (1997), revela a complexidade do atual papel do pai na sociedade contemporânea uma vez que as mudanças que se processam nas responsabilidades e requisitos sobre este papel são numerosas e diversas, tratando-se, sobretudo, das novas formas de cuidar e de amar. Assim, como não existe uma definição clara sobre o que é amor nas ciências sociais, discutida por filósofos, líderes religiosos e cientistas e ainda nenhuma definição simples emergiu. Segundo Shawn e Jeffrey (2007, p.147):

O amor deve incluir 1) escolhas ativas que fazemos, 2) o esforço que colocamos expandindo-nos, 3) ambos o cuidar de si mesmo e do outro e 4) o propósito do crescimento. “Encontramos uma definição comum no dicionário Webster on-line como: preocupação altruísta, leal e benevolente do bem do outro”. O amor envolve sacrifício próprio em bem da criança. Outro aspecto crítico do envolvimento amoroso no crescimento do filho é o cuidar, que pode ser o abraçar a criança, expressões verbais de afeição pela criança, dar o devido suporte e o reconhecimento do sucesso da criança.

Palkovitz (2007, p.153) concluiu que o “envolvimento paterno provoca mudanças na percepção do pai sobre seu próprio bem estar, seu relacionamento com a família e o desenvolvimento de sua carreira”. Provavelmente a mais importante conclusão de suas pesquisas foi que a paternidade ativa produz muitas emoções positivas, e que o maior benefício de amar e cuidar da criança ocorre na transformação do próprio relacionamento entre o pai e criança.

Notou-se também que os pais de salários mais baixos encontravam-se mais envolvidos com atividades referentes à afetividade, tais como: (a) conversar sobre os pensamentos da criança; (b) rezar junto; (c) ficar com a criança quando ela não queria ficar sozinha e (d) sorrir para a criança. Os pais de mais altos salários encontravam-se mais envolvidos que os pais de menores salários com atividades relacionadas à cognição, tais como: (a) planejar; (b) acompanhar as amizades da criança; (c) ensinar normas e (d) prover atividades extracurriculares. Tais dados podem ser verificados na Tabela 4 a seguir.

Conclui-se que o papel do pai à luz das dimensões estudadas por Palkovitz (2007), apresenta uma profunda reestruturação e que, segundo Palm (2007, p.165), “o pai é um recurso natural para os cuidados e socialização da criança que ainda não foi totalmente aproveitado. A educação e apoio para os pais pode ser um catalisador para desencadear o poder desse recurso”.

A seguir será exibido o quadro resumo contendo a descrição da incidência das maiores frequências das respostas dos entrevistados com relação aos fatores de envolvimento definidos por Palkovitz (1997).

Quadro 3 - Maiores frequências de envolvimento dos pais com seus filhos, segundo os fatores de Palkovitz (1997), Salvador, Ba. 2013

Grupo Maior Frequência Envolvimento	Fator Indicador de Envolvimento
Com relação à comunicação	
Grupo maiores salários	Fotografar
	Montar álbum de fotografia
	Preocupar-se com as amizades da criança
	Fazer registros sobre fatos importantes
Grupo de menores salários	Conversar pensamentos da criança
	Conversar sobre aspirações/desejos de criança
Com relação ao ensino:	
Grupo de menores salários	Ensinar o desenvolvimento espiritual/rezar junto
	Reprender o filho quando necessário
	Prover perspectiva de longo prazo
Grupo de maiores salários	Ensinar normas de sua e de outras culturas
Com relação a manutenção da criança:	
Grupo de menores salários	Efetuar reparos necessários no ambiente da criança
	Ficar com a criança quando ela não quer ficar sozinha
Com relação ao planejamento:	
Grupo de maiores salários	Planejar comemorações aniversários
	Planejar os feriados
	Planejar viagens
Com relação às atividades compartilhadas:	
Grupo de menores salários	Ir a parques com a criança
	Dançar com a criança

Com relação ao Provimento	
Grupo de maiores salários	Prover atividades extracurriculares
Com relação ao afeto:	
Grupo de menores salários	Sorrir

Dados obtidos através entrevistas com funcionários de uma empresa estatal da Bahia/Brasil, 2013

5.2.2 Paternidade segundo a definição de Lamb (2004)

A reflexão sobre o papel do pai direcionando os resultados à luz da perspectiva de Lamb (2004) terá início com a categoria **responsabilidade**.

Com relação à questão sobre quem era o responsável pela criança, os dois grupos pesquisados, responderam que ambos os pais são os responsáveis, o que vem a demonstrar uma participação do pai nas atividades e responsabilidades com a criança porém, o grupo de pais de menores salários considerou seu envolvimento com a criança moderado em termos de responsabilidade, enquanto os pais de maiores salários responderam que o seu envolvimento em termos de responsabilidade era alto. O mesmo foi confirmado para a questão de que os pais de menores salários, quando eram crianças, também possuíam envolvimento moderado com seus pais enquanto os de maiores salários possuíam envolvimento alto com seus pais em termos de responsabilidade. Verificamos que o comportamento com relação à responsabilidade repetiu-se entre as gerações.

Analisando-se as respostas dos entrevistados com relação à **categoria engajamento**, os pais de menores salários consideraram que “ambos os pais” e a “mãe” são as pessoas mais engajadas com a criança, enquanto que os pais de maiores salários consideraram apenas “ambos os pais” as pessoas mais engajadas com a criança. Os dois grupos consideraram o engajamento alto, no entanto, o grupo de pais de menores salários afirmou que quando era criança o seu envolvimento com seus pais em termos de engajamento era baixo, enquanto os pais de maiores salários afirmaram que seu engajamento com seu pai era alto.

Segundo Brotherson (2007, p.109), pesquisas contemporâneas têm demonstrado que a criança que não é cercada com um bom relacionamento com seu pai corre o risco de se envolver com problemas de abuso de drogas, delinquência, depressão, tendendo a aparentar um baixo rendimento escolar, dificuldade de relacionamento interpessoal e baixa autoestima.

“Pais que estão disponíveis para atender às necessidades da sua criança criam um senso de conectividade que beneficiará sempre, tanto a criança quanto o pai.”

Verificando-se agora as respostas dos entrevistados com relação à **disponibilidade** para com a criança, ambos os grupos consideraram que tanto a mãe quanto ambos os pais são as pessoas mais disponíveis para a criança, porém os pais de menores salários afirmaram que seu envolvimento com a criança, em termos de disponibilidade, era moderado, enquanto que os pais de maiores salários afirmaram que sua disponibilidade era moderada e alta, o mesmo cenário foi demonstrado com relação ao envolvimento de seus pais com eles quando os mesmos eram crianças. Nota-se, mais uma vez, a repetição do comportamento entre as gerações.

Analisando-se tais dados, verificou-se que, quando eram crianças, os pais de maiores salários possuíram um maior envolvimento com seus próprios pais em termos de engajamento, responsabilidade e disponibilidade que os de menores salários.

Considerando-se agora a análise das respostas dos entrevistados com relação à **autoridade**, notou-se que para os entrevistados de menores salários, o “pai” foi mencionado como a maior autoridade para com a criança enquanto que, para o grupo de pais de maiores salários, “ambos os pais” e o “pai” representaram a maior autoridade para com a criança, porém a maior autoridade na família é a do pai. Em ambos os grupos pesquisados o envolvimento com a criança em termos de autoridade dos pais era alto, o mesmo repetindo-se no que se refere à sua relação com seus pais, quando os entrevistados eram crianças.

A seguir constará no Quadro 4, informações sobre o grau de envolvimento dos pais com seus filhos.

Quadro 4 - Grau de envolvimento dos pais com seus filhos, por categorias de menores e maiores salários em relação aos fatores determinados por Lamb (2004)

Fatores de Envolvimento	Pais de Menores Salários	Pais de Maiores Salários
Responsabilidade	Moderado	Alto
Engajamento	Alto	Alto
Disponibilidade	Moderado	Alto
Autoridade	Alto	Alto

Fonte: Dados coletados a partir das entrevistas com funcionários de uma empresa estatal da Bahia, 2012.

No Quadro 5 constam as informações sobre o grau de envolvimento dos participantes com seus próprios pais.

Quadro 5- Grau de envolvimento dos pais com seus próprios pais, por categorias de menores e maiores salários em relação aos fatores determinados por Lamb (2004)

Fatores de Envolvimento	Pais de Menores Salários	Pais de Maiores Salários
Responsabilidade	Moderado	Alto
Engajamento	Baixo	Alto
Disponibilidade	Moderado	Alto
Autoridade	Alto	Alto

Fonte: Dados coletados a partir das entrevistas com funcionários de uma empresa estatal da Bahia, 2012.

Verifica-se aí que os pais continuam exercendo a autoridade na família, porém percebem-se mudanças na sua relação de autoridade quando se trata da criança, pois, notou-se uma redução dessa autoridade, o que vem a coincidir com as pesquisas de Georgas, Berry, Vijver, Kagitçibasi e Porortinga (2006), que investigaram a família em 30 países e constataram a redução do modelo autoritário do pai na família, e do concomitante aumento do poder da mãe. Dessa forma, evidencia-se que também nas três dimensões descritas por Lamb (2004), bem como na dimensão autoridade, o papel do pai vem passando por uma profunda reestruturação.

Os homens continuam a criar e a construir novas formas de paternidade e novas identidades, juntando os papéis tradicionais com as novas expectativas para eles na vida da família. Essas expectativas incluem o aumento da responsabilidade pelo cuidar e dar suporte às crianças desde a infância até a adolescência. Para Green (1999):

Um envolvimento significativo para os pais mescla novos e antigos papéis e expectativas quais sejam: (a) o desenvolvimento da criança e suas necessidades são forças que dirigem um envolvimento paterno significativo, tanto nas famílias como nas comunidades; (b) os pais são influenciados pelo contexto cultural, familiar e por crenças sociais e religiosas na seleção de valores para educar seus filhos; (c) cada estágio de desenvolvimento da relação pai-criança representa uma preparação para o próximo estágio.

Notou-se que, segundo algumas categorias determinadas por Lamb (2004), tais como responsabilidade e disponibilidade, os pais de maiores salários apresentaram um grau de envolvimento maior que os pais de menores salários e houve uma repetição do grau de envolvimento entre as gerações, pois, verificou-se que, quando eram crianças, os pais de maiores salários possuíam um maior envolvimento com seus próprios pais que os de menores salários, o que vem confirmar a teoria relacional de Coleman (1988) que afirma que a sociedade pode ser vista como composta de atores sociais que são governados tanto por

normas quanto pelo auto-direcionamento e essas relações geram capital social que pode ser entendido como um recurso para as organizações quanto para pessoas e produz efeitos na elaboração de capital humano para as próximas gerações. Para ele, ambos, o capital social na família e na comunidade, desempenham papéis na geração de capital humano para as próximas gerações. Dessa forma, denota-se a importância do papel do pai na construção de capital humano e social na contemporaneidade.

5.3 POLÍTICAS E PATERNIDADE

A seguir será apresentada uma síntese das concordâncias e discordâncias dos participantes sobre a **contribuição/incentivo do governo**, com relação ao sistema jurídico (poder familiar), legislação trabalhista, serviços de saúde e escolas.

5.3.1 Políticas de apoio à paternidade

Notou-se que os menores percentuais de concordância com relação à contribuição/incentivo do governo no que se refere às políticas públicas que favoreçam a paternidade foram encontrados no sistema de saúde, onde nenhum dos pais de menores salários e apenas 14% dos pais de maiores salários concordaram que o governo contribui/incentiva a paternidade. Com relação à discordância dos pais de que os serviços públicos de saúde apoiavam a paternidade, a maioria dos entrevistados alegou que o governo incentivava apenas a mulher a levar a criança ao sistema de saúde; a precariedade dos serviços públicos de saúde; o pouco suporte e instrução sobre o papel do pai; o desamparo total em termos do serviço público de saúde (havendo a necessidade de se ter um plano de saúde particular) e a não autorização para o pai acompanhar o parto.

Verificou-se também, o baixo percentual de concordância com relação à contribuição das políticas públicas à paternidade no que se refere à legislação trabalhista pois alega-se a deficiência de infraestrutura; indiferença do governo à paternidade; segurança e saúde pública deficientes; longas jornadas de trabalho; altos impostos e transporte público deficiente.

Em resposta à pergunta sobre o que o governo deveria fazer para que os homens se sentissem mais estimulados a exercerem o papel de pais, a maioria dos entrevistados de

ambos os grupos pesquisados afirmou que o governo deveria promover campanhas de valorização/conscientização dos pais, seguindo-se de promoção de acesso à educação formal/profissionalizante.

Tendo sido perguntado aos entrevistados se eles se sentiram apoiados a acompanharem a gestação e o parto da criança, a maioria em ambos os grupos pesquisados, responderam que sim. Perguntando-se sobre quem os apoiou em tal acompanhamento, a maioria dos entrevistados do grupo de pais de menores salários respondeu que foi apoiado pela família, pelo plano de saúde e por interesse próprio. Com relação aos pais de maiores salários a maioria respondeu que foi apoiado tanto pela esposa quanto pela família. Os que não se sentiram apoiados a acompanharem a gestação e o nascimento do seu filho alegaram que os prejudicaram os seguintes fatos: (a) trabalhar em outra cidade; (b) não existir um curso específico para o pai e (c) não ser casado com a mãe da criança na época do nascimento.

Considerando-se as políticas de apoio à paternidade, notou-se aí, mais uma vez, a necessidade de políticas que favoreçam o apoio e a conscientização do papel de pai uma vez que, segundo Palkovitz (1997), o conceito de paternidade era unidimensional, limitava-se à presença ou ausência do pai. A partir de 1986, a paternidade foi definida segundo critérios de interação, disponibilidade e responsabilidade. Na atualidade, constata-se a necessidade de estudos mais aprofundados sobre o conceito de paternidade, uma vez que, se nota que as análises realizadas através das categorias de Palkovitz (1997) e Lamb (2004) nos mostram uma riqueza de conteúdos em constante mutação, pois, segundo Bastos, Pontes, Brasileiro, Serra, Helena, (2012, p.244-5),

Os pais brasileiros estão mudando num contexto social e histórico, onde a coexistência de diferentes e diversas formas de famílias está sendo formada e a mistura de tradição e modernidade é regra e não exceção.

Segundo as respostas dos entrevistados, nota-se a necessidade **de políticas nacionais de apoio à paternidade**, principalmente no que se refere à saúde pública, pois os pais sugeriram que os governantes deveriam promover ações de conscientização e apoio à paternidade que facilitariam o desempenho do seu papel na sociedade.

5.3.2 Políticas de pesquisa e paternidade

São necessárias mudanças não apenas nas esferas das políticas sociais relacionadas à paternidade, como também as referentes às pesquisas, pois, as investigações referentes ao

tema e relacionadas à nossa realidade são insuficientes e, quando existentes, em sua maioria, apresentam uma visão conformista sobre o panorama da paternidade, a exemplo do recente livro de Shwalb, Shwalb e Lamb (2013, p. 393), que apresenta abordagens teóricas “adapcionistas” e “culturalistas” e, conforme os autores, “estas configurações de crenças e práticas são mantidas por mecanismos conservadores e de transmissão de cultura”. Os autores concluem que, a despeito do emergente modelo mundial de paternidade, a diversidade e a mudança foram os temas dominantes em todos os relatos sobre paternidade nos 14 países estudados por eles e também concluem que o pai ainda continua invisível para os pesquisadores de fora dos Estados Unidos e Oeste da Europa. Nota-se, ainda, que os autores do referido livro assumem uma posição conservadora e não realizam um esforço interpretativo sobre a realidade da paternidade na contemporaneidade nos diversos países. Eles realizam uma descrição social e histórica, excluindo o entendimento político sobre o porquê a paternidade é ainda invisível para os pesquisadores de fora da América do Norte e Países Nórdicos.

A análise política da história da paternidade em nossa realidade torna-se essencial pois, se constituirá em um alicerce norteador para que políticos e pesquisadores encontrem uma nova proposta de desenvolvimento social apoiado na família, uma vez que esta representa a célula mãe da civilização.

A paternidade é um importante papel que tem como função o cuidado e a educação das gerações futuras e, como tal, merece plena atenção dos planejadores e pesquisadores sociais, haja vista que a história comprova a sua importância como instrumento de poder, coerção e controle social. De acordo com Zoja (2001), no período da colonização os europeus tentaram monopolizar o modelo da família patriarcal, reforçando seu domínio sobre os índios e escravos. Dominar a figura do pai era uma condição para pertencer a alta sociedade, índios e negros não tinham necessidade de terem pais.

O entendimento da importância da figura paterna, sua autoridade, envolvimento, ensino, provimento e cuidados pelas novas gerações são essenciais para um desenvolvimento sólido e sustentável de uma sociedade, pois, de acordo com Horkeimer (2008), a remissão das relações de dependência é uma das mais perigosas ameaças a estrutura social e denota a sua fragilidade.

De acordo com Shwalb, Shwalb e Lamb (2013), os elaboradores de políticas e pesquisadores sobre paternidade trabalharam e continuam trabalhando juntos, para mudar o comportamento do pai nos Estados Unidos e Países Escandinavos e esses países apresentam as mais antigas e bem estruturadas políticas de apoio à paternidade. É evidente, nos dados apresentados pelos referidos autores, que esses países têm as maiores rendas per capita do

mundo. Deve-se perguntar então, por que não existem fortes políticas e pesquisas sobre paternidade também nos demais países do mundo? Pesquisadores sociais devem procurar responder por que o pai é ainda invisível fora dos Estados Unidos e Países Nórdicos, buscando um entendimento numa perspectiva da política de dominação e de desigualdades, uma vez que, enquanto as abordagens conservadoras sobre o entendimento da importância do pai não mudarem, esse cenário de disparidades, provavelmente, também não mudará. Segundo Dowbor (1999, p.9):

Isto não implica, naturalmente, que as políticas sociais possam se resumir à ação local, às parcerias com o setor privado, e à dinâmica do terceiro setor. A reformulação atinge diretamente a forma como está concebida a política nacional nas diversas áreas de gestão social, colocando em questão a presente hierarquização das esferas de governo, e nos obriga a repensar o processo de domínio das macroestruturas privadas que dominam a indústria da saúde, os meios de informação, os instrumentos de cultura.

Assim, trata-se de buscar também novas formas de encarar a paternidade, através da mudança das políticas e práticas sociais e de pesquisa, e de inseri-la nas redes de cuidados com a criança, tais como as escolas, hospitais, serviços de saúde, creches, serviços de lazer e outras instituições, tendo em vista que o pai constituiu-se em um rico recurso para a geração de capital social e desenvolvimento sustentável.

5.4 Reinventando o pai e compartilhando o cuidado

Como visto anteriormente, Bauman, 2004; Castells (2010); Foucault (2008); Huttunen (2006); Lamb (2010) e Silva e Piccinini (2007), a sociedade requer um novo modelo de pai que compartilhe as atividades de cuidar da criança e as atividades domésticas.

Segundo Bastos, Pinho, e Costa (1995), o trabalho ocupa segundo lugar quando se trata de identificar a importância desse com relação às demais esferas da vida, sendo ele precedido apenas da esfera família, como valor central na vida das pessoas. Para Boff (2005), o grande desafio é combinar trabalho com cuidado. Eles não se opõem, limitam-se mutuamente e ao mesmo tempo, complementam-se. Juntos, constituem a integralidade da existência humana, por um lado ligado à objetividade e por outro à subjetividade. O equívoco consiste em opor uma dimensão à outra, e não vê-las como "modo-de-ser" do único e mesmo ser humano.

Assim, foi observado no presente estudo que os pais, apesar de haverem afirmado que não realizavam atividades domésticas, também afirmaram ser importante partilhar atividades com a esposa e dessa forma, verifica-se que a necessidade da reinvenção do pai que se realiza-

rá, segundo Castells (2010), através da "renegociação do contrato da família heterossexual". Devem-se procurar novas formas de partilhar o trabalho e o cuidar, buscando-se, assim, um ser humano mais pleno e uma sociedade mais justa e feliz.

Analisando-se o conceito de paternidade, verificou-se que, tanto os pais de menores salários, quanto os pais de maiores salários, definiram pai como aquele que educa. Considerando-se os fatores de envolvimento segundo Palkovitz (1997), em ambos os grupos os pais apresentaram-se envolvidos com seus filhos, porém, de diferentes formas. Enquanto os pais de maiores salários realizavam atividades de ensinar, acompanhar e planejar com frequência alta, os pais de menores salários encontravam-se mais envolvidos com atividades relativas à afetividade e compartilhamento de atividades. Esses dados ratificam a definição de Lamb (2004) quando afirma que os pais desempenham diferentes papéis em diferentes subculturas e contextos e os diversos grupos trazem contradições sobre o que significa ser pai.

Confirmando a perspectiva de Lamb (2004), pode-se notar que também nas citações dos entrevistados de nossa pesquisa existem contradições, pois, os pais de maiores salários definiram o papel do pai na sociedade contemporânea, como o de educador, seguido de exemplo de princípios morais e éticos enquanto que, os pais de maiores salários acreditam que o papel do pai na sociedade é de educar, dar exemplo de princípios morais e éticos seguido de compartilhar responsabilidades com a esposa. Nota-se que, no discurso, os pais de maiores salários deram ênfase ao compartilhamento de atividades com a esposa, porém, quando foram questionados se realizavam atividades domésticas os mesmos afirmaram que não as realizavam. Outra contradição é encontrada quando o grupo de pais de menores salários afirma ser importante para o desenvolvimento da criança que o pai a acompanhe (supervisione), porém, eles não mencionam a atividade "acompanhar a criança" como importante para ser pai ou para ser um pai ideal. Também os pais de maiores salários contradizem-se quando afirmam ser importante para o desenvolvimento da criança a característica de "ser afetuoso", porém, eles não mencionam como importante "ser afetuoso" para ser pai ou para e ser um pai ideal.

Logo, a definição de Lamb (2004) aplicada à realidade baiana depara-se com contradições não apenas entre os diferentes grupos, culturas e subculturas com relação à definição de paternidade. Percebe-se também, que dentro do próprio grupo de indivíduos encontram-se contradições sobre o que é ser pai, nota-se a incongruência entre o discurso e a ação, denotando a necessidade de uma autoanálise por parte do pai na sociedade contemporânea bem como do treinamento desse papel.

Observou-se que, a despeito das incongruências intragrupais e intrapessoais sobre a definição de paternidade, os homens necessitam de suporte para desenvolverem o papel de

pais dentro e fora da família e sugere-se a aplicação do psicodrama, como uma técnica de sensibilização para o desenvolvimento do ser humano, e o sociodrama que trabalha com a mudança social, pois ambas as abordagens trabalham com a técnica do “Role Paying” (desenvolvimento de papéis), para que o capital social possa ser desenvolvido no contexto interno e externo das famílias.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Retomando o objetivo geral do estudo – compreender e discutir o papel do pai na sociedade contemporânea, a partir das concepções de pais de diferentes níveis socioeconômicos do Estado da Bahia - pode-se concluir ter havido um avanço significativo nessa direção sem, contudo, ter esgotado a proposta.

A seguir serão apresentados os principais resultados obtidos que esclarecem os objetivos da presente pesquisa de doutorado.

Com relação ao primeiro objetivo específico, “compreender o papel do pai a partir do envolvimento dos participantes seguindo as quinze categorias estabelecidas por Palkovitz (1997) e as três categorias de Lamb (2004)”, juntamente com o terceiro objetivo específico, “identificar as diferenças entre o envolvimento paterno dos participantes de níveis socioeconômicos diversos”, obteve-se o que se apresenta na sequência.

Verificou-se que, com relação às categorias de Palkovitz (1997), o que mais se destacou foi o fato de que os pais de menores salários estão mais envolvidos do que os de maiores salários com atividades referentes à afetividade (como rezar junto, conversar sobre os pensamentos do(a) filho(a), ficar com a criança quando ela não quer ficar sozinha e sorrir para ela). Por outro lado, os pais com maiores salários encontravam-se mais envolvidos que os de menores salários com atividades relacionadas à cognição (como planejar, acompanhar as amizades da criança, ensinar normas e prover atividades extracurriculares).

Segundo as categorias determinadas por Lamb (2004), o que mais chamou a atenção no presente estudo foi que os pais de maiores salários apresentam um grau de envolvimento

maior que os pais de menores salários com relação aos fatores “responsabilidade” e “disponibilidade”. Além disso, também cabe destacar o fato de ter havido uma repetição do grau de envolvimento entre as gerações, pois verificou-se que, quando eram crianças, os pais de maiores salários possuíam um maior envolvimento com seus próprios pais que os de menores salários.

No que diz respeito ao segundo objetivo específico, “identificar que fatores influenciam o grau de envolvimento do pai com a criança”, notou-se que os pais dos dois grupos afirmaram que o principal fator de aproximação deles com seus filhos é o compartilhamento de atividades. Entretanto, a maioria dos pais de menores salários informou que o trabalho era o maior dificultador da aproximação deles com seus filhos(as), seguindo-se da separação conjugal. Já os pais de maiores salários mencionaram como principal dificultador o trabalho, seguindo-se de pouco tempo disponível para o(a) filho(a).

Nesse sentido, respondendo ao objetivo geral desta tese, verificou-se haver uma fragmentação entre o exercício da paternidade (pai real) e a visão ideal do papel de pai no que se refere ao compartilhamento das atividades domésticas, cuidados com os filhos e envolvimento afetivo. Além disso, como a grande maioria dos entrevistados respondeu que as instituições e o governo não dão suporte para que eles possam desempenhar o papel de pai, verifica-se a necessidade de um maior envolvimento dos elaboradores de políticas públicas e institucionais com esse tema para que possam incluir a paternidade nos contextos escolares, empresariais e de instituições de saúde e de cuidados com a criança e a família. Verificou-se que são necessárias mudanças inclusive nas políticas referentes às pesquisas, pois, as investigações sobre o tema são insuficientes e, quando existentes, em sua maioria, apresentam uma visão conformista sobre o panorama da paternidade.

No presente estudo, notou-se a importância das abordagens conceituais de Palkovitz (1997) e de Lamb (2004), principalmente por essas incorporarem as categorias que procuram definir esse importante papel pois, o entendimento do conteúdo deste é relevante para que possam ser geradas ações de apoio.

As estratégias metodológicas utilizadas nesta tese permitiram o entendimento do papel do pai na sociedade contemporânea baiana uma vez que o estudo de caso realizado com pais de diferentes níveis socioeconômicos, aliado ao extenso levantamento bibliográfico realizado sobre o tema, permitiram levar a conclusões sobre a definição do papel do pai e sua importância social.

O estudo foi traçado pelas diretrizes das teorias do Psicodrama e Sociodrama, que focalizam a estrutura do indivíduo e da sociedade através do encontro e complementariedade de

papéis, além da Teoria Relacional que prega a construção de capital social através do desenvolvimento de papéis. Essas teorias, aliadas ao estudo de caso, nos guiaram a conclusões sobre a importância do papel do pai como elemento essencial na família contemporânea para a geração de capital e essencial ao desenvolvimento sustentável.

Por fim, pode-se concluir que a paternidade encontra-se em fase de reinvenção que perpassa por um esforço integrado entre políticos, pesquisadores e líderes de todos os tipos de organizações, como também do próprio homem. O papel do pai é contingente ao ambiente em que está inserido, à complexidade do contexto socioeconômico, cultural, histórico e às características familiares e pessoais. Essencialmente, a paternidade não é importante apenas para o desenvolvimento da criança, mas também para os próprios pais e para a sociedade uma vez que, os entrevistados afirmaram que, após terem se tornado pais, ficaram mais responsáveis e maduros. Dessa forma, percebe-se que eles poderão ajudar na promoção da equidade de gênero, redução da pobreza, criminalidade e na construção de uma sociedade mais justa e melhor.

Finalmente, diante dos resultados apresentados, recomenda-se a realização de pesquisas que visem a aprofundar esse debate e contribuir na construção de parcerias entre o público e o privado que são essenciais para o desenvolvimento social sustentável.

REFERÊNCIAS

ALLEN, Sarah; DALY, Kerry. **The effects of father involvement: an updated research summary of the evidence**, Canada, Public Health Agency of Canada and the Social Sciences and Humanities Research Conference, 2007, Ontário, Centre for Families, Work & Well-Being, University of Guelph. Disponível em: <http://www.fira.ca/cms/documents/29/Effects_of_Father_Involvement.pdf>. Acesso em: Set. 2009.

ANDRADE, R. O.; TACHIZAWA, T. E.; CARVALHO, A. B. **Gestão ambiental: um enfoque estratégico aplicado ao desenvolvimento sustentável**. São Paulo: Makron Books, 2000.

BARROS, Fernanda Otoni. *Do direito ao pai*. Belo Horizonte: Editora Del Rey, 2001.

BASTOS, A. et. al. **Fathering in Brazil a diverse and unknown reality**. In: SHWALB, D. W.; SHWALB, B.; e LAMB, M. *Fathers in cultural context*. Kentucky,: Routledge, 2012.

BASTOS, Ana Cecília.; URICO, Kristiina; VALSINER, Jaan. **Cultural dynamics of woman's lives**. North Caroline: Information Age Publishing Inc., 2012.

BASTOS, A. V.; PINHO, A. P. e COSTA, C. A. Significado do trabalho um estudo entre trabalhadores inseridos em organizações formais. São Paulo, **Revista de Administração de Empresas**, v. 35, n. 6, p. 20-29, Nov./Dez. 1995.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**, Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2004.

_____. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

BARKER, Gary; VERANI, Fabio. **Men's participation as fathers in the Latin American and Caribbean Region: a critical literature review with policy considerations**, Rio de Jan. 2008. Disponível em: <<http://www.promundo.org.br/Pesquisa/Artigos/DOC%20ING%20Paternidade.pdf>>, Acesso em jul. 2009

BARKER, G.; RICARDO, C.; e NASCIMENTO, M. **Engaging men and boys in changing gender-based inequity in health: evidence from programme interventions**. New York, Word Health Organization, e Promundo, 2007. Disponível em: <http://www.who.int/gender/documents/Engaging_men_boys.pdf> Access in: 03 de ago. 2009.

BOFF, Leonardo. O cuidado essencial: princípio de um novo ethos. Brasília: **Inclusão Social**, v. 1, n. 1, p. 28-35, out./mar. 2005.

_____. **Saber cuidar: ética do humano – compaixão pela terra**. Petrópolis: Rio Vozes, 1999.

BROTHERSON, Sean E. Bonds of connection: how fathers connect with children and why it matters. In: **Why fathers count**, BROTHERSON, Sean; WHITE, Joseph. Tennessee: Men's Studies Press LLC, p. 107 a 118, 2007.

BECKER, Gary S. **The economic way of looking at life**. Chicago, 2008. Disponível em: <<http://home.uchicago.edu/~gbecker/Nobel/nobellecture.pdf>>. p.38-59. Access in: 14 de jun. de 2011

BERLYN, Claire; WISE, S.; SORIANO, G. **Engaging fathers in child and family services: participation, perceptions and good practice. strong family and communities strategy 2004-2009**, Australian, Government, Department of Families, Housing Community Services and Indigenous Affairs, 2009. Disponível em <<http://ag.gov.au/cca>>. Access in: em dez. 2009.

BRADFORD, A. et.al. The inventory of father involvement: a pilot study of new measure of the father involvement, New York: **The Journal of Man's Studies**, vol. 10, no. 2, p. 183-196, winter 2000.

BRASIL, **Política nacional de atenção à saúde integral do homem**. Brasília, DF. Disponível em: <<http://dtr2001.saude.gov.br/sas/PORTARIAS/Port2008/PT-09-CONS.pdf>>. Acesso em set. 2009

BRITO, Leila Maria Torraca. De papai sabe tudo a como educar seus pais: Considerações sobre programas infantis de TV. **Psicologia & Sociedade**; Vol. 17, n.1, p.17-28; jan/abr. 2005.

BURGESS, Adrienne. **The costs and benefits of active fatherhood: evidence and insights to inform the development of policy and practice**. Father Direct, 2005. Disponível em: <<http://www.fatherhoodinstitute.org/uploads/publications/247.pdf>>. Acesso em maio de 2009.

BUSTAMANTE, Vânia. Ser pai no subúrbio ferroviário de Salvador: um estudo de caso com homens de camadas populares, **Psicologia em Estudo**, Maringá, v.10, n. 3, p. 393-402, set./dez. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pe/v10n3/v10n3a06.pdf>>. Acesso em: 05 maio de 2009.

BUSTOS, Dalmiro M. **Psicodrama**, São Paulo: Summus Editorial Ltda., 1979.

BOFF, Leonardo. O cuidado essencial: principio de um novo ethos. **Revista Inclusão social**, Brasília, v.1, n.1, p. 28-35, out/mar. 2005.

_____. **Saber cuidar**. Petrópolis: Vozes, 1999.

BRASIL, Lei n. 11.108, de 7 de ABRIL DE 2005. Altera a Lei no 8.080, de 19 de setembro de 1990. **Diário Oficial (da) República Federativa do Brasil**, Poder Executivo, Brasília, 8 de abr. 2005

BROTHERSON, Sean; WHITE, Joseph. **Why fathers count: the importance of fathers and their involvement with children**. Tennessee: Men's Studies Press LLC, 2007.

CABRERA, Natasha et.al. Fatherhood in twenty-first century, **Child Development**, Vol. 71, n.1, p. 127-136, Jan/Feb, 2000.

_____. **Father involvement in the early start evaluation: a multidimensional conceptualization.** National Conference about Health, 1999. available in: <www.mathematica-mpr.com/PDFs/measurefather.pdf>. Access In sep.2011.

_____. **The DADS Initiative: measuring father involvement in Large-Scale Surveys.** In: DAY, R. Ronald, and LAMB, Michael E. *Conceptualizing and Mesuring Father Involvement.* New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates Publishers, 2004.

CABRERA, Natasha J. Father involvement and public policies. In: LAMB, Michael. *The Role of The Father in Child Development.* New Jersey: John Wiley e Sons, Inc., 2010.

CANADA GOVERNAMENTAL, **Involved fathers: A guide for today's dad.** Canada, 2008, Disponível em <http://www.cfii.ca/fiion/booklet_1.pdf>. Acesso em ago. 2010.

DE CARVALHO, Ana Barreiros; PIRES, Vitor. Novos paradigmas e as mudanças no papel do pai na sociedade contemporânea. Salvador, **Anais da XIV Semana de Mobilização Científica da Universidade Católica do Salvador**, outubro de 2011. p.65-80.

CAVALCANTI, V. R. S.; CARVALHO, A.; CALDEIRA, B. **Woman the caregiver: ways of sharing chilcare in two contemporary brazilian contexts.** In: BASTOS, A. C. URICO, K. e VALSINER, J. *Cultural dynamics of woman's lives.* North Caroline: Information Age Publishing Inc., 2012.

CASTELLS, Manuel. **O Poder da identidade: A era da informação, economia, sociedade e cultura**, Vol. 2, São Paulo: Paz e Terra, 2010.

CERVENY, Ceneide; CHAVES, Ulisses. **Pai? Quem é este? A vivência da paternidade no novo milênio,** 2008. Disponível em: <<http://www.xa.yimg.com/.../Pai+Quem+é+este+A+vivência+da+paternidade+no+novo+milênio++Ceneide.doc>>. Acesso em maio de 2009.

CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro. **Metodologia científica**, São Paulo: Pearson, 2007.

CHERI A. VOGEL, at al. **Understanding fathering: the early head start study of fathers of newborns**, New York, the Ford Foundation, May 2003. Disponível em: <<http://www.mathematica-mpr.com/PDFs/ehsnewborns.pdf>>. Acesso em: 20 fev. 2010.

CHRISTIANSEN, Shawn L.; STUEVE Jeffrey. **Father's love and care: impact of father's sacrifice for himself and for children.** In: *Why Fathes Count*, BROTHERSON, Sean E. e WHITE, Joseph. Tennessee: Men's Studies Press LLC, Harriman, 2007. p. 27 a 40.

CREPALDI, Maria Aparecida at al. Participação do pai nos cuidados da criança, segundo a concepção de mães, Maringá, **Psicologia em Estudo**, v. 11, n. 3, p. 579-587, set./dez. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pe/v11n3/v11n3a13.pdf>>. Acesso em 15 out. 2010.

COLEMAN, James S. Social capital in the cration of human capital. **American Journal Sociology**, Chicago, Vol. 94, p. 95-120, Supplement: Organizations and Institutions: Sociological and Economic Approuches of the Analysis Structure, 1998. Disponível em <<http://links.jstor.org/sici?sici=0002->

9602%281988%2994%3CS95%3ASCITCO%3E2.0.CO%3B2-P>._ Acesso em 15 de jun. 2011.

COLOMBO, Enzo. **Descrever o social: A arte de escrever e pesquisar**. In: MELUCCI, Alberto. *Por uma Sociologia Reflexiva*, Petrópolis: Vozes, 2005,

DALY, Kerry; HAWKINS, Linda. Father and work-family politics. **Canada, Ivey Business Journal: Improving the practice of management**, 2005. Disponível em <<http://iveybusinessjournal.com>>. Acesso em ago. de 2009..

DE PAULA, Ana Paula Paes, Administração pública brasileira entre o gerencialismo e a gestão social. São Paulo, **Revista de Administração de Empresas**, Vol. 45, n. 1, pg. 36-49, jan./mar., 2005.

DESSEN, Maria A.; JUNIOR, Aderson, **Ciência do desenvolvimento humano: tendências atuais e perspectivas futuras**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

DOWBOR, Ladislau. Tendências da gestão social. São Paulo, **Revista Saúde e Sociedade**, 1999, Vol. 8, n.1, p.3-16, disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/sausoc/v8n1/02.pdf>>. Acesso em ago. 2012.

FONDO DE POBLACIÓN DE LAS NACIONES UNIDAS, El UNFPA. **Informe Anual**, New York, 2008. Disponível em: <<http://www.unfpa.org/public/cache/offonce/News/pid/>>. Access in 26 de set. 2009.

FAMILIES FIRST NORTHERN SYDNEY. **Focus on fathers: scoping project final report**. **Australia, 2006**, University of New South Wales Consortium, Social Policy Research Centre. Disponível em: <<http://www.menslineaus.org.au/Upload/Docs/22.pdf>>. Acesso em jan. de 2010.

FARIA, Carlos Aurélio Pimenta. Entre marido e mulher o Estado mete a colher: reconfigurando a divisão do trabalho doméstico na Suécia. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, Vol. 17 n. 48, p. 173 - 231, fev. 2002. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092002000100011. Acesso em jul. de 2009.

FREIRE, Gilberto. **Sobrados e mucambos: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano**. São Paulo: Global, 2004.

FURSMAN, L. E CALLISTER, P. **Men's participation in unpaid care: a review of literature**. New Zeland, Ministry of Women's Affairs, Department of Labor, 2009. Disp available in: <www.dol.govt.nz>. Acesso em out. de 2009.

Foucault, M. **History of Sexuality**. São Paulo: Graal, 2006.

GEORGAS, J. at. al. (2006) **Famílias através da cultura: um estudo psicológico em 30 nações**. Cambridge University Press, 2006. Livre tradução por: Carvalho, Ana Barreiros.

GREEN, Stephen D. **Exploring new worlds together, reading, relationships, and father involvement**. In: BROTHERTON, Sean; WHITE, Joseph M. Tennessee: Men's Studies Press, 2007. p. 27 a 40.

GÜNTHER, Hartmut. Brasília, DF, IP, Questionário. **Planejamento de Pesquisas nas Ciências Sociais**, Brasília, n.1, p. 1-35, Disponível em: <www.unb.br/ip/lpa/pdf/01questionario>. Acesso em mar. 2010.

HAGUETTE, T. **Metodologias qualitativas sociologia**. Petrópolis: Vozes, 2005..

HAWKINS, Allan; et al. The inventory of father involvement: a pilot study of a new measure of father involvement. **The Journal of Men's Studies**, Deaware, v.10 n.2, Winter 2002, p.183-196, Men's Studies Press, LLC. Disponível em: <http://udel.edu/~robp/downloads/IFI.pdf>. Acesso em jan. 2011.

HENNIGEN, Inês.; GUARESCHI, Neuza. A paternidade na contemporaneidade: um estudo de mídia sob a perspectiva dos estudos culturais. **Psicologia & Sociedade**, Belo Horizonte, v. 14, n. 1, p. 44-68, jan./jun 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/psoc/v14n1/v14n1a04.pdf>. Acesso em jan.2019.

HORKHEIMER, Max. **Teoria crítica**. São Paulo: Perspectiva, 2008.

HOWES Jason; START B.; **Fatherhood**. New Zeland, Department of Labor New Zeland. available in: <<http://www.dol.govt.nz/publications-browse.asp?BrowseBy=Date&Year=2006>>. Acesso em 03 de ago. 2009.

HUTTUNEN, Jouko. Parenthood from the father's point of view. Hamburg, **Paper Presented at the Wellchi Network Conference 2, Centre for Globalisation and Governance, University of Hamburg**, Mar. 2006. Disponível em: http://www.ciimu.org/webs/wellchi/conference_2/streamb/huttunen.pdf. Acesso em: maio, 2010.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Pesquisa Nacional de Amostra a Domicílios – PNAD**, Brasília, 2007. Disponível em: www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/trabalhoerenda/pnad2007/graficos_pdf.pdf. Acesso em 12 de jul. 2012.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, **CENSO 2007**. Disponível em: <http://censos2007.ibge.gov.br/Censos2007_Inovacoes_web.pdf>. Acesso em: Jun. de 2009.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, **CENSO 2010**, Brasília, 2007. Número de católicos cai e aumenta o de evangélicos, espíritas e sem religião. disponível em: <www.ibge.gov.br/presidencia/noticias_visualiza.php?id_noticia=2170&id_paginal>. Acesso em 12 de jul. de 2012.

JABLONSKI, Bernardo. **Identidade masculina e exercício da paternidade: de onde viemos e para onde vamos**. In: Feres-Carneiro, Casal e Família: entre a tradição e a transformação, Rio de Janeiro: Grypho Edições e Publicações, 1999.

KOLLER, Sílvia Helena. **Ecologia do desenvolvimento humano**, São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004

KROB, A. D.; PICCININI, C.; SILVA, M. A transição para a paternidade: da gestação ao segundo mês de vida do bebê. **Psicologia USP**, São Paulo, Abr/Jun, vol. 20, n. 2, p. 269-291, 2009.

LAMB, E. MICHAEL, **The role of the father in child development**. New Jersey: Wiley, inc., 2004.

_____. **The role of the father in child development**, New Jersey: John Wiley and Sons, Inc, 2010

LÉVI-STRAUSS, Claude. **O Pensamento selvagem**. São Paulo: Editora Parirus, 2006.

LIPOVETSKY, Gilles; SEBASTIEN, Charles. **Os tempos hipermodernos**. São Paulo: Barcarolla, 2007.

LYRA-DA-FONSECA, Jorge Luiz Cardoso. **Homens, feminismos e direitos reprodutivos no Brasil: uma análise de gênero no campo das políticas públicas (2003-2006)**, tese (Doutorado em saúde pública) - Fundação Osvaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2008. Disponível em: www.observatoriodegenero.gov.br/.../politicas-publicas/publicacoes/. Acesso em dez. de 2009.

McINNES, W. **Introduction to working with men and family relationship guide: a resource to engage men and their families**. Australian, Department of Families, Housing, Community Services and Indigenous Affairs, 2009, disponível em <<http://www.fahcsia.gov.au>>. Access in Feb, 2010.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva. **Técnicas de pesquisa**, São Paulo: Atlas, 2002.

MARKS, Loren D.; DOLLAHITE, David C. **Why the religious involvement can make the difference**, in: In: BROTHERSON, Sean; WHITE, Joseph. Tennessee: Men's Studies Press LLC, 2007.

MARKS, Loren Dean; PALKOVITZ, Rob. **Fathers as spiritual guides**. In: BROTHERSON, Sean, WHITE, Joseph M. Tennessee: Men's Studies Press LLC, 2007.

MENEZES, José Euclimar. **Limites da psicanálise acerca da subjetividade**. In: MOREIRA, Lúcia Campos; CARVALHO, Ana. Família, Subjetividade e Vínculos. São Paulo: Paulinas, 2007.

MOREIRA, Lúcia Campos; CARVALHO, Ana. **Família e educação**. São Paulo: Paulinas, 2010.

MOREIRA, Lúcia Campos; BIASOLI-ALVES, Zélia, As famílias seus colaboradores na tarefa de educar os filhos. São Paulo, **Revista Brasileira Crescimento Desenvolvimento Humano**. V. 17(1), n.1, p. 26-38, 2003. Disponível em: <http://www.revistasusp.sibi.usp.br/pdf/rbcdh/v17n1/03.pdf>. Acesso em 27 de agosto de 2012.

MOREIRA, L.C.V.; PETRINI, G. BARBOSA, F. **O pai na sociedade contemporânea**. Bauru, São Paulo, 2010.

MORENO, Jacob Levy. **Fundamentos do Psicodrama**. São Paulo: Summus Editorial Ltda., 1983.

_____. **Psicodrama**. São Paulo: Cultrix, 1993.

_____. **Fundamentos de la sociometria**. Buenos Aires: Paidós, 1954.

_____. **O Teatro da espontaneidade**. São Paulo: Summus Ltda., 1973.

_____. **Psicoterapia de grupo e psicodrama**. São Paulo: Mestre Jou, 1959,.

MORIN, Edgar. **Educação e complexidade: os sete saberes e outros ensaios**. São Paulo: Cortez, 2007.

_____. **O Método 5: a humanidade da humanidade e a identidade**. Porto Alegre: Sulina, 2007.

MOSS, Peter; KORINTUS, Marta. **International review of leave policies and related research. Employment Relations Research Series No. 100**. London, Department of Trade and Industry. Retrieved 13 November 2008. Disponível em: <www.berr.gov.uk/files/file47247.pdf>; <http://copland.udel.edu/~robp/downloads/reconstructing%20involvement.pdf> . Acesso em Jan. 2010.

NASCIMENTO, Marcos. SEGUNDO, M. BARKER, G. **Homens, masculinidades e políticas públicas: aporte para equidade de gênero**. United Nations Population Fund e Promundo, 2009. Disponível em: <<http://www.promundo.org.br/wp-content/uploads/2010/03/HomensMasculinidades.pdf>>. Acesso em nov. 2009.

NERY, Nelson Neri; NERY Rosa. **Constituição Federal comentada**, São Paulo, S.P., Ed. Revista dos Tribunais, 2006.

OLAVARRÍA, Pedro José Félix A. **Hombres a la deriva? Poder, trabajo y sexo**. Santiago, Chile: FLACSO-Chile, Serie Libros, 2001.

ORGANIZATION FOR ECONOMIC CO-OPERATION AND DEVELOPMENT – Paris, OECD **Family database - Social policy division - directorate of employment, labour and social affairs**, 2009. available in: <www.oecd.org/els/social/family/database>. Access in: May. 2011.

OLIVEIRA, Maria Coleta. **O lugar dos homens na reprodução**. Buenos Aires, publicación: Genero, familias y trabajo: rupturas e continuidades. Desafios para la invetigación política, In: Guitérrez, Maria Alicia. CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2007. disponible em: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/libros/grupos/gutierrez/10Olieira.pdf>. Acesso em maio 2009.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO, **Trabalho e família: rumo a novas formas de conciliação com corresponsabilidade social** /. - Brasília: OIT, 2009, 150 p. Disponível em: <<http://www.ilo.org/global/lang--en/index.htm> >. Acesso em: nov.2009.

PALM, Glen. **The journey of development: father and child growing up together**. In: BROTHERTON, Sean E. e WHITE, Joseph M. Harriman, Why fathers count. Tennessee: Men's Studies Press LLC, 2007.

PALKOVITZ, Rob. **Reconstructing “involvement: expanding conceptualizations of men’s caring in contemporary families**, 1997. University of Delaware, Newark, Disponível em: <<http://copland.udel.edu/~robp/downloads/reconstructing%20involvement.pdf>>. Acesso em: 20 jan. 2011.

PETRINI, João Carlos. **Pós-modernidade e família: Um itinerário de compreensão**. São Paulo: Editora da Universidade do Sagrado Coração, 2003

PETRINI, João Carlos. **Políticas sociais dirigidas à família**. In: BORGES, A. e CASTRO, M. G, Família, gênero e gerações, São Paulo: Paulinas, 2007

PARK, Ross D.; BROTT, Armim A. **Throwaway dads: the myths and barriers that keep men from being the fathers they want to be**. New York: Houghton Mifflin, 1999

PEREIRA, Tânia da Silva. Direitos da criança e do adolescente: **Uma Proposta Interdisciplinar**. Rio de Janeiro: Renovar Ltda., 2008.

PIELLER, Evelyn. Rumo à sociedade do cuidado, São Paulo, **Le Monde Diplomatique Brasil**, set. ano 4 n. 38, p.32-33, 2010.

PLECK, Joseph H.; STUEVE, Jeffrey. **A narrative approach to parental identity: The importance of parental identity “conjointness.”** In: DAY, Randal D. & LAMB, Michael E. (Eds.), Conceptualizing and measuring father involvement, New Jersey: Lawrence Erlbaum, p. 83-108, 2004.

PLECK, Joseph H. **Paternal involvement: revised conceptualization and teorical linkage with child outcomes**. In: LAMB, Michael. The Role of The Father in Child Development, New Jersey: John Willley & Sons Inc, 2010.

PROMUNDO, FUNDO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Homens, masculinidades e políticas públicas**, 2009. Disponível em: <www.promundo.com.br>. Acesso em 10 de jan. de 2010.

RABINOVICH, E. P.; FRANCO, A.; MOREIRA, L. Compreensão do significado de família por estudantes universitários baianos. Rio de Janeiro, **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v. 12, n. 1, p. 260-273, 2012.

_____. **Estudos sobre família em contextos brasileiros**. In: RABINOVICH, Elaine Pedreira; MOREIRA, Lúcia. Família e parentalidade: olhares da psicologia e da história. Curitiba: Juruá, 2011.

RISE, Cláudio. **A inaceitável ausência do pai. Paternidade e seus desafios na sociedade atual**. São Paulo: Cidade Nova, 2009.

ROESCH, Silvia Maria. **Projetos de estágio e de pesquisa em administração**, São Paulo: Atlas, 1992.

SHAWN Christiansen L.; STUEVE Jeffrey. **Father's love and care: the impact of father's sacrifice for himself and for children**. In: BROTHERTON, Sean, WHITE, Joseph M. Why fathers count: the importance of fathers and their involvement with children. Tennessee: Men's Studies Press LLC, 2007.

SHWALB, D. W.; SHWALB, B. J. e LAMB, M.E. **Fathers in Cultural Context**. New York, Routledge, 2013.

SNAREY, John, **How fathers care for the next generation: A four-decade study**. Cambridge: Harvard University Press, 1993.

SCOTT, Jacqueline. **Family and gender roles: how attitudes are changing**. MA., University of Cambridge, paper, no. 21, Sep. 2006, Faculty of Social Political Sciences. Disponível em: <<http://www.genet.ac.uk/workpapers/GeNet2006p21.pdf>>. Acesso em: 15 ago. 2010.

SILVA, Milena da Rosa.; PICCININI, Cesar. Sentimentos sobre a paternidade e o envolvimento paterno: um estudo qualitativo. **Psico**, v. 39, n. 1, pp. 74-82, jan./mar. 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v24n4/v24n4a15.pdf>>. Acesso em: junho de 2009.

SINGLY, François. **Sociologia da família Contemporânea**, Rio de Janeiro: FGV, 2007.

SOUZA, Carmem Lúcia C.; BENETTI, Silvia. Paternidade Contemporânea: levantamento da produção acadêmica no período de 2000 a 2007, **Paidéia**, Porto Alegre, Vol. 19, n.42, p.97-106, Jan-Abr 2009. Disponível em <www.scielo.br/paideia>. Acesso em: 15 jul. 2009.

SUNKEL, Guillermo. **El papel de la familia em la proteccion social em América Latina**. Série de Políticas Sociales. Santiago de Chile, CEPAL – División de Desarrollo Social, abril de 2008.

THEORY CONSTRUCTION AND RESEARCH METHODOLOGY WORKSHOP, 1997, Phoenix. **Transition within fathering**. Paper presented, National Council on Family Relations, November 15, 2005. Disponível em: <http://udel.edu/~robp/downloads/chaptertwo%20transitions%20to%20fatherhood.pdf>. Acesso em: nov. 2010

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**, São Paulo: Atlas, 1987.

TUDE, Jonathan. A teoria de Bronfrenbrenner: uma teoria contextualista, In: Família e Educação: **Olhares da Psicologia**, São Paulo: Paulinas, 2000.

UNITED NATIONS ENTITY FOR GENDER EQUATY AND EMPOWERMENT OF WOMEN. **Fifteen-year review and appraisal, international conference on population and development in Cairo**, New York, 1994. Disponível em: <<http://www.un.org./womenwatch/daw/beijin15/index.html>>. Acesso em 26 de set. 2009.

UNITED NATIONS CONFERENCE ON TRADE AND DEVELOPMENT, **Policies for Inclusive and Balanced Growth**. New York, 2012. Available in: <http://unctad.org/en/pages/PublicationWebflyer.aspx?publicationid=210>. Access in: set.2012.

UNITED NATIONS EDUCATIONAL SCIENTIFIC AND CULTURAL ORGANIZATION UNESCO, **Role of men and boys in promoting gender equality**, Bangkok, 2009. Available in <http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001377/137780e.pdf>>. Acesso em ago. 2009.

VALSINER, Jaan. **Fundamentos da psicologia cultural**, Porto Alegre: Artmed, 2012.

VOLLING, Brenda L.; BELSKY, Jay. The contribution of mother-child and father-child relationships to the quality of sibling interaction: A longitudinal study, **Child Development Journal**, USA., Willey, v.63, p.1209-1222, 1992.

WAGNER, Adriana, **A Família e a tarefa de educar: algumas reflexões a respeito das famílias tradicionais frente a demandas contemporâneas**. In: FÉRES-CARNEIRO, Terezinha. Família e Casal: Arranjos e Demandas Contemporâneas. Rio de Janeiro: PUC Rio, 2003.

WAISELFISZ, Júlio Jacob. **Mapa da violência IV: os jovens do Brasil: juventude, violência e cidadania**. Brasília, Secretaria Especial de Direitos Humanos do Brasil, UNESCO. Disponível em: mapadaviolencia.org.br/publicações/MapaViolencia_IV.pdf, 2004.

WOOD, R. at. al. **The building strong families project strengthening unmarried parents relationships: the early impacts of building strong families**. Administration For Children and Families, New York, May 2010. Disponível em: http://www.acf.hhs.gov/programs/opre/strengthen/build_fam/reports/unmarried_parents/15_impact_exec_summ.pdf>. Acesso em jan. 2011.

WILLIAMS, George R. **The play, child's world and the father**. In: Why Fathes Count, BROTHERTON, Sean E.; WHITE, Joseph. Tennessee: Men's Studies Press LLC, 27 a 40, 2007.

ZOJA, Luuigi. **The Father: A historical, psychological and cultural perspectives**. East Sussex: Brmner-Routledge, 2001.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Roteiro de entrevista com o pai



UNIVERSIDADE CATÓLICA DO SALVADOR
SUPERINTENDÊNCIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
 PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FAMÍLIA NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

ROTEIRO DE ENTREVISTA COM O PAI

1. Dados de identificação do participante

1. Idade _____

2. Escolaridade

1	Não frequentou escola;
2	Ensino fundamental I (completo ou incompleto);
3	Ensino fundamental II (completo ou incompleto);
4	Ensino médio (completo ou incompleto);
5	Ensino superior (completo ou incompleto);
6	Pós-graduação (completo ou incompleto).

3. Qual seu cargo e função na empresa em que trabalha? _____

4. Realiza outro trabalho fora da empresa? Caso afirmativo, qual?

() Sim _____ () Não

5. Carga horária semanal de trabalho

1	até 20 horas semanais;
2	mais de 20 a 40 horas semanais;
3	mais de 40 horas semanais.

6. Rendimento mensal total

1	menos de um salário-mínimo;
---	-----------------------------

2	um salário-mínimo;
3	mais de um a três salários-mínimos;
4	mais de três a cinco salários-mínimos;
5	mais de cinco a sete salários-mínimos;
6	mais de sete a nove salários-mínimos;
7	mais de nove a onze salários-mínimos;
8	mais de onze a treze salários-mínimos;
9	mais de treze salários-mínimos.

7. Etnia ou cor atribuída:

1	Branca	2	Preta
3	Parda	4	Amarela
5	Indígena	6	Outra

8. Religião

1	Afrodescendente	2	Católica
3	Espírita	4	Judaica
5	Protestante (denominação: _____)	6	Outra _____
7	Nenhuma		

9. Qual o seu estado civil?

1	Solteiro
2	Casado pela 1ª. vez
3	Casado pela 2ª. vez ou mais
4	Separado e vive sozinho
5	Separado e vive com outro cônjuge

10. Quando você era criança seus pais:

1	Eram casados
2	Viviam juntos
3	Fui criado por um só genitor. Qual _____
4	Outros. Especificar _____

2. Dados sobre família

11. O que é família para você?
12. Quem faz parte da sua família?
13. Quais pessoas moram com você?
14. Quantidade de filhos e respectivas idades e sexo.

Filho(s)	Idades	Sexo
Filho 1		
Filho 2		
Filho 3		
Filho 4		
Filho 5		
Filho 6		

15. Na sua casa, você conta com a ajuda de funcionário/a(s)? () Sim () Não

Caso tenha funcionário, perguntar:

15.1 Quantidade _____

15.2 Funções exercidas _____

16. Na sua casa, você conta com a ajuda de familiares? () Sim () Não

Caso afirmativo, especificar:

Familiar	Forma de ajuda

3. Dados sobre filho/a de referência para o estudo

17. Idade

1	Dois anos	2	Três anos
3	Quatro anos	4	Cinco anos
5	Seis anos	6	Sete anos

18. Sexo

1	Feminino	2	Masculino
---	----------	---	-----------

19. A criança de referência está matriculada em instituição de educação infantil ou escola? () Sim
() Não

D. Rotina do filho de referência

20. Durante a semana, com quem e em que local a criança fica

Períodos do dia	Com quem fica	Local
Manhã		
Tarde		
Noite		

21. Nos finais de semana, com quem e em que local a criança fica

Períodos do dia	Com quem fica	Local
Manhã		
Tarde		
Noite		

E. Paternidade

Agora nós vamos conversar sobre paternidade.

22. Como você define “pai”?

23. Para você, qual é o papel do pai na sociedade atual? (Atribuições e responsabilidades). E qual é o seu papel para o desenvolvimento do/a seu/sua filho/a?

24. Para você, como é o pai ideal?

25. Como você se avalia como pai? Por quê?

26. Você percebeu alguma mudança em si mesmo após ter se tornado pai? Caso afirmativo, o que mudou?

27. Quem são os principais responsáveis pela sua criança?

1	Ambos os pais
2	A mãe
3	O pai
4	Outros. Especificar: _____

28. Quem são as pessoas mais engajadas com sua criança?

1	Ambos os pais
2	A mãe
3	O pai
4	Outros. Especificar: _____

29. Quem são as pessoas mais disponíveis para a sua criança?

1	Ambos os pais
2	A mãe
3	O pai
4	Outros. Especificar: _____

30. Quem são as pessoas com mais autoridade para a sua criança?

1	Ambos os pais
2	A mãe
3	O pai
4	Outros. Especificar: _____

31. Qual a principal autoridade na sua família atualmente?

32. Como é o seu envolvimento com o/a seu/sua filho/a em termos de:

Itens	Nenhum	Baixa	Moderado	Alta
Responsabilidade				
Engajamento				
Disponibilidade				
Autoridade				

33. Quando você era criança, como era o envolvimento do seu pai com você em termos de:

Itens	Nenhum	Baixa	Moderado	Alta
Responsabilidade				
Engajamento				
Disponibilidade				
Autoridade				

34. Da criança referência para este estudo, você é pai:

1	Biológico e reside na mesma casa
2	Biológico e não reside na mesma casa
3	Residente
4	Social
5	Biologicamente relacionado com a mãe

F. Envolvimento Paterno

Agora vamos conversar sobre o seu relacionamento com o/a seu/sua filho/a (MENCIONAR O NOME DA CRIANÇA).

35. Inicialmente quero saber: Como é a comunicação entre vocês?

36. Com relação à frequência da comunicação entre vocês, vocês utilizam:

Meios de Comunicação	Frequência			
	Nenhuma	Baixa	Moderada	Alta
Pessoais				
Por telefone				
Bilhetes				
Cartões (ex.: Natal, aniversário, etc.)				
Mensagens por e-mail				

37. Você costuma ou não:

Tipos de registros da criança	Frequência			
	Nenhuma	Baixa	Moderada	Alta
Fotografar				
Montar álbum de fotografia				

Fazer registros sobre fatos importantes				
---	--	--	--	--

38. Nas conversas de vocês, o que costuma estar presente:

Conteúdo expresso	Frequência			
	Nenhuma	Baixa	Moderada	Alta
Amor/afeto				
Valorização				
Perdão				
Preocupação ou interesse com amigos do/a filho/a				
Raiva				
Pensamentos				
Aspirações/desejos				
Outros sentimentos _____				

39. Com relação ao Ensino, você costuma:

Formas de envolvimento Ensino	Frequência			
	Nenhuma	Baixa	Moderada	Alta
1. Advertir seu/sua filho/a				
2. Dar exemplo				
3. Ajudá-lo(a) a solucionar problemas?				
4. Discipliná-lo(a)				
5. Comentar sobre o progresso da criança?				
6. Comentar sobre o progresso dos pais?				
7. Ensinar o desenvolvimento espiritual? Rezar junto?				
8. Prover perspectivas de longo prazo?				
9. Ensinar-lo(a) a como manter o equilíbrio financeiro?				

10. Repreendê-lo(la) quando necessário?				
11. Delegar tarefas e responsabilidades?				
12. . Ensinar normas culturais de sua e de outras culturas?				
13. Fazer perguntas?				
14. Encorajar o interesse por hobbies (lazer)?				
15. Ensiná-lo(la) a pagar impostos e obrigações?				

40. Com relação ao Processo do Pensamento, você costuma:

Formas de envolvimento Processo do Pensamento	Frequência			
	Nenhuma	Baixa	Moderada	Alta
1. Preocupar-se com o seu filho?				
2. Planejar o futuro dele(a)?				
3. Sonhar?				
4. Ajudá-lo(a)?				
5. Avaliá-lo(a)?				
6. Rezar pelo seu filho(a)?				
7. Sentir-se presente?				

41. Com relação aos Cuidados, você costuma:

Formas de envolvimento Cuidados	Frequência			
	Nenhuma	Baixa	Moderada	Alta
1. Alimentar seu filho?				
2. Dar banho?				
3. Vesti-lo?				
4. Cuidar da criança quando doente?				
5. Levar para a cama?				

42. Com relação à Manutenção da Criança, você costuma:

Formas de envolvimento Manutenção da Criança	Frequência			
	Nenhuma	Baixa	Moderada	Alta
1. Efetuar reparos necessários?				
2. Fazer limpeza?				
3. Lavar as roupas?				
4. Passar roupas?				
5. Cozinhar?				
6. Cuidar de animais de estimação?				
7. Criar locais próprios para a criança?				

43. Com relação ao Compartilhamento de Interesses, você costuma:

Formas de envolvimento Compartilhamento de Interesses	Frequência			
	Nenhuma	Baixa	Moderada	Alta
1. Ajudar no desenvolvimento de habilidades?				
2. Prover instrução?				
3. Ler junto?				

44. Com relação à Disponibilidade, você costuma:

Formas de envolvimento Disponibilidade	Frequência			
	Nenhuma	Baixa	Moderada	Alta
1. Passear junto com seu filho(a)?				
2. Levar seu filho(a) a eventos?				
3. . Ficar com a criança quando ela não quer ficar sozinha?				
4. Fazer bolos/doces para as atividades das crianças?				

45. Com relação ao Planejamento, você costuma:

Formas de envolvimento Planejamento	Frequência			
	Nenhuma	Baixa	Moderada	Alta
1. Planejar a comemoração do aniversário da criança?				
2. As férias?				
3. Viagens?				
4. Feriados?				
5. Um futuro seguro?				
6. Divisão do tempo com amigos?				

46. Com relação às Atividades Compartilhadas, você costuma:

Formas de envolvimento Atividades Compartilhadas	Frequência			
	Nenhuma	Baixa	Moderada	Alta
1. Fazer compras com o seu(sua) filho(a)?				
2. Fazer exercícios físicos com ele(ela)?				
3. Ir ao cinema?				
4. Ir a parques?				
5. Fazer refeições?				
6. Brincar?				
7. Fazer atividades de lazer?				
8. Trabalhar?				
9. Dançar?				

47. Com relação ao Provimento, você costuma:

Formas de envolvimento Provimento	Frequência			
	Nenhuma	Baixa	Moderada	Alta
1. Prover financeiramente?				
2. Habitação?				

3. Roupas?				
4. Educação?				
5. Transporte?				
6. Documentação?				
7. Brinquedos?				
8. Atividades extra-curriculares?				
9. Alimentação?				
10. Cuidados médicos?				
11. Mobiliário?				
12. Seguro?				

48. Com relação ao Afeto, você costuma:

Formas de envolvimento Afeto	Frequência			
	Nenhuma	Baixa	Moderada	Alta
1. Abraçar seu/sua filho(a)?				
2. Fazer contato com os olhos?				
3. Fazer cócegas?				
4. Beijar?				
5. Sorrir?				
6. Estabelecer genuína amizade?				
7. Demonstrar paciência?				
8. Elogiar?				

49. Com relação à Proteção, você costuma:

Formas de envolvimento Proteção	Frequência			
	Nenhuma	Baixa	Moderada	Alta
1. Arrumar o ambiente?				
2. Monitorar a segurança?				
3. Prover equipamentos de segurança (capacete para bicicleta, etc)?				

50. Com relação ao Suporte Emocional, você costuma:

Formas de envolvimento Suporte Emocional	Frequência			
	Nenhuma	Baixa	Moderada	Alta
1. Encorajar?				
2. Demonstrar interesse?				

51. Agora gostaria de saber quais fatores facilitam seu relacionamento com seu filho?

52. Quais fatores dificultam seu relacionamento com seu filho?

G. Políticas Públicas

53. Você avalia que o governo contribui para favorecer o seu relacionamento com o/a seu/sua filho/a? Explique.

54. Na sua opinião, o que o governo deveria fazer para que os homens se sentissem mais estimulados a exercerem o papel de pais?

55. Você considera que as normas relativas ao emprego incentivam o exercício da paternidade? (licença paternidade, flexibilidade de horários).

56. Você acha que os serviços de saúde incentivam os homens a exercerem o papel de pais? Explique.

57. Você se sentiu apoiado a acompanhar a gestação e o nascimento de seu filho? Caso afirmativo explique como e por quem.

58. Você considera que as escolas incentivam os homens a exercerem o papel de pais?

59. Para você, o sistema jurídico é adequado para que os homens se sintam apoiados a exercerem seu papel de pais? (guarda compartilhada, pensão alimentícia).

60. Gostaria de acrescentar mais alguma coisa sobre o que conversamos a respeito de paternidade?

Obrigada.

APÊNDICE B – Termo de consentimento livre e esclarecido**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

O senhor está sendo convidado a participar da pesquisa “O papel do pai em contextos socioeconômicos diversos da cidade de Salvador (Bahia)”, que está sendo desenvolvida junto aos trabalhadores da EMBASA. O estudo tem por objetivo conhecer e discutir as concepções de pais, de diferentes níveis socioeconômicos da cidade de Salvador, sobre o papel do pai na família contemporânea. Consiste em pesquisa de doutorado desenvolvida junto ao Programa de Pós-graduação em Família na Sociedade Contemporânea (UCSal).

Sua participação nesta pesquisa consiste em responder às perguntas de um questionário aplicado pela doutoranda, sem que haja quaisquer riscos à sua saúde. O benefício relacionado com a sua participação consiste no conhecimento sobre o papel do pai atualmente. Está assegurado sigilo com relação aos seus dados de identificação (bem como de seus familiares). As informações obtidas através dessa pesquisa são confidenciais e está assegurado o sigilo sobre sua participação. Os dados obtidos poderão ser apresentados em eventos científicos e publicados em artigos de periódicos ou livros, estritamente para fins de divulgação da pesquisa.

Você receberá uma cópia deste termo no qual constam telefone, endereço e e-mail da doutoranda e de sua orientadora, através dos quais poderá esclarecer eventuais dúvidas sobre o projeto. Sua participação não é obrigatória e, a qualquer momento, o senhor pode desistir de participar e retirar seu consentimento, sem que haja qualquer prejuízo na sua relação com o pesquisador ou com a instituição.

Cidade: _____ Data: __/__/_____.

Lúcia Vaz de Campos Moreira – Professora orientadora
Universidade Católica do Salvador - UCSAL
Programa de Pós-Graduação em Família na Sociedade Contemporânea
Av. Cardeal da Silva, 205 - Salvador/BA. CEP 40.231-902
Tel. 55 (71) 8875-7822. E-mail: luciam@usp.br

Ana Barreiros de Carvalho - Doutoranda

Universidade Católica do Salvador - UCSAL
Programa de Pós-Graduação em Família na Sociedade Contemporânea
Av. Cardeal da Silva, 205 - Salvador/BA. CEP 40.231-902
Tel. 55 (71) 8800-3699. E-mail: abc@uefs.br

Eu, _____, declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar.

Assinatura do participante

APÊNDICE C – Solicitação de autorização à empresa

Salvador, 05 de agosto de 2011.

Prezado Sr Dr.

Diretor Administrativo da EMPRESA A

Solicitamos a sua autorização para realizar a pesquisa intitulada “O papel do pai em contextos sócio-econômicos diversos da cidade de Salvador (Bahia)” junto a trabalhadores da EMPRESA X. O estudo tem por objetivo conhecer e discutir as concepções de pais, de diferentes níveis socioeconômicos da cidade de Salvador, sobre o papel do pai na família contemporânea. Consiste em pesquisa de doutorado desenvolvida junto ao Programa de Pós-graduação em Família na Sociedade Contemporânea (UCSal).

Os dados serão coletados na referida empresa estatal de grande porte localizada na cidade de Salvador (Ba), na qual serão selecionados trabalhadores que sejam pais de crianças com idades entre dois e nove anos. Eles serão divididos em dois grupos.

O primeiro grupo consistirá de 30% dos funcionários que recebem auxílio-creche e que se encontrem na maior faixa-salarial.

O segundo grupo será composto por 30% dos trabalhadores terceirizados que estão participando de curso de alfabetização oferecido pela empresa, apresentando menores rendimentos.

Incluiremos apenas os pais que consentirem sua participação. Serão realizadas entrevistas e os nomes dos entrevistados e da instituição serão mantidos em sigilo.

Da instituição será necessário o consentimento em realizar o estudo no decorrer do segundo semestre de 2011 e a disponibilização de uma sala para as entrevistas. Para a viabilização da pesquisa pedimos autorização para ter acesso aos nomes e contatos dos funcionários que recebem auxílio-creche, por faixa-salarial. Além disso, será necessário também o acesso aos nomes e contatos dos trabalhadores que estão inseridos no curso de alfabetização oferecido pela EMPRESA A.

Comprometemo-nos a entregar-lhe uma cópia da tese para que tenha acesso aos resultados obtidos.

Atenciosamente,

Profª. Dra. Lúcia Vaz de Campos Moreira

Ana Barreiros de Carvalho

Orientadora**Doutoranda**

Autorizo a realização da pesquisa intitulada “O papel do pai em contextos socioeconômicos diversos da cidade de Salvador (Bahia)” junto aos trabalhadores da EMPRESA A, sendo que cada um será livre para consentir ou não sua participação, podendo desistir a qualquer momento. Os nomes dos participantes deverão ser mantidos em sigilo e os dados poderão ser publicados e apresentados em eventos científicos.

Dr. XXXXXXXXXXXX**Diretor Administrativo da EMPRESA A****Local e data:**

ANEXO

ANEXO A – Parecer do Comitê de Ética em Pesquisa

Rede de
Ensino**IMES**

INSTITUTO MANTENEDOR DE ENSINO SUPERIOR

Comitê de Ética em Pesquisa

PARECER DO CEP/IMES

O protocolo nº 3665 **Título do projeto:** O papel do pai na contemporaneidade: concepção de funcionários de uma empresa estatal da Bahia, teve **PARECER considerado APROVADO**, na Reunião Plenária do CEP/IMES realizada em 14 de Dezembro de 2011.

- Aprovado
 Não Aprovado
 Projeto com Pendências
 Aprovado com Recomendações

Dar conhecimento ao pesquisador, e lembrar a necessidade de entrega do relatório final.

Atenciosamente,

Prof. Dr. José Antônio de Almeida Souza
Coordenador Comitê de Ética em Pesquisa
IMES